

Da autora de *A chave de Sarah*



A Outra História

TATIANA
DE ROSNAY





TATIANA DE ROSNAY

A outra história

TRADUÇÃO DE FLÁVIA RÖSSLER



Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#), com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz

Copyright © 2013, Éditions Héloïse d’Ormesson

TÍTULO ORIGINAL

The Other Story

PREPARAÇÃO

André Marinho

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Milena Vargas

DESIGN DE CAPA

Michael Storrings

FOTOGRAFIA

Susan Fox/Trevillion Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro

GERAÇÃO DE EPUB

Star Books Digital

REVISÃO DE EPUB

Carolina Andrade

E-ISBN

978-85-1512-934-5

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Parte 3](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

*Este livro é para Heloïse e Gilles (eles sabem por quê).
E para Sarah Hirsch (ela também sabe por quê).*

In memoriam

Minha avó, Natacha Koltchine de Rosnay
(São Petersburgo, 1914 — Sens, 2005)

Meu tio, Arnaud de Rosnay
(Paris, 1946 — Estreito de Formosa, 1984)

Esqueça os livros que você quer escrever.
Pense apenas no livro que está escrevendo.

HENRY MILLER

Não se deve escrever por querer dizer alguma coisa, e sim porque se tem algo a dizer.

F. SCOTT FITZGERALD

Parte 1

Sexta-feira

15 de julho de 2011

“Tudo é vaidade. Nada é justo.”
William Thackeray

Capítulo 1

Quando chegou ao Gallo Nero, Nicolas teve a sensação de que não estava em um hotel, mas na casa de alguém. Era uma mansão cor de ocre, com telhado vermelho-escuro e venezianas verdes. Lamborghinis, Ferraris, Porsches e Jaguares estavam estacionados a uma pequena distância. Ele subiu alguns degraus e a porta se abriu. Uma mulher esbelta de terninho preto pronunciou seu nome como se fosse o som mais fascinante do mundo. Malvina e ele entraram em um saguão que em nada lembrava a recepção de um hotel; mais parecia a entrada acolhedora da casa de amigos: piso de cerâmica, teto sustentado por vigas, uma lareira de pedra encimada pela pintura de um galo, sofás brancos confortáveis, almofadas de cores vibrantes, plantas, mesas baixas cobertas por pilhas de livros e revistas. Pelas amplas janelas, era possível ver o terraço iluminado por velas, de onde chegava o murmúrio de vozes, risadas, o tilintar de cubos de gelo, o som de um piano que tocava “Garota de Ipanema”. O Gallo Nero cheirava a canela e sol, limão e lavanda, mas, sobretudo, a prazer e dinheiro.

Duas semanas antes, em Paris, em um dia abafado do início de julho, Frédérique, jornalista de uma revista de moda, jovem, linda, de olhos azuis e sorriso largo, tinha comentado durante um almoço no Cigale Récamier: “Nicolas, você precisa ir ao Gallo Nero.”

Ela descrevera o hotel como o lugar ideal para uma glamorosa fuga da rotina. O nome era fácil de lembrar. O Galo Preto. Ele se informou a respeito. Exclusivo. O tipo de lugar onde poucos e felizes privilegiados se reuniam com enorme discrição. O resort ficava em uma pequena ilha na costa da Toscana. Tinha uma praia rochosa privada, acessível por um elevador panorâmico ao estilo James Bond e construído dentro do penhasco, além de um chef famoso, quadras de tênis e uma piscina de água do mar no formato de um grão de feijão. Os preços eram obscenos. Mas isso era tentador. Ele estava louco para fugir do sufocante verão parisiense. E não voltava à costa italiana desde 2003, quando viajou com François, seu melhor amigo. Ligou para o Gallo Nero, e a complacente pessoa que atendeu o telefone logo informou:

— Sinto muito, *signor*, não temos disponibilidade para esta data. As reservas são feitas com meses de antecedência.

Nicolas murmurou uma justificativa e arriscou:

— Posso deixar meu nome e telefone para o caso de haver alguma desistência? É aniversário da minha namorada e... bem...

Um suspiro no outro lado da linha. Ele supôs que aquilo significasse um sim e continuou:

— Nicolas Kolt.

Antes mesmo de começar a informar o número, ouviu o que lhe pareceu um gemido

abafado.

— Desculpe. O senhor disse Nicolas Kolt?

A mulher parecia ter dificuldade para respirar, como se alguém a sufocasse. Ele começava a se habituar a esse tipo de reação, e não se sentia incomodado.

— O escritor? O autor de *O envelope*? *Signor* Kolt, devia ter dito logo seu nome. É claro que temos um quarto disponível, na verdade, um dos mais bonitos, com uma vista fantástica do monte Argentario. Quando vai chegar, *signor* Kolt?

Chegaram na quinta-feira tarde da noite, Malvina quase se arrastando depois da longa viagem, um voo de Paris para Roma, onde um motorista os aguardava para levá-los até a costa. Na manhã de sexta-feira, Malvina continua dormindo no amplo quarto que é mesmo lindo. Uma paleta elegante de tons de bege e areia, aquarelas de vilarejos italianos, cortinas e colchas cor de creme. Rosas brancas, pequenas tigelas com figos e uvas. Um envelope com uma saudação pessoal do administrador do hotel, Dr. Otto Gheza.

Nicolas se levanta cedo, toma cuidado para não acordar Malvina, e, por trás das cortinas, espia o terraço com duas espreguiçadeiras, uma mesa quadrada de madeira e vasos com pés de louro. Ele veste rapidamente seu calção de banho e o roupão macio pendurado atrás da porta do banheiro e, em silêncio, sai para tomar café da manhã no terraço segurando um Moleskine e uma caneta-tinteiro Montblanc preta.

Nicolas não consegue deixar de reparar que todas as funcionárias, da camareira à empregada que repõe as garrafas de água, parecem saber seu nome. Conhecem e pronunciam seu sobrenome corretamente, à moda russa, com um “o” bem fechado, como se tivessem certeza de que se trata de uma corruptela de Koltchine. Sorriem para ele, e não há hipocrisia em seus sorrisos, tampouco bajulação e subserviência. Há poucos quartos, ele explicou a Malvina durante o voo, talvez não mais de vinte. O hotel fecha durante o inverno, mas fica lotado de abril a setembro. Também contou a Malvina que, segundo o que leu no site, o Gallo Nero era resultado do sonho de um casal, um piloto americano e uma herdeira romana que se apaixonaram e construíram uma bela casa com vista para o mar na década de 1960. Como não tiveram filhos, trinta anos depois venderam a propriedade para um rico italiano, que a transformou em hotel. Malvina achou a história romântica, o que Nicolas já esperava. Ela realmente acreditava em romances, um aspecto de sua personalidade que costumava encantá-lo.

O bufê de café da manhã é servido embaixo de grandes guarda-sóis quadrados. Quase não há barulho. Apenas o zumbido de um irrigador automático, o trinado de um pássaro invisível, o ronco abafado de um avião no céu sem nuvens. Embora ainda seja muito cedo, vários hóspedes já fazem a primeira refeição do dia. Nicolas é conduzido até uma mesa com vista para o oceano e se senta. O mar cintila, imenso e turquesa, salpicado de iates, balsas e cruzeiros. Um garçom pergunta se ele prefere chá ou café, e ele pede um Lapsang Souchong. Em cinco minutos o chá é levado à sua mesa em um bule pesado. Ele espera um instante antes de se servir. Um homem de terno escuro, que parece inteligente, anda até ele como se deslizesse, inclina a cabeça e murmura:

— Tenha um bom dia, *signor* Kolt.

Nicolas retribui o cumprimento, perguntando-se se o homem é o administrador do hotel, Dr. Gheza, e pensa que devia ter dito algo ou pelo menos se levantado. Bebe um gole de chá, se delicia com o sabor defumado, tira o pequeno caderno do bolso, coloca-o na mesa a sua frente e abre-o na primeira página. Lê as últimas anotações. São para o maldito livro que ele finge escrever. Para que pareça um verdadeiro escritor, para que digam, com convicção e honestidade, que Nicolas Kolt trabalha em seu novo romance ansiosamente aguardado por todos, a continuação, sim, aquele livro. Anotações para que Alice Dor (editora e agente francesa) e Dita Dallard (assessora de imprensa) se sintam aliviadas. Para que Emma Duhamel (mãe), sobrenome de solteira Van der Vleuten, se sinta aliviada. Anotações para que Malvina Voss (namorada) se sinta aliviada. Para que Delphine Valette (ex-namorada) e a filha dela (Gaia Garnier), Elvire Duhamel e Roxane Van der Vleuten (tias) se sintam aliviadas. Anotações para que Lara Martinvast (melhor amiga) se sinta aliviada. Para que Isabelle Pinson (gerente de banco) e Corinne Beyer (especialista em impostos) se sintam aliviadas. Anotações para que Agneta Sandström (editora sueca), Carla Marsh (editora norte-americana), Ursula Berg (editora alemã), Lorenza Manfredi (editora italiana), Marije Gert (editora holandesa), Alina Vilallonga (editora espanhola) e tantas outras, todas as mulheres que o cercam e se preocupam com ele, ligadas ou não ao mundo editorial, fiquem aliviadas. Nicolas está escrevendo seu novo romance. Olhem para ele, vejam como rabisca sem parar, os olhos baixos e a testa franzida em profunda concentração enquanto a caneta desliza de modo frenético. O que essas mulheres ansiosas não sabem é que seu bloco de anotações contém apenas rabiscos e frases sem sentido, sem estrutura, meras sequências de palavras ligadas umas às outras como as pérolas de um colar. Nicolas pensa na facilidade do processo de escrita de *O envelope* e se sente culpado. Escreveu seu primeiro romance há quatro anos, na mesa bamba da cozinha de Delphine, na rue Pernety, com Gaia tagarelando de um lado, a chaleira chiando do outro, Delphine ao telefone com sua mãe ou com o pai de Gaia. Ninguém podia impedir que as palavras saíssem de dentro dele, que jorrassem com paixão, raiva, medo e prazer. Em nenhum momento sua inspiração esteve adormecida. Quantas vezes contara essa história aos jornalistas? Eles pareciam não se cansar de ouvi-la. “E a ideia do romance realmente surgiu depois da renovação do seu passaporte?”, perguntavam, e continuam a perguntar. Como Nicolas poderia dizer hoje que não há um novo livro porque ele não encontra tempo para escrever, porque prefere ser alvo da constante atenção da mídia, da inabalável adoração de seus leitores?

À esquerda dele, um casal sério e calado. Nicolas os observa. Gosta de olhar para as pessoas, prestar atenção em seus rostos, nas roupas, nos relógios. Desde muito pequeno ele repara em relógios. Agora, com a fama recente e a consequente riqueza, também observa marcas, logotipos, roupas, sapatos, óculos de sol, uma característica que desagradava Delphine, sua ex. Durante os dolorosos momentos do fim do relacionamento, ela sentia prazer em censurá-lo por ter mudado tanto. Por ter se tornado tão fútil.

O homem lê, a mulher examina as unhas. Franceses, diria ele. Na faixa dos cinquenta anos. Ele é magro, está bastante bronzeado e os cabelos começam a rarear (o que sem dúvida o incomoda). Exibe no pulso um relógio Breguet. Camisa azul-marinho com um pequeno

crocodilo verde. A senhora adotou mechas na cor preferida das mulheres dessa idade. Louro menopausa. Vestido chemise verde-claro. Ele se pergunta se os dois têm transado. Pela tensão ao redor de sua boca, é provável que ela não chegue ao orgasmo com frequência. E com certeza não com o marido, a julgar pela posição do seu corpo, virado para o outro lado. O homem mastiga seus cereais e bebe café. A esposa belisca e revira uma salada de frutas. Por um instante, para de examinar as unhas e vira-se para o mar. Uma expressão melancólica toma conta de seu rosto. Deve ter sido uma mulher bonita, tempos atrás.

À direita de Nicolas, outro casal. Mais jovem. Ela com trinta anos, talvez. Parece do Mediterrâneo, pele morena, ombros arredondados, cabelos crespos rebeldes e difíceis de pentear. Óculos escuros, de marca italiana. Ele é do Oriente Médio, gorducho, peludo, com um cigarro entre os lábios. Relógio Rolex Daytona preto. Tem três celulares alinhados na mesa como se fossem armas que acabaram de ser disparadas. Pega um, fala alto ao mesmo tempo em que solta baforadas. A mulher se levanta para admirar a paisagem. Suas pernas são uma decepção: curtas, atarracadas, com tornozelos grossos. Usa sandálias de salto plataforma com tiras brilhantes. Provavelmente as deixa sempre ao lado da cama e as calça até para ir ao banheiro.

Nicolas escolhe seu café da manhã. A variedade é de dar água na boca. Ele pega granola, melão e iogurte. Os franceses já saíram. Espera jamais acabar daquela maneira, tão cheio de amargura. Pensa na mãe, Emma, e sente-se culpado. Há muito tempo não a visita. Promete a si mesmo que ligará para ela. Enquanto come a granola, imagina sua mãe no apartamento da tranquila rue Rollin, onde ele cresceu. Os livros enfileirados ao longo do corredor, os jornais amontoando-se no escritório, o ruído distante da movimentada rue Monge entrando pelas janelas abertas, as paredes impregnadas de literatura e conhecimento. A mãe curvada sobre pilhas de provas, caneta vermelha na mão. Suas anotações rápidas e certeiras no papel. Ligará para ela ainda hoje, sem falta. Conversarão um pouco, ele encontrará uma data para almoçarem juntos em algum dia entre o evento de Singapura e a viagem à Escandinávia e a levará ao restaurante grego que ela adora, na rue Candolle. Sentará com ela e a ouvirá falar de suas angústias, das idas e vindas de sua complicada relação com Renaud, um divorciado infeliz, de suas dificuldades com os alunos de filosofia do Collège Seigné. E, como sempre, ele pensará que a mãe não aparenta ter cinquenta e dois anos, ainda encantadora com seus olhos de um tom cinza enevoado, a pele clara que enrubesce quando ela se irrita, o nítido sotaque belga que ela nunca perdeu, embora viva há mais de trinta anos em Paris. Sua mãe, que mora sozinha desde a morte do marido, pai de Nicolas, dezoito anos atrás. Ele é seu único filho. Ela teve uma coleção de amantes e alguns namoros desastrosos, mas continua sozinha, apesar do instável relacionamento com Renaud. Nicolas sabe que, durante o almoço, ela esquecerá por um instante o prato de mussaca, erguerá os olhos enevoados e dirá: “Espero que tudo isso não o tenha mudado demais.” E quando disser “tudo isso”, ela fará no ar um de seus gestos vagos e delicados, desenhando círculos com os dedos. Nicolas sabe que ela encontra com frequência sua ex-namorada. Delphine aparece para almoçar ou tomar chá, acompanhada da filha, Gaia, agora com treze anos, a mesma pequena Gaia que ele viu crescer por cinco anos. Sabe também que as três se sentam na cozinha de Emma e conversam sobre ele. Dizem que ele mudou. Sim, “tudo isso”

o fez mudar. E como “tudo isso” não o mudaria?

Malvina aparece de repente na mesa do café da manhã. Seu rosto está inchado de tanto dormir, e há marcas do lençol, vincos na pele que a fazem parecer mais velha. Está estranhamente pálida.

— Feliz aniversário — diz ele. — Vinte e dois anos!

Ela dá um sorriso discreto, ele afaga o cabelo de Malvina. Pergunta se quer suco de laranja, chá, um bolinho. Ela indica que sim com a cabeça. Ele volta para o bufê. O homem peludo continua ao telefone e faz gestos bruscos no ar com o dedo indicador rechonchudo. A morena de pernas curtas sumiu. Nicolas e Malvina tomam o primeiro café da manhã no Gallo Nero em silêncio. Não conversam, mas entrelaçam as mãos. Nicolas fica contente ao perceber que os olhos de Malvina são da mesma cor do mar logo atrás dela. A pele é macia. Frágil. A ternura protetora que ele sente pela namorada o faz apertar seu pulso, agarrá-lo como dois acrobatas seguram um ao outro em pleno ar.

O presente de aniversário de Malvina está no quarto, na mala. Ele o dará mais tarde, à noite, durante o jantar. Um relógio. Foi difícil conseguir o modelo que ele queria. Achou o objeto na internet e encontrou-se com o vendedor, um sérvio espertalhão, no bar do Grand Hotel Intercontinental, na rue Scribe. “Por que gosta tanto de relógios?” Ele agora ouvia essa pergunta em quase todas as entrevistas. Fora divertido respondê-la na primeira vez, dois anos antes. A jornalista era uma loura voluptuosa com olhar sagaz. No Ambassade Hotel em Amsterdã, localizado no canal Herengracht, ele tivera uma tarde de entrevistas, uma após a outra, para o *De Telegraaf*, o *Algemeen Dagblad*, o *De Volkskrant*. De vez em quando, Marije, editora de Nicolas, abria a porta da sala privativa para verificar se ele estava indo bem. O *envelope* alcançara de modo inesperado um grande número de vendas nos Países Baixos, antes mesmo do lançamento de sua adaptação cinematográfica. A imprensa estava impaciente para saber mais sobre o jovem escritor francês que surpreendera o mundo editorial com um romance de estreia sobre um segredo de família considerado tabu.

— Em todas as fotos você usa um relógio diferente — observara a loura. — Às vezes até um em cada pulso. Por que isso?

E então ele explicara. Seu primeiro relógio, um Hamilton Khaki, havia sido presente do pai em seu décimo aniversário. Tinha mostrador duplo, preto, grandes algarismos arábicos, de um ao doze, e um anel interno com números menores, de um a vinte e quatro, uma pequena janela de data na altura das três horas, pulseira escura de couro, caixa de aço inoxidável e um estilo militar simples e austero. “Os soldados usavam esse relógio no Vietnã”, dissera seu pai quando Nicolas abriu o pacote, maravilhado. Seu primeiro relógio.

— A gente jamais esquece o primeiro relógio — respondera para a jornalista.

★ ★ ★

O pai morrera pouco depois de lhe dar o presente. O Hamilton Khaki tornara-se uma relíquia. Um talismã. Nicolas não o usava, mas o mantinha sempre à vista. Quando viajava, o relógio ia junto. Olhava para ele com frequência, e bastava admirá-lo ou colocá-lo na palma da mão para evocar, como um Aladim, a imagem de Théodore Duhamel no último de seus gloriosos trinta e

três anos de vida, imponente ao lado da lareira na rue Rollin, segurando o habitual charuto entre os dedos longos e finos. O pai tinha um DOXA SUB de mostrador cor de laranja que nunca tirava do pulso. Nicolas sempre pensava naquele relógio, que não foi encontrado após a morte de Théodore Duhamel.

— Às vezes uso dois porque não consigo escolher. Cada relógio conta uma história — respondera Nicolas à loura. — Quem me deu, em qual ocasião. Ou eu mesmo o comprei, onde e como. Não estou interessado em modelos da moda, embora os admire.

(Ele tinha em mente o Rolex que dera para a mãe no aniversário dela de cinquenta anos, um Oyster Perpetual 1971, com a inscrição “Tiffany & Co.”, comprado na rue de Sèvres, em uma de suas lojas preferidas. Mas não o mencionara, pois aprendera a ser cauteloso com a palavra “Rolex”, ainda mais na frente de uma jornalista com um Swatch no pulso.)

— Prefiro os tipos mais raros, difíceis de encontrar, que sejam mais resistentes.

A loura concordara com a cabeça.

— Entendo — respondera ela. — Assim como sua heroína, Margaux Dansor? Uma mulher que viajou muito, viu de tudo, mas ainda tinha coisas a descobrir?

Que jogada habilidosa a dela, percebeu ele, ao abordar sua paixão por relógios antigos e associá-la a Margaux, sua heroína de meia-idade. Um homem de vinte e seis anos que tinha imaginado com grande sucesso uma dona de casa de quarenta e oito. Uma daquelas heroínas verossímeis, pitorescas, sérias apesar de bobas, e ainda assim irresistíveis. Filha, esposa, irmã, mãe, uma mulher que podia ser sua vizinha. Uma personagem de ficção que o tornou famoso no mundo inteiro e que mais tarde ganhou vida no cinema na pele de Robin Wright, na adaptação de Toby Bramfield, uma atuação que rendeu à atriz um Oscar em 2010.

Será que Malvina vai gostar do presente? Ele a observa saborear o bolinho. Malvina tem a pele clara, é esbelta, de proporções perfeitas. Tem ascendência heterogênea: mãe polonesa e pai galês. Não é de falar muito. Todos os seus gestos são intensos. Estão juntos há nove meses. Nicolas a conheceu em Londres, quando esteve na cidade para um evento na embaixada francesa em Knightsbridge. Aluna promissora do Royal College of Arts, ela assistira à sua palestra e depois pedira um autógrafo no seu exemplar do livro. Havia algo de sereno e tranquilo em seu rosto, em seu sorriso. Nicolas ainda sofria com o fim do relacionamento de cinco anos com Delphine. Depois de uma sucessão de mulheres sem rosto, um caso atrás do outro, aquela moça de olhos azuis, calada e melancólica, o encantara. Ele a convencera a jantarem juntos em um restaurante japonês em Brompton Road. Durante o encontro, ela revelou um humor satírico que o conquistou. Ele riu tanto que quase se engasgou com um rolinho primavera e, pela primeira vez desde Delphine, teve esperança de que, de algum modo, aquela jovem adorável pudesse ser a pessoa que o ajudaria a esquecer a ex-namorada ou que, pelo menos, o ajudaria a finalmente virar a página. Levou-a de volta ao hotel Langham, na Regent Street. O ardor com que ela o abraçou durante o sexo o tocou profundamente. Quando depois ela adormeceu em seus braços, ele de repente se sentiu seguro com ela, muito mais seguro do que jamais se sentira com qualquer mulher desde Delphine.

Nicolas gosta do fato de ela não falar muito. Ela não estaria ali com ele se fosse uma tagarela.

Enquanto Malvina se serve de mais café, ele reflete sobre o que devia estar fazendo no Gallo Nero. Escrevendo o livro novo, claro, mas também tirando uma folga, muito merecida, aliás, depois do ano agitado que teve. Quantas viagens? Impossível contá-las. Seria preciso conferir o calendário para ter certeza. Viagens curtas pelo país para participar de feiras de livros, sessões de autógrafos, encontros com estudantes, entrega de prêmios literários, e depois a mesma agenda no exterior, em uma dúzia de países distintos para as publicações internacionais de *O envelope* e, por fim, o recente alvoroço com o lançamento do filme, o Oscar de Robin Wright, a campanha de divulgação nos Estados Unidos, na Europa, e as edições com a capa do filme, que tinham voltado para as listas de mais vendidos. Nicolas havia se permitido uma série de extravagâncias com as quais sua editora e agente francesa, Alice Dor, não concordara. Anúncios publicitários para um perfume masculino produzidos na costa da ilha de Néxos que deram o que falar, em que, seminu, ele posara relaxadamente em um iate. A propaganda em preto e branco para uma marca de relógio, que parecia estar em todas as revistas que ele abria. “Precisava disso?”, gritara Alice Dor. “Não me diga que precisa de mais dinheiro.”

Não, com trinta milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro e um filme vencedor do Oscar, ele não precisava de mais dinheiro. Na verdade, Corinne Beyer, sua consultora financeira, cuidava justamente disso. Se o dinheiro continuasse a entrar daquele jeito, ela avisara, seria melhor pensar em deixar a França e morar em outro lugar para evitar impostos.

Malvina e ele voltam para o quarto. Ela é uma namorada meiga e carinhosa. Tão ardente que às vezes quase o faz chorar, embora tenha certeza de que não a ama. Pelo menos não como amava Delphine. Ela se deita na cama e lhe oferece suas coxas bronzeadas. Mais tarde, enquanto estão embaixo do chuveiro, a ossatura frágil de Malvina traz à sua mente a lembrança da pele leitosa de Delphine, o quadril delicado sob suas mãos, no banheiro da rue Pernety. Consternado, ele pergunta a si mesmo se algum dia amará outra mulher tanto quanto amou Delphine. Dois anos, já. Quando o nome dela soarás como o de qualquer outra mulher? Quando ele deixará de se perguntar se ela toma banho com outros homens, e se eles acariciam sua pele clara? A ida para o Gallo Nero era uma tentativa de parar de pensar em Delphine. Nesse caso, o que ele estava fazendo?

— Vamos nadar um pouco, Malve — diz ele, afastando Delphine e as duchas com ela de sua mente.

Eles descem para a praia particular pelo elevador ao estilo James Bond. Toda a equipe de funcionários veste preto. Um primeiro garçom diz o nome de Nicolas e o número do quarto, e então eles são encaminhados para outro, que lhes oferece espreguiçadeiras.

— *Signor Kolt*, um guarda-sol, uma toalha? Na sombra, no sol, perto do mar, lá em cima, no penhasco?

De repente aparece mais um.

— Gostariam de um drinque, algo gelado, ou talvez um jornal, um cinzeiro?

Eles preferem um lugar perto do mar, com um guarda-sol, chá gelado, uma Coca-Cola para Malvina, o *Libération* (do dia anterior) para ele.

Não se trata exatamente de uma praia. Não há areia, apenas uma longa estrutura de concreto

ao pé do penhasco, onde há muitos guarda-sóis, espreguiçadeiras, escadas de piscina e um trampolim. Cada vez mais hóspedes saem do elevador à medida que o sol se ergue no claro céu de julho. Nicolas ouve suas conversas e tenta adivinhar de onde são. Um casal suíço, particularmente encantador. Impossível determinar a idade, algo entre quarenta e sessenta anos. O homem é careca como uma bola de bilhar, alto, ossudo, tem as costas curvadas, mas mesmo assim parece em forma. Ela é ainda mais alta, tem músculos firmes, ombros largos e seios achatados, uma verdadeira Olívia Palito. Cabelos curtos cor de prata. Ele os observa enquanto organizam com cuidado suas roupas, toalhas, revistas e tubos de protetor solar. Não se falam, mas Nicolas percebe uma grande ligação entre os dois. O homem usa um calção de banho bem justo. Ela, um maiô estilo olímpico. De repente eles se levantam, como dois grandes pássaros magros prontos para alçar voo. Ela coloca uma touca, ele ajusta os óculos de natação. Calçam pés de pato e se deslocam até a extremidade da prancha de concreto com uma elegância peculiar, em perfeita harmonia — e Nicolas imagina que isso tenha se repetido muitas e muitas vezes ao longo dos anos. Mergulham no mar e sem nenhum esforço começam a dar braçadas de crawl. Nadam sem parar até chegar ao recife marrom a uns oitocentos metros de distância. Ao voltar, tomam uma ducha nas cabines próximas e reaparecem com roupas de banho secas. Quando passam por ele, Nicolas repara no Girard-Perregaux Sea Hawk no pulso do homem. Eles percebem que Nicolas os observa e sorriem. Durante dez minutos, passam protetor solar no corpo e depois um no outro, com movimentos precisos e grande concentração.

Chega uma família belga. Nicolas reconhece os belgas com facilidade, por causa de sua mãe. O pai e o filho são atarracados, têm cabelos ruivos e pele avermelhada. O filho deve ter a idade de Malvina e parece estar engordando. Seu nariz sardento está queimado de sol. Usa um calção de banho de uma marca francesa da moda. O pai é uma versão mais velha do filho, usa o mesmo calção de banho (vermelho) e um Blancpain Fifty Fathoms no pulso. A mãe é uma daquelas mulheres ágeis e musculosas, com um biquíni verde que lhe cai muito bem. Ela lê um livro. Nicolas se esforça para espiar, mas já sabe. *De Envelop*, edição flandrina lançada junto ao filme, com Robin Wright na capa. Ele começa a se habituar a isso também, a encontrar seus leitores aonde quer que vá. A filha tem quadris largos e coxas grossas, mas é atraente. Fones grudados nos ouvidos. Lê uma revista. Unhas roídas até o sabugo. Nem a metade da sofisticação da mãe. O pai distribui notas de vinte euros para os garçons de preto. Tem gestos suaves e um ar blasé. *Grazie, prego*. Acena para eles com a mão rosada e roliça.

Nicolas se deita na espreguiçadeira com o rosto voltado para o céu, como um girassol ávido pela luz dourada do dia. As narinas se alargam para capturar o aroma particular trazido pelo vento quente e seco, um perfume de ciprestes e pinheiros, com notas de limão e sal. A última vez que se deliciou com aquela fragrância foi no verão de 2003, durante a viagem com François à Ligúria. Nicolas voltou outras vezes à Itália (Milão, Roma, Florença) depois que o furacão Margaux provocou uma reviravolta na sua vida em 2008 (foi assim que ele descreveu o livro para os jornalistas), mas nunca à costa italiana. Ele se lembra do trem noturno empoeirado de Paris para Milão, depois do trem menor de Milão para Camogli. Os dois amigos se hospedaram em uma pensão despretensiosa dirigida por Nancy e Bob, um simpático casal canadense de

cinquenta e poucos anos. Quando chegaram a San Rocco, descobriram que precisariam caminhar até a casa (não havia táxi nem carro) e arrastar as malas por estreitas ruelas de paralelepípedos.

Foi também à comuna de Camogli que uma desgrenhada Margaux Dansor, sua heroína, chegou certa manhã, interessada no rastro do segredo de família que acabaria transformando a vida dela. A personagem também tinha arrastado sua mala ruidosamente até a casa branca de pedra. Nicolas sorri ao se lembrar de como Nancy e Bob ficaram radiantes ao saber que ele os tinha colocado no livro. Mudara seus nomes para Sally e Jake, mas o casal era facilmente reconhecível: Bob, com seu vistoso rabo de cavalo e um tapa-olho que lhe dava um ar de capitão Jack Sparrow, e Nancy, com seu traseiro avantajado de Vênus Hotentote, que provocava comentários obscenos sussurrados entre François e ele. No romance, Nicolas descrevia a residência de Bob e Nancy exatamente como era. As paredes desiguais, o terraço irregular ladrilhado, onde todas as noites ele bebia limoncello até sua cabeça quase explodir de dor e seu cérebro paralisar, embaçando a incrível vista da baía. Os quartos pequenos, arejados e com teto alto, pintados de azul e verde, a instalação hidráulica precária, a cozinha e seus aromas, a massa fresca com molho pesto, muçarela e tomates em um leito de rúcula. Os únicos outros hóspedes eram uma esteticista de Los Angeles, muito magra e bronzeada como uma torrada crocante, e sua filha tímida e gordinha, que lia Emily Dickinson à sombra. No filme de Toby Bramfield, todos os personagens eram exatamente iguais ao que Nicolas imaginara.

De repente, ele se pergunta como está François. Quando foi a última vez que conversaram, que almoçaram ou jantaram juntos? Ele não consegue lembrar. É isso que acontece com quem vive desse jeito, sempre dentro de um trem, de um avião, horas a fio em salas de espera, muitas mensagens para responder, e-mails acumulados, excesso de convites, propostas, solicitações. Não sobra tempo para ver os amigos, a família, as pessoas que importam. Mais uma vez o sentimento de culpa. Precisa ligar para François. Eram amigos desde a adolescência, quando ele ainda se chamava Nicolas Duhamel e frequentavam o prestigiado Lycée Louis-le-Grand, e depois os dois puxadíssimos anos das aulas preparatórias com especialização em ciências humanas, hypokhâgne (primeiro ano) e khâgne (segundo ano), para conseguirem ingressar nas Grandes Écoles, instituições francesas de ensino superior de maior prestígio. Nicolas acabou repetindo o segundo ano e passou a ser chamado de “khûbe”, o apelido que os alunos davam para os repetentes. Enquanto François seguia firme e forte, Nicolas tropeçava, para desespero de sua mãe. Embora consciente do tanto que precisava estudar, desde o início se sentira derrotado pela quantidade de trabalho, pelo nível de estresse permanente, pelo sarcasmo de alguns professores. Isso fazia parte do mito da exigência das prestigiadas aulas preparatórias de ciências humanas que sua mãe cursara com brilhantismo na juventude. Além do tempo em sala e dos deveres de casa, Nicolas passava muitas horas por semana fazendo provas trabalhosas e “colles” (outro tipo de avaliação, grafada “khôlles” para parecer uma palavra grega, mais uma piada interna dos alunos do khâgne, o segundo ano). No entanto, não havia nada remotamente engraçado nos “khôlles”, que logo se tornaram um pesadelo para Nicolas. Uma hora para preparar uma curta dissertação sobre determinado assunto. Depois, vinte martirizantes minutos para apresentar oralmente o trabalho a

um professor mordaz. François se destacava nos temidos “khôlles”, e até o mais severo dos professores, com as mais rigorosas expectativas, se curvava, ainda que com relutância, diante de tal supremacia. François nunca demonstrou sinal de desânimo ou apatia, ao contrário de Nicolas, que emagrecia, não conseguia dormir, ficava deprimido. Como um piloto de um caça que se esquivava de mísseis, François seguia com grande sucesso rumo ao altamente competitivo exame nacional que os aguardava, o Santo Graal de um concurso que aprovaria apenas uma pequena elite. Nicolas sabia, desde o início, que não tinha essa ambição. François, sim, e estava ciente de que era a pepita de ouro com a qual aquelas instituições sonhavam, a casta que formava professores, mestres, futuros ganhadores do Prêmio Nobel. A primeira vez que Nicolas foi reprovado no exame final, sem nem ao menos se classificar na categoria “sous-admissible”, os parcialmente aprovados, o grupo da segunda chance, François já chegava ao firmamento da École Normale Supérieure de Paris, apelidada de “Ulm” por se localizar na rua com esse nome.

A viagem à Itália tinha sido o modo de eles recuperarem o tempo perdido, de retomar a antiga amizade após a tensão do khâgne e o fracasso de Nicolas. François já recebia um salário por ser um orgulhoso aluno da École Normale, enquanto Nicolas batalhava sem muita convicção, ainda morando na casa da mãe, mal conseguindo equilibrar as finanças com as aulas de filosofia que dava para alunos desinteressados. François continuava sendo uma pessoa bem-sucedida, para quem tudo parecia fácil. Mas todas as coisas mudaram com a chegada do furacão Margaux, cinco anos depois. Com exceção de François e Lara, os únicos do passado que continuaram a fazer parte de sua vida, os novos amigos de Nicolas pertencem ao mundo editorial. Escritores, jornalistas, editores, assessores de imprensa, livreiros. Ele os encontra em eventos literários, programas de rádio ou televisão, coquetéis, lançamentos de livros, boates. Tem os e-mails deles, os números dos celulares, é amigo no Facebook e os segue no Twitter. Dá abraços, tapinhas nas costas, afaga seus cabelos, mas pouquíssimos são realmente próximos. Nicolas fica bêbado ou se droga com eles, às vezes transa com uma ou duas das mulheres do grupo, mas o que essas pessoas sabem sobre ele, além do que descobrem nos jornais ou no Twitter? Nada. Por outro lado, ele também não sabe nada sobre os supostos amigos. Tem consciência do vazio de sua vida e do fato cruel de que, embora o mundo inteiro agora saiba seu nome, ele, na verdade, está sozinho.

Cada vez que Nicolas pensa em François, como neste exato momento, enquanto seus olhos percorrem o mar esplêndido, os hóspedes se deleitam com o sol e funcionários servem bebidas e frutas, é confrontado com suas próprias inadequações na condição de amigo. Não tinha decepcionado François? Não tinha deixado de ligar para ele, querendo telefonar, mas sempre deixando para o dia seguinte até se esquecer de vez? Ainda assim, François havia sido o irmão que ele nunca teve, o companheiro das aulas de judô e de tênis, seu confidente quando as garotas se tornaram uma obsessão, o ombro amigo quando seu pai morreu. François tinha um rosto comprido, sério, usava óculos desde criança, e os adultos confiavam nele. Isso se mostrara útil quando eram mais novos e exageravam nas travessuras. Como no “incidente do queijo”, por exemplo. Nicolas tinha sido punido pelo diretor, o detestável *monsieur* Roqueton, porque mais uma vez não entregara o dever de casa. Durante o horário de almoço em um abafado dia

de verão, François entrou com ar inocente no gabinete de *monsieur* Roqueton, munido de um fedorento Camembert. Com grande habilidade, desaparafusou o bocal de um telefone antigo, enfiou pedaços de queijo dentro e voltou a fechá-lo. Alguns dias depois, o fedor se tornou insuportável. Ninguém conseguia usar o telefone sem ter vontade de vomitar. Nicolas sorri, quase dá uma gargalhada ao lembrar. Nunca foram descobertos. Aquilo tinha sido uma grande vitória!

Há outra lembrança de que Nicolas gosta muito. Granville, na Normandia, no verão de 1999. Nicolas e François tinham dezessete anos. Os pais de François eram donos de uma casa branca e marrom, com vigas de madeira no estilo germânico e um jardim que descia até a praia. Todos os verões, em agosto, Nicolas passava duas semanas com os Morin. Sentia-se parte da família. François tinha duas irmãs mais novas, Constance e Emmanuelle, e um irmão mais velho, Victor. Seus pais, Michel e Odile, organizavam todos os anos uma grande festa no período em que Nicolas ficava com eles. Cerca de cem pessoas participavam. As garotas usavam seus mais belos vestidos de verão. Odile ia ao cabeleireiro. Michel exibia o bronzeado usando sua calça jeans branca favorita e uma camisa de brim azul aberta até o umbigo. Victor, Nicolas e François vestiam camisetas lisas e bermudas. Houve um verão em que choveu muito, e a festa aconteceu com todos dentro de casa. Foi muito divertido. Mas, naquele verão que Nicolas e François jamais esqueceriam, Odile convidou um casal novo na cidade, Gérard e Véronique, que chegou com uma amiga, a parisiense Nathalie. As mulheres deviam ter trinta e poucos anos, o marido era mais velho. Véronique era gordinha e loura. Nathalie era alta, magra, com cabelos escuros e as pernas mais compridas que Nicolas já vira. Usavam o mesmo vestido apertado, mas de cores diferentes; o de Véronique era preto, e o de Nathalie, branco. Gérard se juntou ao pessoal mais velho, mas Véronique e Nathalie pegaram seus drinques, atravessaram o jardim rumo à praia e, com gestos elegantes, logo tiraram as sandálias de salto alto. O sol começava a se pôr, manchando o mar de vermelho. A praia estava deserta. Com acenos e gestos, as duas convidaram Nicolas e François para lhes fazer companhia. Durante algum tempo, os quatro permaneceram sentados na areia e conversaram. Quando suas taças ficaram vazias, Nicolas correu até a casa e escondeu uma garrafa de champanhe sob a camiseta. O sol por fim desapareceu e a escuridão desenhou sombras convidativas ao redor deles. Nathalie, a morena de pernas compridas, deu uma tragada no cigarro que segurava com delicadeza entre os dedos magros e dourados. De onde estavam, podiam ouvir a música e as risadas da festa dentro da casa. Nathalie quis saber se eles tinham namorada. A pergunta constrangeu François, que não fazia tanto sucesso com as garotas quanto Nicolas. Depois Véronique, a loura, perguntou-lhes, com voz baixa e insinuante, o que já tinham feito com uma garota, em termos de sexo. Nicolas reparou como as duas estavam perto deles e como as coxas bronzeadas de Nathalie roçavam sua panturrilha cada vez que ela se mexia. Sob o suave clarão azulado da noite, o colo de Véronique exibia uma fenda profunda e leitosa. Ele contou, com muita sinceridade, que todas as suas namoradas haviam sido da escola, meninas da sua idade. Até então transara com seis delas, em festas, bêbado, no banheiro ou na cama de alguém. Apenas uma havia sido uma surpresa agradável, disposta a tentar tudo com a energia e ferocidade de um trabalhador do

stakhanovismo. Quando a novidade perdeu a graça, Nicolas se cansara da garota. As duas mulheres com eles na praia naquela noite eram de outro nível. Irradiavam uma sensualidade lânguida e misteriosa.

— Sua namorada te beija assim? — sussurrou Véronique para François.

E, antes que o rapaz conseguisse pensar em uma resposta, a mulher colou os lábios nos dele. O braço insinuante de Nathalie envolveu o pescoço de Nicolas. E então ela o beijou como ele jamais havia sido beijado.

Alguém poderia vê-los da casa, pensou ele por um instante, ao mesmo tempo em que acariciava, extasiado, a pele macia sob o vestido leve. De repente, se viu com Véronique nos braços, e Nathalie tinha ido beijar François. Nicolas cedeu aos novos lábios colados aos seus. Era difícil resistir ao desejo de tocar seus seios, e quando, com a ajuda dela, sua boca provou-os em toda a plenitude, ele achou que desmaiaria de prazer. O que teria acontecido, ele se perguntou muitas vezes, se o marido de Véronique não a tivesse chamado do jardim? Será que ele os tinha visto? Os quatro se levantaram às pressas, limpando com as mãos a areia das roupas. Entre risadas, as mulheres ajeitaram os cabelos. Nicolas, atordoado, mal conseguia manter-se de pé. O rosto de François estava lívido, os lábios inchados e vermelhos. Parecia prestes a desmaiar. Indiferentes, as mulheres pegaram suas taças e os sapatos e voltaram para a casa de braços dados, despreocupadas, gritando para Gérard que estavam a caminho. François e Nicolas esperaram um pouco antes de segui-las. Quando voltaram para a festa, nervosos e corados, Gérard, Véronique e Nathalie já tinham ido embora. Nicolas nunca mais as viu. No entanto, sabia que jamais esqueceria aquela noite. Durante anos, bastava sussurrar “Granville” para François, com um sorriso de cumplicidade, para que as lembranças daquele evento voltassem à sua memória, intactas.

Nicolas se levanta para dar as primeiras braçadas. Mais tarde, mandará uma mensagem de texto para François. Ele olha para Malvina, encolhida como um animalzinho sob o guarda-sol, dormindo. O rosto dela ainda está pálido. Ele mergulha no mar e, quando ergue a cabeça para respirar, sente um misto de prazer e alegria, o prazer da carícia aveludada em sua pele, a alegria de voltar a experimentar a sensação da qual sentia saudade desde Camogli. Aqui a profundidade do mar é grande. A água é de uma transparência absoluta. Nicolas consegue enxergar o fundo do mar coberto de claras pedras ovais e observar os peixes prateados passando a toda velocidade. Abre os braços e as pernas como uma estrela-do-mar e flutua na superfície. Sob a água, seus ouvidos percebem o ruído suave de um barco próximo.

Três dias. Três dias felizes. Três dias só para ele nesse refúgio lindo e silencioso, nessa imensidão azul. Ninguém sabe onde ele está. Não tuitou seu destino, não postou nada no Facebook. Se alguém precisasse dele, seu BlackBerry estava lá para fazer o serviço. “Aproveite e descanse, *signor*”, dissera o sorridente funcionário à disposição dos hóspedes na praia enquanto estendia uma toalha na espreguiçadeira. Três dias para fazer de conta que escrevia um livro. Três dias de puro ócio.

Malvina abre um dos olhos enquanto ele se seca.

— Você devia nadar um pouco — sugere ele.

Ela dá de ombros.

— Não estou me sentindo muito bem.

— Será que foi alguma coisa que você comeu?

— Talvez.

Ela volta a se aninhar na espreguiçadeira.

Já é quase meio-dia. O sol está a pino. A morena de cabelos crespos e o sujeito peludo chegam. Ele continua grudado ao celular (em algum momento não está?), e ela se equilibra em sandálias chamativas de salto plataforma. Depois que decidem onde se sentar, e já de posse das grossas toalhas pretas e brancas bordadas com as iniciais GN, ela se levanta. Devagar e de forma provocante, tira a parte de cima do biquíni, como Rita Hayworth livrando-se de sua famosa luva. Seus seios são arredondados e firmes, os mamilos, rosados. Não são seios artificiais. São gloriosos e verdadeiros, balançam levemente e Nicolas, em pensamento, os devora com sofreguidão. Ela começa a passar protetor solar neles, e Nicolas mal consegue acreditar que a mulher ousa fazer aquilo, naquele lugar, naquele instante, com movimentos tão lentos e deliberados. Todos os homens a observam. Os funcionários parecem atônitos e transpiram sob as camisas pretas. O belga fica ainda mais corado, o suíço ajeita os óculos escuros, o francês se entusiasma tanto que recebe da esposa uma cotovelada nas costelas. Apenas o namorado parece indiferente à cena. Com muita categoria, Nicolas desvia o olhar logo antes de Malvina perceber.

Aprendeu a ser esperto com relação a Malvina. A paixão parece estar acompanhada de um ciúme intenso e silencioso. Ela detecta o mais remoto sinal do que imagina ser uma ameaça. Pode ser uma fã muito ardorosa, uma leitora amável demais, ou apenas uma garota atraente. Dois meses antes, quando Malvina foi embora de Londres, abandonando os estudos e os amigos que tinha na cidade para morar com ele em Paris, na rue du Laos, Nicolas descobriu a obsessão doentia que a jovem tinha pelo passado dele, pelo relacionamento com Delphine. Viu que era impossível fazer Malvina aceitar que Delphine e ele tinham se tornado apenas amigos depois do rompimento e que ele precisa desse vínculo especial com a ex-namorada. Malvina não entende como ele consegue ser “amigo” de Delphine. Ela tem certeza de que Nicolas e Delphine ainda são amantes. E que qualquer mulher razoavelmente atraente é uma ameaça para seu relacionamento com ele.

Por conta disso, o BlackBerry de Nicolas jamais toca, nem sequer vibra. Ele tem um extremo cuidado com isso. Até deixou de lado seu adorado iPhone quando começou a sair com Malvina, em 2010. O iPhone 3GS, ele explicou a um jornalista simpático em Oslo, é um dispositivo desastroso para quem é vigiado e namora uma pessoa ciumenta. As mensagens aparecem diretamente na tela, assim como o nome do remetente, além das ligações perdidas. Um pesadelo. “Troque por um BlackBerry se você tem segredos”, aconselhara ele, rindo. Malvina não vira a matéria norueguesa com essa mesma legenda e a foto dele brandindo seu BlackBerry enquanto tomava uma dose de Løiten Linie Akevitt. Um pequeno milagre, considerando que ela passava horas rastreando-o on-line, controlando cada comentário que ele postava no Facebook e no Twitter e, pior ainda, todas as respostas postadas por mulheres. Com cento e cinquenta mil seguidores no Twitter e mais de duzentos e cinquenta mil em sua fanpage no

Facebook, Malvina com certeza tinha com o que se ocupar.

Agora, o único sinal do recebimento de alguma mensagem de texto ou de um e-mail é uma pequena luz vermelha piscante. A tela permanece apagada. Nada aparece nela. O BlackBerry é protegido por uma senha que muda a todo instante. Ele sabe como consultar rapidamente o telefone, quando Malvina está ocupada com outra coisa. É uma arriscada batalha diária. Ele leva o BlackBerry para o banheiro sem ser notado, escondido na manga como se fosse droga. Na privacidade do toalete, consegue checar num instante seus e-mails e as mensagens de texto, dar uma olhada em sua página no Facebook, conferir seu Twitter. Naquela manhã, enquanto Malvina vai ao banheiro (o que significa quatro ou cinco minutos de folga), ele vê depressa que há novos e-mails em sua conta pessoal, um de Alice Dor, sua editora francesa, um de Dita Dallard, sua assessora de imprensa, um de Bertrand Chalais, um jornalista francês que era seu amigo. Outro ainda de Patrick Treboc, um amigo escritor com quem às vezes frequenta algumas festas. Na outra conta de e-mail, associada ao seu site, há cerca de cinquenta novas mensagens de leitores do mundo inteiro. No início, ele costumava responder a todos, mas isso foi logo que o livro saiu, antes de aparecer nas listas de mais vendidos e de ser traduzido para todas aquelas línguas. Logo que começou a receber e-mails, Nicolas os considerava uma surpresa agradável. Mas, quando as mensagens rapidamente se multiplicaram, à medida que o livro era publicado em outros países, galgava posições nas listas, e depois de, por fim, o filme ter sido lançado, ele percebeu que não havia saída. “Contrate um assistente que responda por você”, tinha sugerido outro escritor amigo, mas Nicolas não achava isso justo. “Apenas leia e não responda”, alguém mais aconselhara. Foi o que ele acabou fazendo.

Naquela manhã, o mais importante no BlackBerry de Nicolas é o logo azul na tela. Uma mensagem no BlackBerry Messenger. Ele sabe que é de Sabina. Não há tempo para responder naquele exato momento, mas ele a lê rapidamente, com o coração acelerado, e apaga na mesma hora. “Estou sem roupa, faz muito calor no meu quarto e estou pensando em você. Quer saber o que estou fazendo agora mesmo, Nicolas?” Ele é obrigado a apagar qualquer mensagem de Sabina assim que a lê. Não há outro jeito.

Abril passado. Berlim. Uma sessão de autógrafos na Dussmann das KulturKaufhaus, na Friedrichstrasse. Ela esperara pacientemente na longa fila. Entregara a ele um exemplar de *Der Umschlag* (edição alemã, com a capa sépia como se fosse um cartão-postal de Camogli na década de 1950, um vislumbre de mar, a cidadezinha no meio do penhasco, os ciprestes muito verdes). Ele perguntara em um tom gentil: “Seu nome, por favor?”, como sempre fazia. E ela respondera: “Não é para mim, é para o meu marido. O nome dele é Hans.” Havia algo de especial em seu olhar. Uma loura platinada com um trench-coat. Uns quinze anos mais velha do que ele, imaginou. Bonita, com feições quase felinas, sorriso contido. Lembrava Charlotte Rampling em *O porteiro da noite*. Ele autografara o livro. No instante em que se virava para ir embora, a desconhecida enfiou rapidamente um pedaço de papel na mão de Nicolas. Ela então desapareceu, e o leitor seguinte já entregava ao autor mais um exemplar. Ele só leu o papel vinte minutos mais tarde, quando Ursula, sua editora alemã, conseguiu afastá-lo da longa fila de fãs para uma pequena pausa. No papel havia apenas uma sequência de algarismos que ele

reconheceu no mesmo instante. O número PIN de um BlackBerry. Para mensagens no BlackBerry Messenger.

Naquela mesma noite, após uma entrevista interminável no Institut Français, em Kurfürstendamm, com um jornalista chato que só fazia perguntas óbvias, aquelas que ele não suportava mais ouvir, mesmo sabendo que não tinha escolha (Em que medida o livro trata de sua própria vida? Alguma vez já encontrou uma carta como aquela na vida real? Margaux Dansor foi inspirada na sua mãe? Como sua família reagiu quando o livro foi publicado? Toby Bramfield comprou os direitos de adaptação cinematográfica na semana do lançamento do livro? É verdade que você faz uma participação no filme? Do que trata seu segundo livro?), ele, por fim, voltou para a requintada privacidade de sua suíte no Ritz-Carlton, na Potsdamer Platz. Tirou os sapatos, ligou a TV, zapeou pelos canais de notícias e de pornografia, vasculhou o frigobar à procura de champanhe e acomodou-se no sofá, jogando para o lado caixas de chocolates, cartões de boas-vindas, cestas de doces, exemplares para autografar para a equipe de vendas. Era tarde demais para ligar para Malvina. Faria isso na manhã seguinte. Tirou o pedaço de papel do bolso e contemplou-o por um instante. Na tela da TV, um frenético ménage à trois. Ele tirou o som, tomou um gole de champanhe e observou o trio por alguns minutos. Em seguida, teclou o PIN no seu BlackBerry.

Sabia que não devia fazer isso. A mulher com olhos verdes e feições felinas era sinônimo de problema.

Capítulo 2

Os jornalistas pareciam fascinados, quase no limite da morbidez, pela morte de seu pai em 1993. Era como se o episódio representasse a chave da sua alma, da sua essência. Pediam os mínimos detalhes daquele dia ou, mais precisamente, do momento exato do desaparecimento, quando ficou claro que o pai não voltaria mais. Queriam saber como Nicolas, na época com onze anos, reagira ao trauma. Antes do furacão Margaux, Nicolas não falava com ninguém sobre a morte de Théodore Duhamel, nem com sua ex, Delphine. Tinha sido difícil escolher as palavras certas, estranho senti-las na boca pela primeira vez, como uma iguaria exótica que seu paladar recusava. Depois percebeu, com certo prazer secreto, que, quanto mais entrevistas dava, mais Théodore Duhamel assumia uma existência nova, virtual, um renascimento inesperado. Suas palavras ressuscitavam seu pai, materializavam-no, tirando a poeira do manto lastimável de rigidez no qual o tempo o aprisionara, brandindo a imagem do homem triunfante e verdadeiro que Théodore Duhamel havia sido. “Meu pai era meu Gatsby”, confidenciara ele certa vez em uma entrevista, e só Deus sabe quantas vezes essa frase havia sido citada, copiada, tuitada. Quando pediram que descrevesse Théodore Duhamel, Nicolas não teve coragem. Como? Não era suficiente listar sua altura, a intensidade dos olhos azuis, o queixo quadrado, os braços e pernas compridos e desengonçados. Também não bastava mostrar as fotos de Théodore Duhamel com Nicolas, então com seis anos, na frente do maltratado mas ainda elegante e prateado Jaguar E-Type, um charuto surgindo do meio de seu sorriso branco, ou a bordo do seu veleiro Hobie Cat preto, na praia de Miramar, em Biarritz. Como descrever a maneira que todas as mulheres, fossem jovens ou maduras, olhavam fixo para ele? Nicolas desconfiava que os jornalistas nunca entenderiam a complexidade da personalidade visualmente luminosa de Théodore Duhamel apenas porque ninguém jamais havia entendido, nem mesmo sua esposa ou filho. Théodore Duhamel era um cometa cintilante que atravessara a frágil tela da infância de Nicolas, um Alfa e um Ômega, um começo e um fim de interrogação e perplexidade, um sedutor reino de incertezas, uma terra de ninguém em claro e escuro onde lenda e realidade se entrelaçavam. “É verdade que seu pai não tem um túmulo?”, era uma das perguntas preferidas. Nicolas respondia invariavelmente: “Bem, o nome dele está na lápide dos meus avós no cemitério do Père-Lachaise, mas, como o corpo nunca foi encontrado, então, tecnicamente, sim, meu pai não tem um local de sepultamento.”

A lembrança mais antiga que Nicolas tinha do pai era sua voz. Uma voz anasalada, alta, algumas vezes irritante, que soava no ouvido das pessoas como um sino potente. E a risada! Aguda, sensual, às vezes reduzida a um breve gemido ou grunhido. Surpreendia as pessoas.

Théodore Duhamel a usava como arma. Nicolas descobriu que ele a utilizava com habilidade em situações delicadas, com professores rigorosos, vendedores grosseiros, banqueiros insensíveis. Na maioria das vezes, funcionava. No entanto, esse recurso enfurecia sua mãe, sua avó. Elas percebiam. Na mesa de jantar, quando Théodore Duhamel piscava para o filho e contraía os lábios como se dissesse “Ah, essas mulheres!”, Nicolas sentia um arrepio de orgulho. Sim, ele fazia parte do time, só os dois, o time secreto que ele formava com o pai, como Paul Newman e Robert Redford em *Butch Cassidy*, o filme favorito de Théodore Duhamel. Ele era Sundance, seu pai era Cassidy.

O que o pai fazia? Desde muito cedo, Nicolas foi compreendendo aos poucos em que medida o trabalho do pai era envolto em mistério. Ele não saía de terno e gravata todas as manhãs, carregando uma pasta, como fazia o pai de François, dando um beijo de despedida na esposa na soleira da porta. Era sua mãe, Emma, quem saía quando ainda estava escuro, com um pedaço de croissant se esfarelando nos dedos, correndo para não se atrasar e deixar os alunos esperando. Théodore Duhamel não aparecia antes das dez horas, e os olhos inchados que ele exibía de manhã formavam outra das mais antigas lembranças de Nicolas. “O que papai faz?”, perguntou ele para a mãe quando tinha oito ou nove anos, pois nunca sabia o que escrever nos formulários da escola que pediam a profissão do pai. “Humm”, refletiu ela, “por que não pergunta para ele?” (Nicolas podia estar imaginando coisas, mas não havia um leve sorriso nos lábios dela?) Então, obedientemente, Nicolas perguntou ao pai, sem rodeios, enquanto ele assistia ao noticiário com um copo de uísque na mão. Sem desviar os olhos da tela, o pai respondeu: “Não consigo descrever o que faço. Não se resume em uma palavra.” Nicolas sentiu um nó na garganta. O que diria na escola? Não podia deixar essa parte de fora? Escrever apenas a profissão da mãe: professora? Eles precisavam mesmo saber o que seu pai fazia da vida? Théodore Duhamel, por fim, olhou para o filho, percebendo sua aflição, e saboreou o último gole de uísque. “Escreva apenas Empreendedor, Sundance. Isso vai bastar.” Nicolas balançou a cabeça. “Como se escreve?” O pai soletrou, devagar. Nicolas não fazia ideia do que aquilo significava. Perguntou, hesitante: “O que faz um empreendedor?” Seu pai se serviu de mais uma dose de uísque e ignorou a pergunta. Então, após um momento de silêncio, acrescentou: “Se alguém perguntar, diga apenas que você não pode dar detalhes porque é perigoso demais.” Ele baixou a voz para um sussurro. Nicolas sentiu um arrepio percorrer suas costas e assentiu. Mais tarde, procurou “empreendedor” no dicionário. “Pessoa que organiza e administra um empreendimento, especialmente o que inclui algum risco comercial.” A definição deixou Nicolas ainda mais confuso. Seu pai não tinha escritório. A sala de jantar era seu refúgio, ele ficava sentado ali por horas a fio, dando baforadas no charuto e com os olhos fixos na televisão, mesmo desligada.

O cheiro azedo invariavelmente evocava seu pai no mesmo instante. Théodore Duhamel era exigente com charutos. Recusava-se a comprá-los em outro lugar que não fosse a loja Davidoff na avenue Victor Hugo, onde demorava horas para escolher entre um Montecristo N°2 Obus, um Upmann Sir Winston Magnum 50 ou um Hoyo de Monterrey Double Corona. Théodore Duhamel não gostava de ser interrompido enquanto decidia. Só pelo vendedor ou por uma

mulher bonita. Nicolas reparava que muitas mulheres bonitas frequentavam a loja. Elas esperavam, entediadas e lindas, enquanto os homens que elas acompanhavam, em geral baixos, carecas e feios, também ficavam escolhendo. Muitas vezes Nicolas vira o pai conversar com as mulheres. De modo habilidoso, ele oferecia um Havana para a dama, que às vezes acariciava o charuto de forma lenta e muito estranha, pensava Nicolas. Era comum ele deslizar seu cartão para a mulher sorridente pelas costas do homem gordo e careca. O cartão de seu pai era vistoso. Em letras vermelhas, em negrito: Théodore Duhamel, empreendedor internacional. Nicolas também o ouvia muitas vezes ao telefone enquanto Emma estava fora, dizendo com voz baixa e suave palavras como “minha linda”, “minha querida”, e tinha reparado como ele olhava para as mulheres na rua, explorando-as com os olhos e um sorriso. Sua mãe sabia disso? Ela se incomodava?

Théodore Duhamel tinha um parceiro de negócios, um sujeito que desde a infância Nicolas vira frequentar sua casa. O nome dele era Albert Brisabois, mas seu pai o chamava apenas de Brisabois. Era baixo, robusto, tinha uma espessa barba ruiva e uma pança. Quando Nicolas voltava da escola, Brisabois e seu pai normalmente estavam trancados na sala de jantar. A fumaça escapava por baixo da porta fechada. De vez em quando, a risada alta de seu pai sobressaía em meio ao murmúrio de vozes. Quando sua mãe chegava, olhava para a porta fechada, erguia as sobrancelhas e dizia: “Humm... Seu pai está trabalhando. Não faça barulho.” (Nicolas poderia estar, mais uma vez, imaginando coisas, mas não surgira outro sorriso discreto?) Ele e a mãe jantavam em silêncio na cozinha, só os dois, o que lhe agradava, enquanto Théodore Duhamel e Brisabois continuavam conversando. “Sobre o que estão falando?”, perguntou ele certa vez para a mãe, quando a risada alta do pai ecoou pelo corredor. “Negócios”, respondeu ela de forma direta, debruçada sobre um prato de sopa de alho-poró e batata. A Nicolas restou apenas refletir sobre o que “negócios” realmente significava.

Um sábado, Nicolas e o pai desciam a Champs-Élysées a pé, indo almoçar no Pizza Pino. De repente, Théodore Duhamel deu um grito abafado e ficou terrivelmente branco. Empurrou o filho para o lado e se abaixou. “Sundance, vi um inimigo. Precisamos passar despercebidos.” No início, Nicolas achou que seu pai estivesse brincando, mas o rosto estava tão apavorado e pálido que o menino se assustou. Seu pai o empurrou para dentro da loja mais próxima e fingiu observar com grande interesse algumas echarpes de seda. Nicolas fez o mesmo. Com um gesto, seu pai dispensou uma vendedora solícita. “O que quer que faça, não se vire.” A voz do pai estava normal, só um pouco mais fraca, porém sua palidez era assustadora. Nicolas olhou fixo para as echarpes (depois de tantos anos, ele ainda se lembra da estampa rosa e lilás, horrível, que sua mãe nunca usaria) e teve a impressão de que ficaram ali por horas, petrificados. Por fim, depois de uma eternidade, seu pai murmurou: “A barra está limpa. Vamos dar o fora daqui.” Saíram apressados da loja, de mãos dadas, cabeças baixas, o pai com a gola do casaco erguida até o pescoço, para se proteger. O aspecto de Théodore Duhamel voltara ao normal, e Nicolas ficou aliviado. Ele correu para dentro da loja Fouquet, desceu um lance de escada arrastando Nicolas e jogou o filho em uma cadeira. “Espere por mim aqui. Não vou demorar.” Em seguida, desapareceu dentro de uma cabine telefônica. Nicolas ouvia sua voz com clareza.

“Brisabois. Sou eu. Acabo de vê-lo na Champs-Élysées.” Um longo silêncio. “Que porra você vai fazer agora? Já pensou nas consequências? Pensou mesmo? Você faz ideia...” Mais um longo silêncio. “Peço a Deus que você esteja certo.” Seu pai fez um grande barulho ao recolocar o fone no gancho, como se para deixar evidente sua irritação com Brisabois do outro lado da linha. Depois da pizza Regina de sempre, já a caminho de casa, no metrô (Théodore Duhamel quase nunca dirigia o maltratado mas ainda elegante Type-E na cidade, só para sair dela), Nicolas perguntou timidamente ao pai quem ele tinha visto. O pai forçou um sorriso e respondeu: “Está tudo sob controle. Não se preocupe.” Nicolas, no entanto, ficou preocupado. Quando chegou em casa, não contou para a mãe o que acontecera, embora estivesse morrendo de vontade.

Outro mistério era o relacionamento de seu pai com sua mãe. Depois da morte do marido, Emma Duhamel tinha declarado (e Nicolas a ouvira dizer) que Théodore Duhamel era o amor de sua vida. No entanto, durante os onze anos em que Nicolas convivera com o pai, quase nada entre eles lembrava um casamento de amor e paixão. Depois ele compreendeu que seu pai tinha casos para os quais a mãe fechava os olhos. Ela sofria? Também tinha casos com outras pessoas, porém com mais discrição? Quando eles se conheceram, em 1980, Emma tinha vinte e um anos e era uma aluna brilhante de filosofia; Théo tinha vinte e trabalhava no departamento de fotografia da revista *Paris Match*. Eles se conheceram na boate Castel, na rue Princesse, e logo se apaixonaram (embora, na época, Emma estivesse saindo com um belga que ela conhecera no Lycée Louis-le-Grand, e Théo namorasse Janicke, uma modelo norueguesa que havia sido capa da *ELLE*). Os dois se casaram porque ele, Nicolas, estava a caminho. O filho tinha a impressão de que a mãe apenas “suportava” seu pai, que ela o tratava como uma criança birrenta. Emma tinha só trinta e quatro anos quando o marido desapareceu. Ela se relacionou com outros homens, mas nenhum importante o suficiente para que ela ao menos considerasse se casar de novo.

O que Nicolas mais sentia falta era da ousadia infantil que seu pai tinha, da loucura cativante. “Seu pai era um Chapeleiro Maluco”, admitiu Emma mais de uma vez. “Graças a Deus você faz o tipo sério, como eu.” Seu pai não resistia a uma brincadeira. Algumas eram completamente ridículas. Outras mereciam ser respeitadas. Como ter despejado litros e mais litros de espuma para banho na fonte da praça Victor Hugo no instante em que um “inimigo” saía da igreja com a nova esposa. O lugar foi logo invadido por montanhas de espuma, como no filme *Um convidado bem trapalhão*, com Peter Sellers. Ou quando ele soltou cinquenta camundongos brancos das gaiolas no coquetel de uma famosa socialite (para o qual ele não havia sido convidado). Mas eram suas histórias na hora de dormir que deixavam Nicolas mais nostálgico. Ele disse, em uma entrevista na televisão: “Acredito que a imaginação fértil do meu pai, as histórias estranhas que ele me contava antes que eu apagasse a luz, de algum modo moldaram o escritor que me tornei.” Nicolas gostava de lembrar esses momentos com o pai, no seu quarto na rue Rollin, o quarto onde cresceu, rodeado por seus livros de Tintim, Asterix e Tio Patinhas, e seus pôsteres de Harrison Ford como Indiana Jones ou Han Solo. Era raro sua mãe colocá-lo na cama. Deixava a tarefa para o marido, que a levava a sério. Nicolas se acomodava embaixo

das cobertas, com a cabeça apoiada no peito do pai, aspirando o aroma de Eau Sauvage e charuto que emanava de Théodore Duhamel, mesmo que o Montecristo tivesse sido apagado horas atrás.

A história preferida de Nicolas era a de lorde McRashley. Era mórbida e assustadora, como um conto de Edgar Allan Poe. Lorde McRashley (De onde Théodore Duhamel tirou esse nome? Sem dúvida de um antigo filme de Louis de Funès, *O fantasma contra Scotland Yard*, a que Nicolas assistira inúmeras vezes com o pai) morava sozinho em um castelo gelado, muito distante, onde o vento norte uivava como um ser de outro mundo nas profundezas da noite. O jantar de lorde McRashley era servido toda noite por seu fiel mordomo, Jarvis. Depois, segurando uma vela de luz trêmula em um pesado candelabro de prata, seguido por um exército de morcegos pretos, lorde McRashley seguia com passo vacilante para seus aposentos, situados no topo da torre mais alta de seu castelo. Ele subia devagar os degraus de pedra em espiral, muito lentamente, curvado sob o peso dos anos, ofegante, respirando com dificuldade, e toda noite ele demorava um pouco mais, pois não estava rejuvenescendo. O retrato austero da falecida lady McRashley — muito magra e ossuda — fuzilava-o com o olhar enquanto ele continuava subindo. Entre dois lances de escada havia um patamar estreito com uma cadeira, onde ele sempre fazia uma pausa para um breve descanso. Tentando recuperar o fôlego, ficava ali sentado até se sentir forte o suficiente para retomar a subida. O patamar estreito e comprido, tão mal-iluminado quanto o restante da escada, era revestido de antigos espelhos oxidados, nos quais lorde McRashley via a própria imagem refletida dezenas de vezes às suas costas, cada vez menor, menor e menor. Certa noite, por acaso ele reparou em uma mancha preta atrás do seu último reflexo. Imaginando que fosse uma marca no espelho, ignorou. Noite após noite, porém, para sua tristeza crescente, a mancha parecia aumentar, avançar cada vez mais sobre o espelho e aproximar-se dele, deixando-o com medo de subir a escada e de encontrar aquela forma escura cada vez maior. Consumido pela angústia, uma noite ele pediu que Jarvis o acompanhasse, e quase desmaiou quando o mordomo garantiu não ter visto nada, nada mesmo, enquanto a silhueta hedionda (ou o que quer que fosse, e como Nicolas tremia com essas palavras) se aproximava ainda mais. Não havia outra escada que levasse ao seu quarto na torre mais alta, e era com o coração cheio de medo que lorde McRashley subia, trêmulo, até que chegou a fatídica noite em que ele viu a mancha execrável a apenas um reflexo de distância. Ele já a distinguia com muita clareza, uma visão abominável, um não ser furtivo, uma forma sinistra e grotesca, como uma múmia enrolada em uma capa preta. Um homem? Uma mulher? Em geral, era nesse ponto que Emma entrava no quarto e zombava: “Théo, isso é história que se conte para uma criança de seis anos na hora de dormir?” Théodore Duhamel esperava até ela fechar a porta, estreitando os lábios (“Essas mulheres!”) e dando uma piscadela, e perguntava para o filho: “Então, Nicolas, quer saber o fim da história?” O menino agarrava seu coelhinho de pelúcia chamado Tambor (do filme *Bambi*), pulava na cama e gritava: “Mas é claro! O que o senhor acha?” Ainda que soubesse a história de cor, ainda que a tivesse escutado dezenas de vezes, Nicolas continuava pedindo por ela. E então lorde McRashley arrastou-se escada acima, cada vez mais devagar, a cera da vela pingando em seu pulso trêmulo, mas nesse dia nem o silencioso

exército de morcegos pretos ousou acompanhá-lo, como se já soubessem. Quando lorde McRashley chegou ao patamar, descobriu que não tinha coragem de erguer os olhos para o espelho. Seus velhos joelhos tremeram e quase cederam, seu velho coração acelerou dolorosamente, e gotas de suor escorreram da testa encharcada. Por fim, ele reuniu a força necessária para erguer o rosto na direção do espelho, lamuriando-se como uma criança, e mal teve tempo de dar um gemido abafado porque — *vapt!* — uma sombra preta saltou do espelho e engoliu o pobre velho de uma vez só (enquanto a mão fina do pai agarrava Nicolas pela gola do pijama). E esse foi o fim de lorde McRashley.

“Seu pai é um herói para você. Por isso fez de Lucca Zeccherio, pai de Margaux Dansor, um herói também?” Nicolas ouvia com frequência essa pergunta. Seu pai não era herói, ele repetia sempre. Nascido em 1960, Théodore Duhamel não lutara em guerras, não ocupara posições, não enfrentara perigos, não defendera território algum. Também não batalhara contra um câncer ou outra doença, não escrevera uma tese capaz de mudar o mundo, não inventara uma fórmula matemática revolucionária. Não era artista, escritor, músico, diretor de cinema, cantor, atleta. “Aquele cena de *O envelope*, em que Margaux está no avião com o pai e a aeronave é atingida por um raio, aconteceu de verdade com você e seu pai?”, perguntavam invariavelmente os jornalistas. Sim, era real, ele tinha dez anos e estava em um avião com o pai quando a aeronave foi atingida por um raio, mas ele transformou isso em uma cena diferente, contou-a de outra maneira, aquela era a história de Margaux, não a dele. Acostumara-se com a tentativa desesperada dos jornalistas de encontrar semelhanças, por menores que fossem, entre o romance e sua vida, em busca de uma lógica que ele não conseguia decifrar e que não lhe interessava. “Por que escreveu *O envelope*?” Para essa pergunta frequente, dava sempre a mesma resposta: “Porque eu tinha essa história para contar.”

Desde a morte do pai, Nicolas sonha regularmente com o episódio da tempestade com raios. Também pensa nisso sempre que embarca em um avião. Ainda vê as costas do pai, protegidas por seu casaco de lã verde, os cabelos castanhos encaracolados caindo sobre a gola. Seu pai lhe disse para que fosse se sentar perto da janela. “Você vai ter uma visão melhor, e preciso esticar as pernas no corredor.” Pernas compridas, Nicolas lembra bem, em uma calça de veludo cotelê bege ou talvez jeans, os pés magros e estreitos abrigados em mocassins de couro (de Florença). Não era a primeira vez que voava sozinho com o pai. Sua mãe ficara em Paris, ocupada com seus alunos, e Nicolas foi despachado para Basileia com o pai, que tinha de se encontrar com um cliente. Um cliente que nunca apareceu. Acabaram comprando chocolates suíços e fazendo uma farta refeição no hotel Trois Rois (“Não precisa contar para sua mãe que o cliente não apareceu.” Nicolas assentira, embora se perguntasse por que a mãe não devia saber).

O voo teve muita turbulência, a mais forte que Nicolas já vivenciara, e ele começou a passar mal. A lembrança da batata rosti e da torta de maçã agitando-se no seu estômago não era nada agradável. O avião subia e descia vertiginosamente, como um carrinho bate-bate desenfreado em um parque de diversões. Nicolas não se atreveu a segurar a mão do pai, embora estivesse morrendo de vontade. Sentia-se enjoado e com medo. Ergueu os olhos para o rosto dele. Théodore Duhamel parecia estar dormindo profundamente. Nicolas observou sua boca

volumosa, o queixo quadrado, as sobrancelhas exuberantes. Ainda faltava meia hora para chegarem a Paris. Como seu pai conseguia dormir em meio a tanta turbulência? Todos os outros passageiros tremiam. Ele queria que sua mãe estivesse ali. Teria se agarrado a ela com todas as forças. Ansiava pelo seu toque, seu perfume, sua voz reconfortante. Enquanto Nicolas espiava pela janela as enormes nuvens negras e sussurrava o nome de sua mãe, escutaram um barulho terrivelmente alto, como se cem lâmpadas explodissem ao mesmo tempo, e um clarão azul de repente atingiu seu rosto. O avião inclinou-se para um lado. Ouviram-se gritos de pânico. Nicolas ficou sentado ali, mudo, com os olhos arregalados, certo de que sua hora tinha chegado, que estavam perdidos, que o avião cairia e se espatifaria e que todos iam morrer. Ao seu redor, escutou o murmúrio de vozes preocupadas, o vaivém das comissárias no corredor, o choro de um bebê. De repente, todos os rostos estavam virados para ele, para o ponto onde a explosão azul havia sido mais intensa. “Ele está bem?”, perguntou o homem sentado do outro lado do corredor. “Pobre menininho”, murmurou uma senhora na poltrona da frente. “Ele é muito corajoso!” Por fim, a mão magra e bronzeada do pai procurou a sua. “Isso é extraordinário!”, disse Théodore Duhamel ofegante, balançando com vontade a mão flácida do filho. “Nicolas, VOCÊ é extraordinário!” Ele estava boquiaberto. Do que seu pai estava falando? Não tinha percebido como seu filho estava apavorado? A voz grave do comandante soou acima do falatório. Todos se calaram. “Senhoras e senhores, por favor, mantenham a calma. Aconteceu algo raro. Nosso avião foi atingido por um raio. A aeronave não sofreu dano, e fiquei sabendo de um jovem muito corajoso sentado na fileira quinze. Logo aterrissaremos em Paris, então, por favor, retornem aos seus lugares.” Nicolas piscou. Atingido por um raio? Ele não conseguia acreditar no que ouvira. O coração batia como um tambor. “Você notou”, começou a perguntar seu pai, ofegante, “que o raio atingiu sua janela, Nicolas? O raio escolheu você. Entre todos os passageiros sentados no avião, o raio escolheu você.” Nicolas ergueu os olhos para o pai. “O que isso quer dizer?” Théodore Duhamel sorriu para o filho. “Quer dizer que você é excepcional. Agora, quero que faça uma coisa para mim, Nicolas. Escute com muita atenção. Quero que anote agora mesmo o que aconteceu. Quero que descreva exatamente o que sentiu quando o clarão azul explodiu em seu rosto. Entende? Você precisa captar este momento antes que desapareça para sempre. É como tirar uma foto, só que com palavras. Entendido?” Théodore Duhamel apertou o botão para chamar a comissária de bordo. Ela parecia confusa e agitada pelo que acontecera. “Ah, você é o menino corajoso sobre quem o comandante estava falando! Fico feliz que esteja bem.” Nicolas ficou radiante com a atenção inesperada. “Precisamos de uma folha de papel, por favor. Meu filho tem uma coisa importante para escrever”, disse Théodore Duhamel em tom autoritário. Entregou sua caneta para Nicolas, enquanto a comissária se apressava para pegar o papel. Nicolas se lembra até hoje da sensação de segurá-la entre seus dedos de criança, de senti-la ainda aquecida pelo bolso do casaco do pai, onde ele costumava guardá-la, ao lado do porta-charutos. A caneta de Théodore Duhamel era uma Montblanc clássica, com as iniciais TD gravadas. Preta, reluzente, com um toque sedoso, parecia estranhamente pesada na sua mão e, quando ele tirou a tampa, viu que a ponta dourada estava manchada de tinta azul.

O que ele devia escrever? Sentiu-se decepcionado. Não gostava de escrever, do ato em si. Era uma tarefa difícil, cansativa, que lhe fazia se lembrar da testa franzida de *monsieur* Roqueton, diretor de sua escola, sempre pronto para pular no seu pescoço ao menor erro de ortografia. Por que seu pai estava lhe pedindo para fazer aquilo? Ele nunca se preocupara com os deveres de casa. Isso era tarefa da mãe, ela era professora, afinal de contas. Mas ele não queria desapontar o pai. Théodore Duhamel não havia acabado de dizer que Nicolas era extraordinário? Não, ele não podia decepcionar o pai.

Enquanto o avião seguia para o aeroporto de Orly, o voo mais tranquilo apesar das nuvens escuras de chuva, Nicolas escreveu. Pouco habituada à sua caligrafia infantil, a caneta engasgou, mas ele acabou dominando-a, pressionando os dentes com a língua, e as palavras por fim surgiram, encadeadas, jorrando de dentro dele para o papel, pequenas criaturas em liberdade, e isso lhe proporcionou um prazer surpreendente. Escreveu uma página inteira e, todo ansioso, entregou-a ao pai enquanto o avião pousava. Os olhos de Théodore Duhamel se moveram de uma palavra para outra, e ele logo gritou “Sim!”, fazendo seu filho se sobressaltar. “É isso! É exatamente isso! Você foi muito inteligente ao comparar o clarão azul com a bola de cristal de Rascar Capac!” Nicolas sentira medo de que, ao relacionar o incidente às aventuras de Tintim com uma múmia assustadora (uma de suas leituras favoritas), ele pudesse provocar o desprezo do pai. Pelo contrário, Théodore Duhamel ficou ainda mais entusiasmado. Bateu com tanta força nas costas do filho que ele quase se engasgou. “Brilhante! Eu sabia que você conseguiria!” Quando chegaram em casa, seu pai leu a página para a esposa, que escutou em silêncio e assentiu. Ela gostou, mas pareceu menos entusiasmada do que o pai.

Somente quatorze anos depois, quando Nicolas se sentou para escrever as primeiras páginas de *O envelope*, com a mesma Montblanc preta crepitante, ele teve novamente aquele prazer inspirador. O mesmo que sentira no avião, ainda menino, e que o levava para um mundo secreto do qual ele era o único soberano. Um prazer tão intenso, tão puro, que ele chegou a sorrir para si mesmo ao se lembrar de Rascar Capac e do clarão azul.

Capítulo 3

— Vou voltar para o quarto — murmura Malvina.

Seu rosto está pálido, abatido.

— Quer que eu vá com você? — pergunta Nicolas em voz baixa, sem fazer menção alguma de se levantar, incapaz de abandonar a carícia dourada do sol em sua pele.

— Não — responde ela, ficando de pé com dificuldade. — Mando uma mensagem se eu piorar.

— Não quer almoçar? — indaga ele.

Estava ansioso para o almoço deles na beira da piscina.

Ela faz uma careta e se afasta. Nicolas observa a namorada andar com dificuldade até o elevador. Mais tarde vai subir para conferir como ela está. Assim que ela some de vista, sua mão agarra o BlackBerry, como uma criança gananciosa que corre para o pote de biscoitos logo que a mãe vira as costas. Ele tem agora um tempo inesperado para se deliciar com uma de suas atividades preferidas. Lê os e-mails pessoais, deixando Sabina por último. Dita quer resposta para três questões (e nenhuma delas o entusiasmo. Ele se pergunta como e quando se tornou relutante em participar de encontros com estudantes de ensino médio, responder a e-mails de jornalistas que pedem entrevistas ou posar para mais uma revista famosa).

Alice Dor quer saber por onde ele anda e por que não tem respondido a seus e-mails. Nicolas sabe que ela está preocupada com a possibilidade de ele deixá-la na mão e oferecer o próximo livro a outra editora. Tão preocupada que propôs a Nicolas o contrato mais generoso que ela já ofereceu a um escritor (loucura total, pensou Nicolas ao colocar seu nome no pé da página, ao lado do dela. Como era possível que ela pagasse tanto por um livro que ele nem sequer tinha escrito, que nem ao menos estava em sua cabeça? Naquele momento, não teve coragem de confessar que, não, ainda não começara a escrever, porque achava muito mais emocionante viajar pelo mundo e conhecer todas aquelas pessoas que o admiravam). Alice estava apavorada — sim, esta era a palavra, apavorada —, com medo de que Nicolas pudesse ser fisgado por algum dos vários editores que o cercavam feito tubarões famintos, ainda mais depois do Oscar. Ela sabia que eles já tinham começado a cortejar Nicolas, a mandar seus representantes convidá-lo para almoçar no La Méditerranée, na Place de l'Odéon, no Closerie des Lilas, ou para tomar drinques no bar do Hotel Lutetia às seis da tarde. Logo eles próprios o abordariam, telefonariam diretamente para Nicolas. De forma educada, ele recusara todos os convites. Por enquanto. Alice confia em Nicolas, mas até onde esses editores iriam? Ela tem certeza de que vão aumentar as ofertas, que os valores podem se tornar obscenos, e como Nicolas poderia

resistir? Ele pensa na inteligência de Alice, nos olhos dourados, na voz grave, nas mãos de surpreendente delicadeza. A mulher que mudou sua vida. A mulher que vendeu seu romance de estreia para quarenta e cinco países e para Hollywood. A mulher que impulsionou o furacão Margaux.

Alice era amiga de Delphine, da mesma idade dela, nove anos mais do que Nicolas. A filha de Delphine, Gaia, e a filha de Alice, Fleur, frequentavam a mesma escola primária na rue de l'Ouest. Foi Delphine quem sugeriu que ele mostrasse o manuscrito de *O envelope* para Alice, em 2007. Ela abrira uma editora independente dois anos antes, que estava indo muito bem. Saía de uma editora bem maior, levando consigo todos os “seus” autores. Entre eles, Marixu Hirigoyen, escritor basco de sucesso, e também Sarodj Ramgoolan, jovem sensação literária das ilhas Maurício, de quem muito se falara na última Feira do Livro de Frankfurt.

“Estou bem”, escreve Nicolas para Alice, os polegares voando no teclado do BlackBerry. “Apenas decidi tirar uma folga. Volto domingo.” Obedientemente, liga para a mãe. Ninguém atende no apartamento da rue Rollin. Tenta o celular, e no mesmo instante ouve o correio de voz. Ele murmura: “Oi, sou eu, é só para dar um oi. Estou na Itália com Malvina para passar o fim de semana prolongado. Espero que você esteja bem. Grande beijo.” Onde estaria sua mãe numa manhã de sexta-feira em julho? Talvez ele devesse tê-la levado para lá, para o Gallo Nero, em vez de Malvina. Talvez fosse hora de finalmente começar a pensar na mãe. Na última vez que a vira, ela parecia cansada, farta dos alunos, de Renaud e suas indecisões, e ainda bem que o ano letivo estava chegando ao fim. Ela mencionara uma viagem para Bruxelas em julho para visitar a irmã Roxane. Talvez estivesse lá agora, na casa alta da rue Van Eyck, na companhia dos filhos adolescentes e magricelas de Roxane. Depois, todos almoçariam em Tervuren, onde morava a mãe delas, a agradável e simpática Béatrice, sua avó materna. Nicolas acaba se convencendo de que a mãe está com a família e não sozinha em Paris. Acha isso muito mais reconfortante, embora se sinta mal por pensar assim.

O próximo na lista das culpas é François. Nicolas manda uma mensagem de texto, escolhendo essa alternativa covarde em vez de ligar. “Oi, cara! Tudo bem? Saudade! Estou num canto secreto escrevendo meu novo livro, que estou quase terminando! Quais são as novidades? Khûbe.” Ele sabia, com o coração apertado, que François não responderia a essa mensagem de texto. Por mais que ele tenha assinado “Khûbe”, seu antigo apelido no khâgne, François não amoleceria. O silêncio continuaria. Até que Nicolas realmente telefonasse para o amigo e marcasse um almoço, um drinque. Mas François apareceria? Seu silêncio derivaria da raiva, da inveja, do rancor. Ele vira as matérias nas revistas (como não ver?), as fotos com Robin Wright, as quatro páginas sobre seu novo duplex na rue du Laos, os anúncios dos relógios e do perfume. Também tinha visto os artigos mais sérios no *Le Figaro Littéraire*, no *Le Monde des Livres*, no *The New York Review of Books*, que analisavam o sucesso meteórico do jovem francês desconhecido que tocara tantos corações. François não podia pisar em uma livraria na França, na Europa, nos Estados Unidos sem se deparar com pôsteres de Nicolas, com prateleiras e mais prateleiras repletas de exemplares de *O envelope* em todas as línguas. “É claro que François está com inveja de você”, zombara Lara durante um almoço recente. Ela era a melhor amiga de Nicolas (amiga

no verdadeiro sentido da palavra, não uma garota com quem ele dormia, mas com quem mantinha uma amizade desde o khâgne.) “Como ele poderia não ter inveja de você? Todo mundo tem, até eu, às vezes.” Ela riu da expressão escandalizada de Nicolas e deu mais uma mordida na sua quiche lorraine. “Ah, fala sério, Nicolas, faz anos que você é um sujeito encantador, mas tolo, desesperançado, sempre reprovado nas provas, que vive primeiro às custas da mãe, depois de uma mulher mais velha, e de repente perde o passaporte e pronto! Escreve um romance que é lido no mundo inteiro, da garotada de doze anos que não gosta de ler até suas avós, de donas de casa a homens de negócios, de primeiras-damas a atores. Ainda amamos você, mas sentimos inveja. Só que o pobre François não consegue dizer isso na sua cara.”

Nicolas começa a digitar uma resposta para Sabina quando ouve uma voz feminina acima dele. Ergue os olhos, semicerrando-os contra o sol, chateado com a interrupção.

— Desculpe, você é Nicolas Kolt, não?

O sotaque é puramente italiano. A mulher deve estar perto dos quarenta anos, usa um chapéu floppy, óculos escuros. Ele assente.

— Quero só agradecer pelo seu livro... Deve ter muita gente falando isso para você, mas... eu só queria dizer... O livro é maravilhoso... Me ajudou em um momento difícil da minha vida... Também tenho uma família secreta, e ler a história de Margaux foi... muito útil...

Ele assente de novo.

— Obrigado.

— Alessandra — diz ela, com um sorriso afetado.

— Obrigado, Alessandra.

Ele sorri, mas seu sorriso é tenso, do tipo que costuma dar quando quer ser deixado em paz, quando não quer responder a mais nenhuma pergunta (especialmente esta: no que está trabalhando agora?) ao mesmo tempo que tenta não magoar a outra pessoa. A mulher se afasta, e ele suspira aliviado. No início era emocionante ser reconhecido. Quando pegava o metrô, os olhares ficavam fixos nele por mais tempo do que o necessário, e ele percebia que as pessoas cochichavam entre si: “Não é aquele escritor?” Tudo acontecera de uma hora para outra, depois das reportagens com fotos suas saírem na *Paris Match*, depois dos programas de TV em horário nobre, depois dos cartazes em livrarias. De repente, seu rosto se tornara público. Seus olhos acinzentados, suas longas costeletas, seu queixo quadrado, seu sorriso infantil. E a mesma coisa começou a acontecer fora da França. A única maneira de continuar anônimo foi cobrir a cabeça com um boné. Será que ele não tinha sido desnecessariamente frio com aquela fã? Talvez chegasse o dia, em um futuro próximo, ainda por cima se não houvesse um novo livro, em que ele não seria mais reconhecido. Para afastar da cabeça esse pensamento desagradável, Nicolas manda uma mensagem para Sabina. “Conte o que está fazendo agora. Em detalhes.” Ele tem noção do perigo, da sua loucura, mas vai em frente. Não se encontra com Sabina desde que a viu pela primeira vez, abril passado em Berlim, mas eles têm trocado inúmeras mensagens. No início, tinham um tom amigável, discreto. Depois, certa noite, em maio, enquanto ele estava na Alsácia para um evento literário, as mensagens mudaram um pouco. Continuavam cordiais, mas se tornaram incontestavelmente sexuais. Desde então, Nicolas ficava atento à troca de

mensagens com Sabina quando Malvina estava por perto. Sabina responde sempre de imediato, como se estivesse à espera disso, do contato dele. Quando lê “Sabina está digitando”, sua pulsação acelera, e ele logo sente uma ereção surgir sob o calção de banho.

“Nicolas Kolt tem uma ‘queda’ por mulheres mais velhas”, escrevera a revista francesa *ELLE* no ano anterior, em uma longa reportagem. Ele não negara o fato para a jornalista, uma criatura de pouco mais de vinte anos e pele de pêssego. Sim, ele sempre gostara de mulheres maduras. Sim, ele vivera uma longa história de amor com uma mulher nove anos mais velha do que ele. Sim, Margaux Dansor era seu ideal de perfeição aos quarenta e oito anos, e, sim, Robin Wright a personificava brilhantemente. Ele não contou sobre Granville para a jovem jornalista, mas sabia muito bem que o que acontecera na praia com Véronique e Nathalie quando tinha dezessete anos sem dúvida acentuara essa preferência.

A mensagem de Sabina aparece na tela. “Sim, vou contar em detalhes: Quero enfiar você na minha boca e chupar.” O coração de Nicolas bate loucamente.

Ele decide voltar logo a nadar, antes que sua ereção fique constrangedora. A carícia macia da água em seu corpo é deliciosa. Está sozinho no mar, e saboreia esse privilégio. O calor é implacável, cintilante e nebuloso. A maioria dos hóspedes foi para o restaurante da piscina. Nicolas nada até sentir seus ombros e pernas doloridos, até ficar sem fôlego. Passa um tempo sentado na borda da área de concreto, sentindo o sol escaldante logo evaporar a água salgada do seu corpo. Pensa na mensagem de Sabina e não consegue conter um sorriso. Bem, ele não está fazendo nenhum mal, está? Ela também não, certo? Ninguém está sofrendo.

Lanchas trazem clientes para almoçar no Gallo Nero. Barulhentas, elas se aproximam dos imponentes iates e veleiros ancorados na baía, buscam os passageiros e voltam. Nicolas observa-os chegar. Uma família com ar aristocrata desembarca na praia. Devem ser ricos de Roma ou Florença. Avós que pareciam ser da realeza, pai e mãe elegantes, um grupo de crianças impecavelmente arrumadas, as meninas com vestidos floridos e fitas nos cabelos, os meninos com camisas engomadas e bermudas. Parecem estar posando para a *Vanity Fair*. Mais tarde, outra lancha traz duas irmãs deslumbrantes, uma segurando uma bolsa no tom azul característico de um famoso joalheiro de Nova York, e a outra, a coleira de um labrador desengonçado e brincalhão que quase cai no mar (o que faz Nicolas rir). As duas irmãs usam óculos de sol com lentes enormes, e os cabelos estão presos em coques estilosamente malfeitos. Seus rostos pequenos e quadrados o fazem se lembrar de Natalie Portman. Elas pulam no cais, ágeis e graciosas, rindo das travessuras do cachorro.

A contragosto, Nicolas abandona a sonhadora contemplação das adoráveis irmãs e volta para o quarto. São quase duas da tarde. No frescor da penumbra, Malvina está estendida na cama, dormindo profundamente. Com cuidado, ele coloca a mão na testa dela. Está úmida, mas não quente. Não lhe resta outra coisa a fazer senão ir almoçar.

Indicam-lhe a mesma mesa onde tomou café da manhã, e ele percebe que os franceses estão de novo à sua esquerda. O marido, com um apetite evidente, devora um prato de massa. Ele jogou tênis e não trocou de roupa. Seu rosto está vermelho e suado, e a camisa polo branca está úmida embaixo das axilas. Sua esposa, com um turbante de mau gosto na cabeça, espeta

habilmente o garfo numa fatia de presunto de parma, que ela depois mastiga devagar. Eles não trocam uma palavra sequer. Sozinha, à direita de Nicolas, a morena de seios exuberantes come uma bruschetta. A família belga, unida e animada, pede mais vinho branco gelado. O casal suíço belisca suas saladas e acena quando ele olha na direção dos dois. Ele assente de volta. De onde está sentado, Nicolas tem uma visão perfeita de todo o terraço, embora esteja parcialmente escondido atrás de um guarda-sol. Alessandra, sua fã, que está almoçando com uma versão mais velha de si mesma, com certeza sua mãe, não consegue vê-lo, e ele fica agradecido por isso. Os membros da família *Vanity Fair*, pelo menos dez deles, parecem carinhosos demais uns com os outros. Comem, bebem e se beijam ruidosamente durante toda a refeição. Nicolas observa enquanto morde o sanduíche de siri. Mas, quando as irmãs Natalie Portman chegam, ele larga o sanduíche, pois são muito fascinantes. Devem ser gêmeas, são idênticas em tudo, até nos relógios Hermès Cape Cod. O labrador se senta aos pés delas, ofegante. O garçom traz um pouco de água, que o animal bebe ruidosamente. Nicolas ouve com atenção para tentar descobrir que língua elas falam.

— Se você se inclinar um pouco mais, vai cair da cadeira, cara — diz uma voz masculina anasalada.

Sobressaltado, Nicolas olha ao redor. Há um homem curvado, de quase cinquenta anos, com camisa amarrotada e calça jeans desbotada, segurando uma taça de rosé. Sem sombra de dúvida, seu rosto é familiar e, chocado, Nicolas percebe que é Nelson Novézan, o romancista franco-britânico ganhador do Prêmio Goncourt. Os dois se encontraram diversas vezes em programas de televisão, em eventos literários. Nicolas fica surpreso que Novézan o tenha reconhecido. Ele tem fama de ser mal-humorado.

— Como está, meu camarada? — pergunta Novézan com a voz arrastada, cambaleando até a cadeira vazia na frente de Nicolas, onde se joga.

Parece bêbado. Acende um cigarro e o posiciona entre os dedos médio e anelar, um gesto que é sua marca registrada.

— Ótimo — responde Nicolas, bem-humorado.

De perto, a pele de Novézan tem manchas e não parece saudável. De tão oleosos, seus cabelos brilham, como se não fossem lavados há semanas.

— De férias, meu camarada?

— Não, estou aqui para escrever meu livro — responde Nicolas.

— É mesmo? Eu também. — Novézan boceja, deixando à mostra dentes amarelados nada atraentes. — Escrevo imerso neste luxo. Estou bastante contente com meu trabalho. Está fluindo muito bem. É de longe meu melhor romance. Vai ser lançado ano que vem. Será um sucesso, você vai ver. Meu editor está animado. Eu também. — Estala os dedos quando um garçom passa e indica que quer mais um pouco de rosé. — Já estive aqui, camarada?

— Não, é a primeira vez.

Novamente, seus dentes amarelos ficam à mostra.

— Foi o que achei. Lugar maravilhoso. Otto é meu amigo. O diretor, sabe. Fico no mesmo quarto todos os anos. O que tem a melhor vista. Fantástica. Esta é a parte boa para cacete de ser

um autor best-seller, não é?

Nicolas concorda com a cabeça e dá o mesmo sorriso contido que dirigira a Alessandra.

O rosé chega.

— Sempre torcem o nariz para mim porque não peço um vinho italiano requintado.

Novézan se serve de uma taça com a mão trêmula.

— Quantos anos você tem, camarada?

— Vinte e nove — responde Nicolas.

Um breve resmungo.

— O que diabo você sabe da vida aos vinte e nove anos?

— Quantos anos você tem? — retruca Nicolas, sem rodeios, com vontade de dar um soco naqueles dentes manchados.

Novézan dá de ombros.

— Idade suficiente para saber mais.

Ele fuma em silêncio enquanto Nicolas o observa. Em dez anos, esse sujeito publicou quatro livros. Os últimos dois fizeram grande sucesso na Europa e nos Estados Unidos. Nicolas leu todos. Durante seus penosos anos no curso preparatório, Novézan o fascinava. Agora se tornara uma lenda literária muito arrogante. Quanto mais famoso ficava, mais rude se mostrava com jornalistas e leitores. Seus romances eram misóginos, crus e muito bem-escritos. Ou as pessoas amavam seu trabalho ou odiavam. Ninguém ficava indiferente. Pouco tempo antes, Nicolas vira Novézan em uma feira de livros na Suíça, onde, de péssimo humor, tinha insultado sua assistente em público porque o táxi que ela chamara para ele estava atrasado. Nicolas lembrava que ela se mantivera calma, embora tremesse da cabeça aos pés enquanto Novézan, enfurecido, gritava palavrões para ela que todos ouviam.

— Jogada inteligente a daquele seu livrinho — resmunga Novézan, bebendo ruidosamente seu rosé.

— O que quer dizer com isso?

Mais um bocejo.

— Bem, você tirou proveito do episódio do passaporte. Quer dizer, a ideia estava lá, bem embaixo do nosso nariz. Veja o meu caso, pai francês nascido no exterior, mãe inglesa. Eu, nascido em Paris... Podia ter acontecido comigo. — Nicolas não diz nada, revoltado com o que o homem está insinuando. — Quer dizer, a semente estava lá, camarada, para todos os cidadãos que são obrigados a provar que têm nacionalidade francesa por causa daquela nova lei absurda. Você foi lá e escreveu. Jogada inteligente. No fim das contas, vendeu bem seu livrinho?

— Razoavelmente bem — responde Nicolas, com a voz neutra, dando-se conta de que está por cima e rindo por dentro ao ouvir o outro dizer “seu livrinho”.

— Como assim, razoavelmente bem? — pergunta Novézan com a voz arrastada, como se não se importasse, mas mordendo a isca.

Nicolas faz uma pausa antes do golpe de misericórdia. Seus olhos se fixam nas adoráveis irmãs, depois se erguem para a casa cor de ocre onde Malvina dorme.

— Trinta milhões no mundo todo — responde com calma.

Isso deixa Novézan calado por alguns minutos. Nicolas sente desaparecer o prazer que experimentava. Que desprezível de sua parte alardear o número de exemplares vendidos. Quem está tentando impressionar? O autor envelhecido, cansado e fútil sentado à sua frente?

— Está sozinho aqui? — pergunta ele educadamente a Novézan.

— Sim. Não consigo escrever uma linha se houver uma mulher no meu quarto. Então, mando uma mensagem, e ela vem correndo para cá quando quero.

Novézan faz um gesto vulgar, explícito, com a boca e as mãos.

Nicolas não consegue conter o sorriso. Levanta-se e coloca de volta o boné na cabeça.

— Vou nadar um pouco. Quer vir?

Novézan faz um gesto com a mão para recusar o convite.

— Não, obrigado. Vou voltar ao trabalho, camarada. Tenho muita coisa ainda para escrever. Que lugar inspirador! A criatividade não para. E você?

Nicolas ignora a última pergunta. Novézan também se levanta, vacilante sobre suas pernas magras e trêmulas. Eles se despedem com tapinhas nas costas, como velhos amigos. Antes de entrar no elevador, Nicolas confere seu BlackBerry. Para sua surpresa e desagrado, há uma foto dele postada na sua página no Facebook. Uma foto tirada naquela manhã, perto da piscina. O nome do fã que postou é Alex Brunel. A foto que aparece no perfil dele é de uma maçã verde, o que não dá nenhuma indicação de identidade. A página de Alex Brunel é privada, sem acesso. Por sorte, não há menção de onde a foto foi tirada. Quatrocentas e quarenta e cinco pessoas já “curtiram”. Isso já aconteceu com ele. Fãs o veem no ônibus, no metrô, que ele nunca deixou de usar, apesar da fama recente, o fotografam discretamente com o celular e depois publicam a imagem no mural dele, como uma homenagem. Mas até hoje isso nunca o incomodou. Ele olha a foto de perto. Dá para reconhecer o guarda-sol preto e branco. Se alguém realmente quisesse saber onde ele estava, não seria difícil. Não há nada que ele possa fazer. Quase consegue ouvir a voz de Delphine. É o preço a pagar, Nicolas, e era isso que você queria, não? Toca na tela para ler os comentários. “Humm, sexy”, “Fantástico”, “Ei, Nicolas, me leve com você!”, “Itália ou Grécia?”, “É isso aí!”. Nenhuma menção ao Gallo Nero, ainda bem. Se apagar a foto, ele corre o risco de ofender Alex Brunel, quem quer que seja essa pessoa. Ele ou ela poderia até postar outras fotos. Nicolas aprendeu a ser cauteloso com seus fãs. Fãs irritados não significam boa coisa. Ele confere o Twitter. Nenhum dos seus seguidores faz referência à sua escapada para a Itália. Procura pelo próprio nome, só por garantia. Nada. Ele não faz isso com frequência, assim como não busca mais tanto “Nicolas Kolt” no Google. No início, costumava fazer isso. Era emocionante descobrir todos os blogs e sites que mencionavam seu livro, depois o filme. Mas para cada dúzia de comentários positivos, havia alguns negativos, que eram os que magoavam. Certa vez, no Twitter, um influente jornalista escrevera: “Parem de nos dizer que devemos ler a merda que esse péssimo Nicolas Kolt escreveu. Por que esse cara vende tantos livros?” O comentário acabou sendo retuitado centenas de vezes.

Quando ele chega à praia, vê Malvina à sua espera. Suas bochechas parecem mais rosadas. Ele pergunta como ela está, e a mulher conta que vomitou, que se sentiu muito mal por algum tempo, mas que agora está bem. É provável que tenha sido uma infecção estomacal. Ele se deita

ao seu lado e segura sua mão. Conta sobre o encontro com Nelson Novézan e a conversa que tiveram. Imita a famosa expressão de desdém do escritor, com a sobrancelha erguida, e seu jeito de segurar o cigarro.

— Você devia ter postado isso no Twitter — diz ela, sorrindo. — Com uma foto dele.

— Estou dando um tempo no Twitter — explica Nicolas. Em seguida, acrescenta, com crueldade: — Ele parece um cachorro velho.

Malvina pergunta se ele viu sua última foto no Facebook. Ela conferiu no iPhone. Nicolas franze a testa e admite que não gostou. Ele anseia por privacidade. Quer um tempo só para ele, para os dois, três dias de paz. Três dias de sol.

— Eu gostaria de saber quem postou essa foto — murmura Malvina.

— Eu não me importo — responde Nicolas, também com um murmúrio, e beija os cabelos sedosos dela.

Está menos calor, as sombras da tarde se alongam e avançam devagar pela praia de concreto. São servidos chá, biscoitos cantucci e fatias de melão. Um casal asiático na faixa dos cinquenta anos está acomodado perto deles. O homem é careca, como um Buda, usa um calção de banho laranja e chamativo e um relógio Cartier Pasha também nada discreto. A mulher é pálida, seu cabelo parece um verdadeiro capacete preto. Está usando um quimono azul comprido. Eles acenam e sorriem para os funcionários, que se curvam e retribuem o sorriso. Nicolas os ouve dizer “Sr. Wong” no fim de cada frase. O Sr. Wong deve ser muito importante, pois obviamente recebe muita atenção. A Sra. Wong não suporta que um raio de sol sequer toque sua pele, por isso dois guarda-sóis são abertos acima dela pelos solícitos funcionários, que a chamam o tempo todo de “Sra. Wong”. Logo o Sr. Wong, sorridente e balançando a cabeça, corrige:

— Não, não! Sra. Wong, não! Não, não! Srta. Ming!

O Sr. Wong e a Srta. Ming sorriem e acenam com a cabeça para todos ao redor, inclusive Nicolas e Malvina, que retribuem o sorriso.

Nicolas percebe mais gente chegando. Dois homens da sua idade, um deles talvez um pouco mais velho, com trinta e poucos anos. Um é alto e magro, tem aparência de nerd, cabelos louros curtos, óculos estilo John Lennon, e não desgruda do iPad. O outro tem a pele lisa, bronzeada e sem pelos. Os dois usam o mesmo relógio. Gays? Americanos? Canadenses? Eles também acenam para o Sr. Wong e a Srta. Ming, depois se entreolham e riem. Malvina os considera fofos. Um pouco adiante, os russos jogam xadrez. Os belgas estão de volta. Pai e filho vão nadar, a mãe se concentra cada vez mais na leitura, e a filha, com os olhos fechados, continua se bronzeando.

Nicolas vê que a mãe belga está perto do fim do livro, provavelmente na parte em que Margaux decide ir para San Rocco di Camogli em busca de informações sobre a família do pai. Ela não sabia nada sobre eles, nem seu nome, Zeccherio. Nicolas se lembra do choque que sentiu ao descobrir o verdadeiro nome do pai, em 2006. Ele tinha ido à prefeitura do quinto arrondissement com seu *livret de famille* e a certidão de nascimento, porque seu passaporte havia vencido. A renovação era, em geral, um procedimento muito rápido para qualquer cidadão

francês. Duas semanas, no máximo. Uma surpresa desagradável o aguardava. A funcionária atrás do balcão disse para ele:

— Sinto muito, mas não podemos renovar seu passaporte, *monsieur* Duhamel. Sua mãe nasceu na Bélgica e seu pai, na Rússia.

Nicolas olhou para ela com expressão de espanto.

— E daí?

— De acordo com as novas leis governamentais, cidadãos franceses com pais nascidos em outros países agora precisam provar que são franceses.

Nicolas ficou embasbacado.

— Nunca ouvi falar dessa lei! Nasci na França, *madame*, aqui mesmo, no hospital Saint-Vincent-de-Paul. Sou francês, e nunca tive outra nacionalidade.

— Receio que ter nascido na França não seja mais uma razão para obter de forma automática a cidadania francesa, *monsieur*.

A mulher lhe entregou um papel.

— Nos últimos dois anos, a lei se tornou mais rigorosa para casos como o seu. Para quem tem pais nascidos no exterior. Você não é o único nessa situação. Precisa comparecer a esse endereço, o Pôle de la Nationalité Française de Paris, no décimo terceiro arrondissement. Seu dossiê será examinado e, se decidirem que o senhor pode ser francês, vão expedir um documento chamado “certificado de nacionalidade francesa”. É a única forma de obter seu passaporte. Isso pode demorar alguns meses.

Nicolas ficou boquiaberto.

— Como consigo provar que sou francês?

— Ligue para o Pôle e leve os dados necessários.

— E se não sou francês, sou o quê?

— Apátrida, *monsieur*. Apátrida.

Nicolas saiu atordoado da prefeitura e foi para o apartamento de Delphine. Procurou na internet “leis governamentais referentes a cidadãos franceses com pais franceses nascidos no exterior”. Descobriu, para sua tristeza, que a lei ficara mais rígida recentemente. Milhares de pessoas no país inteiro enfrentavam o mesmo drama. Como ele não escutara falar nisso? Abalado, estarecido, leu várias entrevistas de famosos escritores, cantores, atores que precisaram enfrentar o kafkiano e humilhante processo de provar que eram mesmo franceses. Muitos tinham denunciado o procedimento como um todo e feito críticas severas ao governo.

Nicolas, por fim, reuniu coragem suficiente para ligar para o temido Pôle de la Nationalité Française, onde foi deixado na espera, ouvindo inúmeras vezes *A primavera*, das *Quatro estações* de Vivaldi, até enjoar. Finalmente uma voz feminina indiferente e insensível atendeu e informou que ele devia comparecer ao Pôle dali a três semanas, terça-feira de manhã, às onze horas, com as certidões de nascimento dos pais.

— Mas meus pais são franceses, mesmo que tenham nascido no exterior! — argumentou Nicolas.

A mulher fez um barulho estalando a língua.

— Há uma dúvida com relação à sua nacionalidade, *monsieur*. Agora tem que provar que é francês.

(Mais tarde, Nicolas disse para François e Lara, enquanto tomavam uma taça de vinho, que toda essa história parecia uma brincadeira de mau gosto, como se a França tivesse voltado ao regime de Vichy. Contou o que descobrira na internet, citou os inúmeros artigos existentes e a imagem negativa que o país tinha no mundo inteiro por causa disso. François havia perguntado por que seu pai nascera na Rússia. Nicolas acreditava que era porque seu avô viajara com a esposa para a União Soviética quando ela estava grávida, e que o parto acontecera de forma imprevista em São Petersburgo).

Como ele arranjaria as certidões de nascimento dos pais se não tinham nascido na França? A nada simpática funcionária do Pôle respondeu que cidadãos franceses nessa situação específica obtinham suas certidões de nascimento por meio do serviço central do Cartório de Registro Civil, em Nantes. O que, felizmente, podia ser feito on-line. Nicolas preencheu os formulários, ressaltou que era filho do falecido Théodore Duhamel e de Emma Duhamel, cujo nome de solteira era Van der Vleuten, e explicou que precisava desses documentos para renovar seu passaporte.

As certidões levaram quatro dias para chegar, por correio, na rue Pernety. Foram entregues em um dia chuvoso. Um dia que Nicolas jamais esqueceria.

Emma Van der Vleuten, nascida em 18 de março de 1959, na Clínica Edith Cavell, em Uccle, Bélgica. Pai: Roland Van der Vleuten, nascido em Charleroi, em 1937, mãe Béatrice Tweelinckx, nascida em Liège, em 1938.

Depois leu: Fiodor Koltchine, nascido Улица Писарева, em Leningrado, União Soviética, em 12 de junho de 1960. Mãe: Zinaida Koltchine, nascida em Leningrado, União Soviética, em 1945. Pai: DESCONHECIDO. Falecimento: 7 de agosto de 1993, em Guéthary, França. Havia uma frase escrita à mão, com caligrafia perfeita, na parte inferior da certidão junto a um carimbo oficial: Adotado por Lionel Duhamel em 1961; conhecido, a partir de então, como Théodore Duhamel.

Um buraco se abriu em algum lugar no seu estômago. Nicolas ficou ali sentado, incrédulo, paralisado, com os olhos fixos no papel. Não pegou o telefone. Preferiu ir direto para o apartamento da mãe, na rue Rollin. Chegou lá sem fôlego, suado e ansioso.

— Você precisa explicar — disse ele, esfregando a certidão de nascimento no nariz dela.

Sentada na larga poltrona perto da lareira, Emma Duhamel, surpresa, encarou o papel, antes de erguer os olhos embaçados para o filho.

— Ah!

Ela arquejou.

— E então? — resmungou ele, ainda ofegante.

Silêncio.

— Nicolas, é uma longa história — conseguiu dizer, por fim, visivelmente nervosa, mexendo nas contas de seu colar. — Sente-se, por favor.

Capítulo 4

De acordo com Théodore Duhamel, o oceano Atlântico era o rei de todos os mares. Mal sabia ele que esse mesmo oceano um dia tiraria sua vida. Ele nunca gostara de passar férias na Riviera, onde seus pais tinham uma casa com vista para Cannes. Para ele, o Mediterrâneo não passava de uma pocilga repleta de septuagenários impotentes que exibiam bronzeados, plásticas e diamantes. Desprezava aquelas águas calmas e translúcidas e a ausência de marés. No final da década de 1960, um colega de turma o convidou durante o verão para ir ao País Basco, e lá ele se apaixonou pelas ondas espumantes, pelas montanhas verdes, pelo vento úmido, pelo clima imprevisível. À primeira vista, não parecia alguém acostumado à vida ao ar livre, porém era mais atlético do que aparentava. Aprendera a surfar em Biarritz, ainda criança, com um bando de jovens surfistas da região, dos quais era o mais jovem e, sem dúvida, o mais entusiasmado. Nicolas se lembra de, ainda bem pequeno, estar sentado em uma praia com a mãe, pálida e estoica, o nariz enfiado em um livro, enquanto Théodore Duhamel pegava onda com os amigos surfistas. Ele passava muitas horas na água, com uma roupa preta de mergulho que o deixava parecido com uma foca. No fim do verão, seus cabelos castanhos encaracolados ficavam dourados, descoloridos pelo sol e pelo mar. “Viúva branca”, era como as amigas de Emma a chamavam, fazendo graça com o tempo interminável que ela passava na areia com o filho, à espera do marido. Ninguém imaginava que aquele apelido carinhoso um dia seria terrivelmente apropriado.

Durante os dez primeiros verões da vida de Nicolas, seus pais alugavam um pequeno apartamento voltado para a Costa Basca. A vista para o oceano era fantástica, com o sul pleno logo adiante, e era até possível ver a Espanha, que emergia ao longo da costa como um braço estendido. Todas as manhãs, Théodore Duhamel se levantava cedo e contemplava o mar como um velho marinheiro. Nicolas gostava de vê-lo percorrer, com passos largos e a prancha de surfe embaixo do braço, o longo e sinuoso caminho que levava à praia. Depois, com o binóculo, ele observava o pai na areia, passando parafina na prancha com movimentos seguros e precisos (ainda se lembra do cheiro e do nome do produto: Sex Wax, que não tinha relação com sexo, como mais tarde ele descobriu).

Nicolas fez com que o pai de Margaux Dansor fosse esquiador. Na cabeça dele, os dois esportes estavam ligados, eram duas modalidades de deslizamento em plena natureza, dois esportes de risco, um em busca da maior onda, outro da encosta mais íngreme. No verão de 1990, quando Nicolas tinha oito anos, Théodore Duhamel comprou um veleiro, um Hobie Cat 16 preto capaz de deslizar na crista das ondas como uma prancha de surfe. Théodore Duhamel

conduzia o Hobie Cat com audácia, de maneira que até sua esposa impassível gritava de susto quando o barco esguiou ameaçava virar com a força das ondas gigantes.

Toda vez que Nicolas tentava descrever o pai para os jornalistas, era a lembrança dele no comando do veleiro que queria transmitir, sua roupa de surfe, o cigarro pendendo entre os dentes, os cabelos ao vento, acenando para o filho e a esposa enquanto se afastava. “Lá vai seu homem”, diziam os amigos de sua mãe. “Ah, Emma, olhe, que príncipe!” Nicolas retribuía o aceno do pai, ofegante de tanto orgulho. O barco disparava perto da costa, equilibrando-se na onda como um surfista, e, então, sem dificuldade ou esforço, girava no último momento, saltando por cima da espuma, a vela preta inflada novamente em pé.

Dois dias após o desaparecimento do Hobie Cat, a maré o conduziu para a costa, perto de Hendaye, com o mastro quebrado e a vela rasgada. O corpo de seu pai, no entanto, nunca foi encontrado. Tinha sido um dia úmido e sufocante, em agosto de 1993. As ondas não estavam maiores do que o habitual. Théodore Duhamel disse à esposa que navegaria até Guéthary, para se encontrar com seus amigos surfistas. Se o vento estivesse forte, como naquele dia, ele em geral levava menos de uma hora partindo de Port des Pêcheurs, onde deixava o barco. Nicolas não viu o pai sair, pois tinha aula de tênis naquela manhã, mas quando voltou para o almoço percebeu a pequena vela pontuda ao longe, atrás da torre gótica de Villa Belza. Sabia que o pai não poderia vê-lo daquela distância, mas, mesmo assim, acenou para ele. Também queria ter ido a Guéthary com ele naquela manhã, mas Emma não permitiu, por causa da aula de tênis. Ela ficava furiosa quando precisava pagar as aulas que o filho faltava. Se Nicolas tivesse ido velejar com o pai, será que teria evitado sua morte? Ou os dois teriam morrido? Essas perguntas ainda o assombravam, dezoito anos depois.

Nicolas se lembra da expressão angustiada da mãe quando ela finalmente decidiu ligar para os amigos surfistas em Guéthary, já com o sol se pondo. Théodore tinha “chegado e saído”, explicou Murphy, seu amigo da Califórnia, em tom descontraído.

“Estou preocupada”, admitiu ela. Nicolas tinha apenas onze anos, mas sentiu um nó na garganta. Emma, em seguida, acrescentou, com a voz mais baixa: “Vou ter que ligar para a polícia.”

Ele não suportaria ouvir o que sua mãe tinha a dizer para os policiais, por isso saiu da sala e foi para a varanda, onde seu pai estivera naquela mesma manhã. Colocou os pés onde ele havia colocado os seus, e as mãos na grade, exatamente no mesmo local que o pai tocara. Observou a escuridão da noite invadir o céu e o lento e firme feixe luminoso do farol varrer as trevas; sentiu medo, o maior que já sentira na vida, dez vezes mais do que quando o avião foi atingido pelo raio. Sua mãe saiu e o abraçou. Ele não se atreveu a olhar para o rosto dela, então contemplou a imensidão do mar. Pensou no pai, perdido em algum lugar por aí, e começou a chorar.

Os minutos se arrastavam, intermináveis e terríveis. A noite chegou, e as pessoas começaram a aparecer. Uma lhe deu algo para beber, outra preparou uma refeição. O apartamento logo ficou cheio de amigos, e ele foi abraçado, beijado, acariciado, mas nada fez com que se sentisse melhor, então observou o rosto de sua mãe ficar cada vez mais pálido conforme a noite avançava. Nicolas finalmente adormeceu, exausto, no canto do sofá, enquanto as pessoas

conversavam, bebiam e fumavam. Quando acordou, de madrugada, com os olhos inchados, a mãe estava chorando no banheiro, e ele soube que seu pai ainda não havia sido encontrado.

“Quando não há corpo”, dizia ele aos jornalistas, “não há caixão, não há agente funerário, nem sepultura, missa ou atestado de óbito. É difícil aceitar que a pessoa está morta. Quando o Hobie Cat foi encontrado, todos esperavam que o corpo também aparecesse. Mas isso nunca aconteceu. Até hoje.”

Em todas as entrevistas, Nicolas repetia: “Ainda espero, contra todas as expectativas, que meu pai entre por aquela porta. Ele faria cinquenta e um anos hoje. Sei que é impossível, sei que ele deve ter caído do barco e se afogado, mas ainda me resta aquele pressentimento, aquela possibilidade, de que ele possa estar vivo, em algum lugar, de algum modo. Margaux Dansor, ao contrário de mim, descobre a verdade sobre o que aconteceu com seu pai. Mas a história dela não é a minha. Digamos que inventei a história dela para tentar responder às minhas incontestáveis perguntas sobre o meu pai.”

Os jornalistas insistiam, sem parar: “E o seu nome? Você trocou de nome quando escreveu o livro? Como Nicolas Duhamel tornou-se Nicolas Kolt?”

Todas as vezes, ele tentava responder com a mesma paciência: “Kolt é a abreviação de Koltchine. O verdadeiro nome do meu pai. Quando fiquei sabendo que o livro seria publicado, achei que Duhamel não fazia sentido.”

Théodore Duhamel nunca leria *O envelope*. Mas o livro era dedicado a ele.

Para meu pai, Fiodor Koltchine (São Petersburgo, 12 de junho de 1960 — Guéthary, 7 de agosto de 1993).

Capítulo 5

O sol se põe lentamente atrás de um rochedo. E não vai desaparecer no mar diante deles. Nicolas está desapontado. Esperava um pôr do sol rosado maravilhoso. A maioria das pessoas tirou sua cadeira da direção do horizonte para poder reverenciar os últimos raios dourados sendo engolidos pela colina vizinha. Ele está secretamente orgulhoso de, durante a última hora, ter resistido à tentação de dar uma olhada em seu BlackBerry. O Sr. Wong e a Srta. Ming estão jogando Mahjong. O casal gay está escutando o mesmo iPod e os dois balançam a cabeça no mesmo ritmo. A família belga dá o último mergulho. Compenetrados, os suíços leem o jornal. Alessandra e a mãe parecem ter caído em um sono profundo. O homem peludo dá baforadas no cigarro, com o celular colado no ouvido e indiferente ao fato de sua namorada rechonchuda estar conversando com o francês (cuja esposa sem dúvida está no spa). Nelson Novézan, com o rosto avermelhado e passos instáveis, faz uma rápida e embriagada aparição com um calção de banho desbotado e frouxo que mal cobre seu traseiro igualmente flácido. Enfia um dedo do pé na água, resmunga e volta depressa para o elevador.

Mais uma vez, os barcos dos iates vêm trazendo mais clientes exclusivos para beber e jantar no Gallo Nero, e talvez até passar a noite. Nicolas pensa de novo no livro sobre o qual tem mentido para sua equipe. Um dia, em breve, ele vai ter que se sentar, ser responsável e escrever esse romance. Chega de enrolar. Chega de preguiça. Mas como? Se pelo menos a energia necessária para escrever o livro pudesse vir fluindo serenamente, como aqueles clientes elegantes que desembarcam, tranquilos, de suas lanchas pretas Riva. Quando começou *O envelope*, ele se lembra de que foi como se Margaux Dansor o tivesse pegado pela mão e o levado adiante. Sentia a mão dela, sua textura macia, ainda que um pouco seca, segurando a sua, e ela o conduzia. Via Margaux Dansor com tanta clareza como se ela estivesse de pé a sua frente. Ele a criara sem esforço. Ela não lembrava em nada Emma Duhamel, sua mãe. Também não tinha os cabelos castanho-avermelhados, a pele clara ou os olhos verdes de Delphine. Margaux tinha um rosto comprido à la Modigliani, olhos castanhos, cabelos grossos e grisalhos. Era professora de piano. Morava na rue Daguerre com o marido, o médico Arnaud Dansor, e as duas filhas do casal, Rose e Angèle. Um dia, Margaux precisou renovar o passaporte. E logo descobriu que era uma tarefa impossível por causa da nova legislação, embora tivesse nascido no elegante bairro residencial de Neuilly-sur-Seine, perto de Paris. Tudo isso porque sua mãe (Claire Nadelhoffer) tinha nascido em Landquart, Suíça, e seu pai (Luc Zech, que morreu em uma avalanche, quando ela era criança), em San Rocco di Camogli, Itália. No Pôle de la Nationalité Française pediram que Margaux levasse todos os documentos que pudesse sobre a família do pai —

certidões de casamento e óbito que remontassem ao seu bisavô, certificados do serviço militar, declarações de impostos, carteiras da previdência social — para comprovar sua nacionalidade francesa. E ao examinar todos esses papéis, ao fuçar o passado, Margaux Dansor se defrontou com o impensável.

Naquele dia chuvoso de outubro de 2006, há quase cinco anos, à menção do nome “Koltchine”, Emma Duhamel pigarreou quando o filho a confrontou com a certidão de nascimento do seu falecido marido. Ela demorou algum tempo para pensar em uma explicação pelo menos razoavelmente lógica, e Nicolas percebeu como isso parecia complicado para ela. A mãe andou de um lado para outro, as mãos mexendo ora nas contas do colar ora no cabelo, que ela puxava para trás com um gesto aparentemente tranquilo, mas Nicolas notou que suas mãos tremiam.

— Imagino que se possa dizer que tudo começou com sua avó — falou Emma, por fim, usando a voz de professora de filosofia que ele detestava, mais aguda e mais alta do que o tom habitual.

— A mãe do meu pai? — perguntou ele.

— Sim.

— Nina?

— O nome verdadeiro dela era Zinaida Koltchine.

— Isso é russo?

— Sim.

— Então ela era russa?

— Era.

— E não francesa?

— Ela se tornou francesa quando se casou com Lionel Duhamel.

Nicolas olhou fixo para a mãe.

— O que está tentando me dizer?

Emma Duhamel respirou fundo.

— Sua avó saiu da União Soviética no início da década de 1960. Com o filho pequeno. Fiodor Koltchine.

— Então ela era casada com um sujeito que se chamava Koltchine.

— Não, Koltchine era seu sobrenome de solteira.

Nicolas baixou os olhos para a certidão de nascimento. Nascido em Leningrado em 12 de junho de 1960.

— Quantos anos Nina tinha quando teve papai?

— Era muito jovem, acho.

— Então Lionel Duhamel não é meu avô?

— Não, tecnicamente não. Mas ele adotou seu pai, lhe deu seu sobrenome e o criou como filho.

— Então quem é meu avô?

— Ninguém sabe.

Nicolas digeriu a informação em silêncio.

— Por que esperou todos esses anos para me contar isso?

Emma demorou um pouco para responder. Parecia consternada, respirando com dificuldade.

— Quando me casei com seu pai, tivemos que reunir toda a papelada. Foi então que vi a certidão de nascimento dele com o nome verdadeiro.

Ela fez outra pausa.

— Você perguntou a ele sobre isso?

— Perguntei, mas ele se recusou a responder. Eu percebi que não poderia falar com ele sobre isso. Nunca mais tocamos no assunto. A única pessoa que mencionou a ligação com a Rússia após a morte de sua avó foi sua tia Elvire. E aconteceu uma única vez. Não contei para você porque estava esperando que descobrisse sozinho e tivesse idade suficiente para lidar com isso. Acredito que o momento tenha chegado.

No Pôle de la Nationalité Française, outro dia chuvoso, Nicolas ficou esperando por mais de uma hora em uma sala estreita e cheia de gente. Ao seu lado, um homem velho secava os olhos vermelhos e úmidos. Explicou a Nicolas com voz grave e trêmula que não conseguia entender o que estava fazendo ali. Seu passaporte e sua identidade haviam sido roubados, por isso ele tinha ido à prefeitura para que os documentos fossem refeitos. Lá, foi informado que como seus pais, falecidos há muito tempo, tinham nascido no exterior, ele precisava provar, aos noventa e dois anos, que era francês, como exigia a nova lei. Pediatra aposentado, nascido em Paris, fora condecorado com a Ordem Nacional da Legião de Honra francesa, lutara pela França durante a Segunda Guerra Mundial, e agora o que seu país fazia por ele? Nicolas não sabia como confortá-lo. A única coisa que fez foi balançar a cabeça e tocar de leve a mão do velho.

O tempo custava a passar. A chuva batia nas janelas. Crianças e bebês choravam. Adolescentes entediados digitavam em seus celulares. Algumas pessoas liam. Outras dormiam. Nicolas revisou os papéis guardados na pasta apoiada nos joelhos. A conexão russa. Zinaida Koltchine tinha nascido em Leningrado em 1945. Seu filho, Fiodor, em 1960. Nicolas ficou encarando as datas. Ela tinha quinze anos quando se tornou mãe. Nicolas estava confuso. Quando sua avó ainda era viva, ele nunca tinha se dado conta de como ela era jovem. Lionel Duhamel, seu marido, que estava internado em um hospital geriátrico, era quinze anos mais velho do que ela. Nicolas também nunca havia reparado nessa diferença de idade. Percebeu então que Nina Duhamel tinha apenas quarenta e oito anos quando o filho morreu. Que estranho ele não ter notado isso antes. Por outro lado, lembrou-se de que em determinada época, quando era muito pequeno, considerava qualquer um com mais de trinta anos um velho imprestável. Não havia nada de exótico em relação a *madame* Duhamel. Nada de russo, nem ao menos remotamente eslavo. Nenhum sotaque. Tampouco suas maçãs do rosto eram salientes. Era apenas uma burguesa culta e sofisticada, fumante inveterada, que cuidava da casa com mão de ferro e apreciava os verões glamorosos da Riviera. Ele nunca tinha sido muito próximo da avó paterna, preferindo o calor maternal da avó belga. Nina Duhamel gostava de ser chamada de “Mamita” pelos filhos. Ela morreu em 2000, de câncer no pulmão, aos cinquenta e cinco anos, sete anos após o desaparecimento do filho. Os olhos de Nicolas se voltaram para a pasta. Fiodor

Koltchine, seu pai. Filho de um desconhecido. Fiodor Koltchine. Só o nome já bastava para lhe causar calafrios, nome tão inquietante e estranho quanto Keyser Söze, o enigmático gângster do seu filme preferido, *Os suspeitos*.

Um ponto de interrogação surgira na convencional árvore genealógica de Nicolas Duhamel. Ele obteve o certificado de nacionalidade francesa sem nenhum problema, afinal, sua avó se tornara francesa ao se casar com Lionel Duhamel em 1961, e Nicolas tinha os documentos necessários para provar esse ato oficial. Mas a interrogação continuava, não saía de sua cabeça, perturbando-o como um mosquito irritante mesmo quando o novo passaporte foi emitido. Quem era o pai do bebê de Zinaida? E o que seu pai, Théodore, sabia sobre as próprias origens?

Ele tinha questionado sua tia Elvire Duhamel, a filha de quarenta e três anos de Lionel e Nina. Era uma mulher seca, divorciada, que morava em Montmartre com dois gatos. Seus filhos adolescentes, Alina e Carlos, primos de Nicolas, moravam em Barcelona com o ex-marido de Elvire, um espanhol alcoólatra. A conversa com a tia ao telefone foi rápida e frustrante. “No leito de morte, mamãe me contou que meu irmão tinha outro nome, um nome russo, e que não era filho de Lionel. O quê? Por que ela me contou isso? Ela havia acabado de ser diagnosticada com câncer de pulmão, Nicolas! Acreditava que poderia morrer a qualquer minuto. Acho que estava em busca de uma consciência tranquila. Na verdade, ela ainda viveu seis meses, mas nunca mais tocou no assunto. E não se atreva a falar sobre isso com meu pai. Ele já está caduco o suficiente.”

Lionel Duhamel, chegando aos setenta e seis anos, estava dominado pelo mal de Alzheimer e internado em um hospital geriátrico. Nicolas se confrontava com a desagradável realidade da demência e da velhice sempre que visitava o avô (que, na verdade, não era seu avô, como ele agora fazia questão de lembrar, um pouco angustiado). Com a ajuda de Emma, Nicolas encontrou a árvore genealógica que ele, quando criança, desenhara com o maior cuidado na escola primária da rue Rollin. O galho belga de um lado, o francês do outro. Duhamel e Van der Vleuten. Não havia nada de francês nele, se deu conta durante a longa espera no Pôle de la Nationalité Française. A ironia da situação quase o fez cair na gargalhada, mas os soluços do velho ao seu lado o fizeram parar no mesmo instante. Ele não era um Duhamel. Era russo e belga. Era um Koltchine Van der Vleuten. E provavelmente nunca descobriria quem foi seu avô paterno. Esse mero pensamento abriu um abismo sob seus pés. A plácida e tranquila existência de Nicolas Duhamel estava acabada. Naquele dia cinzento, durante as duas horas que ficou esperando no Pôle, sem tirar os olhos dos documentos no seu colo, ele sentiu uma mudança sutil ao redor, como se mãos desconhecidas interferissem no seu destino.

Foi nesse dia que Nicolas Kolt nasceu, mas ele ainda não sabia. E foi também nesse dia que Margaux Dansor entrou pela primeira vez em sua vida.

Capítulo 6

Nicolas levou menos de um ano para escrever *O envelope* e se irrita ao relembrar a facilidade daquela rotina agora que enfrenta a situação inversa. Enquanto toma seu coquetel de frutas, lembra que costumava se levantar ao amanhecer, de bom humor e entusiasmado, antes de Delphine levar a filha Gaia para a escola, preparava chá e se sentava à mesa da cozinha. Ele escreveu o romance à mão, em cadernos pretos como o que está agora no seu colo (em branco). Depois, digitou o texto em seu MacBook, e tudo fluiu milagrosamente bem. Será que a cozinha de Delphine é o único lugar em que consegue escrever? Sente falta de Delphine. Sente falta da vida ao lado dela. Da simplicidade, do ritmo. Antes do furacão Margaux, Delphine era a mais ocupada do casal. Trabalhava em uma imobiliária e passava o dia mostrando apartamentos para clientes. Foi ela quem encontrou o duplex na rue du Laos para os dois. Ou, talvez, para ele. Afinal de contas, ela nunca foi morar lá com Nicolas, pois o relacionamento terminou na semana em que ele se mudou. Ela e Gaia continuaram no moderno edifício da rue Pernety, em cima dos Correios, e ele foi morar sozinho no enorme duplex.

Antes de embarcar na aventura do romance, Nicolas acordava tarde, se distraía, dava aulas de filosofia, buscava Gaia na escola quando ela ainda era pequena demais para voltar sozinha para casa. Fazia compras na rue Raymond Losserand, e logo ficou conhecido do peixeiro de cabelo comprido, do algeriano que vende frutas e de Claudía, a simpática haitiana da lavanderia. Ele se ocupava da cozinha, da louça e da roupa. Não se incomodava de ser sustentado. Ficava animado ao ouvir a chave de Delphine na fechadura, e o rosto dela se iluminava quando olhava para ele, quando saboreava a comida que ele preparara, com o vinho que ele escolhera. Mais tarde, colocavam Gaia na cama, contavam uma história para ela, depois tinham a noite inteira só para eles.

Quando se conheceram, em 2004, Nicolas tinha vinte e dois anos. Nada de emocionante acontecera em sua vida desde a viagem à Itália com François no verão de 2003, depois do seu fracasso nos estudos. Ainda sentia o impacto da decepção da mãe, embora Emma nunca tivesse expressado isso. A convivência entre eles no apartamento da rue Rollin era tensa. Emma queria que ele se mudasse, apesar de não suportar a ideia de ficar sozinha. Nicolas ansiava por liberdade, mas as aulas particulares não lhe rendiam dinheiro suficiente para pagar o próprio aluguel.

Em uma noite de outono, Lara (que também não fora aprovada no khâgne, mas não se importava com isso, pois tinha acabado de arranjar um emprego em uma revista de prestígio) o levou ao L'Entrepôt, um restaurante da moda no décimo quarto arrondissement. Depois que

Lara foi embora, uma mulher perguntou como ele se sentia. Estava bêbado, esparramado em cima do balcão do bar, num estupor sonolento e nauseado, mas lúcido o suficiente para perceber que ela era atraente, tinha pele muito clara e cabelos castanho-avermelhados. Delphine o levou para sua casa, a cinco minutos de distância dali, mas os dois demoraram mais de meia hora para chegar, porque Nicolas mal conseguia ficar de pé. Ele apagou assim que desabou no sofá e, quando abriu os olhos na manhã seguinte, espantado, não sabia onde estava. Ela lia, bebericando uma xícara de café, de óculos, vestindo uma camisa masculina e mais nada por baixo. Ele se apaixonou por ela no mesmo instante.

Depois que romperam, em 2009, foi no esplendor do apartamento da rue du Laos que Nicolas compreendeu que não tinha mais energia para escrever. Atribuiu sua letargia à partida de Delphine. “Não gosto de quem você se tornou, Nicolas”, dissera Delphine em tom mordaz, durante aquela última e terrível conversa por telefone. “Não gosto nem um pouco desse idiota arrogante que você gosta de fingir que é e que talvez agora seja de verdade.” Ele tentou interrompê-la, mesmo sabendo que era inútil. Depois de começar, Delphine era como um trem sem freios. Nada a detinha. Então ela desabafou. No terraço do andar de cima do duplex, contemplando o Champ de Mars e a torre Eiffel, Nicolas se preparou e escutou.

“É claro que todos nós sabemos que estar exposto a um sucesso avassalador é arriscado. Não estou dizendo que você me traiu, pois sei (espero?) que não foi o que aconteceu, nem estou falando sobre esse assunto. Estou dizendo que antes você se interessava pelas pessoas. Você se interessava, Nicolas. Costumava escutar os outros. Estava presente. Isso acabou. Agora é um queridinho da mídia, e todo mundo corre atrás de você. E o pior é que você passou a gostar disso. Não, não me interrompa. Você nunca foi vaidoso. Agora admira o próprio reflexo nas vitrines das lojas, pelo amor de Deus. Sempre que vai a algum lugar, até ao supermercado, presta atenção para ver se alguém reconheceu você. Procura seu nome no Google o dia inteiro. Passa horas lendo os posts no seu Facebook. Parece achar que procurar as hashtags de Nicolas Kolt no Twitter é mais importante do que falar comigo, com minha filha ou com a coitada da sua mãe. Onde está o Nicolas Duhamel que costumava lavar a louça e fazer piada quando eu chegava em casa? Agora ou você está viajando para divulgar o livro ou se embebedando em algum coquetel. Não é esse tipo de vida que quero levar com você. Fico feliz, de verdade, que o livro tenha mudado sua vida e que o mundo esteja aos seus pés. Não, não me interrompa. Esse livro abriu nossa privacidade para milhares de pessoas. Não aguento mais. Eu até aguentaria se você fosse mais maduro em relação a isso. Mas você não é. Parece um menininho mimado que ganhou presentes demais de aniversário. Escute, Nicolas. Gaia e eu não vamos morar com você. Fique na rue du Laos sozinho. Talvez você finalmente acorde e veja o que está fazendo com sua vida. A vida não se resume a uma grande viagem para divulgar um livro, Nicolas. A vida não se resume a ser reconhecido na rua por leitores apaixonados. A vida não se resume ao número de pessoas que seguem você no Twitter e de amigos que você tem no Facebook. Por favor, diga a Nicolas Kolt que a mim ele não impressiona. Adeus.”

Ela desligou. Desde então (isso já faz dois anos), Nicolas engoliu seu orgulho, e Delphine parou de ser tão ressentida. Não voltaram a ficar juntos, mas continuaram amigos.

Durante as duas primeiras semanas, o duplex da rue du Laos tinha lhe dado a impressão de ser uma enorme caixa branca. Nicolas acordava no meio da noite, desorientado, se perguntando onde estava e por que Delphine não estava na cama com ele. Por que aquele espaço parecia tão grande, e ele, tão insignificante? Sua mãe, quando foi visitá-lo, comentou, hesitante: “Humm... É enorme, não?” No início, ele organizava festas extravagantes, com som alto, os convidados dançavam, gritavam, jogavam garrafas pelas janelas até amanhecer, e a polícia era chamada. Ele foi avisado pelo síndico do prédio que seria expulso se isso continuasse.

Seis meses após o término, Nicolas sentiu necessidade de voltar ao livro. Isso o atormentava, embora ele ainda não tivesse escrito uma linha sequer. Por que sua energia acabara? O que tinha acontecido com Rascar Capac e o clarão azul? Onde estava a chave do mundo secreto onde ele costumava se esconder?

Nicolas mandou pintar de azul-claro o quarto cor-de-rosa de Gaia (que ela nunca chegou a ocupar), comprou na Casa Vitra uma mesa preta estreita e comprida, uma cadeira, uma luminária, e se sentou para escrever. Mas tudo o que ele via na tela do MacBook era o rosto de Delphine. Depois de vinte minutos sem produzir nada (o que significava poucas frases digitadas em ritmo de tartaruga e logo apagadas), empurrou o laptop para o lado e tentou papel e caneta. Onde estava a Montblanc de seu pai? Procurou por todo lado. Não a via desde a mudança. Chegou à conclusão de que não conseguiria escrever o novo livro sem isso. Não se atreveu a ligar para Delphine, que devia estar ocupada mostrando apartamentos para clientes e com certeza não gostaria de ser incomodada, ainda mais por ele. Então, mandou uma mensagem de texto. “Oi. Desculpe. Por acaso, você sabe onde está a Montblanc do meu pai?” Ela respondeu: “Não tenho ideia. Boa sorte.” Por fim, ele a encontrou no bolso de um casaco que não usava há algum tempo.

Armado com sua Montblanc, Nicolas se sentou mais uma vez, a caneta sobre o papel. Sua nova faxineira circulou pelo local em silêncio, preocupada em não perturbar sua concentração, e ele ficou tão constrangido que chegou a fingir que escrevia. Redigiu uma carta de amor para Delphine, por mais que soubesse que nunca a enviaria.

Logo ficou evidente para Nicolas que ele não escreveria o novo livro no duplex. De algum modo, a grandiosidade do apartamento embotava sua criatividade e acentuava sua indolência. Tentou escrever em um café próximo, na avenue de la Motte-Picquet, mas se distraiu observando o vaivém dos pedestres.

Sem saber mais o que fazer, Nicolas decidiu alugar um quarto de sete metros quadrados no alto de um prédio ali perto, na avenue de Lowendal, a cinco minutos de distância. Lembrava a cela de um monge, com uma pia rachada e amarelada em um canto, e um aquecedor descascado no outro. Dava para um prédio idêntico no outro lado do pátio, e parecia perfeitamente tranquilo. Nicolas ficou encantado. Era exatamente o lugar de que precisava para retomar a pleno vapor o processo de criação e afastar de vez a preguiça. Comprou uma carteira escolar velha em um brechó e uma simples cadeira de madeira numa loja Ikea. O único luxo era uma luminária Costanza alta e fina. Ótimo, pensou, e entrou com passo firme e determinado no cubículo que seria seu escritório, munido de sua Montblanc e de um caderno de anotação.

Cantarolando, pegou o antiquado e malcuidado elevador, que fez barulhos alarmantes durante toda a subida, e em seguida se acomodou na escrivaninha. Esticou os braços, abriu os dedos e começou a escrever. Mais uma vez, escreveu para Delphine. Uma longa e linda (ele estava convencido de que era linda) carta de amor. Era um excelente começo, que resultaria em uma delicada e comovente história de amor. Nicolas imaginava o entusiasmo de Alice Dor, conseguia até visualizar a capa do livro, pensava nele próprio falando sobre a história para jornalistas. “Depois do término, fiquei tão arrasado...” Quando olhou para fora, percebeu uma movimentação no apartamento bem à frente. Havia três janelas pequenas com cortinas azuis e verdes. A movimentação se repetiu, e Nicolas, surpreso, viu uma jovem nua correr de um quarto para outro, ou melhor, saltitar, com os braços estendidos e a cabeça erguida, graciosa como uma bailarina. Seus seios atrevidos balançavam sedutoramente, e os cabelos pretos se agitaram em suas costas. Nicolas conseguia vê-la completamente, a pele clara e macia, o bumbum redondo, firme e robusto, a barriga reta e um triângulo de pelos pubianos aparados. Intrigado, excitado, largou a caneta e observou a garota. Indiferente, ela continuava andando de um lado para outro, e ele se perguntou como era possível ela não desconfiar que estava sendo observada. Talvez soubesse e até gostasse. Para Nicolas, era difícil desviar os olhos da bailarina nua e voltar às frases no papel. Ainda mais quando, sem nenhum esforço, ela ergueu a perna, segurou o tornozelo com uma das mãos e lhe ofereceu uma visão extraordinária de suas partes íntimas. Nicolas sentiu sua garganta ficar desconfortavelmente seca. Nesse ritmo, nunca conseguiria escrever o que quer que fosse. Ou precisaria cobrir as vidraças com papel.

No dia seguinte, ele (relutante, mas com muita coragem) virou a mesa de trabalho de costas para a janela, para manter a provocante bailarina fora do seu campo de visão. Então, conseguiu recuperar um pouco a concentração. No entanto, no momento em que, entusiasmado, começou a escrever, descrevendo o quadril de Delphine embaixo do chuveiro, ouviu um grunhido tão alto e tão próximo que teve a impressão de que tinha vindo de trás dele. E mais um, masculino, grave, retumbante, sem dúvida sexual. Vinha do quarto à sua esquerda. Nicolas ficou preocupado. Continuou sentado onde estava, sem saber como agir, enquanto os grunhidos ganhavam intensidade e ritmo. Como conseguiria escrever alguma coisa com uma bailarina nua e uma versão em áudio do Kama Sutra atrás de uma parede fina como papel? Os grunhidos se tornaram gemidos, e ele ouviu uma língua estrangeira. Um baque alto o sobressaltou, e logo em seguida uma pancada violenta, seguida de gritos, fez seu sangue gelar. Moveu-se furtivamente para abrir uma fresta da porta. Mais ruídos, gritos e golpes. Uma silhueta saiu do quarto vizinho e assustou Nicolas. Alguém muito alto, de sexo indeterminado, ombros largos, coxas carnudas espremidas em meias de látex e sapatos de salto agulha. Outra pessoa igualmente robusta e monstruosa apareceu, com uma peruca estilo Luís XIV de cachos platinados, botas pretas de couro até os joelhos, meias arrastão muito justas e um minivestido de plástico. Boquiaberto, Nicolas observou as duas criaturas se dirigirem para o elevador, fazendo tremer as tábuas do chão e conversando em português. Prostitutas? Travestis brasileiros? O que quer que fossem, Nicolas só conseguiria escrever quando não estivessem por perto.

Então, quando as coisas pareciam ter se acalmado, um jovem que Nicolas nunca tinha visto

alugou o quarto da direita. O rapaz passava o tempo todo lá, arranhando da manhã à noite uma guitarra desafinada e berrando a mesma música de James Blunt com uma insuportável voz fina e esganiçada. Nicolas queria matar o sujeito. Certa tarde, uma voz feminina acompanhou os gritos agudos. Era uma voz talvez até mais desagradável do que a masculina, porque era terrivelmente desafinada. Nicolas compreendeu, com desânimo, que o vizinho tinha investido em um karaokê. O casal assassinou “Imagine” e mutilou “Let it Be”. Depois, foi a vez de “Summer Nights”, “All by Myself” e “My Way”. Era tão desagradável de ouvir que Nicolas começou a rir. Riu tanto que chegou a chorar. Gravou, inclusive, trechos do karaokê com o celular, para que pudesse mostrar aos amigos depois. No dia seguinte, o jovem casal fez uma interminável sequência de sexo rápido e brutal. Nicolas suportou tudo. O rangido selvagem das molas da cama. A respiração ofegante. Nada daquilo o excitava. Talvez fosse até pior do que o karaokê. O jovem guinchava como um porco na hora do abate, e a moça mantinha uma mudez estoica, à espera do urro final, aterrador, que não parecia humano. Nicolas percebeu que não tinha coragem de bater na parede para reclamar. E se um deles fosse seu fã, do tipo grudento? Do tipo que seria capaz de bater à sua porta a cada dez minutos? Não podia correr o risco. Então foi à farmácia na avenue de Lowendal e comprou tampões de ouvido. Enfiou-os o mais fundo que podia, para abafar os guinchos e urros. Com isso, passou a ouvir o batimento regular do próprio coração. Era um som estranho e desconcertante, mas infinitamente melhor do que o daquele dueto medonho.

Dia após dia, na sua pequena mesa de trabalho, da qual se levantava de vez em quando para olhar pela janela (sempre na esperança de dar uma olhada na bailarina), ele descobriu que sua concentração era de uma fragilidade desastrosa. Qualquer coisa o distraía. Até a velha senhora que morava no sétimo andar, uma avó quase centenária com as costas curvadas e cabelos brancos, atraía seu interesse. Ela passava o dia lendo, descansando, depois saía para o terraço e conversava com carinho com as plantas, os pássaros, o azul do céu. Certa vez, ela acabou dormindo na espreguiçadeira, a cabeça inclinada para um lado, a saia torcida revelando joelhos frágeis e ossudos, e dormiu por tanto tempo que ele ficou com medo de que tivesse morrido. Por sorte, ela se mexeu, acordou e saiu de novo com passo trôpego. Nicolas se sentia como James Stewart em *Janela indiscreta*, achando graça no espetáculo permanente que os vizinhos tinham a oferecer. No quarto andar, uma jovem mãe brincava com paciência e prazer com os filhos pequenos, e ele adorava observá-la. No quinto andar, uma mulher muito parecida com a atriz de um filme de Pedro Almodóvar (tinha que ser ela! Como podia não ser?) andava de um lado para outro, sempre ao telefone e com um cigarro pendendo dos lábios. Quando ela se sentava na frente da escrivaninha e abria o computador, se ele semicerrasse os olhos conseguiria enxergar o que ela via na tela.

Um último e fatal revés aconteceu numa manhã, quando uma equipe de operários chegou ao seu andar. Um dos quartos estava sendo reformado. Com os dentes cerrados, Nicolas suportou o barulho das pancadas, marteladas, lixas e brocas. O barulho era atroz, mesmo quando ele usava tampões de ouvido. Os operários falavam do amanhecer ao anoitecer, ouviam rádios portáteis no volume máximo, cumprimentando Nicolas alegremente quando ele passava e lhe oferecendo

sanduíches ou algo para beber. Perguntou a um deles quanto tempo duraria a reforma e ficou sabendo, com tristeza, que quatro quartos estavam sendo reformados, que logo mais seria necessário instalar um andaime, e que o prédio inteiro também seria restaurado. Trabalho que levaria pelo menos seis meses.

Aos poucos, Nicolas entendeu que seria inútil tentar escrever na sua cela de monge. Depois disso, fez uma constatação ainda mais amarga. Ele não escreveria nada. Não haveria livro.

Capítulo 7

Como é tranquilo estar aqui, protegido do tumulto do mundo, das notícias preocupantes sobre crise global, bombardeios sangrentos, escândalo sexual envolvendo uma camareira de um hotel de Nova York e um político francês.

A mão de Nicolas está coçando de vontade de pegar o BlackBerry, mas ele sabe que não pode olhar o celular com Malvina sentada ao seu lado. Ainda mais com uma nova mensagem de Sabina. Às vezes, ele se espanta com o fato de essa mulher que ele viu apenas uma vez lhe mandar mensagens tão íntimas. Do que ele sabe com certeza? De muito pouco. No início, quando as mensagens ainda eram banais, ela mencionou que era casada e tinha duas filhas, não muito mais velhas do que ele. Morava com o marido em Berlim, em Prenzlauer Berg. Nicolas gosta de relembrar aquele breve momento em que ficaram frente a frente enquanto ele autografava o livro para ela. Consegue se lembrar de tudo, do trench coat dela, com um cinto elegante apertando a cintura fina, dos radiantes cabelos louro-acinzentados, lisos e curtos, e de como ela olhava para ele. Mulheres mais jovens nunca faziam aquela expressão. Eram muito provocantes, davam risadinhas, eram afetadas ou se embebedavam e se vangloriavam de maneira vulgar, como homens. Ela olhava para ele com um sorriso discreto, e aqueles olhos felinos em nenhum instante piscaram, translúcidos como duas pequenas poças de água. Quando ela lhe entregou o papel com o código PIN do BlackBerry Messenger, seus dedos se tocaram, mas foi a única vez que suas peles se encostaram. Para tirar da cabeça a tentação da mensagem não lida, Nicolas pega o Hamilton Khaki do pai, enfiado no bolso do seu roupão de banho ao lado do celular. Contempla-o em silêncio e é tomado por uma sensação de paz. Imagina seu pai indo comprar o relógio para o décimo aniversário do filho. Será que o pai já sabia o que queria comprar ou foi aconselhado por um vendedor? Ele pensa no Hamilton Khaki na mão do pai, nos olhos azuis brilhando ao examiná-lo, e, depois, nos longos dedos prendendo a correia no pulso do filho. Ainda consegue sentir aqueles dedos paternos em sua pele.

Um último barco se aproxima, barulhento. No início, Nicolas acha que se trata de ilusão de ótica provocada pelo pôr do sol, pelo brilho forte dos raios no mar, um estranho reflexo. Aquele rosto no barco. Ele deixa o relógio de lado, tira os óculos escuros, coloca a mão sobre a testa como se fosse uma viseira e presta atenção. Sua pulsação acelera. O rosto fica cada vez mais visível com a aproximação do barco. Com dedos desajeitados, ele recoloca depressa demais os óculos de sol e olha de novo. O caderno de anotações e a Montblanc caem no chão com um baque. O barco está perto agora, oscilando nas ondas enquanto se prepara para ancorar, abrindo caminho entre as outras lanchas Riva enfileiradas ao longo do píer, o ronco do motor já

reduzindo. Ele se inclina para a frente, tateia para encontrar o boné embaixo da espreguiçadeira e o enfia na cabeça.

— O que houve? — pergunta Malvina, intrigada.

Nicolas não responde.

Como se estivesse hipnotizado, ele observa a mulher desembarcar desajeitadamente, auxiliada por um funcionário do hotel vestido de preto. Há duas pessoas com ela, mas ele mal repara nelas. A mulher é a última a colocar o pé na área de concreto. O corpo volumoso está envolto em uma jelaba branca. Ele reconhece o revelador rabo de cavalo branco ao estilo Karl Lagerfeld sob o chapéu Panamá, a curva do nariz, o traço fino dos lábios vermelhos apertados. Ele jamais a encontrou pessoalmente, nunca a viu em carne e osso, mas assistiu a várias aparições dela na televisão e leu um número razoável de matérias para saber que, sem dúvida alguma, é ela. A mulher sobe com dificuldade os degraus de pedra que levam ao elevador do hotel, apoiada no braço do funcionário. Movimenta-se devagar, e Nicolas repara como ela é alta, corpulenta, maior do que aparentava nas fotos. Sua pele tem a brancura do alabastro e é salpicada de sardas. Não é uma pessoa graciosa, embora ele não consiga deixar de pensar que ela tem um esplendor dramático, como uma rainha medieval avaliando seu reino. Nunca baixa os olhos. O queixo quadrado está empinado, o que lhe confere uma arrogância feroz, acentuada pela expressão irônica da boca. Ela desaparece ao entrar no elevador.

Nicolas relaxa em sua cadeira. Malvina belisca seu braço, assustando-o.

— Nicolas! Quem é aquela mulher?

Ele respira fundo.

— Dagmar Hunoldt.

O nome não significa nada para Malvina. Seu único consolo é que Dagmar tem mais de sessenta anos, está acima do peso e é tão atraente quanto uma baleia encalhada. Mas ela não consegue entender por que Nicolas ficou quieto e coçou a cabeça, algo que sempre faz quando está confuso ou se sente contrariado.

Malvina espera um pouco antes de voltar a falar. Observa os outros hóspedes reunirem seus pertences e irem embora. O Sr. Wong e a Srta. Ming são os últimos a sair. Sobem os degraus com passos lentos. O sol desapareceu atrás da colina.

— Quem é? — pergunta Malvina, por fim, incapaz de conter a curiosidade por mais tempo.

Nicolas suspira. Ela não consegue determinar se é uma manifestação de entusiasmo ou de medo.

— Dagmar Hunoldt é a editora mais poderosa do mundo.

Malvina espera, roendo a unha do polegar. Nicolas continua a falar, sussurrando, o que a obriga a inclinar-se para poder ouvi-lo.

— E ela apareceu aqui no Gallo Nero. Assim, do nada.

— Isso é bom ou ruim? — pergunta Malvina.

Mais uma vez, Nicolas não responde. Sua mente está a toda velocidade. Ela sabia que ele estava na ilha? Aquela foto no Facebook! Um dos assistentes ou dos seguranças deve ter visto a imagem em sua página no Facebook. Talvez ela esteja no barco de algum amigo, ancorado por

perto, e decidiu visitar o hotel por um ou dois dias. Mas talvez tenha vindo por causa dele. Só por ele.

Nicolas se lembra da primeira vez que ouviu falar de Dagmar Hunoldt e descreve a cena para Malvina. Havia sido dois anos antes. Ele almoçava com Alice Dor e Gustave, agora seu ex-namorado, no Orient Extreme, perto da rue de Rennes, e tinha reparado que a expressão de Alice mudara de repente. Era como se ela não escutasse mais o que Gustave dizia. Nicolas virou a cabeça para ver em que direção ela olhava. Havia um grupo de pessoas na entrada do restaurante, mas ninguém que ele reconhecesse. Afinal, o que sabia sobre o mundo editorial naquela época? Era um assunto vago, nebuloso, uma complexa rede de nomes, lugares e logotipos que ele não conseguia decifrar. Levaria algum tempo para aprender.

— Ah! — Alice suspirou.

Gustave olhou para Nicolas e deu de ombros.

— O quê? — perguntou Gustave, por fim, enquanto Alice continuava olhando. — Ou quem?

— Dagmar.

Foi a primeira vez que Nicolas ouviu o nome dela. Dagmar. Ele o achara antiquado, embora poderoso, exótico. Um nome que evocava os vikings, criaturas altas, robustas, de cabelos louros com capacetes alados e peitoral de aço. Dagmar era uma escritora escandinava? Uma musa? Uma agente literária? Uma livreira? Independentemente de quem ela fosse, o espanto nos olhos de Alice não sugeria uma relação harmoniosa entre as duas. O grupo passou, e Nicolas não identificou alguém que pudesse ser Dagmar, ou que, pelo menos, se parecesse com o que ele gostaria que Dagmar fosse. Alice permaneceu em silêncio por algum tempo, então Gustave cutucou-a e perguntou:

— E então?

Ela agitou as mãos, algo que sempre fazia quando as palavras lhe faltavam.

— Quem é Dagmar? — insistiu Gustave. (Ele era banqueiro e não estava familiarizado com o meio editorial.) — A julgar por sua cara, imagino que não seja sua melhor amiga.

Alice franziu as sobrancelhas.

— Com certeza não.

Nicolas e Gustave trocaram olhares diante de seus pratos de makis.

— Não aguento mais esse suspense! — disse Gustave.

Alice se virou mais uma vez para onde o grupo se acomodara, no fundo do restaurante. Em seguida, aproximou-se de Gustave e Nicolas.

— Dentre todos os editores, Dagmar é a mais temida, respeitada e famosa. Ela tem o mundo editorial na palma das mãos.

Quando Nicolas repete essa frase para Malvina, palavra por palavra, ela solta um “Uau!”, espantada. Em seguida, acrescenta, arrancando fiapos da toalha e baixando ainda mais a voz, mesmo que agora já estejam sozinhos:

— Ela está aqui por sua causa?

A parte vaidosa da personalidade de Nicolas gostaria de dizer que sim. Sim, é claro que ela

está aqui por minha causa, Malve, o que você acha? Ela indiretamente já mandou três pessoas para tentar me afastar de Alice Dor. Suzanne Cruz, uma agente de Los Angeles ousada e muito bonita, com um sorriso sagaz. Guillaume Bevernage, editor francês, conhecido por seus acordos audaciosos com Dagmar Hunoldt. E, por fim, Ebba Jakobson, poderosa agente de Nova York, também conhecida por seu forte relacionamento profissional com Dagmar. Três almoços nos restaurantes mais exclusivos de Paris, Nova York e Santa Mônica, e três recusas educadas aos polpudos contratos, aos inacreditáveis adiantamentos astronômicos. Nicolas se lembra então de ter lido não muito tempo antes uma matéria sobre Dagmar Hunoldt na revista *Newsweek* e recorda que algumas frases o tinham divertido e impressionado: “Hunoldt tem um instinto fabuloso sobre um livro, sobre um autor. A equipe a considera absolutamente impiedosa, extraordinariamente inteligente e completamente perversa.”

A parte lúcida de Nicolas murmura:

— Não tenho certeza. Ela pode estar aqui de férias. Não há como saber.

— Ela publica o *Novézan*? — pergunta Malvina.

Nicolas dá uma risada rude.

— Não! *Novézan* não é tão conhecido assim nos Estados Unidos. Sou bem mais que ele.

— *Novézan* sabe quem ela é?

Nicolas olha para Malvina e mais uma vez repara em sua palidez.

— Malve, Dagmar Hunoldt é a Madonna do mundo editorial.

— Bem, não fisicamente.

— Claro que não. Fisicamente, não — responde Nicolas, irritado e com um sorriso de desdém. — O que quero dizer é que ela tem muita força. É uma mulher poderosa nesse nível. Entendeu?

Malvina mexe suavemente a cabeça, concordando. Nicolas sente uma pontada de culpa e aperta sua mão. Está cada vez mais frio. Os funcionários dobram as cadeiras, toalhas e mesas e desmontam os guarda-sóis. É hora de subir para os quartos e preparar-se para a noite.

Enquanto sobem no elevador ao estilo James Bond, Nicolas não consegue parar de pensar em Dagmar Hunoldt e no fato de ela estar no Gallo Nero. Ele esquece a mensagem ainda não lida de Sabina em seu BlackBerry. Esquece que devia telefonar para a mãe, pois ela ainda não retornou suas ligações. Esquece que pretendia fazer contato com François. Ele até parou de imaginar Delphine no chuveiro com outros homens. Quando entra no quarto, acompanhado de uma Malvina silenciosa e pálida, não dá atenção ao novo arranjo de flores, às frutas, à nova roupa de cama, aos chocolates colocados com capricho sobre os travesseiros junto com a previsão do tempo para o dia seguinte (sol, trinta e dois graus), e mal olha para o cartão na escrivaninha, enviado pelo diretor do hotel, Dr. Otto Gheza, convidando-os para um coquetel naquela mesma noite. Em vez disso, Nicolas segue para o terraço, olha o mar e pensa.

Como poderá dizer não? Alguém consegue dizer não a Dagmar Hunoldt?

Um pensamento ainda pior lhe vem à mente, e ele sente um arrepio. Como poderá contar a Dagmar Hunoldt, caso ela de fato tenha ido ao Gallo Nero por causa dele, que não há livro, que ele tem mentido para a sua editora, para si mesmo, para o mundo? Precisarás mentir para ela

também?

Capítulo 8

Os jornalistas não se cansavam de tentar descobrir por que Nicolas decidira continuar com Alice Dor apesar de seu fabuloso sucesso. Era público e notório que todos os editores e agentes do planeta estavam atrás dele. Por que, então, permanecer fiel a uma pequena editora independente? Nicolas dava invariavelmente a mesma resposta. Alice Dor mudou sua vida quando aceitou publicar *O envelope* naquele sombrio dia de inverno em 2007. Ela leu *O envelope* porque Delphine, uma amiga que conheceu na escola onde as filhas das duas estudavam, e com quem tomava um café de vez em quando, insistira. Imaginara que Delphine tinha um caso com um homem mais jovem, porque o vira deixar Gaia na escola quando chegara para deixar Fleur, e assim fora fácil deduzir tudo. Agora Alice sabia por que Delphine tinha um brilho nos olhos e uma leveza no andar. O homem mais jovem, que se chamava Nicolas, era muito charmoso, pensou Alice. Mas ela preferia os mais velhos. Em uma manhã de primavera, ao observar seus músculos marcando a camiseta preta, Alice percebeu que ele era alto e forte. Tinha cabelos pretos e curtos, longas costeletas e olhos claros. E a boca, claro, não passava despercebida, com lábios carnudos e um sorriso largo e radiante. Ele não era apenas bonito, mas também muito amável, como Alice logo descobriu. Educado, gentil, se portava bem. E na manhã em que Delphine entregou-lhe o manuscrito, enquanto tomavam café, Alice sentiu uma faísca de curiosidade.

Tinha quinze manuscritos para ler naquela semana, todos empilhados em sua mesa. Alice preparou uma xícara de café, colocou os óculos e começou a ler *O envelope*, determinada a escrever uma mensagem simpática para Delphine e também para o jovem escritor, na qual diria que considerava aquela primeira tentativa muito promissora. O que logo a deixou intrigada foi o tom. O que ela sabia sobre Nicolas Duhamel? Apenas o que conseguia ver (as costeletas, o sorriso simpático, os músculos sob a camiseta) e o que a amiga lhe contara: um aluno do khâgne, segundo ano do curso preparatório para as Grandes Écoles, que dava aulas de filosofia e morava com a mãe, professora, até conhecer Delphine. Ela apenas dissera: “Leia, Alice. É só o que peço. Por favor.” O tom do livro nada tinha a ver com um homem jovem. Alice ficou tão perplexa que chegou a duvidar que Nicolas Duhamel fosse de fato o autor. Porque era Margaux Dansor quem falava. Margaux, cabelos com mechas grisalhas, quarenta e oito anos. Não Nicolas Duhamel, de vinte e cinco. O romance deixava transparecer sentimentos íntimos de Margaux, os temores, a coragem, sua fragilidade e as descobertas. A descoberta de que seu pai, morto havia muitos anos, não era de fato o homem que ela tinha sido levada a acreditar que ele era. Margaux descobrira a verdade rabiscada em um pedaço de papel enfiado em um envelope

branco, escondido em uma antiga casa em Camogli, uma cidadezinha na Ligúria. Uma verdade que quase a destruiu. Uma verdade que acabou por transformá-la, dando-lhe novas motivações. Os outros personagens eram verossímeis, cativantes, complexos. Arnaud Dansor, marido de Margaux, que se esforçava para acompanhar a busca da esposa, entendê-la. Suas filhas adolescentes, Rose e Angèle, aflitas com a jornada de descoberta em que a mãe se lançara. Sébastien Zech, irmão de Margaux, furioso com o que a irmã estava “desenterrando”, manchando o nome da família. Alice tinha gostado da descrição forte do pai ausente de Margaux, o envolvente Luc Zech, também conhecido como Lucca Zeccherio.

O que mais agradou Alice no livro foi a própria Margaux Dansor. Seu senso de humor, sua perspicácia, sua audácia. Uma professora de piano que ensinava Bach e Mozart, mas que ouvia música disco no seu iPod. Na verdade, seu marido Arnaud a chamava de “rainha da música disco”, para constrangimento das filhas. Margaux dançava sozinha, no seu quarto, na cozinha, ao ritmo de “Stayin’ Alive”, com os movimentos suaves de uma versão feminina de John Travolta. Havia uma fronteira entre a austera professora de piano e a mulher curiosa e persistente em busca de um segredo de família perturbador. Alice se deliciava com os detalhes divertidos que Nicolas Duhamel usava para descrever sua heroína. O medo que Margaux tinha de dirigir (depois de um sério acidente aos dezoito anos, que deixou uma longa cicatriz na sua panturrilha), sua péssima habilidade na cozinha (Arnaud era quem cozinhava bem), sua paixão pela cor azul (o que justificava o fato de Margaux comprar compulsivamente qualquer coisa azul, fosse uma garrafa térmica, um rolo de massa, um cinzeiro... embora não fumasse), sua incapacidade de sentar-se no assento perto da janela em trens ou aviões (bexiga solta, foi a justificativa, o que fez Alice rir), sua incapacidade de entender matemática (uma tremenda desvantagem quando o euro entrou em circulação, em 1999) e a facilidade e a perfeição com que imitava Celine Dion.

Três horas depois Alice terminou o livro, em lágrimas. Não esperava um final tão dramático, o oposto de um final água com açúcar hollywoodiano. Precisou tirar os óculos, secar as lágrimas, assoar o nariz, preparar mais um café e respirar. Estava encantada com a história, com Margaux. De onde esse jovem escritor a tirara? Onde ele plantara suas raízes para construir uma heroína tão inesquecível?

Alice decidiu ligar para ele. Não havia por que esperar. Não havia por que ligar primeiro para Delphine. Ela consultou o relógio. Cinco horas da tarde de um dia frio de dezembro. O número do celular do autor estava na primeira página do manuscrito. Alice então fez a ligação que mudaria a vida de ambos.

— É Nicolas Duhamel? Boa tarde! Sou Alice Dor. Estou incomodando? Não? Ótimo. Quero publicar seu livro.

Estava habituada a ouvir a respiração alterada de seus interlocutores. Sentia prazer ao telefonar para os autores e dizer que publicaria sua obra, e gostava de fazer isso com sua habitual aspereza.

Nicolas Duhamel, no entanto, manteve-se estranhamente silencioso.

— Ainda está aí? — perguntou ela, hesitante.

— Sim. Sim. Obrigado.

— Pode vir até aqui para conversarmos? Precisamos discutir alguns detalhes.

Ele a procurou naquela mesma noite em seu escritório na rue de Rennes, esquina com boulevard Raspail, e ela ainda guarda na memória o modo que ele entrou, com passos largos, as mãos estendidas, o cumprimento caloroso. O homem era mais alto e magro do que ela se lembrava. Transmítia uma sinceridade que a cativou de imediato. Sim, ela podia ver Margaux Dansor ali, em algum lugar, por trás daquele sorriso envolvente, no seu modo de se sentar, tranquilo, com as pernas cruzadas e inclinando-se na direção dela com uma expectativa respeitosa que lhe agradava.

— Gostei do seu livro — disse ela calmamente, com aquela voz grave, rouca, que ele apenas começava a descobrir.

Logo compreendeu que quando Alice Dor dizia “gostei”, queria dizer “adorei”. Ela era do tipo discreto, avessa a superlativos.

Ele se sentou, atônito, devorando-a com seus olhos claros, como se a visse pela primeira vez. Lembrava-se dela, claro, como a amiga com quem Delphine tomava um café todas as manhãs, a mãe de Fleur, uma morena enérgica de quarenta e poucos anos e que parecia sempre apressada. E agora essa mulher queria publicar seu romance. Nicolas olhou ao redor do escritório, que tinha livros perigosamente empilhados quase até o teto, manuscritos, canetas, papéis, um computador, a habitual parafernália dos editores. Na mesa desarrumada de Alice Dor havia fotos de sua filha, Fleur, e de seus autores mais famosos ao lado de convites para lançamentos de livros, prêmios literários, contratos, pastas, anotações, cartões e delicadas orquídeas roxas que se destacavam no meio da confusão.

— Não sei o que dizer — murmurou ele, por fim.

— Ligou para Delphine? — perguntou Alice com um sorriso.

— Não, preferi encontrar com você primeiro, para saber se tudo isso era mesmo verdade.

— Então ligue para ela! Ligue agora.

— Você liga! — sugeriu Nicolas, também com um sorriso.

Alice telefonou para Delphine, que gritou de alegria. Todos saíram para jantar em um restaurante barulhento perto da Saint-Sulpice, onde o simpático e jovem banqueiro Gustave, namorado de Alice, foi encontrá-los. Beberam champanhe, riram, comemoraram e brindaram em homenagem a Margaux Dansor.

Nenhum deles imaginava que o livro tocara tantos corações e daria origem a um filme ganhador de Oscar. Nenhum deles suspeitava que o simpático Nicolas Duhamel gradualmente se transformaria em Nicolas Kolt, alguém um pouco mais blasé e com o coração menos aberto. De algum modo, no entanto, Nicolas já pressentia que a mulher de olhos dourados sentada à sua frente lhe oferecia uma vida nova. Ela acreditava nele. “Por que eu deixaria Alice Dor?”, respondia Nicolas aos jornalistas. “Ela vendeu os direitos do meu livro para o mundo inteiro e também para Hollywood. Por que eu teria interesse em trocar de editora?”

— Mas você não quer mais dinheiro, mais glamour, mais tudo? — insistira sua amiga Lara.
— Você nem chegou aos trinta. Por que não assinar com uma dessas grandes editoras? Foi Alice

quem lhe deu a grande chance, claro, mas por que continuar com ela?

— Porque devo o livro a ela — respondera Nicolas. — Porque devo tudo a ela.

— Você parece um marido fiel e chato — zombara Lara.

— Ah, não ferra.

Lara fez cócegas embaixo do queixo dele, provocando-o.

— Nossa, que mau humor... Eu me pergunto por quê. A propósito, você já começou mesmo o novo romance? Ou anda ocupado demais respondendo aos seus fãs no Facebook?

Nicolas precisou se conter para não bater naquele rostinho irônico. Todos pareciam desnecessariamente ansiosos por seu próximo livro. Alice foi mais cautelosa ao questioná-lo sobre o assunto. Não parecia ter a intenção de pressioná-lo, mas, como um para-raios, ele captou sua ansiedade. Sentia a angústia crescer dentro dela como a sinistra mancha preta no espelho de lorde McRashley, que ficava maior a cada dia.

Como seria possível Nicolas confessar para Alice Dor, agora que ela tinha adquirido os direitos de publicação de seu livro com um adiantamento enorme, porque morria de medo que ele cedesse à abordagem de editoras maiores, que não haveria um novo romance? Como poderia confessar para Alice Dor que, nos últimos seis meses desde que haviam assinado o novo contrato, ele se limitara a colher os louros da fama, saborear a adoração dos fãs, voar em classe executiva, beber champanhe, receber presentes, posar para fotos, dar autógrafos?

Alice Dor tinha comprado um livro que não existia.

Capítulo 9

No luxo silencioso do banheiro em mármore rosa, Nicolas toma uma ducha. Apesar do barulho da água, ele escuta a voz de Malvina, que está no quarto. Ela fala ao telefone com a mãe, em Varsóvia. Nicolas presta atenção na complexa sonoridade de uma língua da qual não entende uma única palavra. Ele nunca se encontrou com a mãe de Malvina, mas já viu fotos dela. A mulher, uma quarentona divorciada e emocionalmente intensa, tem os mesmos olhos azul-esverdeados da filha. A conversa entre elas é sempre demorada, por isso Nicolas sabe que tem bastante tempo para checar seu BlackBerry. O aparelho está escondido embaixo da toalha, no chão.

Quando Nicolas sai do banho, vê sua imagem de corpo inteiro refletida no espelho e repara em seu bronzeado promissor. Vira-se para admirar o contraste entre o branco de suas nádegas firmes e o tom dourado de seu dorso longo e musculoso. Abaixa-se para pegar o BlackBerry com a mão úmida. Ainda não leu a mensagem de Sabina. Clica nela, se preparando. As palavras saltam na tela. “Quero que você goze na minha boca.” Um arrepio eletrizante percorre um caminho ardente até o meio de suas coxas. É como se Sabina estivesse ali, agora, ajoelhada no mármore, os lábios brilhantes entreabertos, os olhos desafiadores e provocantes fixos nos seus. Nicolas não refreia a ereção. Será que dá tempo de se masturbar?, pergunta-se rapidamente. Sim, claro que dá, é questão de poucos minutos. Ele sente a boca aveludada de Sabina se fechando ao redor de seu membro, a pressão de seus lábios, de sua língua. Vê os cabelos louro-acinzentados que Sabina joga para trás enquanto o toca. Nicolas vê suas mãos longas e elegantes, as unhas bem-cuidadas, a aliança de ouro. Ouve os ruídos úmidos que a boca e a língua dela fazem à medida que acelera os movimentos, sem desviar os olhos dos dele. Nicolas a segura pela cabeça e enfia os dedos em seus cabelos sedosos, fazendo-a movimentar-se ainda mais depressa. O orgasmo está muito próximo, intenso, e ele resiste o quanto pode antes de se render.

— Vamos àquele coquetel? — A voz de Malvina soa perigosamente próxima, do outro lado da porta do banheiro.

Nicolas abre os olhos de repente e vê sua imagem no espelho. Boquiaberto, nu, ereção triunfante na mão. Quase perde a fala. Não tinha ouvido Malvina encerrar a conversa com a mãe.

— Podemos ir! — responde com voz rouca.

Empurra o BlackBerry para trás de uma caixa de lenços de papel e, com um movimento abrupto, esconde sua tumescência na toalha.

O ruído de sandálias de salto alto. Malvina entra no banheiro. Está com um vestido turquesa

que ele não conhece. É muito justo, decotado, e revela cada centímetro das suas formas sem ser vulgar nem de mau gosto. Os longos cabelos pretos estão penteados para trás e amarrados com um laço de veludo também preto.

Malvina vasculha o banheiro com os olhos. Parece desconfiada. Nicolas continua a passar a toalha no corpo, tentando parecer natural, despreocupado, embora sinta o rosto vermelho pela culpa. Ela continua sua inspeção. O BlackBerry não está à vista. A ereção de Nicolas diminui a cada segundo. Foi por pouco, pensa, e abre um largo sorriso para ela.

— Você está linda — diz ele, com sinceridade.

— Por que está tão vermelho, Nicolas?

— Peguei muito sol.

Ele ri, envergonhado, e acaricia o laço de veludo com a ponta dos dedos.

— A tal Dagmar estará no coquetel?

— Não tenho a menor ideia.

— O que você vai fazer se ela estiver?

— Vou cumprimentá-la, acho.

Nicolas se apressa para entrar no quarto e se vestir, o coração batendo forte, o corpo ainda pulsando de desejo.

Mais tarde, quando anoitece, eles descem juntos para o terraço, de mãos dadas. Nicolas usa calça jeans preta, camisa branca e um blazer novo verde-escuro. Ele sabe que formam um casal que chama a atenção, sua estatura imponente em contraste com a graciosidade e a delicadeza da namorada. Não costumava ter esses pensamentos quando caminhava pela rua abraçando Delphine. Não se preocupava, na época, com a própria aparência. Mas, desde o furacão Margaux, Nicolas não consegue ir a lugar algum sem tentar adivinhar como os outros o veem.

Ele percebe que esqueceu o convite do Dr. Gheza no quarto, mas parece que isso não é problema, já que são conduzidos a uma área particular perto da piscina por um garçom sorridente vestido com o costumeiro terno preto.

— Bem-vinda, *signorina*. *Benvenuto*, *signor* Kolt.

A música ambiente é suave, na altura ideal. Sopra uma brisa fresca, mas o calor do dia permanece no ar, como uma carícia sensual. As velas cintilam, devagar. O mar está esplêndido, de um azul intenso como se pertencesse a uma pintura. Os convidados riem, bebem, conversam. Garçons passam como se deslizassem, com bandejas de canapés que parecem muito saborosos. Nicolas e Malvina apreciam o champanhe gelado diante do mar cada vez mais escuro. Ele se delicia com o Ruinart, mas também com a sensação de estar seguro em uma pacífica bolha de suntuosidade. Mais cedo, com uma Coca-Cola na mão, ele assistira tranquilamente aos noticiários na TV, e, embora a tela mostrasse imagens perturbadoras, com a costureira parcela de carnificina, crises financeiras, conflitos políticos e escândalos sexuais, ao desligar o aparelho com o controle remoto os dramas do dia haviam sumido. Ele sabia que no quarto ao lado, e em todos os outros, acontecera o mesmo. O Gallo Nero não era um esconderijo para os ricos que queriam esquecer a confusão do mundo exterior?

Nicolas começa a descobrir, com um misto de admiração e culpa, que ali o tempo desacelera,

arrastando-se a passos de tartaruga. Mais importante do que qualquer outra coisa é decidir qual vinho escolher nas refeições, qual brinco exibir no jantar, qual charuto saborear. Ele constata que os convidados daquela noite usam paletós elegantes com gravatas escolhidas a dedo ou smokings. A maioria das mulheres, com exceção da criatura agarrada ao braço de Nelson Novézan, usa roupas refinadas. Nicolas observa os trajes delas. Não é uma tarefa simples, pois Malvina monitora cada piscadela dele. A esposa belga usa um vestido de jérsei cor de damasco com decote generoso. A nadadora suíça, alta e magra, está espetacular em um vestido verde-esmeralda de um ombro só que vai até o chão. A morena voluptuosa de pernas curtas transborda sensualidade em um vestido bordado com paetês e decote profundo nas costas. A loura francesa faz sucesso com seu atraente vestido envelope estilo parisiense.

No terraço, Nicolas olha ao redor à procura de Dagmar Hunoldt e, nervoso, pergunta a si mesmo o que dizer a ela, como deve se apresentar. Mas não a vê. O Sr. Wong e a Srta. Ming, usando quimonos idênticos de seda preta e vermelha, inclinam a cabeça com solenidade. O casal gay, elegante em seus ternos que misturam branco e bege, conversa com Alessandra, a fã insistente, e sua mãe, ambas com jelabas bordadas com pedraria.

Nelson Novézan, já bêbado, apoia-se em uma loura madura espremida em um terninho de couro e com o braço enganchado no dele. Deve ser sua rainha do sexo. Nicolas sorri e ergue o copo na direção dos dois. Novézan dá uma piscadela irreverente, olha com desejo para Malvina em seu vestido turquesa, devorando-a da cabeça aos pés com um sorriso lascivo. Enojada, Malvina vira as costas para ele.

As gêmeas parecidas com Natalie Portman chegam com seu labrador, tão deslumbrantes que todos viram a cabeça para admirá-las. Discretamente, Nicolas faz o mesmo enquanto Malvina pede um copo d'água. Ele repara na leveza de seus vestidos de chiffon rosa-claro, nas coxas magras e douradas, nos sapatos de salto altíssimo e sola vermelha, e nas mechas de cabelo que caem dos coques propositalmente malfeitos. Pouco antes de o olhar de Malvina atingir Nicolas como um bumerangue acusador, ele baixa a cabeça e sorri para o cão.

Um homem careca, com óculos de aro de tartaruga e paletó azul-marinho, apresenta-se como Dr. Otto Gheza, diretor do hotel. Ao seu lado está um ator americano alto, louro, de cinquenta e poucos anos. Nicolas não consegue lembrar seu nome, embora o tenha na ponta da língua. Sorri para ele, mexe a cabeça em concordância e se sente um idiota. Pelo amor de Deus, já assistira a vários filmes com esse sujeito, como é possível ter esquecido o nome dele?

— Então, Sr. Kolt, quando teremos o seu novo livro? — pergunta o Dr. Gheza, muito animado.

Nicolas dá um sorriso contido. Tem uma resposta preparada para essa pergunta.

— Assim que eu acabar de escrevê-lo — dispara.

— A propósito, minha esposa adorou *O envelope* — diz o ator americano com voz pausada, dando uma tragada no cigarro. — Chorou por vários dias. Eu só vi o filme, não cheguei a ler o livro. Robin estava fantástica no papel de Margaux. Concorda comigo? Aposto que adorou o filme.

Nicolas assente. Enquanto o americano continua a divagar, ele percebe que a maioria das

peessoas no terraço parece ter reconhecido o ator e acena e sorri na direção deles. Ao mesmo tempo, repara que as pessoas também o reconheceram. A esposa belga, já com o nível de champanhe elevado, aproxima-se de modo desajeitado, sem se importar com Malvina, o Dr. Gheza ou o ator americano. O nome dela é Isabelle, e não há nada que Nicolas possa fazer ou dizer para impedi-la de falar.

— Oh, oh, oh! — exclama ela, piscando repetidas vezes, agarrada às pérolas como se ameaçassem escorregar de sua jugular pulsante. O calor tinha estragado a maquiagem da mulher, deixando as rugas de seu rosto ainda mais visíveis. — Não acredito que você está aqui, refugiado nesta ilha na costa da Toscana, longe da multidão enlouquecida, justamente quando estou lendo o seu livro! Espere até eu contar para minha irmã e minha mãe! Elas leram antes de mim, sabe, e não se cansavam de me dizer: “Isabelle, não deixe de ler o livro de Nicolas Kolt, você vai amar.” Só consegui ler agora, sabe, porque ando muito ocupada, tenho uma loja na avenue Louise, em Bruxelas, você deve conhecer Bruxelas, claro, li em algum lugar que sua mãe é belga. É inacreditável, quero que jante conosco, pode ser? Com meu marido, meu filho e minha filha. Será incrível, o que acha? Ah, deixe-me tirar uma foto sua para mandar para minha irmã, ela ficará verde de inveja, espere um minuto só, nunca sei como esses telefones funcionam, onde devo clicar...

A filha com o corpo violão pronuncia em voz muito alta uma única palavra, suficiente para trazer a mulher de volta à realidade.

— Mãe!

— Ah, querida, sinto muito, fiquei empolgada, eu só queria...

Constrangido, Nicolas desvia os olhos para o mar enquanto a filha, com pulso firme, afasta a mãe dali.

— Imagino que isso aconteça com frequência, não é? — pergunta o ator americano com um sorriso irônico. — Acontecia comigo, no meu auge.

— Que história é essa? — brinca o Dr. Gheza. — Garanto que as mulheres continuam pulando no seu pescoço até hoje, Chris.

Chris. Nicolas vasculha a memória. Um ator americano, louro, de cinquenta e poucos anos chamado Chris. O rosto do sujeito é muito familiar, mas Nicolas não consegue identificá-lo. Mais uma vez, percorre o terraço com o olhar. Nem sinal da imponente Dagmar Hunoldt. Seria mesmo ela naquela manhã? Como ter certeza? Ele poderia se informar na recepção. Na manhã seguinte, quando descesse para a piscina, perguntaria, como quem não quer nada: “Ah, a propósito, Dagmar chegou?”

Malvina conversa com os jovens gays. Parece menos tímida, mais à vontade. Nicolas fica aliviado. Ela era solitária por natureza. Sua ideia de uma noite perfeita era acomodar-se no sofá, na frente da televisão, com os pés apoiados no colo de Nicolas. Ele a observa. Como é bonita, como é jovem! Quando estava com Delphine, ela cuidava dele. Agora ele é que toma conta de Malvina. É uma sensação agradável, mas que às vezes o cansa. A namorada tem uma personalidade complicada. Diante de seus longos silêncios, Nicolas nunca sabe como agir. Às vezes perde a paciência. Ela lembra Gaia, filha de Delphine, a campeã do mau humor e dos

ataques de pirraça. Cauteloso, Nicolas evita contato visual com a belga (agora bêbada e com os dentes sujos de batom) e também com Alessandra e a mãe, que, devagar, mas com determinação, aproximam-se numa manobra para encurralá-lo. Fazendo um gesto com a cabeça para o Sr. Wong e a Srta. Ming, ele sai em disparada na direção do bar.

Nicolas já tomou três taças de champanhe. Talvez uma quarta seja um erro. Pede ao garçom apenas água com gás. Faz um calor surpreendente, embora já tenha anoitecido. Enquanto bebe, Nicolas pensa em Sabina. Não consegue conter o sorriso. O que diabo ele está fazendo, afinal de contas? Está interessado em uma dona de casa de Berlim que envia mensagens ousadas? Sexo virtual em vez de palavras normais? Uma parte dele sente um pouco de vergonha. Precisa mesmo se envolver nisso? Malvina não ficaria terrivelmente magoada se descobrisse algum dia? Nicolas afasta o sentimento de culpa. Afinal, não está fazendo nada grave. É algo virtual, nada de pele com pele, nenhuma troca de fluidos corporais, nenhum contato. Não é como se ele estivesse tendo um caso. Claro, seria difícil explicar para Malvina se ela descobrisse uma mensagem de Sabina. Isso, no entanto, não aconteceria. Ele jamais perdia seu BlackBerry de vista, e, ainda que ela conseguisse colocar as mãos nele, precisaria ultrapassar a barreira da senha.

— Algo mais, *signor*? — pergunta o barman.

O homem é corpulento, tem cerca de quarenta anos e um sorriso caloroso. O nome que consta no crachá é Giancarlo.

— Não, obrigado — responde Nicolas.

— Espero que esteja aproveitando bem a sua estada no Gallo Nero.

— Sim, estou. Obrigado, Giancarlo.

— O tempo está excelente, não? Para quem gosta de calor, é claro.

— Eu gosto. Vim para cá em busca de três dias de sol.

— É ótimo ver gente da sua idade aqui. Quase todos os hóspedes são mais velhos.

Giancarlo balança uma coqueteleira com uma energia que deixa Nicolas fascinado.

— Em alguns verões chega a ser deprimente — acrescenta o barman com uma careta e a voz mais baixa. Seu sotaque italiano é encantador. — Eu não devia dizer isso quando o Dr. Gheza está por perto, mas pode acreditar em mim, aqui às vezes parece uma casa de repouso. — Ele pisca.

— Ah, você não está falando sério — diz Nicolas, com uma risada.

— Não, é verdade, *signor*! Gosto de ver sangue jovem aqui. Nem sempre isso acontece, o senhor sabe como é. Amanhã, no entanto, será um ótimo dia de sangue novo.

— Por quê? — pergunta Nicolas, intrigado.

— Sessão de fotos para uma famosa revista de moda. Virão as modelos mais gostosas. — Giancarlo ergue a sobrancelha. — Sua namorada é do tipo ciumenta, *signor*?

A expressão de Nicolas é impassível.

— Malvina é mais do que ciumenta.

— Não pode ser mais do que a minha esposa.

— Quer apostar? — pergunta Nicolas.

O barman prepara outro coquetel com o mesmo ardor.

— Bem — reflete Giancarlo enquanto agita outra vez a coqueteleira —, Monica não suporta nem que eu olhe na direção de outra mulher. Eu não disse “para”, disse “na direção de”.

— Acontece o mesmo comigo — concorda Nicolas.

— Acredito. Mas não é só isso. Monica tem uma obsessão doentia por minhas ex-namoradas. Está convencida de que ainda sou apaixonado por elas.

— Comigo também é assim.

— E mais, Monica fica maluca se verifico meu celular com muita frequência. Imagina que estou tendo um caso ou algo parecido.

Nicolas ri.

— Parece que Monica podia ser irmã de Malvina.

O barman também ri.

— Sua namorada não ficará feliz amanhã, *signor*. Haverá um número incrível de jovens deslumbrantes circulando por aqui. Talvez ela queira trancá-lo no quarto o dia inteiro. Estou brincando, claro. O senhor é escritor, certo?

— Sou.

— Desculpe, não leio.

Nicolas já ouviu essa frase tantas vezes que se pergunta como foi possível vender tantos exemplares.

— Quer dizer, não leio livros — acrescenta Giancarlo em seguida. — É óbvio que sei ler.

— Foi o que eu entendi.

Nicolas percebe que está com calor, sede, e louco para tomar um drinque. Não água.

— Eu tomaria uma taça de champanhe, por favor, Giancarlo.

— Claro, *signor*. Agora mesmo.

O homem serve a bebida. Nicolas bebe metade da taça. Depois vira-se para examinar o terraço. Nenhum fã à vista. Malvina continua conversando com o casal gay. Nem sinal de Dagmar Hunoldt.

— Tudo tranquilo? — sussurra o barman.

— Tudo tranquilo. — Nicolas sorri.

— De onde vem a sua inspiração, *signor*?

Nicolas pergunta a si mesmo se Giancarlo tem ideia de quantas vezes ele costuma ouvir essa pergunta e se sabe que sua paciência já está no limite, como uma bateria quase sem carga. Com um só gole, esvazia a taça de champanhe e, em um gesto amplo, aponta para o terraço, o mar, os iates.

— É disso tudo que vem minha inspiração — responde, com uma confiança exagerada.

— O senhor quer dizer que vamos estar no seu novo livro?

— Por que não? — pergunta, e logo completa, em tom irônico: — Se pelo menos o novo livro existisse.

Nicolas imagina o espanto de Giancarlo diante da valiosa e inesperada informação, imagina que ele não o deixará em paz, que pedirá explicações, “Como, *signor*? Não há um próximo livro?”. Por isso, endireita os ombros, fecha os olhos e se prepara para a investida, mas

estranhamente o homem não reage. Nicolas abre os olhos, quase desapontado.

— Está vendo aquela senhora? — sussurra o barman. — Mais à frente, conversando com Dr. Gheza?

Nicolas se vira e vê uma ruiva alta e magra com um fantástico vestido preto de couro e renda, além de grandes fendas nas laterais. Seus sapatos de couro com salto agulha têm tiras e fivelas que sem dúvida evocam prazeres sadomasoquistas.

— Quem é? — pergunta Nicolas.

O rosto da mulher, cujo formato lembra um coração, parece-lhe vagamente familiar.

— Cassia Carper. A editora-chefe daquela famosa revista de moda da qual lhe falei. É quem vai comandar a sessão de fotos amanhã.

É uma mulher de meia-idade, mas com feições jovens. Nicolas observa suas pernas esguias, esculturais.

— Ah, sim, a *signora* Carper é especial! Vem para o Gallo Nero uma vez por ano com a filha e o marido. Organiza uma sessão de fotos todos os verões. O senhor vai ver. É um espetáculo e tanto. Talvez queira aproveitar alguma coisa para o livro... Ah, boa noite, *signorina*. Aceita uma taça de champanhe? Eu estava comentando com o *signor* Kolt sobre os cruzeiros.

Como sempre, Malvina aproximou-se sem ruído, como uma gata, e para ao lado de Nicolas. Responde com frieza:

— Não, obrigada. Só água, por favor. Com gelo. Algo especial sobre os cruzeiros?

Jogada inteligente de Giancarlo, pensa Nicolas, maravilhado, quando os três se viram para o mar, na mesma direção para onde ele olhava momentos antes, enquanto conferia as pernas de Cassia Carper. Uma embarcação enorme navega ao largo, não muito distante da costa, e suas luzes brilhantes piscam como joias no mar azul-escuro.

— Está vendo, *signorina*? Eles passam e saúdam o Gallo Nero.

— Saúdam? — repetiu Malvina.

— Sim. Em italiano chamamos de “*inchino*”. Significa que o navio se aproxima o máximo possível de nós e toca a sirene. Em geral, navegam a uma distância de pelo menos seis ou oito quilômetros, mas no verão chegam a apenas um quilômetro e meio. Aqui está a sua água, *signorina*.

Eles observam o gigantesco navio que se aproxima, todo iluminado. Parece um pesado e vistoso bolo de casamento flutuante.

— É o *Sagamor* — explica Giancarlo. — Um dos maiores. A caminho de Civitavecchia, última escala de um luxuoso cruzeiro de sete dias.

Os hóspedes ao redor deles erguem suas taças para o *Sagamor*, e Nicolas e Malvina fazem o mesmo. Ele imagina milhares de passageiros nos incontáveis conveses do navio, espremidos atrás das balaustradas, minúsculas formigas pretas acenando para eles. E prevê um rumor abafado de música, risada, cantoria e animação enquanto a imensa embarcação se desloca. Por um breve instante, pensa em todas as histórias que podem ser contadas sobre aqueles passageiros. Quem são? De onde vêm? O que os aguarda? Era dali que vinha a sua inspiração, como acabara de declarar, em tom de brincadeira. Era aquilo que poderia fazê-lo começar seu novo romance. Por

que, então, não conseguia desgrudar do Facebook, se motivar, se aprofundar no material à sua disposição, aproveitar o filão, desenvolver alguma coisa? As possibilidades literárias estavam ali mesmo, ao alcance de suas mãos. Bem no fundo, no entanto, sabia como lhe faltava o impulso para escrever. Era tão mais fácil fingir, parecer sério, representar um papel. Quando acabariam as mentiras, afinal? Bem, ele só pensaria nisso depois da temporada no Gallo Nero. No momento, ainda havia pela frente dois dias de uma deliciosa ociosidade azul e dourada. Mais dois dias para não fazer nada. *Farniente*, como dizem os italianos.

O som muito forte de uma sirene ecoou três vezes na escuridão da noite.

— É a saudação — explica Giancarlo.

O *Sagamor* deixa um rastro de espuma nas águas negras. Nicolas decide subir para jantar. Quando se vira para sair, com Malvina pendurada em seu braço, murmura uma despedida e dá uma piscadela discreta para Giancarlo com o olho que Malvina não consegue ver. Impassível, Giancarlo inclina a cabeça educadamente, mas Nicolas sabe que ele captou a mensagem.

No nível mais alto do terraço, sugerem a Nicolas e Malvina uma mesa que não é a melhor, nem tem uma vista privilegiada. Nicolas franze a testa. Irritado, exige a sua mesa preferida. O chefe dos garçons explica que não é possível, porque está reservada para outra pessoa.

— Sabe quem eu sou? — pergunta Nicolas em tom seco.

— Claro que sei, *signor* Kolt — gagueja o garçom.

— Quero aquela mesa.

O Dr. Gheza é chamado. Ele chega com um largo sorriso.

— *Signor* Kolt! Aquela mesa é sua. Já devia estar reservada no seu nome. Desculpe-nos, por favor.

O chefe dos garçons desaparece, confuso. O casal se acomoda.

— Por que você precisa fazer isso de novo? — pergunta Malvina.

Nicolas a ignora enquanto afasta a pontinha de culpa que o aflige por apenas poucos segundos. Ele repara que a maioria dos hóspedes olha na sua direção e sorri. Sim, eles o reconheceram. Ah, veja! É o escritor! É ele? Sim, com certeza é ele. A família ao estilo Vanity Fair, o protótipo da elegância italiana, ergue as taças para Nicolas. Ele sorri e faz o mesmo.

Cassia Carper está na mesa ao lado, acompanhada de um homem elegante de cabelos brancos e de uma adolescente. Nicolas admira mais uma vez as suas pernas e os sapatos, enquanto Malvina examina o cardápio. Ele observa ao redor, mas não vê Dagmar Hunoldt.

— Por que está de cara amarrada? — questiona Malvina.

— Estou com calor, só isso.

Ele tira o blazer e o pendura no encosto da cadeira. Não está com calor, mas não há outro motivo que justifique a cara amarrada. Nicolas está louco para pegar o BlackBerry do bolso da calça, mas não seria capaz de enfrentar a raiva de Malvina se ousasse fazer isso. Ainda não tem notícias de sua mãe. Também nada de François, que não ligou nem ao menos mandou uma mensagem. E Sabina... Aquela última mensagem... Ele mal consegue esperar pela próxima. E será que Alex Brunel tinha postado uma nova foto em seu mural?

Enquanto mordisca um *gressino*, Nicolas sente mais uma pontada de remorso e pergunta a si

mesmo se algum dia conseguirá se desconectar do telefone, dos e-mails, do Facebook, do Twitter. Algum dia ficará livre desse vício? Talvez devesse ir para um lugar sem sinal de celular nem conexão de internet. Ou será que devia ir para aquelas residências de escritores, lugares parecidos com mosteiros, para onde são mandados os autores indisciplinados, permanecendo trancados e sendo forçados a escrever? Nicolas se imagina curvado diante de folhas e mais folhas de papel, Montblanc na mão, escrevendo em uma cela simples de teto alto e com vista para uma paisagem magnífica. Duas vezes por dia, uma mulher esquelética e sinistra, vestida de preto, a própria Sra. Danvers descrita por Daphne du Maurier, colocaria na sua frente, sem dizer uma palavra, uma bandeja com chá, pão e sopa.

A voz do garçom o traz de volta ao requinte do Gallo Nero. Malvina pediu filé de robalo com creme de brócolis. Nicolas escolhe risoto de ostra acompanhado de tartare de atum. Quando os pratos chegam, o casal os saboreia em amistoso silêncio. A comida é excelente, assim como o Orvieto. O chef percorre as mesas e diz a Nicolas que adorou *O envelope*. Sua família é de Camogli, e ele sabe exatamente onde fica a casa branca de Bob e Nancy. Nicolas agradece. Em seguida, vem a terrível pergunta:

— E do que trata o próximo livro, *signor* Kolt?

Com voz amável, Nicolas dá a resposta habitual, sem esquecer o sorriso falso que sempre a acompanha:

— Vai ter que esperar para ver!

Quando termina seu prato, Malvina diz que não quer sobremesa, por isso voltam para a piscina e pedem drinks. O ar está ameno e perfumado. O mar murmura ao longe. Os dois se sentam nas espreguiçadeiras e contemplam a água prateada.

— Feliz aniversário! — sussurra Nicolas, entregando-lhe uma pequena caixa quadrada.

Malvina a abre. O Rolex cintila sob o luar. Ela olha para o relógio na palma de sua mão.

— Gostou? — pergunta Nicolas, hesitante. — Não foi fácil encontrar este modelo. Achei perfeito para você.

— Um Rolex... — murmura Malvina. — Bem, sim, gostei, mas...

Nicolas detém o sorriso.

— Mas o quê?

— Um Rolex, Nicolas! É o tipo de presente que a gente dá para a mãe.

Ele suspira.

— Meu Deus, Malvie. Você não pode apenas agradecer?

— Obrigada — murmura ela depressa. — É lindo. De verdade. Obrigada.

Nicolas tenta desajeitadamente colocar o Rolex no pulso da namorada. O relógio é pesado, não fica bem nela. Ele se sente terrivelmente decepcionado. O momento foi destruído, não apenas pelo comentário de Malvina, que o magoa, embora ele não consiga explicar o motivo, mas também porque reconhece que o relógio de fato não foi feito para ela. Nicolas se lembra da alegria que sentiu ao comprá-lo, da certeza que teve de que ela o usaria com muita graciosidade.

— Estou cansada — sussurra Malvina.

Sua nuca é delicada e frágil, e a pele está mais pálida do que nunca. Ela parece esmorecer

como uma flor murcha.

— Quer voltar para o quarto? — pergunta Nicolas, espantado.

Mas Malvina já está em pé, e só lhe resta acompanhá-la. São apenas onze horas. Ele não está com sono, e a ideia de ir para a cama tão cedo não o atrai. Ouve a música e as risadas tentadoras que vêm do bar às suas costas. Ela se afasta, segue em frente com seus saltos altos e uma rapidez surpreendente.

O quarto foi arrumado para a noite enquanto estavam fora. O ambiente está fresco, calmo e acolhedor. A colcha foi retirada, uma rosa branca e uma caixa de chocolate repousam delicadamente sobre os travesseiros. As cortinas estão fechadas, e as lâmpadas de cabeceira, acesas. O ar-condicionado ronrona, ajustado na temperatura ideal. Toalhas novas os aguardam no banheiro.

— Me beije — diz Malvina.

Nicolas atende o pedido. Em sua mente, no entanto, ele pensa em Sabina, a quem jamais beijou, e, quando acaricia os seios brancos e empinados de Malvina, imagina a pele madura da outra mulher, que ele jamais tocou. É a boca de Sabina que ele sente, a boca de Sabina que ele tanto deseja.

Parte 2

Sábado

16 de julho de 2011

“You’re so vain, you probably think this song is about you.”

Carly Simon

Capítulo 10

Toda vez que Nicolas se registrava em um hotel durante as frequentes viagens para promover o livro, precisava se submeter a uma rotina pessoal que ele considerava necessária para garantir uma noite tranquila. Em sua antiga vida, quando namorava Delphine e dava aulas particulares para alunos irrecuperáveis, ele não se deslocava muito. Suas únicas viagens eram para Bruxelas, quando decidia visitar a família da mãe, e uma vez tinha ido à Itália para aquela noitada com François. A fama recente o lançara ao mundo inteiro. Nicolas descobriu, aos vinte e seis anos, o verdadeiro significado de *jet lag*. Entre 2008 e 2011, viajara para dezenove países. No início, ele se entusiasmava com a novidade, se deliciava com a descoberta de novas cidades, novas pessoas, novos desafios. Dois anos mais tarde, a rotina intensa de viagens começou a cobrar seu preço, e Nicolas percebia isso quando chegava a um hotel para passar a noite e, apesar de exausto, não conseguia dormir. Embora sempre se hospedasse nos melhores hotéis, alguns quartos, por mais requintados e elegantes que fossem, pareciam ter o aviso “incompatível com sono” espalhado pelas paredes. Lara, sua amiga, insistia que a solução era o Feng Shui, uma antiga tradição chinesa que orienta a posição ideal da cama, se voltada para o norte ou para o sul, e também diz se algum espelho reflete vibrações negativas. Nicolas zombara dela, mas agora sabia, desde o instante em que passava pela soleira da porta, se dormiria bem ou não. Era como a primeira impressão que se tem do rosto de uma pessoa. Em pé, no quarto, Nicolas assimilava o que havia à sua volta e identificava o que estava errado. Talvez fosse de fato algo relacionado ao Feng Shui, embora nunca admitisse isso para Lara. A cama fora da posição correta, a mesa ocupando espaço demais, a cadeira no lugar errado, um quadro irritante na parede, uma colcha que lhe parecia mal dobrada, uma cortina fechada de um modo que o incomodava. Sua rotina envolvia arrastar os móveis de um lado para outro até se sentir confortável. Às vezes era a cor das paredes que o perturbava. Ou o cheiro, especialmente se o local estivesse perfumado demais. Com frequência ele voltava à recepção e pedia para trocar de quarto.

Houve duas estadias memoráveis. Uma em Veneza, quando Nicolas foi parar em um quarto repleto de espelhos e sem janelas. Ao fazer o check-in, ele não tinha reparado nesse detalhe porque ficara impressionado com o saguão, um universo estonteante de pingentes prateados e piso de mármore preto, e também pelo quarto em si, uma suíte cor-de-rosa em tom vibrante, onde sua imagem era refletida dezenas de vezes, como na escada sepulcral de lorde McRashley. Até o telefone, uma espiral brilhante em madrepérola, era uma obra de arte, assim como o chuveiro, uma composição cintilante de registros e canos nos quais ele quase não ousava tocar.

Depois da sessão de autógrafos na Libreria Toletta, em Dorsoduro, Nicolas voltou para o

hotel com dor de cabeça. Ignorou o mecanismo complicado do chuveiro, engoliu um analgésico e foi direto para a cama. No meio da noite, uma mão gelada agarrara seu coração. Ele acordou com um sobressalto e bateu até encontrar o interruptor. Em vez do abajur, no entanto, acendeu todas as luzes, e a claridade intensa e ofuscante o fez piscar. Não conseguia mais respirar. Um peso monstruoso apertava seu peito, pressionando seu corpo no colchão. Os espelhos, impassíveis, devolviam o reflexo de sua imagem em pânico enquanto ele continuava deitado, imóvel, arfando como um peixe retirado do aquário. Teve a impressão de estar sendo enterrado vivo. Com dificuldade, conseguiu se arrastar para fora da cama, as pernas pesando uma tonelada, lutando para se manter de pé na intenção de abrir uma janela e aspirar uma salvadora lufada de ar fresco. Mas não havia janela na imensa suíte cor-de-rosa. Apenas o leve ruído do ar-condicionado e a infinidade de espelhos. Nicolas foi até o banheiro e descobriu que lá também não havia janela. Seria um pesadelo? Beliscou-se, com força. Que horas eram? Não importava. Se ele não soubesse logo daquele quarto, morreria. Desabaria no carpete cor-de-rosa e daria seu último suspiro. Já conseguia imaginar as manchetes no *Corriere della Sera*: “Autor de best-seller encontrado morto em hotel de Veneza.” Nicolas abriu a porta e desceu a escada cambaleando. No saguão ornado nas cores preto e prata, a recepcionista atrás do balcão arregalou os olhos ao vê-lo passar. Com certeza imaginou que estivesse drogado. Foi só quando o frio fogueou sua pele que Nicolas se deu conta de que estava na rua, no meio da noite, quase nu. Pelo menos respirava. Estava vivo. Ficaria bem. Contanto que não precisasse voltar para aquele quarto sem janelas.

A outra noite insone foi em Madri. O hotel era luxuoso, com uma piscina verde-jade e um pátio tranquilo com muitas palmeiras. Para os padrões espanhóis, ele tinha ido cedo para a cama, após um bem-sucedido evento na Casa Del Libro. Marta, sua assessora de imprensa, o informara, com um sorriso de desculpas, que ele precisaria se levantar “não muito tarde” para uma importante entrevista durante um café da manhã com um dos principais jornalistas do *El País*. Nicolas adormeceu logo que se sentiu à vontade após a rotineira movimentação de móveis e objetos. O quarto era espaçoso, o amarelo-claro das paredes era agradável e tranquilizador, e não havia barulho, já que dava para o pátio interno e não para a rua.

No meio da noite, uma falação infernal o fez acordar sobressaltado. Quem estava em seu quarto? Pelo som, parecia um grupo grande de pessoas. Como tinham conseguido entrar? O que estavam fazendo ali? Nicolas acendeu a luz e se levantou. Não havia ninguém. Estava sozinho. Foi então que fez uma descoberta desagradável. A porta ao lado de sua cama dava para outra suíte. Nicolas compreendeu que, atrás daquela porta, acontecia uma animadíssima festa entre amigas, comemorando a despedida de solteira de uma delas. As garotas começaram a dançar ao ritmo da “Macarena”, dando gritos animados que lembravam uma manada de elefantes histéricos e desenfreados pela savana. Ele não tinha a menor vontade de participar dessa alegria. Já eram quatro da manhã, e o acordariam em duas horas. Seria melhor juntar-se às vizinhas de quarto, beber e dançar com elas? Cansado, acabou pedindo tampões de ouvido à recepção e não ouviu quando ligaram para despertá-lo. Por isso, perdeu uma entrevista crucial com um jornalista importante.

Enquanto desce para o café da manhã, enrolado em seu roupão branco felpudo, caneta Montblanc e Moleskine na mão, Nicolas se dá conta de que as duas noites passadas no Gallo Nero não tinham exigido o ritual de Feng Shui. Ele se sentira espontaneamente à vontade. Essa sensação teria a ver com o luxo do local? Tudo ali, nos mínimos detalhes, parecia planejado para o conforto dos hóspedes. A delicadeza da disposição dos sabonetes ao redor da pia, a suave fragrância de mel e limão dos lençóis, as cestas de frutas frescas, o atendimento sempre caloroso do pessoal de serviço, a amabilidade das camareiras. Havia no Gallo Nero uma simplicidade que o distinguia de todos os outros hotéis modernos. A sensação era, conforme as palavras de Nicolas ao chegar, de estar hospedado na casa de um amigo. A beleza do hotel, o mar azul encantador, o jardim exuberante e a suavidade da brisa tornavam sua estadia ainda mais agradável. Parecia que a sedutora herdeira romana e o afoito piloto americano sobre os quais lera no site, que haviam construído aquela casa quarenta anos antes porque estavam apaixonados, de algum modo continuavam vivos. Ao menos em espírito. Seria possível o casal aparecer de repente, de mãos dadas? Ela, alta, morena e bronzeada, de pés descalços, nariz aristocrático e uma túnica Pucci. Ele, do tipo viril como Steve McQueen, com uma calça Levi's desbotada e camiseta branca.

Nicolas é conduzido à mesma mesa da véspera. Ainda não são oito horas, mas ele não está cansado, embora tenha dormido pouco. Como conseguiu acordar tão cedo e com tanta disposição? Ele pensa na noite anterior, nos acontecimentos inesperados, e sorri, agradecendo ao pai pelos vigorosos genes dos Koltchine. Os que conseguem administrar as manhãs do dia seguinte. O sol brilha com um esplendor italiano, glorioso, potente. Nicolas pede chá e olha ao redor. Apenas o casal suíço já chegou para o café da manhã. Eles o cumprimentam, e ele acena de volta. Nem sinal de Dagmar Hunoldt. Ela faz todas as refeições no quarto? Continua no hotel? Nicolas prefere pensar nos acontecimentos da noite anterior. Há uma imagem específica que não sai de sua cabeça. Sorri de novo. É um sorriso suave, sensual. A garçonete que serve seu Earl Grey repara como é sedutor o homem à sua frente. Nicolas ergue o olhar, e ela também sorri.

— *Grazie* — diz ele.

— *Prego* — responde ela.

Malvina continua no quarto, ainda adormecida. Ela não tem ideia do que aconteceu na noite anterior depois que se aninhou na grande cama branca. Quando sua respiração se tornou regular, Nicolas correu para o banheiro, trancou a porta e sentiu-se seguro para verificar o BlackBerry. Primeiro, abriu sua página no Facebook. Alex Brunel, sempre uma incógnita, postara uma nova foto. Lá estava Nicolas, inconfundível, sentado no bar, de frente para Giancarlo. Ele havia sido fotografado de costas, do terraço mais alto, mas não era difícil reconhecê-lo. Uma longa costeleta preta estava visível, e também os ombros quadrados sob o blazer verde-escuro. Duzentos e noventa e seis amigos já haviam “curtido” a foto. Nicolas não leu os comentários. A imagem o deixou apreensivo. Detestava ser seguido. No ano anterior, uma jovem descontrolada lhe mandara por e-mail várias fotos em que aparecia nua, com o corpo coberto por dezenas de edições diferentes do livro de Nicolas. Como não recebeu

resposta, ela deu um jeito de conseguir o endereço da casa dele, e depois Nicolas a viu rondando a rue du Laos. Não havia sido nada amável o modo que ela o olhava, de longe.

Não muito tempo atrás, um homem de meia-idade mandou diversas mensagens, nas quais declarava com palavras educadas que jogaria ácido no seu rosto na próxima sessão de autógrafos. Alice Dor e a polícia se encarregaram de tratar desses episódios isolados que, de todo modo, tinham deixado Nicolas nervoso. Ele quase apagou a foto da sua timeline. Divertiu-se com a ideia de bloquear Alex Brunel, para que ele ou ela não pudesse mais postar no seu mural. No momento, porém, não havia ameaça dessa pessoa. Nicolas voltara para o quarto na ponta dos pés. Tudo estava tranquilo. Ele olhou para a varanda. Uma noite magnífica. E se pedisse um limoncello? Havia o risco de o serviço de quarto acordar Malvina. Mais cedo, ela não quisera fazer amor. Alegou que ainda estava enjoada, que precisava dormir. E se ele fosse até o bar? Saiu do quarto, fechou a porta em silêncio e saiu em disparada para o bar. Giancarlo o recebeu com um sorriso de orelha a orelha e entregou-lhe uma dose de limoncello bem gelado. Nicolas tomou de um só gole. Uma sensação maravilhosa. Pediu mais uma dose. Foi ainda melhor. O bar estava vazio, a não ser por um grupo mais afastado, perto da piscina. Todos fumavam, riam e dançavam. Nicolas olhou na direção do terraço do restaurante para verificar se a misteriosa figura de Alex Brunel estava à espreita, na sombra, com um Smartphone na mão, a postos para mais uma foto, mas não viu ninguém. Decidiu telefonar para François, com quem havia tempos não falava. Era quase meia-noite, François agora tinha uma família, esposa e filhos (Nicolas nunca conseguia se lembrar dos nomes), mas não era possível protelar mais. Depois de alguns toques, surgiu a voz gravada de François, a voz grave e séria da qual Nicolas sentia tanta falta. “Você ligou para François Morin. Por favor, deixe a sua mensagem que retornarei em seguida. Obrigado.” Nicolas deixou um recado longo e confuso. Tentou ser espirituoso, como nos velhos tempos, mas não conseguiu. Desligou, sentindo-se péssimo.

Depois do terceiro limoncello, dominado por uma sensação de urgência, ligou para o celular da mãe pela quinta vez naquele dia. Secretária eletrônica. Ninguém na rue Rollin, tampouco. Por que ela não estava em casa se já era quase uma hora da manhã? Por que o celular estava desligado? Sua mãe não costumava fazer isso. E se alguma coisa tivesse acontecido? Quando ele por fim desviou os olhos do telefone, o ator americano louro estava ao seu lado, balançando-se devagar ao alternar o apoio de um pé para outro.

— Como vai? — perguntou o ator com voz arrastada e dando um tapinha em suas costas. — Que tal mais uma dose, cara?

Antes que Nicolas tivesse tempo de respirar, o ator já pedia caipiroskas a Giancarlo. Não havia outra coisa a fazer senão beber. Nicolas não suportava a ideia do quarto silencioso e de Malvina adormecida. A noite havia sido uma decepção. O incidente do Rolex o deixara com uma sensação desagradável. Dois ou três drinques não fazem mal a ninguém. Ele ainda tinha dois dias para aproveitar no Gallo Nero. Por que não passar parte da noite bebendo? Não havia ninguém ali para tentar impedi-lo. Do que o ator se queixava? De problemas conjugais? Da carreira que não progredia? O que quer que fosse, a voz dele parecia vir de muito longe, abafada, distorcida, como se das profundezas de um túnel sem fim. Nicolas agradeceu com um

gesto e bebeu. O americano continuava falando e bebia sem parar. A noite avançava. Por trás da mistura agri-doce de açúcar e limão, Nicolas sentia a vodca penetrar no seu organismo, aquecendo seus braços e pernas, suavizando asperezas, tecendo uma teia nebulosa diante de seus olhos. Observou o grupo dançar e cantar enquanto o americano continuava divagando. A música parecia a mesma o tempo todo. “Hotel California”, dos Eagles. Nicolas ouviu um sinal de alerta em sua mente ao quase cair do banco alto. A voz de Delphine ecoou na sua cabeça. “Nicolas, você está bêbado. De novo.” Ele ignorou tanto o sinal quanto a voz de Delphine e continuou bebendo. O resto do episódio no bar não passava de um borrão na sua mente até Cassia Carper aparecer com seu vestido e seus sapatos tão atraentes. Ela segurava o celular junto ao ouvido. Com quem poderia estar falando àquela hora da noite, em um timbre tão baixo, tão gutural? Ela pediu champanhe e bebeu devagar, sozinha, em pé no bar, perto dele, sem parar de falar, mas Nicolas percebeu que ela o observava com o canto do olho e se aproximava aos poucos. Cada vez que ele olhava para os seus sapatos, sentia um arrepio. De repente, sem ele saber como, a mão de Cassia Carper tocou sua perna quando ela se inclinou para assinar a conta, a mão branca com unhas vermelhas, espalmada de propósito sobre o seu joelho como uma estrela-do-mar possessiva, e ele sentia o calor dela se infiltrar pela calça jeans. A sequência de acontecimentos se tornou confusa. O ator americano tinha desaparecido. Nicolas de repente se viu com uma taça de champanhe na mão e a língua de Cassia Carper dentro da boca. Ele não sabia dizer quanto tempo aquilo durou. Quando voltou para o quarto, já eram três horas da manhã. Nicolas não conseguia andar em linha reta. Seu cartão magnético não funcionava ou ele estava bêbado demais para usá-lo da forma correta. Tateou no escuro durante algum tempo. No momento em que pensava em desistir e dormir ali mesmo, a porta se abriu com um clique, e ele foi direto para o banheiro, no maior silêncio possível, mas qualquer ruído que fazia, por menor que fosse, ressoava como um trovão, pelo menos em sua cabeça. Tirou a roupa com dificuldade, entrou embaixo do chuveiro e abriu a água fria no máximo. Sentiu-se melhor. Secou-se e matou a sede bebendo água diretamente da torneira. Depois conferiu seu celular. Havia um pequeno símbolo azul na tela. Uma mensagem no BlackBerry Messenger. De Sabina. Ele trancou a porta do banheiro. Era pouco provável que Malvina acordasse àquela hora, mas era melhor tomar cuidado.

Não havia palavras na mensagem de Sabina. Apenas uma foto. Uma foto tão irreal que Nicolas precisou olhá-la de perto várias vezes, incrédulo. Estaria imaginando coisas? Estava bêbado a esse ponto? Examinou a tela com atenção. Não, ele não estava imaginando coisas. As coxas de Sabina eram reais, escancaradas para deixar à mostra seu triângulo hipnotizante, um emaranhado de caracóis cor de mel e dois dedos mergulhados na sua doce umidade rosada.

— Aceita um pouco mais de chá, *signor* Kolt?

A garçonete sorri de novo. Nicolas confirma com a cabeça e observa o líquido quente encher a xícara. Ele sabia que era impossível manter aquela foto. Seria perigoso demais. Por isso tinha apenas contemplado a imagem demoradamente, agachado no chão de mármore do banheiro. Se ele pelo menos ainda tivesse seu iPhone, poderia ter dado zoom para saboreá-la melhor, algo que o BlackBerry não fazia tão bem. Uma luz vermelha piscando anunciava uma nova

mensagem de Sabina. “É a sua vez.”

Nicolas descobriu, consternado, que fotografar os próprios órgãos genitais e obter um resultado satisfatório não era tarefa fácil. As caipiroskas e o champanhe também não tinham ajudado. No início, ele só conseguia captar seu quadril ou o umbigo, mas por fim encontrou o ângulo certo. Seu pênis parecia um cachorro-quente malcozido e nada apetitoso. Os testículos tinham o aspecto enrugado de um repolho roxo. Não havia a menor possibilidade de ele enviar aquelas fotos para Sabina. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, Nicolas conseguiu uma foto de sua ereção que desvanecia e a enviou, convencido de que Sabina já estava, sem dúvida, dormindo. Sua resposta, no entanto, foi instantânea. “Goze agora. Farei o mesmo.” Ele não levou muito tempo, e de fato pensou nela, na intimidade rosada exposta em seu BlackBerry, embora a lembrança da língua ágil de Cassia Carper tivesse ajudado.

Nicolas termina de tomar café da manhã e desce para a praia. O mar é só seu, e os funcionários em serviço ficam felizes ao receber o primeiro hóspede do dia. Começa o balé que envolve a cadeira, o guarda-sol, a toalha, o jornal, o suco. Ele se delicia. Em seguida, é deixado sozinho, a não ser por um garçom que fica por perto, à sua disposição.

Admira a beleza do cenário, a transparência da água, os peixes prateados, os barcos ao longe, na linha do horizonte. Aproxima-se da margem, tira o roupão e se joga na água. Por um breve momento, dá vigorosas braçadas no mar gelado. Nenhum sinal de ressaca. A mente pensa de modo claro, e os braços e as pernas transbordam de energia. É uma pena que não consiga usar esses recursos para escrever o novo livro. Olha à volta, fica flutuando um pouco e contempla a casa cor de ocre empoleirada na encosta rochosa, o penhasco cinzento, a praia deserta. O mar nunca o assustou, embora seja quase certo que seu pai tenha se afogado no oceano Atlântico. Nicolas não voltou a Biarritz depois da morte do pai, e isso, sim, a ideia de retornar àquele lugar, lhe dá medo. Ele recusou diversos convites para sessões de autógrafos em Biarritz ou lugares vizinhos porque não podia suportar a ideia de voltar a olhar para a costa basca e a Villa Belza, local exato em que viu a vela negra do barco do pai pela última vez.

Nicolas se vira de costas e toma a direção da praia. Movimenta os braços para trás, cortando a água vigorosamente e batendo as pernas. De repente, sua mão toca uma montanha de carne, e o topo da sua cabeça bate em algo macio. Ele ouve um gorgolejo. Vira-se novamente e depara com um leão-marinho branco com óculos de natação e uma touca florida de plástico. O leão-marinho estremece de indignação.

Dagmar Hunoldt.

O coração de Nicolas quase para.

— Desculpe... — murmura ele.

Sente o rosto queimar, apesar de molhado.

Dagmar Hunoldt tosse, cospe e se engasga por intermináveis instantes. Nicolas se apressa em segurá-la pelo braço, pois naquele ponto o mar é fundo, e os dois são obrigados a nadar para se manter na superfície. Sob seus dedos, a pele de alabastro parece surpreendentemente firme.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Estou, obrigada — responde ela, ofegante, com a voz grave que ele lembra ter ouvido nas

entrevistas de rádio e televisão.

— Gostaria de descansar, fora da água?

— Não — resmunga ela, aborrecida. — Estou bem. Apenas preste atenção por onde nada, rapaz.

Ela tem um levíssimo sotaque que é impossível identificar.

— Desculpe — repete Nicolas. — Pensei que estivesse sozinho.

Ela parece recuperar a compostura e olha para ele através dos óculos de natação embaçados.

— Bem, você não está sozinho.

— Desculpe, mais uma vez.

Nicolas se desculpou três vezes. Dagmar Hunoldt não responde. Talvez agora ele devesse exclamar, com expressão alegre: “Olá, bom dia! Que prazer encontrá-la!” Mas ela o fuzila com um olhar tão furioso que ele não ousa. Dagmar não o reconheceu. Talvez ele pareça diferente com os cabelos molhados.

Um garçom chama por eles da areia. Quer saber se a *signora* está bem.

— *Va bene, grazie* — grita Dagmar Hunoldt em resposta, exibindo seu assustador sorriso branco.

Nicolas se lembra de ter lido em algum lugar que ela fala sete línguas. Que suas origens são misteriosas. Que tem sangue dinamarquês ou norueguês, assim como uma leve herança húngara. Alguma ascendência austríaca ou alemã, também. Ela agora se afasta de Nicolas com fortes braçadas de peito. Ele deve segui-la? Sair da água? Decide nadar também, mantendo-a em seu campo de visão. Talvez mais tarde, quando tirar os óculos de natação, ela ria e diga: “Ah, é você! Nicolas Kolt!” Ele poderia sugerir um café, que tomariam no terraço.

Então conversariam com calma, só os dois. Ele não ousa pensar em Alice e na traição que cometeria apenas por falar com Dagmar Hunoldt. Concentra-se naquele momento, na espantosa coincidência (é mesmo uma coincidência?) de estar ali com ela, Dagmar Hunoldt, a mulher mais poderosa do mundo editorial.

Está nervoso, não pode negar. Ela sempre causava isso nas pessoas, e o fato de não tê-lo reconhecido só piora tudo. Ele ouviu falar do problema que ela tem, ou teve, com bebida, fato que em geral era abafado, mas Nicolas conhecia suas histórias de desmaiar em restaurantes e do amigo fiel que a carregava de volta para casa. Lembra-se também do escândalo que aconteceu na Feira do Livro de Frankfurt, quando ela apareceu no bar do Hessischer Hof, tarde da noite, de braço dado com uma mulher muito jovem. Jovem o suficiente para ser sua neta, segundo lhe contaram, já que ele não estava lá para testemunhar a cena, mas tinha ouvido essa história tantas vezes que ficou com a impressão de ter realmente presenciado. Uma garota linda e graciosa, com um vestido preto de veludo. Mesmo naquele horário, tarde da noite, o bar estava repleto de pessoas importantes do meio literário internacional. Durante algum tempo, Dagmar Hunoldt acariciou a jovem, passou a mão em seus cabelos, em seus cotovelos nus, em suas mãos, o que no início pode ter sido confundido com uma atenção maternal, mas, quando ela segurou o rosto da menina e beijou-a na boca com avidez, os frequentadores do bar ficaram estatelados. Dagmar Hunoldt era conhecida por seu apetite com relação a homens, de todas as idades, de todos os

meios sociais. Diziam que tinha dois maridos em países diferentes, que tinha um filho, agora com cerca de quarenta anos, e uma filha não muito mais nova, além de netos em uma grande cidade europeia, aos quais dedicava boa parte do seu tempo. O episódio no bar do Hessischer Hof deixara claro para o mundo editorial que Dagmar Hunoldt também gostava de mulheres.

Nicolas pensa nisso tudo enquanto nada atrás dela, fascinado pelo movimento dos seus ombros fortes e brancos sob a linha da superfície. Deve mostrar-se à vontade, jovial, despreocupado? Ou educado, discreto, reservado? Sente dor no estômago, a mesma dor que costuma aparecer antes de alguma entrevista estressante para a televisão, e que ele sentira com muita intensidade quando precisou dizer algumas palavras ao vivo na CNN depois que Robin Wright ganhou o Oscar e ele enfrentou o tapete vermelho, um labirinto de microfones e, atrás do olho vermelho da câmera, o mundo inteiro.

Dagmar Hunoldt nada por mais de quarenta e cinco minutos. É uma nadadora rápida e segura. Está em excelente forma, ele constata. Quando ela por fim sai da água, Nicolas se sente aliviado, pois já começava a ficar cansado. Um garçom lhe entrega uma toalha, com a qual ela envolve o corpo volumoso, ao mesmo tempo em que tira a touca e os óculos de natação. Suas pernas, mais finas do que ele teria imaginado, são firmes e musculosas. Ele repara na trama de veias azuis e roxas que sobem por suas coxas. Seu cabelo é platinado. Ela caminha até a espreguiçadeira e se senta. Parece estar desacompanhada. O casal suíço desceu e está pronto para o seu exercício diário: nadar.

Nicolas se aproxima.

— Está tudo bem?

Não sabe se deve chamá-la de “Sra. Hunoldt” ou de “Dagmar”, e, como não consegue se decidir, não acrescenta nada.

Ela o observa com um olhar vazio.

— Esbarrei com a senhora na água... — gagueja ele, apontando para o mar.

— Ah! — Ela sorri. — Sim, foi isso mesmo. Está tudo ótimo. Obrigada.

A mulher desvia os olhos.

Nicolas está perplexo. Ela não o reconheceu e ainda por cima dispensou-o como se ele fosse um mensageiro qualquer. Como ela pode não saber quem ele é? Que absurdo! Não é possível!

Uma ideia começa a germinar em sua mente. Talvez ela faça isso de propósito. Tratá-lo como o mais comum dos mortais. Talvez seja parte de um plano secreto. Dagmar Hunoldt não faz nada do jeito normal. Ela não é igual aos outros editores. Age de acordo com as próprias regras.

— Gostaria de beber alguma coisa? — pergunta Nicolas de repente.

Ela franze as sobrancelhas.

— Beber o quê?

— O que quiser. Cappuccino, chá, champanhe?

— Champanhe? A esta hora?

— Sim — responde ele com um sorriso. — A esta hora.

Ela por fim olha-o de perto, observa o peitoral e os braços musculosos, ainda reluzentes pela

água do mar, a barriga bronzeada e chapada, com a parte inferior sombreada por minúsculas espirais de pelos.

— Bem, por que não? — responde ela, dando de ombros.

— O que quer?

— O mesmo que você.

— Um bellini?

Ela concorda com a cabeça. Nicolas pede dois. Puxa uma cadeira e se senta ao seu lado. Ela colocou o chapéu Panamá. Lembra Glenn Close, a atriz. A pele pálida, o nariz aquilino, os olhos fundos. Nicolas se pergunta como ela era quando jovem. É corpulenta demais para algum dia ter sido bonita. No entanto, ele precisa admitir que a mulher tem algo obscuro que a torna atraente.

Os bellinis são servidos.

— *Santé* — brinda Nicolas, tocando seu copo no dela.

Ele decide esperar que ela diga alguma coisa. Afinal de contas, não há urgência. Se ela foi ao Gallo Nero por causa dele, deve saber como proceder. Está curioso, na expectativa, mas não perguntará nada. Precisa ter paciência.

Nicolas Kolt e Dagmar Hunoldt bebem seus drinques devagar, sem trocar uma palavra. Ao redor, a praia começa a encher. O casal suíço vestiu outra roupa de banho. A família belga (a mãe discreta está com o rosto inchado) pede café e suco. Alessandra e a mãe tomam banho de sol. O casal gay está concentrado em seus Kindle e iPad.

Nenhum dos hóspedes tem ideia da importância do que pode acontecer daqui a pouco, pensa Nicolas. Ele está maravilhado com a originalidade da aproximação de Dagmar Hunoldt. Ela é como uma enorme aranha branca que tece sua teia em um canto afastado e o enreda devagar, sem ainda ter dito uma só palavra. Ele espera, nervoso, já quase acabando seu bellini. O copo está embaçado pelos resíduos de pêssego. O álcool subiu à cabeça, mas a sensação é agradável, inebriante. As pernas tremem de animação. Ele quer que o momento não acabe. Sente prazer com o sol forte nas suas costas, com a brisa marinha, com a presença irresistível de Dagmar Hunoldt. Baixa os olhos e admira o seu pulso forte, a mão quadrada, poderosa. Fascinante. Ela usa um anel de sinete no dedo médio. A mão que assinou contratos de publicação de livros que mudaram vidas. A mão que tirou autores do anonimato e transformou-os em verdadeiras estrelas. A mão que comanda o mundo literário, sempre de acordo com a sua vontade. Quais serão as suas primeiras palavras? E se ela for direto ao ponto, se atacar a jugular dele? Não, ela é sutil demais para agir assim. Quanto mais os minutos passam, mais Nicolas se convence disso. Dagmar deve querer que o assunto tenha repercussão, deseja saborear a conversa como se fosse uma refeição gourmet.

Ainda não sabe qual atitude tomar. Ela deve sem dúvida imaginar que ele não vai desistir do combate. Pelo menos não de imediato. Ele quer ser cortejado. Permitirá que Dagmar Hunoldt venha com uma longa história, mas espera que ela se disponha a fazer a sua melhor performance, só para ele. Anseia por um fascinante galanteio literário. Enquanto observa o seu punho forte, ele tem consciência de que representa para ela apenas mais um trunfo, mais uma aposta, mais um

estratagema. Sabe que ela fez isso muitas vezes, que transformou escritores em instrumentos, moldando-os conforme as suas necessidades. Por um breve momento, ele pensa em *Ligações perigosas*. Ela desempenhará o papel de Merteuil e ele o de Valmont? Nicolas ouviu falar das festas inesquecíveis no apartamento dela em Gramercy Park (embora digam que no ano passado ela se mudou para o Upper East Side), para as quais convidava seus autores e os misturava habilmente com modelos, artistas, herdeiros, nerds, cantores de ópera, jogadores de polo, atores, e até desconhecidos de boa aparência com os quais cruzava no metrô. Ele se lembrou de outros boatos sobre reuniões de negócios que ela fazia no seu famoso escritório branco, no último andar do Flatiron Building, onde era fotografada para a *Vogue* e, diante da vista deslumbrante da Broadway com a Quinta Avenida, desferia o golpe de misericórdia.

As taças vazias são recolhidas. Dagmar Hunoldt reclina-se na cadeira e passa protetor solar no seu rosto impassível, no pescoço e no colo. De perto, sua pele branca é perfeita, quase sem rugas. Uma pequena cirurgia plástica, talvez? Ela não fala com Nicolas, mas ele não se sente rejeitado. Estão juntos em uma bolha de silenciosa cumplicidade. Ele reza para que Malvina não desça agora para não estragar aquele momento. Se ela aparecer, que mantenha o silêncio habitual.

Dagmar Hunoldt diz duas palavras para o horizonte, para os barcos, para o mar. Não para ele.
— Mercúrio retrógrado.

Nicolas aguça os ouvidos. Ela disse “Mercúrio retrógrado”? (A hashtag #WTF, “que merda é essa”, aparece diante de seus olhos, mas ele não está no Twitter. Isto é vida real, não o Twitter.) Se ele disser alguma coisa, seja lá o que for, soará ridículo. Por isso continua calado. Mas o silêncio não soará ridículo do mesmo modo?

— Mercúrio retrógrado — repete Dagmar Hunoldt, com ar sonhador, olhando para o céu e para a água, sem se preocupar com o fato de ele permanecer em silêncio. — Não há o que temer até agosto, mas é preciso cautela.

Nicolas tenta de todos os modos juntar tudo isso em sua cabeça. Tem a sensação de que parece um candidato imbecil em um programa de TV de perguntas e respostas. Do tipo lerdo, que demora a apertar o botão. Como ela é cruel. Por que brincar com ele desse jeito, por que submetê-lo a charadas incompreensíveis?

Ela se vira para ele.

— Entende de astrologia? — pergunta.

— Não — responde ele com sinceridade.

— Três vezes por ano, durante mais ou menos três semanas, o planeta Mercúrio gira no sentido contrário, ou seja, fica retrógrado. Durante essas três semanas, tudo se imobiliza.

Nicolas faz um sinal positivo com a cabeça, sem saber o que ela espera dele. Astrologia não é o seu forte. É o hobby de sua amiga Lara, que conseguiria dizer exatamente o que significa Mercúrio retrógrado. Ela era o tipo de pessoa que exclamaria durante o almoço: “Ah, não, ele é de escorpião. Eu sabia. Bem, nada a fazer. Deixe para lá.” Nicolas se divertia com o modo que a vida de Lara era regida pelos signos do Zodíaco. Ele a provocava sem piedade por causa disso. “Então, o que os astros reservam para você hoje?”, era capaz de perguntar à amiga em uma

mensagem. “Você tem permissão para tomar um drinque com um ariano às seis da tarde?”

— Tudo se imobiliza? O que quer dizer com isso? — pergunta Nicolas, cauteloso.

Dagmar Hunoldt passa mais protetor solar no nariz.

— Bem, este não é o momento de fechar um negócio importante, de assinar um contrato, de comprar uma casa, por exemplo — explica ela. — Veja bem, durante essas três semanas acontecem adiamentos. Surgem problemas. Mercúrio é o planeta da comunicação. Cartas são entregues, mas com atraso. E-mails não chegam. Mensagens não são ouvidas. Neste ano de 2011 Mercúrio começa a ficar retrógrado no dia 2 de agosto. Tenho importantes decisões a tomar nessa data.

— Estou mais familiarizado com Hermes do que com Mercúrio — admite Nicolas, seus antigos reflexos de aluno do khâgne marcando presença de novo.

Ele se pergunta a que ela se refere quando fala em contratos. Contratos de publicação, com certeza. Seria uma primeira mensagem codificada?

— O de tornozelos alados e dedo indicador para cima? — pergunta Dagmar Hunoldt, sorrindo.

— Ele mesmo. O mensageiro dos deuses. Seu equivalente romano é Mercúrio.

— O filho de Zeus protetor dos ladrões, certo?

— Certo. Seu título exato é: Deus dos comerciantes, ladrões, viajantes, esportistas e atletas. Ele também guiava a alma dos mortos para o outro mundo.

— Você parece conhecê-lo bem.

Nicolas pensa nas tediosas aulas que costumava dar para alunos que queriam acima de tudo ficar o mais longe possível de latim, grego e filosofia. Lembra-se das longas horas debruçado sobre livros e provas, confrontando adolescentes entediados e ansiosos por seus smartphones ou uma rápida tragada em um cigarro.

— Hermes e eu cruzamos nossos caminhos — justifica ele.

Espera que ela pergunte como, que pergunte por que, e já pensa no que fazer para que a resposta pareça atraente, mas Dagmar Hunoldt limita-se a coçar de leve o braço com um dedo e sussurrar:

— Que tal nadarmos mais um pouco, Hermes?

Ela já está em pé e coloca a touca e os óculos. Antes que ele tenha tempo de pensar em uma resposta inteligente para o convite, ela mergulha e se afasta com perfeitas braçadas de crawl.

Nicolas continua plantado no mesmo lugar, com as mãos nos quadris. De repente, percebe a presença felina de Malvina ao seu lado.

— Qual é o problema? — pergunta ela.

Nicolas observa a touca estampada subir e descer no mar, menor a cada segundo.

— É Dagmar?

Ele assente.

— O que ela disse?

Nicolas suspira e coça o topo da cabeça.

— Ela está fingindo que não sabe quem eu sou.

Havia uma pergunta, pelo menos essa era a impressão de Nicolas, que jornalistas de todas as nacionalidades invariavelmente faziam, quer trabalhassem para uma revista de prestígio, um blog desconhecido, uma emissora de TV ou um programa de rádio. No início, ele achava divertido. Atualmente, o enfurecia. Não tinham visitado seu site, onde matérias de jornal e críticas literárias em várias línguas estavam disponíveis para quem quisesse ver? Não tinham clicado na sessão FAQ, onde as perguntas mais óbvias eram listadas, e também as respostas?

“De onde veio a ideia para o livro?”

Não havia como escapar dessa pergunta. Era tão inevitável quanto o passar do tempo, quanto o nascer e o pôr do sol todos os dias. Ele agora tinha duas respostas: uma versão longa e uma curta, de acordo com o grau de conectividade que sentisse com o jornalista. Frequentemente usava a versão curta, com a segurança de um ator que recita um texto que conhece de trás para a frente. Uma versão longa, no entanto, e particularmente prolixa, havia sido dada por acaso a um sortudo jornalista em Paris, sem que Nicolas tivesse planejado. Apenas acontecera.

Uma tarde, Nicolas seria entrevistado no luxuoso bar cor de carmim do Hotel Lutetia, no boulevard Raspail, por um jornalista chamado Bertrand Chalais, de uma importante rádio francesa. Era o período de maior sucesso do livro, os efervescentes meses após o Oscar, em 2010, quando o mundo inteiro parecia querer saber quem era o homem que se escondia atrás de *O envelope*. Ele ainda não se cansara de tanta atenção, de tantas entrevistas. Bertrand Chalais era magro, bronzeado, e Nicolas gostou dele de imediato. Ainda era jovem, mas já tinha cabelos grisalhos, como a heroína de Nicolas, Margaux. Usava um relógio Lip T18, um Churchill Gold. Os dois se sentaram em um confortável divã, em um canto tranquilo, onde Chalais faria a gravação. Mais cedo, enquanto esperava pelo jornalista, atrasado dez minutos, Nicolas tinha observado as idas e vindas das pessoas importantes do mundo literário parisiense. Assessores de imprensa com seus autores, esquematizando lançamentos de livros, e editores tentando seduzir ainda mais escritores. Era uma miscelânea incestuosa de rostos familiares aos quais Nicolas tinha se acostumado. Ele era capaz de identificar com precisão a maioria das pessoas sentadas no enorme salão, assim como tinha certeza, não sem orgulho, de que ele também havia sido identificado, pelos murmúrios e olhares disfarçados lançados na sua direção.

Bertrand Chalais explicara que a gravação levaria mais de uma hora, e que ele a editaria para caber nos quinze minutos do seu conhecido programa de entrevistas sobre livros e escritores. O restante seria aproveitado como podcast para uma entrevista on-line exclusiva. Chalais instalou o pequeno e sofisticado equipamento de gravação e começou. Quando fez a inescapável pergunta,

Nicolas partiu para o seu bem-azeitado monólogo sobre o Pôle de la Nationalité e o verdadeiro nome de seu pai. Havia algo especial nos olhos castanhos de Chalais, no seu modo de encarar Nicolas por trás dos óculos de aro invisível. Era um olhar caloroso, afável, mas também divertido, um pouco curioso, como se a resposta de fato o interessasse e ele quisesse mesmo saber de onde Nicolas tirara a ideia para *O envelope*, como se ele não fosse o enésimo jornalista a fazer aquela pergunta. Aos poucos, a resposta de Nicolas começou a desviar-se da versão curta. Quando percebeu, estava descrevendo o que acontecera no cemitério do Père-Lachaise em 2003, depois em 2006, logo após o incidente da renovação do seu passaporte. Enquanto falava, deu-se conta de que nunca mencionara esses episódios a um jornalista, a um amigo nem mesmo a alguém da família.

No dia 7 de agosto de 2003, exatamente dez anos depois que Théodore Duhamel havia desaparecido em algum lugar no oceano Atlântico, ao largo da costa de Guéthary, sem deixar pista, a viúva Emma mandou incluir seu nome no jazigo da família Duhamel na Divisão 92 do cemitério do Père-Lachaise. Tinha havido um encontro de família para essa pequena mas importante cerimônia, e Nicolas lembrou-se das letras douradas do nome do pai, THÉODORE DUHAMEL, esculpidas na lápide de granito ao lado das datas de sua breve existência, 1960-1993. Fora poucas vezes ao cemitério, a não ser para o funeral da avó, Nina Duhamel, em 2000, e uma visita posterior, para mostrar o túmulo de Jim Morrison a um estudante americano que fazia intercâmbio na França.

Depois do encontro familiar com seu avô Lionel, sua mãe e sua tia Elvire, Nicolas decidira ficar ali mais um pouco. Era uma tarde quente de verão, e as colinas do imenso cemitério estavam repletas de turistas. Em dois dias Nicolas partiria para a Itália com François, depois do seu recente fracasso nas provas do khâgne. Naquela tarde, o que ele mais queria era ficar sozinho por algum tempo e não falar nesse revés, nem no seu futuro, que se tornara uma obsessão para sua mãe. O que ele faria agora?, ela não se cansava de perguntar. Tinha apenas vinte e um anos, ainda podia se matricular em outro curso, havia tempo. Quanto mais ela falava, mais Nicolas se fechava como uma ostra. Como sentia falta do pai nesses momentos. Théodore Duhamel incentivaria o filho a escolher outro caminho, qualquer um, e, ainda que a escolha não fosse tradicional, ele apenas daria um tapinha em suas costas e o levaria para jantar em uma *brasserie* lotada, onde era conhecido e reverenciado pelos garçons.

Nicolas ficou aliviado ao ver que os outros visitantes por fim estavam indo embora. Durante uma hora, perambulou entre as sepulturas de Edith Piaf, Modigliani, Jean de La Fontaine e Colette. Achou engraçado o túmulo de Oscar Wilde, coberto de beijos de batom. Voltou para o jazigo da família Duhamel, sobre o qual haviam erigido uma capela estreita e imponente, que lembrava uma cabine telefônica gótica. Sentou-se no interior, na sombra, e apoiou o rosto na pedra fria. Na sepultura vizinha, duas coroas fúnebres murchavam ao sol. “Para o nosso querido pai”, estava escrito em uma delas. “Para o meu filho amado”, dizia a outra. Nicolas saiu da capela para ler o nome na lápide. FAMILLE TARANNE. Muitos estavam enterrados naquela sepultura. Ele se virou de novo para o jazigo dos Duhamel. Muitos ali, também, desde o seu trisavô, Emile, que ele não conhecera, claro. Todos, com exceção do seu pai.

Aos seus pés, repousavam os restos mortais de seus ancestrais Duhamel. Mas não do homem que lhe dera vida. Ele nunca se sentira tão distante de Théodore Duhamel como naquele dia de agosto no cemitério do Père-Lachaise. A saudade que sentia do pai era tão intensa que ele quase chorou, e uma estranha tristeza tomou seu peito. Sua vontade era desvendar o mistério daquele desaparecimento, ainda que a verdade fosse difícil. Adolescente, ele havia perguntado à mãe: “E se papai ainda estiver vivo, se tiver sido atingido na cabeça pela vela do barco e caído no mar, sendo salvo por um desconhecido? E se tiver perdido a memória e não conseguir se lembrar de nada?” Emma Duhamel havia murmurado palavras reconfortantes sobre a impossibilidade de tal história. Seu pai se afogara. Tinha sido um acidente terrível, uma tragédia. Seu corpo não havia sido encontrado, mas ele estava morto. Como ela podia ter tanta certeza?, Nicolas se perguntava. Era mais fácil acreditar que ele tinha morrido e partido para sempre?

De trás de outra sepultura, chegou aos ouvidos de Nicolas o som de conversas e risadas, vozes femininas. A curiosidade foi maior do que sua tristeza. Ele se levantou, avançou devagar até a entrada da Divisão 92 e escondeu-se atrás de um mausoléu. Três jovens rodeavam a estátua de bronze em tamanho natural de um homem deitado de costas. Eram garotas bonitas, com vestidos longos floridos e cabelos ondulados. A estátua era de um realismo incrível, como se o homem tivesse acabado de cair, atingido por um golpe ou uma bala, com o casaco aberto, a cartola no chão, abandonada perto de sua mão enluvada. Uma das jovens estava montada na estátua e havia conotação sexual, enquanto as outras riam e a incentivavam a prosseguir. Nicolas continuou a observá-las, fascinado. A primeira era uma amazona forte que cavalgava a presa com avidez. A segunda, de aparência mais dócil e afável, movia os quadris desenhando um erótico oito, o que fez Nicolas prender a respiração. A terceira segurava com as mãos a cabeça da estátua enquanto, deitada sobre ela, oferecia os seios opulentos aos lábios de bronze. A cena durou vários minutos, e Nicolas saboreou cada instante. Elas foram embora correndo, ainda no meio de muitas risadas.

Ele se aproximou para olhar a estátua. O rosto do homem, com os olhos semicerrados, era a perfeita representação da morte. Violenta, sem dúvida. Victor Noir. Nascido em 1848 e falecido em 1870. Menos de vinte e dois anos quando morreu. Praticamente a sua idade. Todos os detalhes eram representados com perfeição, as lapelas do casaco aberto, o colete, os sapatos. Enquanto a estátua inteira era de cobre esverdeado, a área ao redor de sua virilha, por ter sido tocada muitas vezes, já apresentava uma cor diferente. Um marrom polido, lustroso. Havia claramente uma protuberância sob a calça justa de Victor Noir, e o primeiro botão da braguilha estava aberto. Nicolas inclinou-se e, com um sorriso, tocou a saliência de cobre. De volta à sua casa, pesquisou na internet por Victor Noir e descobriu que se tratava de um jovem jornalista morto com um tiro disparado por um membro da família Bonaparte. Victor Noir, no entanto, conquistou mais fama por causa da estátua em sua sepultura, visitada por mulheres do mundo inteiro, ansiosas por passar a mão em sua pelve em busca de sorte, de fertilidade, ou da possibilidade de arranjar logo um marido.

— Você nunca tinha ouvido falar no túmulo de Victor Noir? — perguntou Chalais com um sorriso.

Nicolas respondeu que não, e que havia sido uma descoberta agradável e interessante. Disse também que só em 2006, três anos mais tarde, voltou ao cemitério, dois dias depois de receber o novo passaporte. Levava na mão a certidão de nascimento do pai. O tempo estava péssimo, com a tristeza típica de uma manhã chuvosa de outubro. Nicolas sentou-se na capela estreita, tremendo, com os pés molhados. Fiodor Koltchine. Pronunciou o nome em voz alta. Koltchine. E agora? O que fazer para tentar entender quem era o seu pai, de onde vinha?

Ele contou a Chalais que, na ida anterior ao Père-Lachaise, se perguntara sobre as circunstâncias da morte do pai. Naquele dia, no entanto, era o seu nascimento que o atormentava. Ele permaneceu algum tempo no cemitério, desamparado, e sentiu de novo uma imensa saudade do pai. O fato de não haver uma sepultura, um corpo, só piorava a situação. Pensou no calor dos braços de Delphine, no consolo que ela lhe daria naquela noite, na rue Pernety. Pensou no seu novo passaporte, no certificado que comprovava que era agora oficialmente francês. Mas quem era Fiodor Koltchine? Quem era o pai do seu pai? O que seu pai soubera de tudo aquilo? O que a mãe dele, Zinaida Koltchine, lhe contara?

Quando foi embora, Nicolas passou pelo túmulo de Victor Noir. Não havia ninguém por perto. O mau tempo dissuadira as mulheres de ir tocar suas partes íntimas. Nicolas sentia a chuva entrar pelo colarinho, umedecer seu casaco. Ali ficou, com a certidão de nascimento encharcada na mão e os olhos fixos na estátua do homem caído. Sentia-se completamente só. A tristeza desaparecera e dera lugar a outra sensação. A visão de Rascar Kapac parecia difundir-se lentamente diante de seus olhos, misturando delicados filamentos azuis com a cortina de chuva que caía sobre a estátua de cobre. Nicolas sentiu a necessidade de escrever, como no avião, quatorze anos antes, uma necessidade imperiosa, instigante e tão inesperada que o fez esquecer o frio. Ele se inclinou e tocou a saliência molhada com dedos frenéticos. Depois, atordoado, pegou o metrô e iniciou a longa viagem de volta para casa. Contou para Chalais que a primeira coisa que fez foi pegar o relógio Hamilton Khaki, que ficava sempre ao lado da sua cama. Sentou-se então na cozinha, com um caderno de anotações e a Montblanc do pai. Preparou um chá. Observou o relógio, às vezes levando aos lábios a superfície lisa de vidro. Depois, quando sentiu que estava pronto, abriu o caderno e colocou-o sobre a mesa bamba da cozinha.

Chalais sabia que estava a caminho da questão fundamental. A entrevista já levava muito mais de uma hora, mas ele suspeitava que o jovem escritor ainda tivesse o que contar. Pediram vinho branco. Enquanto bebiam, Chalais distraiu Nicolas com o relato de uma recente temporada de esqui com a esposa e os filhos. Ele escutou-o com um sorriso. Havia uma jornalista sentada não muito longe deles, uma mulher miúda, com longos cabelos negros. Nicolas tinha cruzado com ela diversas vezes em feiras e premiações literárias. Laurence Taillefer. Era conhecida por seu tom mordaz. As críticas sobre escritores que ela fazia para um jornal de fim de semana eram tão temidas quanto respeitadas. Nicolas gostaria de saber quem ela esperava. Ela lia suas anotações e mordida a ponta de um lápis.

O bar estava lotado, garçons serviam de mesa em mesa, e um pianista tocava “Georgia On My Mind”. Era difícil acreditar que o suntuoso salão art déco, onde o sofisticado círculo literário de Paris bebia champanhe, testemunhara os horrores da Segunda Guerra Mundial.

Nicolas sabia que durante a ocupação o Lutetia havia sido requisitado pelos nazistas. Quando Paris foi libertada, em agosto de 1944, o hotel foi usado como ponto de encontro para que sobreviventes de campos de concentração encontrassem suas famílias.

— Por que *O envelope* é narrado sob o ponto de vista de Margaux, e não o seu? — perguntara Chalais.

Nicolas também esperava por essa pergunta. No entanto, não se importou de respondê-la. Explicou a Chalais como Margaux estabelecera uma distância protetora entre a sua própria história e a dela. Sim, ele podia ter inventado um personagem da sua idade, reconheceu, antecipando-se à pergunta seguinte, o que Chalais compreendeu com um sorriso. Em vez disso, escolheu um percurso narrativo mais complicado. Uma mulher de meia-idade. Por que Camogli e não São Petersburgo?, questionara Chalais. A mesma pergunta, feita por outro jornalista, o teria irritado, porque a ouvira vezes demais. A companhia de Chalais, no entanto, era agradável. Nicolas deu-se conta de que estava satisfeito com a entrevista. Isso não acontecia havia muito tempo. Por cima do ombro, viu que o convidado de Laurence Taillefer tinha chegado. Uma mulher ainda jovem, cujo rosto não lhe dizia nada. Sem dúvida, alguma escritora de quem Taillefer faria picadinho.

Nicolas inclinou-se à frente, com o rosto tão perto do de Chalais que ele conseguia enxergar a ponta dos cílios do jornalista atrás das lentes de seus óculos. Ele se serviu dos amendoins que o garçom lhes ofereceu. Por que Camogli, por que descrever os detalhes complicados daquela química íntima, o intrincado processo que ocorria em algum lugar na sua mente? Os escritores precisam mesmo dar explicações? Por que passariam adiante suas receitas secretas?

Bertrand Chalais deu uma risada que refletia bom humor, e Nicolas teve a sensação de que não estava sendo julgado. Quando a entrevista foi ao ar alguns dias depois, foi agradável ouvi-la, com os acordes de piano ao fundo e as conversas distantes dos hóspedes do Lutetia. Depois, Bertrand Chalais publicou uma longa versão da entrevista em uma revista popular que saía nos fins de semana. Nicolas foi fotografado na sepultura de Victor Noir, usando terno preto e gravata. Ele conquistou mais seguidores no Twitter, mais amigos no Facebook, e ainda mais leitores.

Capítulo 12

Enquanto Malvina pega o elevador para o terraço do hotel, Nicolas sobe devagar os degraus de pedra, perplexo. Precisa de tempo para pensar. Por que Dagmar Hunoldt está fazendo esse jogo? No início, tinha ficado confuso. Agora está indignado.

Quando chega ao terraço, ainda atônito, vê que toda a área da piscina está tomada por material de iluminação, cortinas, refletores e grandes guarda-chuvas prateados. Algumas pessoas correm para cima e para baixo, gritam entre si e para os seus celulares. Outras se concentram no que digitam em seus laptops e smartphones. A paz e a tranquilidade do Gallo Nero não existem mais, porém o clima ainda é de muito glamour. As mulheres usam salto alto, os homens são educados e gentis. Então ele se lembra: a sessão de fotos organizada por Cassia Carper!

Nicolas decide checar seu BlackBerry antes que Malvina o veja e tira o aparelho do bolso do roupão. Uma chamada não atendida. Um número com prefixo da Bélgica tentou contatá-lo. Não deixou recado. Quando retorna a ligação, reconhece a voz de sua tia Roxane. Ele explica que deixou uma mensagem mais cedo, pois não conseguira falar com a mãe.

Roxane é uma versão mais jovem de Emma, tem a mesma expressão radiante, os mesmos olhos nebulosos. E o mesmo humor sarcástico.

— Você quer dizer que não tem ideia de onde está sua mãe?

— Não.

— Ah. — Ela suspira. — Bem, então o caso é pior do que eu imaginava.

Nicolas não entende a insinuação. Não acha graça na resposta.

— O que quer dizer com isso? — pergunta.

Mais um suspiro.

— Não sei como falar isso para você, pois será um choque.

Nicolas sente um arrepio de medo. Era um daqueles momentos decisivos da vida do qual jamais se esqueceria? Sua mãe está doente? Câncer, ou outra coisa igualmente horrível? Seria algo que Emma não tinha ousado lhe contar? E ele nunca fazia perguntas. Devia ser isso. Devia ser por esse motivo que Roxane estava tão estranha. As pernas de Nicolas fraquejam.

— Fale logo, por favor! — grita ao telefone.

— Quando viu Emma pela última vez? — insiste Roxane.

— Não me lembro — responde Nicolas, apreensivo. — Talvez no mês passado. Ou em maio.

Silêncio.

— E de uma hora para a outra começou a se preocupar com ela?

Aonde Roxane quer chegar?

— Está me criticando porque não tenho feito contato com minha mãe?

— Não, de jeito nenhum.

Nicolas morde o lábio.

— Eu sei — murmura ele. — A culpa é minha. Tenho andado ocupado. Com um livro para escrever, e... tantas outras coisas — acrescenta, sem muita convicção.

— Tão ocupado com o livro que não tem tempo para saber da sua mãe, ver como ela está, levá-la para jantar, almoçar, fazer uma viagem?

— Roxane. Por favor. Pare com isso.

— Não, Nicolas. Não vou parar. Não vejo você há algum tempo, quer dizer, em carne e osso, porque em revistas, na TV, no rádio, você aparece sempre...

Nicolas estremece com a ironia que ela usa para atacá-lo com evidente satisfação.

— Eu gostaria de poder dizer isso na sua cara, mas farei por telefone mesmo — prossegue ela. — Fico feliz com o seu estrondoso sucesso, mas sinto muito por você. Espero que um dia você acorde e se dê conta da pessoa fútil e ridícula em que se transformou. Passar bem.

Ela desliga. Nicolas permanece imóvel, plantado onde estava, o telefone ainda junto ao ouvido. A voz de Roxane continua a ecoar em sua cabeça. A acidez daquelas palavras. Pessoa fútil e ridícula. Como ela ousa falar assim com ele? Quem ela pensa que é? Ele devia ter dito alguma coisa, interrompido as acusações, reagido com firmeza. Mas sob a aparente contrariedade e o orgulho ferido, esconde-se uma grande apreensão. Nicolas ainda não sabe onde está sua mãe, o que há de errado com ela. Devia ter ido visitá-la, prometido levá-la para jantar. Já fazia mesmo um mês? Talvez dois, até. Ele percebe agora, desesperado, enquanto observa o azul da água, que sua mãe sempre esteve disponível para ele. Parecia uma coisa normal. Nunca fizera nada por ela além de presenteá-la com um Rolex no seu aniversário de cinquenta anos. Como havia sido ingrato. Que egoísta. E agora aqui está ele, deliciando-se com o sucesso, mais interessado em ser reconhecido quando entra em um restaurante do que preocupado com a saúde da mãe. De repente, lembra-se de um enterro ao qual comparecera no ano anterior. Da mãe de um amigo. No final da missa, o amigo lera uma comovente carta para a mãe morta, com a voz baixa e embargada. Confessou que nunca se preocupara em conhecê-la melhor, que agora compreendia que as mães não são imortais, que não estarão disponíveis para sempre para cuidar dos filhos. E ele nunca lhe dera atenção. Nicolas lembra-se das frases finais da carta, em que o amigo, quase em soluços, descrevera a morte da mãe como o mal-entendido final do seu não relacionamento, e que ele, ofegante e perdido, parecia correr atrás do trem que a levava embora para sempre, mas era tarde demais. Nicolas se agarra com força à grade. Fecha os olhos. Precisa falar com Emma o mais rápido possível. Precisa descobrir como ela está.

— Ei, você! — grita uma voz infantil, assustando-o. — Qual é o seu problema? Está passando mal ou o quê?

Ele baixa os olhos e vê um menino de seis ou sete anos, talvez, mas ele não é bom em calcular idade. O menino está vestido de preto e tem cabelos compridos e dourados. Poderia ser confundido com uma menina, não fosse pelo maxilar quadrado e o pescoço grosso.

— Estou bem — responde Nicolas, olhando ao redor para tentar localizar os pais da criança. Além dos agitados assistentes que preparam a sessão de fotos, ele não vê ninguém que possa ser pai ou mãe do menino.

Os olhos são verde-claros, com pupilas minúsculas, e continuam fixos em Nicolas.

— O que está fazendo? — pergunta, com a mesma voz chorosa. — Vai vomitar?

Nicolas tem pouca paciência e também pouca experiência com crianças. Por que as pessoas insistem em levar os filhos para lugares como aquele, paraísos de serenidade? Crianças deviam ser proibidas de frequentar hotéis de luxo.

— Como você se chama?

— Não é da sua conta. — O menino choraminga.

— Onde está a sua mãe? — pergunta Nicolas, dirigindo-se para o terraço, onde Malvina o espera em uma mesa.

— Pare de fazer perguntas! — grita o garoto, mas o persegue como um mosquito irritante.

Nicolas está louco para empurrá-lo dali, mas não ousa.

— Saia daqui, garoto — diz ele, irritado.

Uma mulher não muito bem-vestida surge não se sabe de onde. Loura, com dentes salientes e nariz queimado de sol. Deve ter quarenta e poucos anos.

— Damian está incomodando? Sinto muito, desculpe. — Ela tem um forte sotaque britânico.

Nicolas dá de ombros.

— Não tenho muito jeito com crianças.

— Entendo — diz ela, em tom afável. — Damian nem sempre é uma criança fácil.

O menino correu para o outro lado da piscina, com os braços erguidos em uma saudação assustadora. Ele para no meio dos assistentes da sessão de fotos, pulando no mesmo lugar, com o rosto vermelho, gritando. Todos olham para ele, estarecidos.

— Ah, meu Deus. — A mãe suspira. — Preciso salvar aquelas pessoas.

— Boa sorte — diz Nicolas.

Ele acredita que ela seja uma mãe solteira que teve o filho tarde e o cria sozinha. Devia tê-lo levado a um lugar onde pudesse brincar com crianças da sua idade.

Malvina toma chá, concentrada no seu iPhone. Ele se senta ao seu lado. Por um instante, pensa em falar sobre Roxane e Dagmar, seus dois ressentimentos atuais, mas decide que é melhor não. O que ela poderia fazer? Nada. O terraço está cheio de hóspedes empolgados com os preparativos para a sessão de fotos. O Dr. Gheza, que toma café no bar, acena para eles, um gesto rápido, que Nicolas retribui. A família belga se delicia com um lanche. Eles comem o dia inteiro? O casal gay joga uma partida de gamão. Alessandra e a mãe escrevem cartões-postais. Nicolas olha ao redor à procura de Dagmar Hunoldt, mas ela não está por perto. O Sr. Wong e a Srta. Ming, deslumbrantes em quimonos de seda cor-de-rosa, curvam-se para cumprimentar todos. O casal suíço ainda deve estar na água. Os franceses, jogando tênis e no spa, sem dúvida. A morena rechonchuda, talvez ainda na cama. Nelson Novézan já foi embora? Há rostos novos que ele ainda não tinha visto. Um grupo de americanos, alguns italianos, e um elegante casal

alemão na mesa ao lado. A expressão aborrecida de Malvina é acompanhada de um silêncio de pedra, o que prenuncia algum problema.

— Está tudo bem? — pergunta Nicolas.

Ela franze a testa.

— Não. Mas você está ocupado demais para se preocupar comigo.

Ele faz o possível para se manter calmo e cerra furiosamente o maxilar. Ela merece o mesmo tratamento que Damian. O menino, ele percebe, está sendo repreendido pela mãe, um pouco adiante. Antes que Malvina reúna palavras que, Nicolas sabe, podem ser tão desagradáveis quanto o sermão de Roxane, sussurros são ouvidos ao redor. Surgem três modelos vestindo lingerie, empoleiradas em saltos altíssimos e seguidas por um batalhão de cabeleireiros e maquiadores. Pernas longas, cabelos compridos e, Nicolas percebe com prazer, não são magras demais. Duas morenas e uma loura. Elas riem e brincam com os assistentes e a equipe de maquiadores, aparentemente indiferentes a tantos olhares de admiração por sua juventude, nudez e beleza. De onde será que vieram?, Nicolas se pergunta. De alguma cidadezinha adormecida em Oklahoma, ou de uma remota ilha escandinava?

— Pelo menos feche a boca. Você está babando — dispara Malvina.

— O que há de errado com você? — pergunta ele.

Ela suspira.

— Não tenho me sentido bem desde que chegamos.

— Talvez seja melhor procurar um médico — sugere ele, fazendo um esforço incrível para não olhar para uma das morenas, cuja calcinha de renda mal cobre a pelve.

— Pode ser — murmura Malvina. — Ah, e a propósito, tem mais uma foto sua no Facebook postada por Alex Brunel.

— O quê?! — exclama Nicolas.

Malvina lhe entrega o iPhone. A foto foi feita naquele mesmo dia, enquanto ele tomava café da manhã, sozinho. Tinha sido “curtida” centenas de vezes.

— Merda — diz ele, entre os dentes.

Quem era Alex Brunel? Nicolas tinha reparado apenas no casal suíço perto dele durante o café. Alex Brunel poderia ser um deles? Havia também a garçonete simpática e risonha. A música explode, e todos se surpreendem. Uma antiga canção de Sheryl Crow, com uma guitarra altíssima. As modelos começam a dançar, balançando os quadris incrivelmente magros conforme a música e jogando para trás os cabelos pretos sedosos, os braços erguidos para o céu azul, para o sol abrasador. Nicolas repara em um rapaz franzino no meio delas, com uma câmera na mão. Ele o havia confundido com um assistente, ou um cabeleireiro, mas agora percebe que é o fotógrafo. Um fotógrafo da sua idade, nem trinta anos. Usa calça jeans de cintura baixa, surrada, e camiseta vermelha sem mangas. Nicolas não consegue ver seu rosto, encoberto pela máquina fotográfica, mas percebe que tem cabelos pretos curtos. Quando ele larga a câmera, Nicolas descobre que se trata, na verdade, de uma garota. Isso o faz rir. Um clássico de Madonna toca no volume máximo. As três modelos dançam como se estivessem em uma boate. Movimentam-se juntas como frágeis flores ao vento, inclinam o corpo para a frente e para trás, os lábios

simulando beijos e os olhos semicerrados, como se estivessem em transe. Até Damian, o menino, as admira em silêncio, espantado. Elas são lindas. A jovem fotógrafa clica sem parar, com as pernas curvadas e um sorriso cômico. Nicolas vê Cassia Carper em pé atrás de uma estilista, observando a cena com expressão concentrada, enquanto um de seus pés, acomodado em outra sandália de tirar o fôlego, acompanha o ritmo. Ele já imagina como as fotos ficarão sensacionais no papel brilhante da revista. Cassia Carper olha no visor da câmera para conferir com a jovem fotógrafa as melhores imagens. Controla com olhos de águia cada detalhe da sessão. Hoje está com um vestido branco curto de costas nuas. Sua boca é rosada e cintilante. Nem uma vez olhou na direção de Nicolas. Ela realmente o beijou na noite passada? Ou isso era apenas parte de um sonho erótico? Não, ela de fato o beijou. Ele ainda sente com surpreendente clareza a língua dela dentro de sua boca.

— Conhece aquela ruiva? — pergunta Malvina em tom seco.

Nicolas dá de ombros.

— Acho que a conheci em um coquetel, em Paris. Não tenho certeza.

Ele pede chá antes que Malvina desande a fazer mais perguntas. Começa a se questionar se aquela temporada no Gallo Nero não teria sido um erro. Apesar da beleza do cenário, o livro inexistente é um peso enorme que ele carrega nos ombros. Acreditava mesmo que conseguiria começar a escrever naquelas circunstâncias? A quem ele queria enganar?

— Preciso falar com minha mãe — explica Nicolas, para que Malvina não se assuste ao vê-lo manusear o BlackBerry. — Não sei por onde ela anda. Estou preocupado.

O número da sua assessora de imprensa aparece na tela. Por que Dita Dallard telefonaria para ele em pleno sábado, no meio das suas férias? Ela sabe que ele prefere contato por e-mail. Que não gosta de ser incomodado. Se ela está ligando, deve ser algo importante. Ele gosta de trabalhar com Dita, uma mulher brilhante, de trinta e poucos anos, com um sorriso malicioso, formas sinuosas e ótimo senso de humor. Quando ela começou a trabalhar com Nicolas, nenhum dos dois sabia que *O envelope* seria publicado no mundo inteiro e que, então, o mundo inteiro passaria a endeusá-lo. Dita começou sua carreira na Alice Dor Publications como assistente, quatro anos antes, mas, quando o furacão Margaux começou a soprar, suas iniciativas, ideias e energia lhe renderam o emprego de assessora de imprensa particular de Nicolas Kolt.

Assim que ouve a voz dela, Nicolas sente que a notícia não é boa. Dita nunca faz rodeios. Ele gosta disso. Ela apenas diz:

— Laurence Taillefer.

— Pode falar.

— Acho que você não deve ler o que ela escreveu.

— Foi tão terrível?

— Sim.

— Saiu hoje de manhã?

— Sim.

— Alice leu?

— Sim. Ela quer falar com você.

Nicolas consegue visualizar com clareza o artigo, como se a página estivesse aberta na mesa à sua frente. Uma página inteira, em um jornal que todos os franceses leem nos fins de semana.

— Mande para mim — pede.

— Não acho uma boa ideia.

— Preciso aprender a enfrentar esse tipo de coisa, Dita — argumenta ele.

Ela hesita, depois concorda.

— Tudo bem. Mando agora. Telefone se precisar de mim. Ligue para Alice, ou ela vai ficar preocupada. E lembre-se: Laurence Taillefer nunca gostou de você. Essa matéria não é uma surpresa.

Nicolas murmura uma despedida.

— O que houve? — pergunta Malvina.

Ele tenta sorrir.

— Uma matéria ruim no jornal.

Ele se lembra de que a última vez que viu a temível Laurence Taillefer foi durante a entrevista que deu para Bertrand Chalais, no ano anterior, no Hotel Lutetia. Havia lhe dito que ela raramente entrevistava autores. Nas suas críticas, ela dissecava livros, escritores, fenômenos editoriais. Era capaz tanto de levar um autor à glória quanto de jogá-lo no inferno.

— Quem se importa com uma matéria ruim quando você tem milhões de leitores ao redor do mundo? — Malvina tenta tranquilizá-lo e acaricia sua mão.

Ela tem razão, claro. Era melhor não ler. Quem se importa, quando tantas pessoas adoram o seu livro, quando ele continua sendo um campeão de vendas? No entanto, nesse momento frágil e difícil de sua vida, ele sente que precisa saber.

Dita mandou o artigo por e-mail, e tudo que Nicolas precisa fazer é clicar nele.

“A síndrome ‘Nicolas Kolt’ e outras vaidades”, por Laurence Taillefer.

Ele baixa o olhar para seu BlackBerry e protege a tela com a mão. Não consegue mais ouvir a música, não vê mais as modelos, a jovem fotógrafa, Cassia Carper no vestido branco, ou mesmo os hóspedes sentados ao seu redor como se estivessem em um teatro, assistindo a um espetáculo. Só tem olhos para as palavras que estão prestes a atacá-lo com seu veneno, do qual ele não sabe como se proteger. Talvez não ler o artigo seja a sua única proteção, pensa, erguendo os olhos só uma vez para o azul do mar e baixando-os em seguida. É tarde demais. Já começou.

No início, as palavras não fazem sentido, parecem confusas, incoerentes, e ele precisa recomençar a leitura mais devagar.

“Nicolas Duhamel precisou renovar seu passaporte em 2006. Por ter pai e mãe nascidos no exterior, as novas leis governamentais exigiram que ele comprovasse a nacionalidade francesa, mesmo tendo nascido na França. Daí surgiu a ideia de *O envelope*, como o mundo inteiro agora sabe. Naquela época menos gloriosa, antes da bombástica publicação do livro, Duhamel era um professor particular que batalhava para sobreviver. Podemos imaginá-lo ensinando Platão ou Nietzsche a jovens alunas, sem dúvida admiradas por sua bela imagem... Esse é o problema com ‘Nicolas Kolt’. É fácil olhar para ele, é fácil ler o seu livro. Fácil

demaís? *O envelope* está na boca de todo mundo, nas mãos de todo mundo. Por quê? O sucesso será devido a uma maciça e bem-feita campanha de marketing criada por editores perspicazes e lançada no mundo inteiro e não tanto ao seu talento? ‘Nicolas Kolt’ tornou-se uma inexorável e inevitável marca. Suas feições severas de ‘bad boy’ estampam capas de revista, vidros de perfume, comerciais de relógios e de óculos de sol. ‘Nicolas Kolt’ parece deslumbrante na TV. Teve uma pequena participação no filme baseado no seu livro, e seus incontáveis fãs ficaram fascinados (se não acreditam no que digo, visitem sua página no Facebook). ‘Nicolas Kolt’ tornou-se um escritor cult da famosa geração Y, essa gente habituada a recortar, copiar e colar, a zapear, que não vive sem redes sociais, e-books e smartphones, que adora ‘curtir’, ‘retuitar’ e ‘cutucar’, que acumula amigos, fãs e seguidores, que gosta de vacuidade e futilidade. *O envelope* é um romance mediano de um escritor iniciante. Não é extremamente bom, também não é de todo ruim. Trata com bastante inteligência de um obscuro segredo de família. Consegue prender o leitor. É uma história sentimental eficaz que poderá agradar às avós, e talvez também aos jovens. Por que ainda faz tanto sucesso, três anos depois de publicado? Será pelo Oscar de Robin Wright? O que leva tanta gente a ler *O envelope*? A resposta é que ‘Nicolas Kolt’ seduz com facilidade. ‘Nicolas Kolt’ só faz sucesso porque os editores decidiram que ele faria sucesso e, obedientes como cordeiros, as massas o seguem. ‘Nicolas Kolt’, autor de um best-seller internacional, lido de Estocolmo a Seattle, adorado por milhões de seguidores ao redor do mundo, não é um escritor. É um produto.”

Nesse ponto, Nicolas ergue de novo o olhar em direção ao mar.

— Você está bem? — pergunta Malvina.

Ele não responde. Pensa em Alice Dor, que espera a sua ligação. De algum modo, ela encontraria palavras para consolá-lo, mas não quer falar com ela agora. Pensa em todos os seus conhecidos que estão lendo o jornal enquanto tomam o café da manhã, pensa naqueles que darão um sorriso, ou até uma risada, pensa nos que ficarão tristes, pensa nos fãs, no que estará escrito no seu mural no Facebook, no Twitter, nos e-mails, pensa naqueles que não se incomodarão, e sonha em ser como eles. Não consegue ler o restante. Decide pular um trecho grande, e toca a tela do BlackBerry até chegar ao parágrafo final.

“Nicolas Duhamel devia se afastar das frenéticas redes sociais das quais não consegue desgrudar. Talvez devesse parar de tuitar de uma vez por todas. A pergunta é: ‘Nicolas Kolt’ voltará a escrever um romance algum dia? Surfará eternamente na onda do sucesso de *O envelope*, alimentado por editores gananciosos, que abocanharão lucros até que seu encanto desapareça e outro escritor-produto ocupe seu lugar? Não haverá um novo livro de ‘Nicolas Kolt’. Ele está ocupado demais, contemplando-se nas centenas de espelhos voltados para ele.”

Nicolas se levanta, atordoadado. Não consegue falar. Há uma verdade cruel na matéria que o atinge profundamente, ainda que Laurence Taillefer tenha exagerado. Ele sente as pernas fracas, a boca seca e o estômago embrulhado. Alheio à música, às modelos, às conversas, caminha até a lateral do terraço que dá para o mar. Malvina o segue, com a mão apoiada nas suas costas. Permanecem ali por um instante, em silêncio, os olhos perdidos na imensidão azul. Ele pensa em Laurence Taillefer escrevendo. Imagina que ela está em seu escritório, onde quer que ele se

localize, curvada diante do computador, concentrada na escolha das palavras mais cruéis, das que machucarão mais. Ela sorri enquanto escreve seus artigos? Quando escreveu este? Ele devia postar algo no Twitter, no Facebook, antecipar-se às reações. A última coisa que quer é a piedade dos leitores. Enfiado no seu roupão, Nicolas começa a sentir calor e sonha com o frescor da água. Nadar mais um pouco talvez o anime. E se ele esbarrar de novo com Dagmar Hunoldt? Não suportaria ser humilhado de novo, não no seu estado atual.

— Você disse que precisava ligar para sua mãe — sugere Malvina, com delicadeza.

Ela tem razão, é o que ele deve fazer. Encontrar Emma. Telefonar até ouvir sua voz. Ele se afasta alguns passos para ficar sozinho. Ainda está desorientado, como se alguém o tivesse atingido na cabeça. Liga para o celular da mãe. Espera ouvir a caixa postal e surpreende-se quando um homem atende.

— Alô? — diz Nicolas.

— Quem é? — pergunta o desconhecido.

— Devo ter ligado para o número errado... Quero falar com Emma Duhamel.

— É o celular dela — explica o sujeito, com educação.

Quem é esse sujeito?, Nicolas se pergunta. Por que atendeu o celular da sua mãe? Seu coração quase parou. E se Emma estiver no hospital e esse homem for um médico? Um médico portador de más notícias. Ele gagueja:

— Ela... está por aí?

O desconhecido pigarreia.

— Você é...?

— Filho dela.

— Filho dela?

— Isso mesmo.

Há um momento de silêncio. Nicolas ouve uma música muito distante.

— Alô?

— Continuo aqui — diz o homem.

— Minha mãe está bem?

— Está bem, sim, muito bem.

Será imaginação de Nicolas, ou o homem está sorrindo?

— Quem é você? — pergunta ele. — Seu médico?

— O quê? Não!

— Quem é, então?

Silêncio.

— Meu nome é Ed.

Nicolas não diz nada. Quem é esse tal de Ed? Um amigo? Um aluno?

— Sua mãe ainda está dormindo.

Dormindo? Ao meio-dia? Ela, que sempre dizia que Deus ajuda quem cedo madruga?

— Entendi — responde Nicolas, na falta de outra coisa para dizer.

— Darei o recado que você ligou.

— Obrigado, Ed. Onde vocês estão, se me permite perguntar?

— Claro. Em Saint-Tropez.

Nicolas quase deixa o telefone cair.

— Em Saint-Tropez? — repete ele.

— Sim. Com amigos. Em um barco.

— Entendi — diz Nicolas de novo, confuso. — Em um barco?

— Isso mesmo — confirma Ed. — Um barco muito bonito.

Ed tem uma voz jovial, simpática.

— E você é... amigo da minha mãe? — pergunta Nicolas, hesitante.

Silêncio mais uma vez. Música ao fundo, e o som de outras vozes cantarolando.

Emma ainda está dormindo ao meio-dia. Uma imagem perturbadora surge na mente de Nicolas, uma cama desfeita, lençóis amarrotados, pele nua, uma intimidade que ele não quer considerar.

Ed ri. Não é uma risada desagradável, mas irrita Nicolas. Depois diz, simplesmente:

— Hum... Sou namorado dela.

Capítulo 13

O *envelope* era lido por pessoas de todas as idades, de todas as nacionalidades, de todas as classes sociais, pessoas que nada tinham em comum exceto o livro. Nicolas passou a conhecer os leitores e a se encontrar com eles quando viajava, mas também fazia contato virtual pelo Facebook e pelo Twitter. Considerava mais rápido e mais prático interagir com eles pelas redes sociais. Era preciso admitir, no entanto, que isso consumia muito tempo, mas Nicolas acabou se rendendo à praticidade. Parecia estar o tempo todo grudado ao celular. Até dormia com ele ao lado do travesseiro, o que irritava todos a sua volta. Sua mãe sempre perguntava, com um suspiro pesaroso, se ela precisava segui-lo no Twitter para que ele a procurasse. Alice Dor se queixava de que, mesmo durante seus almoços, ele sempre ficava com um olho no celular. Lara implicava com o número de tweets que ele postava todos os dias. “Não me surpreende que você ainda não tenha acabado o livro”, ironizava ela. Nicolas confessou que estava tão viciado que, cada vez que tentava escrever, desconectava a internet e deixava o telefone em outro cômodo. Mas não durava muito tempo. Ele acabava se reconectando, como um alcoólatra que bebe mais um copo e odeia a si mesmo por isso. Precisava se curar desse vício. Sabia da existência de programas que ajudam pessoas como ele a superá-lo. Hoje em dia todo mundo parece estar sempre de olho em suas mensagens de texto, e-mails, Facebook, Twitter. Em restaurantes, casais jantam em silêncio, um na frente do outro, ambos conectados em seus respectivos celulares. Até em funerais, casamentos, cinemas, Nicolas reparava que havia sempre alguém com os olhos baixos, conferindo seu aparelho. As pessoas que deliberadamente não tinham celular ou computador eram um mistério para ele. Elas viviam na Idade Média? Mas hoje, cada vez mais preocupado com a sua crescente inércia intelectual, ele começava a se perguntar se elas não estariam certas ao se desligar dessa infundável e hipnotizante necessidade de se manter conectado. O uso exagerado da internet embotava o cérebro? O seu havia sido afetado? Nicolas tinha criado uma página no Facebook antes de ficar famoso, quando ainda se chamava Duhamel, mas fora obrigado a encerrá-la quando o furacão Margaux começou a soprar, apenas porque Nicolas Duhamel não existia mais. A página de fãs de Nicolas Kolt atraiu imediatamente milhares de leitores.

Na internet, os leitores preparavam surpresas para ele. Nicolas ficou extasiado no dia em que “Margaux Dansor” o adicionou como amigo no Facebook. Quem havia criado essa página conhecia a personalidade dela tão bem quanto ele. Lá estava Margaux, exatamente como era descrita no romance. Ele não chegou a descobrir quem criou a Margaux virtual, mas isso não o incomodava. Gostava de interagir com a sua heroína. Muitos leitores pensavam que Margaux

existia de verdade e que Nicolas a colocara no livro depois de conhecê-la. Ele deixava que acreditassem nisso. Achava engraçado.

Dizia aos jornalistas que usava redes sociais porque gostava dos compartilhamentos. Gostava de se comunicar e se divertia com os feedbacks, não só porque muitas vezes eram positivos, mas também porque representavam um desafio. Seus tweets nunca eram sem sentido. Ele pensava muito antes de escrever e trabalhava aqueles cento e quarenta caracteres com extremo cuidado, usando o humor irônico que seus seguidores desejavam. Ele logo retuitava as notícias, satisfeito por ser o primeiro a fazê-lo, por ser o primeiro a captar as informações ainda no ar e passá-las adiante. Respondia às perguntas dos leitores da melhor maneira que podia. Algumas dessas respostas tornaram-se famosas, e jornalistas as mencionavam em entrevistas.

O episódio Assen era citado com frequência. A editora holandesa de Nicolas, Marije Gert, tinha insistido que ele, apesar de exausto, participasse de uma sessão de autógrafos na cidade de Assen, perto de Amsterdã. Ela garantira que a viagem de carro levaria menos de duas horas, que haveria uma excelente refeição à sua espera, que o evento não seria demorado, que incontáveis fãs o aguardavam com ansiedade e que, o mais importante, ele estaria de volta ao Ambassade Hotel antes da meia-noite, pois às oito horas da manhã seguinte pegaria um voo para Oslo, dando continuidade à turnê. Nicolas tinha aceitado. Mas o que seria uma viagem rápida até Assen acabou tendo um desfecho bem diferente. Eles ficaram presos em engarrafamentos gigantescos por conta de obras na estrada e da hora do rush, sem falar na chuva que o céu escuro despejava sem piedade. Marije, que dirigia o carro, mal olhava para Nicolas, esparramado no banco do passageiro à sua direita, concentrado no seu BlackBerry. Em silêncio, avançavam a passo de tartaruga pela estrada molhada e congestionada. A viagem levou mais de quatro martirizantes horas. O que Marije não sabia, naquele momento, era que Nicolas estava o tempo inteiro postando no Twitter. Sobre o seu cansaço, a direção cautelosa de Marije (com o queixo colado no volante), a lentidão do trânsito, a chuva, a sua bexiga prestes a explodir, o estômago roncando de fome, a relutância cada vez maior em participar do tal evento. Postou sobre objetos deixados no carro pelos filhos e pelo marido de Marije (um skate, uma gravata, um mapa, uma Barbie). Também sobre a exasperação, a impaciência, a sensação de inutilidade de Nicolas. Um tweet em particular criou um alvoroço incrível: “É como quando você sabe que o orgasmo da parceira ainda vai demorar. #acaminhodeassen.” Quando finalmente chegaram, o evento havia sido cancelado. Todos tinham voltado para casa. Nicolas estava cansado demais para sentir fome ou decepção. Dormiu durante toda a viagem de volta a Amsterdã.

Houve outro fato na nova vida de Nicolas como autor consagrado que repercutiu no Twitter. Ele estava voltando para Paris depois da cerimônia do Oscar em Los Angeles. Várias revistas e sites exibiam fotos suas ao lado de Robin Wright, ela com um vestido vermelho-vivo, ele de smoking preto. Nicolas entrou no avião com um bilhete de classe executiva, mas, quando a tripulação soube que ele estava a bordo, transferiu-o para a primeira classe, onde não havia literalmente mais ninguém. Ele nunca tinha voado de primeira classe e ficou encantado com a atenção e o conforto oferecidos. O voo estava atrasado, e, assim que Nicolas se acomodou no luxo solitário da cabine, entrou no Twitter. Sua impressão era de que a cada cinco minutos uma

comissária lhe oferecia um drinque, algo para comer, uma revista, um chocolate, uma toalhinha perfumada para as mãos. Ele não saía do Twitter e postava fotos de todas as delícias que lhe traziam. Durante a longa espera pela decolagem, deram-lhe um elegante pijama cinza, chinelos e uma bolsinha com artigos de toalete. Ele perguntou à comissária onde ficavam os banheiros, e ela lhe indicou uma porta na frente da aeronave. Uma vez dentro do pequeno espaço, Nicolas não conseguiu encontrar o vaso sanitário. Havia um banco de plástico almofadado, que ele examinou e tentou abrir, sem sucesso. Olhou em cima e embaixo da pia, tocou no painel de espelho, na esperança de que um dispositivo secreto fizesse surgir o vaso. Nada aconteceu. Apertou em todos os botões que conseguia ver. Enquanto isso, postava sua desventura no Twitter, fazendo milhares de seguidores no mundo inteiro rolares de rir. “Preso em banheiro na primeira classe de um avião. Mas não consigo encontrar o vaso sanitário. #socorro”. Ele pulava em um pé só, com o rosto vermelho, sem saber o que fazer. “Precisarei urinar na pia ou o quê? #quemerda #pesadelonaprimeiraclass”. Quando saiu, derrotado, e disse à aeromoça que não tinha conseguido encontrar o vaso sanitário, foi ela quem deu uma boa risada. Ali era o vestiário da tripulação, explicou, ainda rindo. O banheiro ficava à esquerda. Ele tinha aberto a porta errada.

Houve também, claro, o almoço presidencial. No ano anterior, logo depois do Oscar, Nicolas tinha sido convidado pela primeira-dama para ir ao Palácio do Eliseu. Quando Dita telefonou para transmitir o convite, ele pensou que fosse brincadeira. Dita insistiu que não, não era brincadeira. A secretária pessoal da primeira-dama telefonara, e era tudo real. E então? Ele devia aceitar ou não? Nicolas desconfiava de toda e qualquer tentativa de recuperação política ou manobra. Não gostava de ser rotulado nem de revelar qualquer tendência nessa área. Para ele, opinião política era assunto particular. Prudente, pediu que Dita descobrisse quem mais havia sido convidado. Uma hora depois ela ligou para informar que outros dois escritores tinham sido chamados para um “almoço literário informal com a primeira-dama”. Dita lhe disse os nomes. Um homem e uma mulher. Ele conhecia os dois, mas não a fundo. Havia se encontrado apenas em feiras literárias e programas de televisão. Ele era o mais jovem do grupo. A curiosidade falou mais alto. Nicolas confirmou que aceitava o convite. Jamais tinha estado no Palácio do Eliseu. Era uma oportunidade que poderia não se repetir. Na data marcada, ele apareceu no palácio vestido com a costumeira calça jeans preta e camiseta da mesma cor. Quando atravessou a rue du Faubourg Saint-Honoré, dois guardas parados no exterior do palácio ergueram as mãos com ar severo e mandaram que ele se mantivesse do outro lado da rua. Ele abriu o mais cativante dos seus sorrisos, bem ao estilo Nicolas Kolt, e entregou-lhes uma versão impressa do e-mail de confirmação que recebera da assistente da primeira-dama. Os guardas se desculparam e acompanharam-no até a entrada. Um homem com uniforme imponente, luvas brancas e um complexo colar dourado estendeu-lhe cerimoniosamente uma bandeja de prata. Nicolas entendeu que devia entregar a carteira de identidade. Colocou-a então na bandeja. A bandeja desapareceu. A carteira era recente, e nela constava: Nicolas Duhamel, também conhecido como “Nicolas Kolt”. Outro homem apareceu, vestindo um terno cinza. Devolveu o documento para Nicolas com um amplo sorriso. “Sr. Kolt, muito prazer em

conhecê-lo. Minha esposa adorou o seu livro. Está ansiosa pelo próximo.” Nicolas seguiu-o até um grande pátio quadrado onde, durante toda a vida, vira pela televisão o presidente cumprimentar outros chefes de Estado. A mão coçava de vontade de pegar o BlackBerry, mas ele sabia que não podia fotografar nem usar o Twitter, o que seria considerado um gesto grosseiro e inadequado. Não mencionara o almoço para ninguém, a não ser para Alice Dor que, depois do susto, deu um sorriso.

Os outros dois escritores já estavam na sala de jantar quando ele entrou. Ela, na faixa dos cinquenta anos, escrevia romances policiais populares adaptados para a TV. Usava um vestido de seda fúcsia e batom em excesso. O autor número dois, de uns quarenta e poucos anos, tinha cabelos prateados, era um encenqueiro muito conhecido, que escrevia livros niilistas sobre sexo, literatura, drogas e ele mesmo. Usava óculos de leitura exageradamente grandes, redondos como os do Harry Potter, e uma jaqueta de veludo cor de ameixa na qual caía uma consistente chuva de caspa. Os dois cumprimentaram-no com falsa afeição e sorrisos fingidos. Das janelas, Nicolas podia ver os gramados verdes dos famosos jardins do palácio. Após uma pequena espera, a primeira-dama apareceu, sorridente e simpática. Nicolas nunca se encontrara com ela. Era mais baixa do que ele imaginava, apesar dos saltos muito altos. Seus cabelos sedosos estavam penteados com perfeição. O almoço aconteceu em meio a um estranho silêncio. Os garçons passavam os pratos em um balé impecável. Só a primeira-dama falava. Era como se conversasse consigo mesma. A Sra. Fúcsia e o Sr. Caspa balançavam a cabeça e sorriam. Ninguém mais falava. Estavam impressionados demais? Nicolas estava louco para fotografar a baixela de prata, os talheres, as taças de cristal com monogramas, os lindos pratos de porcelana de Limoges, com os quais inúmeros presidentes e seus ilustres convidados foram servidos. No instante em que chegou a sobremesa, uma delicada salada de frutas com merengue e uma perigosa calda de framboesa que fez Nicolas se concentrar para não derramá-la na toalha branca bordada ou em si mesmo, ele percebeu uma movimentação e ergueu os olhos. O Sr. Caspa e a Sra. Fúcsia estavam de pé, com os rostos vermelhos. Nicolas viu, espantado, que o presidente entrara na sala. Levantou-se depressa também, quase encobrendo a silhueta do estadista. Antes que ele abrisse a boca para dizer alguma coisa, o presidente apertou sua mão e pediu que todos voltassem a se sentar. Foi um momento surreal. Nicolas precisou lutar para não manter os olhos fixos no homem, que ele jamais vira em carne e osso. Seu olhar registrou o terno do presidente, a camisa branca com monograma, as abotoaduras de ouro, a gravata azul, o relógio (um Scuderia Ventidue). Enquanto o café era servido, o presidente tomou a palavra. Sua esposa aprovava tudo o que ele dizia com um movimento de cabeça. Seu monólogo foi político, tendo em vista as eleições presidenciais do ano seguinte. O Sr. Caspa fez dois ou três comentários educados, ansioso para chamar a atenção. Depois, o presidente começou a falar sobre redes sociais com uma expressão de desdém que despertou o interesse de Nicolas. Ele revelou, com uma risada cruel, que se reunira pouco tempo antes com o CEO do Twitter e também com o do Facebook. “São caras legais”, disse, com um sorriso irônico e o lábio superior franzido. “Caras legais, jovens, que usam calça jeans e camiseta” (sem se dar conta de que um dos seus convidados vestia a mesma roupa), “caras legais que se consideram os reis do universo, mas

sinceramente”, o presidente prosseguiu com uma careta, “o Twitter é o Mickey que cumprimenta o Pato Donald, e o Facebook é o Pato Donald que responde ao cumprimento do Mickey, certo?” Todos riram. Nicolas também, porque se sentiu obrigado, porque achou que era a coisa certa a fazer naquela situação, mas, quando cessaram as risadas, ele se arrependeu de ter acompanhado os outros. A frase sobre Pato Donald e Mickey Mouse ficou em sua mente, e ele não conseguia parar de pensar nela. Assim que saiu do Palácio do Eliseu, postou a frase no Twitter, seguida das iniciais do presidente, facilmente reconhecíveis. O post atraiu atenção imediata. Os comentários no Twitter aumentaram. Jornalistas escreveram para ele, telefonaram para ele ou Dita, que não conseguia fazer outra coisa a não ser atender. Todos queriam saber mais. Como Nicolas cunhara aquela frase? Em que circunstância? Estivera com o presidente? Enquanto isso, sua citação foi retuitada centenas de vezes nos dois lados do Atlântico. Alice temia que o Palácio do Eliseu telefonasse para pedir explicações, mas isso não aconteceu. “Presidentes jamais deviam convidar escritores para almoçar, disse Mickey para o Pato Donald”, foi o tweet final e particularmente popular com o qual Nicolas pôs fim ao debate.

No Twitter, Nicolas nunca mencionava o livro que pretendia escrever, mas falava muito quando o assunto era *O envelope*. Tinha sonhado em contar sobre o orgulho e a incredulidade de ver pela primeira vez seu nome em uma página impressa. Havia revisado as provas com a ajuda de Rebecca, uma beldade de olhar afiado que, ele ficou sabendo, cativou todos os autores da Alice Dor Publications, pois tinha um profissionalismo discreto, era dedicada ao trabalho e era prazeroso ver sua beleza se debruçar sobre a página, lápis vermelho na mão, os cabelos castanhos caindo em cascata nas laterais do rosto, às vezes revelando a brancura de sua nuca. Na época, ele ficara tentado a partilhar a experiência da escolha da capa com Alice Dor e a sua talentosa designer, Marie-Anne. Nicolas logo descobriu que Marie-Anne era adorada por Alice Dor. Tinha sido ela a criadora da logomarca que representava a editora: um cacho de cerejas entrelaçadas. Várias possibilidades de capa haviam sido cogitadas, e ele pensou que talvez pudesse mostrá-las aos seus seguidores. Sentiu-se compelido a descrever o inesquecível dia em que viu seu romance de estreia pela primeira vez em uma livraria, a imensa alegria de admirá-lo na prateleira, à disposição de quem o quisesse ler, pronto, cheio de promessas. Por fim, preferiu não postar nada disso no Twitter. A alegria era dele, só dele. Era uma alegria passada, não havia motivo para voltar a ela. Lembrou-se de como costumava entrar nas livrarias em uma espécie de transe, apenas para dar uma olhada no seu livro no meio de tantos outros. Se uma pessoa pegava um exemplar e lia a quarta capa, seu prazer era indescritível. Se o comprava, Nicolas ficava exultante. Nessa época, quando ainda não tinha começado a aparecer nos meios de comunicação, ele conseguia circular pelas livrarias sem ser reconhecido. Passava horas entre as estantes, fingindo interesse em outra obra, espionando seus potenciais leitores. Se o livro não estivesse bem à vista, dava um jeito de colocá-lo nas pilhas da frente, para que fosse mais fácil visualizá-lo. No entanto, à medida que *O envelope* começou a conquistar mais leitores e a merecer mais atenção, Nicolas percebeu que não havia necessidade de continuar a trocá-lo de posição. Ele já estava em local de destaque, em pilhas enormes e à vista de todos. Nicolas não precisava se preocupar em postar no Twitter sobre essas montanhas de livros. Seus milhares de

seguidores se encarregavam de fazer isso por ele.

Capítulo 14

É a hora do almoço no Gallo Nero. Os hóspedes se acomodam no restaurante ao lado da piscina cristalina, protegidos dos nocivos raios de sol por guarda-sóis cor de areia. Os garçons servem os pratos na costumeira e tranquila rotina. Há mais gente nova, percebe Nicolas. Duas americanas loiras, de idade indefinida, talvez entre os quarenta e os sessenta anos, com o rosto inchado e repuxado — feições de cirurgia plástica recente e do uso exagerado de botox. Elas riem muito, um riso estridente e agudo como o das hienas. “Ah, meu Deus!”, exclama uma delas sem parar. “Você deve estar de brincadeira!”, grita a outra. Atrás delas, uma família italiana, versão idêntica da tribo Vanity Fair da véspera, a mesma postura, o mesmo glamour. A sessão de fotos foi interrompida por um instante. A equipe de moda faz um lanche no bar e só volta a fotografar no fim da tarde, quando o calor é menos opressivo. Nelson Novézan almoça com a namorada, debruçado sobre o seu prato, e pede mais vinho. Seu rosto está particularmente inchado esta manhã.

Nicolas senta-se à “sua” mesa com Malvina. Ele olha ao redor e se pergunta por que todos os hóspedes estão ali àquela hora. Parece que nenhum acontecimento, por mais terrível, escandaloso ou abominável que fosse, conseguiria alguma vez perturbar a suprema e insolente tranquilidade do Gallo Nero. Ali era o sol que ditava as ordens, dominador, apoiado pelo mar e pelo céu, na sua magnificência azul.

Nicolas conta para Malvina sobre o telefonema para a mãe e sobre o tal Ed que atendeu o celular de Emma. Tenta descrever o constrangimento da situação, o alívio ao saber que ela não estava doente e, ao mesmo tempo, a percepção de que, por quase não entrar em contato com ela, acabou perdendo detalhes da sua vida. Explicou como Ed parecia perturbadoramente jovem, embora, claro, ele pudesse estar errado. Tinham se falado só por telefone, e é difícil avaliar a idade de uma pessoa apenas pela voz. Malvina sorri. Nicolas não gosta do seu sorriso. Esperava compreensão.

Ao lado deles, o Sr. Wong e a Srta. Ming parecem ansiosos por começar uma conversa com seu inglês capenga. É a última coisa que Nicolas quer. Por que não calam a boca e o deixam em paz? Se mencionarem o livro novo, ele será capaz de jogá-los do penhasco. Ainda está atordoado pelos acontecimentos da manhã. A conversa surreal com Dagmar Hunoldt. A incômoda severidade da tia. O espanto de saber que a mãe tem um jovem amante e que eles estão juntos em um barco em Saint-Tropez. A matéria abominável de Laurence Taillefer, que para ele agora era como um soco no estômago.

As americanas com plástica no rosto continuam a rir e a gritar. Nicolas tem vontade de

estrangulá-las.

— Vocês moram em Paris, não é? — guincha a Srta. Ming, e seu rosto de lua cheia balança quando ela mexe a cabeça. É impossível calcular sua idade. Ela parece feita de porcelana.

— Sim, moramos — adianta-se Malvina, certa de que Nicolas está preocupado demais para responder, ou não tem interesse.

— Ah, Paris! — exclama o Sr. Wong. — Muito, muito bonita, Paris, sim!

Mais meneios de cabeça, os cabelos negros e reluzentes.

— E vocês moram em...? — pergunta Malvina educadamente.

A Srta. Ming pronuncia algumas palavras ininteligíveis. Malvina olha para Nicolas em busca de ajuda, mas ele está no próprio mundinho, onde ela sabe que não pode entrar. É inútil tentar falar com ele agora. Sem que Malvina saiba, a cabeça de Nicolas está cheia de mulheres. As mulheres do seu dia. As expectativas de Alice. A reprimenda de Dagmar. A crítica mordaz de Roxane. Os segredos de Emma. O desprezo de Laurence. As mulheres da sua noite. O sono imperturbável de Malvina. As mensagens de Sabina. A língua de Cassia. Ele quer estar em qualquer lugar do mundo, menos ali, preso naquela perfeita suntuosidade azul, onde, como todos os outros hóspedes ricos e cheios de vontades, é paparicado e bem tratado. Talvez seu único pensamento reconfortante neste momento seja Sabina, que deixava suas partes íntimas em chamas com mensagens de texto e fotos. Sabina é o seu único consolo, pelo menos mentalmente. A lembrança dela, ou a simples evocação do triângulo rosa e precioso, é suficiente para lhe dar um pungente e secreto prazer.

O garçom chega para anotar os pedidos. Malvina escolhe legumes salteados servidos com ervas e flores do jardim do Gallo Nero, além de muçarela de búfala. Nicolas pede filé de salmonete enrolado em flor de abobrinha com creme de arroz negro e alcachofras. Nicolas observa Novézan beber rosé sem parar e imagina como seria bom lhe fazer companhia, se juntar a ele sem dizer uma palavra, sem explicações, apenas beber até cair. Ele sente os primeiros sintomas de exaustão. São, sem dúvida, os exageros da noite anterior que cobram seu preço. Há uma secura reveladora na sua garganta, e piscar o incomoda, como se houvesse areia em seus olhos. Malvina se esforça para decifrar a mímica que a Srta. Ming faz com as mãos rechonchudas. O Sr. Wong tenta ajudá-la, mexendo-se na cadeira e emitindo uma nova série de sons incompreensíveis.

— Acho que eles querem saber se você já esteve na China — sussurra Malvina.

— Que importância tem isso? — pergunta Nicolas com um suspiro.

Malvina o fuzila com o olhar. Com muito esforço, ele responde que sim, que esteve em Xangai, Pequim e Hong Kong. Tenta descrever o evento para a divulgação do livro na China, mas logo percebe que a Srta. Ming e o Sr. Wong, apesar dos sorrisos entusiasmados e dos incessantes sinais positivos com a cabeça, não o entendem. Ele então diminui o ritmo, como se falasse com uma criança boba de cinco anos, e parece funcionar. Seus pratos são trazidos, e eles comem em silêncio até que a Srta. Ming, com a papada tremendo de impaciência, tenta de novo expressar algo com as mãos.

— Não aguento mais — murmura Nicolas para Malvina.

— Seja simpático, pelo menos — responde ela entre os dentes.

Os dois se concentram na Srta. Ming, que continua a apontar o dedo para Nicolas. Eles não têm ideia do que ela quer dizer. O Sr. Wong, bufando e resfolegando como um motor a vapor, tenta ajudar, mas isso só piora a situação. Ouve-se um grito estridente. Todos se viram e veem a mãe britânica tirar resignadamente seu filho dali. O menino, aos berros, se debate e distribui pontapés. Quando a confusão acaba, uma agora rosada Srta. Ming volta a apontar para Nicolas, agitando as mãos no ar e cacarejando como uma galinha gorda.

O BlackBerry na mesa pisca, exibindo o número de François na tela. François, o seu salvador! Aliviado, Nicolas pega o aparelho e diz:

— Preciso atender, me desculpem, por favor.

Levanta-se depressa, sem olhar para Malvina (ele até já antecipa a sua reclamação: “Você me abandonou com aqueles chineses absurdamente chatos para falar ao telefone...”) e corre para o terraço. Até que enfim François está retornando sua ligação. É bom saber que pode contar com ele, que o amigo estará sempre presente quando Nicolas precisar. François jamais o deixaria na mão. Ele sempre estaria por perto para apoiá-lo. Era um amigo de verdade. Seu único amigo.

— Ei, cara! — diz Nicolas devagar, com a voz grave e exageradamente viril do tempo da adolescência. Espera que François responda com um: “Ei, Khûbe!”

Mas há apenas um silêncio ameaçador, como aquele instante mudo que segue um relâmpago, logo antes do trovão.

— Alô? Você está aí? — insiste Nicolas.

A voz de François surge então, alta e clara.

— Quem você pensa que é, porra?

Nicolas não consegue responder. Com a voz extremamente fria, François continua:

— Então você me liga à uma hora da manhã, bêbado, e me deixa uma mensagem de voz patética. Você sabe que acordo cedo para trabalhar, inclusive aos sábados. Sabe também que tenho filhos pequenos e esposa, embora nunca se lembre dos nomes deles, porque a única coisa que lhe interessa é ser Nicolas Kolt. É ótimo saber que está escrevendo seu futuro best-seller em uma ilha paradisíaca, enquanto nós, os outros, continuamos levando nossas vidas monótonas e tristes. Não entendo a pessoa que você é agora. Nem quero entender. Não volte a me ligar. Não perca seu tempo.

— Espere! — implora Nicolas, enfim recuperando a voz. — Não desligue!

— Ainda não acabei — interrompe François, com frieza. — Vou desligar quando achar que devo. Esta manhã, como a maioria dos franceses, li a matéria de Laurence Tailfefer. Ela tem razão. Você não passa de fogo de palha. Transformou-se em um produto. Senti que seria assim. Delphine foi a única pessoa, além de mim, que percebeu o que aconteceria. A verdade é que você nem ao menos consegue escrever um livro novo. Não tem o que é preciso para ser escritor. Para ser escritor é preciso sofrer, você sabe. É preciso ter aquela ferida interna escondida. É preciso sangrar. Você não sofre. Não sangra. Era uma pessoa diferente, antes. Você sofreu quando foi reprovado nas provas. Sofreu quando descobriu quem o seu pai era de fato, quando percebeu como ele devia ter morrido. Você escreveu aquele livro com as suas lágrimas e

o seu sangue. Conquistou sucesso mundial. E ele subiu à sua cabeça. Você se tornou blasé. Gasta demais. Viaja. Brilha. Está nas revistas da moda. É o rei do Twitter. A verdade, Nicolas, é que você nunca voltará a escrever.

Silêncio. François desligou. Nicolas contempla o azul suntuoso do Mediterrâneo. Como tudo pode parecer tão calmo e sereno quando ele vive um inferno interior? Barcos navegam, o sol brilha, hóspedes almoçam e riem, gaivotas voam a grande altura. Um cenário perfeito. Ainda não são nem três da tarde. Ele está convencido de que a partir de agora seu dia será uma sequência de desastres. O que o espera? Ele reluta em pensar. Com passo lento e pernas vacilantes, volta para a mesa. Suas mãos estão trêmulas e ele quase deixa o celular cair. Seu prato esfriou. Ele não sente mais fome.

— Até que enfim entendi o que a Srta. Wing está tentando perguntar — diz Malvina com um sorriso triunfante, sem reparar na expressão de Nicolas. — Ela quer saber o que você faz.

Nicolas se sente mais abatido do que nunca. Imaginava que a Srta. Wing soubesse quem ele era. Seu livro vendia muito bem na China. Ele se senta, atônito. Sem muita convicção, imita o ato de escrever, de segurar um livro nas mãos, de folhear páginas imaginárias. A Srta. Ming o observa de perto, e seus olhos pretos cintilam. Ela se entusiasma quando afinal compreende que Nicolas é escritor. O Sr. Wong também fica satisfeito. Eles batem palmas e curvam o corpo. Nunca tinham conhecido um escritor. É fantástico! Que emoção! Perguntam seu nome e o título do livro. Entediado, Nicolas escreve no guardanapo de papel o que querem saber. Eles decifram os nomes devagar. Agradecem com a cabeça e sorriem. Malvina sorri também.

Em seguida, o Sr. Wong bate de leve no ombro de Nicolas, como se para encorajá-lo, e diz com voz clara e um grande sorriso:

— Talvez um dia o senhor fique muito famoso! Boa sorte!

Capítulo 15

Em agosto de 1993, quando Théodore Duhamel desapareceu na costa de Guéthary e o Hobie Cat preto foi encontrado nas proximidades de Hendaye dois dias mais tarde, sua família esperou. Esperou pela confirmação da sua morte. Esperou que o corpo fosse parar na praia. Durante todo o restante daquele verão triste, Emma e Nicolas esperaram. Não foram à praia. Não saíram mais. Ficaram no pequeno apartamento, à espera. Nicolas se perguntava como a notícia seria anunciada. Por telefone? Por carta? Por um policial que bateria à sua porta? Ele não tinha coragem de perguntar à mãe. Ela parecia perdida.

Os mesmos amigos que os procuraram na noite do desaparecimento voltavam todos os dias. Preparavam refeições para os dois, se encarregavam das compras, limpavam a cozinha e o banheiro, arrumavam as camas. Eles o abraçavam, beijavam, chamavam-no de “amiguinho”. Roxane, irmã de Emma, chegou da Bélgica com o marido. Hospedaram-se em um hotel próximo. Nina, Lionel e Evire Duhamel vieram da Riviera e preferiram o Hotel du Palais. Nina não se cansava de repetir: “Théo sofreu um acidente. Tudo acabará bem. Ele está em algum lugar, recuperando-se em um hospital. Logo teremos notícias dele.” Como ela podia ter tanta certeza?, perguntava-se Nicolas, observando a avó enérgica percorrer a sala de estar de um lado para outro com um cigarro na mão, enquanto Emma continuava sentada ao lado do telefone, com as costas curvadas e o olhar perdido. Sempre que o telefone tocava, Emma se sobressaltava, atendia com mãos trêmulas e o rosto lívido. Nicolas lembrava-se da sua voz baixa, repetindo sem parar: “Não, nenhuma notícia. Telefonarei quando tiver alguma novidade. Até logo. Obrigada. Até logo.”

Todas as noites Nicolas chorava até adormecer, agarrado ao seu relógio Hamilton Khaki. Os amigos e a família lhes faziam companhia até tarde ou passavam a noite com eles. Da sala ao lado, chegavam vozes e o cheiro de cigarro até o dia amanhecer. Às vezes, a porta se abria com um rangido, e ele sentia o toque suave da mão da mãe na sua testa. Em seguida, ela sumia. O clarão do farol varria as paredes a intervalos regulares. Desde a infância o farol o fascinava. Sua luz forte ajudava os barcos a chegar à costa em segurança, mesmo com tempo ruim, mesmo com correntezas traiçoeiras. Ele vira as cruzeiras no Rocher de la Vierge, perto da Grande Plage, onde barcos desafortunados tinham se despedaçado depois de serem jogados nas pedras por ondas violentas. Por que o farol não ajudava seu pai a voltar para a costa? Algum dia ele retornaria?

No fim de agosto, chegou a hora de retornar a Paris. Emma retomaria as aulas que lecionava no Collège Sévigné, e Nicolas precisava recomeçar a escola. Emma, no entanto, recusava-se a deixar Biarritz. O corpo do marido não havia sido encontrado. Isso significava que talvez ele

não estivesse morto. Ainda havia esperança, ela repetia para os policiais. Eles eram simpáticos com ela, tentavam explicar que o mais provável era que Théodore Duhamel tivesse se afogado, mas ela não lhes dava ouvidos. O Collège Sévigné concedeu-lhe duas semanas adicionais de férias para que ela ficasse mais tempo em Biarritz, mas Nicolas voltou a Paris com os avós para o início do ano letivo. Ficou no apartamento deles, no boulevard Saint-Germain, onde o tráfego era tão intenso que ele conseguia ouvir o barulho através das janelas de vidro duplo. Uma noite, já muito tarde e sem conseguir dormir, Nicolas entreouviu uma conversa estranha. A voz de Nina era muito aguda.

— Do que está falando, Lionel? — dizia ela. — Está louco? Como pode sugerir uma coisa dessas?

A voz do avô soou resignada.

— Foi só uma ideia.

— Uma ideia que não faz o menor sentido — disparou ela.

— Desculpe, querida. Sei que você detesta que eu fale em Leningrado.

— Cale a boca, Lionel. Pelo amor de Deus, cale a boca.

Nicolas voltara para o seu quarto na ponta dos pés. Qual o motivo da discussão? Por que Leningrado? O que o avô queria dizer?

Quando Emma afinal retornou a Paris, em meados de setembro, Nicolas voltou para a rue Rollin para ficar com a mãe. Ela parecia mais frágil e pálida do que nunca. O apartamento, sem o pai, se transformara em um desolado depósito de recordações. Tudo ali continuava impregnado da personalidade dele. O aroma da fumaça do charuto envolvia a sala de jantar. O perfume suave de Eau Sauvage podia ser sentido no banheiro do pai, em seu quarto. O armário quase explodia de tanta coisa: calças, bermudas, jeans, suéteres de caxemira, gravatas, sapatos, tacos de golfe, roupas para esquiar, luvas, bengalas, camisas, abotoaduras. Sua caneta-tinteiro preta Montblanc. Mas não o relógio DOXA SUB, que estava no seu pulso no dia do desaparecimento.

Emma e Nicolas continuavam à espera, como haviam feito durante todo o verão. Os dois retomaram a vida, a escola, as refeições, mas a única coisa que importava era a espera. Exaustiva e insuportável. Emma tinha procurado os professores de Nicolas para explicar a situação. Todos na sala de aula eram gentis com ele. Outros alunos o observavam e depois cochichavam às suas costas: “O pai dele se afogou. Mas ainda não encontraram o corpo.” A única pessoa em quem ele sentia que podia confiar era François. Os pais de François, Odile e Michel, e os outros filhos, Victor, Constance e Emmanuelle, tornaram-se a única fonte de conforto na sua vida de apenas onze anos. Todas as tardes, depois da escola, ia para o apartamento deles na avenue Duquesne, e tinha a impressão de fazer parte de uma família normal. Durante algumas horas, deixava de lado a terrível ideia de que seu pai talvez não voltasse mais. Sempre que chegava em casa acompanhado da jovem babá que a mãe contratara e ela girava a chave na fechadura, Nicolas sentia, por uma fração de segundo, uma leve esperança de que o pai tivesse voltado. Théodore Duhamel estava ferido, mutilado, ou até perdera um olho, mas estava lá, triunfante, são e salvo. Mas não havia fumaça de charuto. Nem risada. Nem o pai. Apenas silêncio.

Pouco antes do Natal de 1993, Brisabois, com os olhos vermelhos, foi visitá-los. Passou uma hora chorando no ombro de Emma. Como era possível um homem maravilhoso como Théodore ter sumido? Como a vida podia ser tão cruel? Emma não disse nada, apenas consolou-o afagando seus ombros redondos e trêmulos. Nicolas desviou o olhar, constrangido. Mas a cena tornou-se ainda mais embaraçosa quando Brisabois pediu dinheiro a Emma, sob a alegação de que Théodore Duhamel lhe devia um valor considerável. Sem uma palavra, Emma se levantou para pegar o talão de cheques. A cena se repetiu no ano seguinte. Depois disso, ninguém mais ouviu falar de Brisabois.

Aos poucos, Nicolas aprendeu a enfrentar as perguntas de outras pessoas. Aprendeu a dizer que sim, seu pai se afogara, e que não, o corpo não havia sido encontrado. Pronunciava as palavras com distanciamento. Isso não significava que ele não se importava. A distância que ele colocava entre as palavras e ele mesmo era sua única proteção. Quatro anos depois, em 1997, quando a princesa Diana morreu em um acidente de carro em Paris, Nicolas acompanhou o funeral pela TV e viu os dois filhos dela caminharem atrás do caixão da mãe, acompanhando o cortejo. O príncipe William tinha a sua idade. Quinze anos. Enquanto o mundo inteiro soluçava pela falecida princesa, Nicolas sentia arder dentro dele a chama do ressentimento. O príncipe William sabia que a mãe estava morta. Talvez tivesse visto seu corpo. O príncipe William tinha plena consciência de que a mãe estava naquele caixão que era carregado pelas ruas de Londres, coberto por rosas brancas acompanhadas de um cartão em que o caçula, Harry, escrevera “Mamãe” com a letra infantil de uma criança inconsolável. William e Harry podiam chorar pela mãe. Nicolas não conseguira fazer o mesmo em relação a seu pai. Emma e ele ainda esperavam que Théodore Duhamel entrasse pela porta do apartamento da rue Rollin, ou que o telefone tocasse para informar que um corpo encontrado na costa de Hendaye talvez fosse o dele.

Os anos se passavam, e a espera continuava, o que tornou-se a prisão dos dois. Emma não conseguia esvaziar os armários do marido. Durante cinco ou seis anos, as roupas de Théodore Duhamel permaneceram no apartamento. De tempos em tempos, Nicolas abria um deles e contemplava as peças. Cheiravam a fumaça de charuto rançosa. Por fim, cheiravam apenas a poeira. O que sua mãe fez com as roupas? Ele nunca soube e também não perguntou. Ela entregou-lhe a caneta Montblanc, pela qual ele tinha muito carinho. Mas o que ele mais gostaria de ter era o relógio DOXA SUB laranja.

Doze de junho, aniversário de seu pai. Ano após ano, Nicolas sabia que a mãe estaria pensando nele e na idade que teria se ainda estivesse vivo. E a avó também, até morrer. Todos os anos, no dia 7 de agosto, data em que seu pai foi visto pela última vez, Nicolas acordava com medo. Ele se via ainda um menino assustado, em pé na varanda, com os olhos fixos no mar. As perguntas voltavam com a mesma intensidade daquele dia fatídico: o que acontecera com seu pai? Por que ele nunca foi encontrado?

Em 2001, dois anos antes da viagem à Itália e antes de conhecer Delphine, Nicolas teve um rápido e intenso romance com Aurélie, estudante de medicina um pouco mais velha do que ele. Ela era autoritária e inteligente. O caso não durara muito por causa da enorme carga de trabalho

de Aurélie, pelo menos essa foi a desculpa que ela deu quando decidiu romper com ele. Uma noite, no início de setembro, enquanto jantavam no apartamento dela, perto da Place de la République, Aurélie começou a fazer perguntas sobre seu pai. Perguntas inocentes, no início, mas que aos poucos se tornaram mais específicas, e Nicolas, desconfiado, quis saber aonde ela queria chegar. Aurélie respondeu que estava surpresa por ele e a mãe não terem se feito mais perguntas. “Como o quê?”, gaguejara Nicolas (ele pensava com frequência nessa cena, e lembrava-se do teto com vigas, da vista pitoresca dos telhados parisienses e de Aurélie vestindo uma camisa cor de cereja colada no corpo, marcando seus seios generosos. Mais tarde, a cena foi aproveitada em *O envelope*, mas de forma diferente. Durante um almoço com um ex-namorado, Margaux o ouvia fazer todo tipo de perguntas irrespondíveis sobre o desaparecimento de Luc Zech após a avalanche). Aurélie tinha servido mais uma taça de Chablis para os dois antes de explicar: “O que eu gostaria de saber é se você nunca se perguntou por que o corpo do seu pai nunca foi encontrado. Você acredita mesmo que ele se afogou? Ele era empresário, certo? E se alguém desejasse a morte dele? E se houvesse dinheiro sujo envolvido? E tem mais: seu pai era realmente feliz? Estava tudo bem na vida dele? Você chegou a pensar na hipótese de ter cometido suicídio?”

No início, Nicolas tinha apenas zombado de tudo aquilo com um sorriso amargo. Ele jamais pensara naquelas possibilidades. Mas logo se lembrou do rosto branco como papel de Théodore Duhamel naquela tarde, na Champs-Élysées. Da sua estranha conversa ao telefone com Brisabois no Fouquet’s. “Brisabois. Acabo de vê-lo. Na frente do Pizza Pino. Que porra você vai fazer agora? Já pensou nas consequências? Pensou mesmo?” Depois, se lembrou das noites em que seu pai parecia preocupado, assim como Emma, quando o dinheiro escasseava, quando só havia sopa no jantar, e então, de repente, um “contrato” era assinado, o dinheiro fluía, Brisabois aparecia com champanhe Ruinart, e seu pai ia comprar caviar no Petrossian, para comemorar, até o próximo “período de sopa”.

Naquela noite de setembro de 2001, Aurélie instilou a primeira dúvida na sua cabeça. A primeira suspeita de que talvez a morte de seu pai não tivesse sido um acidente.

Capítulo 16

— Olá — diz uma voz jovem e feminina.

Nicolas ergue os olhos do seu caderno de anotações (no qual não escreveu nada, como de hábito) e vê uma das modelos da sessão de fotos. Seus cabelos negros estão penteados em um extravagante coque retorcido, mas o rosto está sem maquiagem. Ela é extraordinariamente bonita. Tem no máximo dezenove, vinte anos. Malvina dorme à sombra, um pouco afastada dele.

O calor está insuportável. É o momento mais quente da tarde. O mais tranquilo também.

— Olá — responde ele, com um sorriso.

— Tem um cigarro?

Seu sotaque é americano.

— Desculpe, não fumo.

Ela dá de ombros.

— Está se divertindo? — pergunta a modelo.

O biquíni azul ressalta seu bronzeado perfeito.

— E você?

Ela dá de ombros outra vez.

— É só mais um trabalho chato. Aquela Carper é uma nazista.

— De onde você é?

— De Nova York, senhor. Você é da polícia, ou algo assim?

Ele ri. Ela o olha de soslaio, com malícia.

— Você é o escritor, não é?

— Sim, sou eu.

— *O envelope.*

Ela ergue as sobrancelhas e sorri, revelando pequenos dentes brancos.

— Como você se chama?

— Savannah. — Ela revira os olhos. — Sem comentários.

Com o queixo, aponta para Malvina, que cochila.

— Sua namorada?

— Sim.

— Ela dorme o tempo inteiro.

— Você tem nos espionado?

Savannah desvia o olhar.

— Mais ou menos.

— Quanto tempo ficará aqui?

— Devo ir embora amanhã, quando acabar essa coisa toda. Pegaremos o avião para Paris, para mais uma sessão de fotos.

— Há quanto tempo você é modelo?

— Comecei com treze anos. Um olheiro reparou em mim no Central Park. História chata. Trabalho chato.

— Por que continua, então, se acha chato?

— Meu pai morreu quando eu era criança, minha mãe é sozinha e luta contra um câncer. Com o que ganho, pago para ela o melhor hospital, os melhores tratamentos.

— Ela está melhorando?

— Não. Ela tem quarenta anos e vai morrer. Não me olhe desse jeito, Senhor Escritor. Pretende me colocar em um romance, ou o quê?

Nicolas ri. Ela é irresistível.

— Está escrevendo um livro novo?

Ele hesita. Em geral, teria respondido com uma expressão séria que sim, de fato estava. Mas apenas disse:

— Finjo que estou.

Savannah se aproxima. Ela cheira a sal marinho e canela.

— Como assim?

Sua voz é suave, simpática. Ela brinca com uma mecha de cabelo que escapou do seu coque.

— Todo mundo acha que estou escrevendo um livro, mas não é verdade. Estou sempre procrastinando.

— Será que é um bloqueio criativo? É falta de inspiração?

— Não, não é isso. Acontece que sou preguiçoso. Cada vez mais.

— O que fará, então?

— Quando voltar a Paris, preciso contar a verdade para minha editora. Confessar que este livro é uma grande mentira. Ela vai ficar furiosa.

Ele pensa em Alice Dor, que já deixou duas mensagens. Queria saber como ele se sentia depois de ler o artigo de Taillefer. Nicolas ainda não retornou as ligações. Alice Dor confia nele. Aguarda o novo romance com paciência e boa vontade. Até quando?

Uma garçonete aparece. Nicolas pede *acqua gassata* com limão. Savannah está agora perigosamente perto, seu ombro a poucos centímetros do dele. O terraço está deserto, à exceção de Malvina, adormecida, escondida por um grande sofá com almofadas de cores vivas e guarda-sóis. A maior parte dos hóspedes se recolheu para uma soneca em seus quartos climatizados ou se aventurou a nadar um pouco no mar. Faz tanto calor que Nicolas sente gotas de suor se acumularem acima de seu lábio superior. Como seria fácil inclinar-se à frente e beijar aquela boca carnuda. Ela pensa a mesma coisa; ele percebe nos seus olhos verdes. A promessa de um beijo. Relutante, ele se afasta um pouco.

A água chega. Nicolas serve um copo para ela, outro para ele. Ela diz:

— Meu autor favorito, depois de você, é Salinger, sabe...

— Fico muito honrado.

Ela volta a se aproximar.

— Salinger detestava entrevistas, jornais, rádio, televisão. Vivia recluso em uma casa afastada, a quilômetros de distância da cidade. Cultivava a própria horta e escrevia para si mesmo.

Nicolas dá um sorriso irônico.

— Talvez eu devesse tentar fazer o mesmo. Mas gosto de companhia. Não sou ermitão. Gosto de sentir o mundo vibrar. De conhecer pessoas novas. Se eu vivesse em uma caverna, sobre o que escreveria? Se ficasse sozinho no meu canto, como descobriria o que acontece ao redor?

— Você tem razão — concorda ela.

O dedo da garota, comprido e fino, percorre toda a extensão do copo. Nicolas desvia o olhar. Ele tem plena consciência de que a qualquer momento Malvina pode se mexer, abrir os olhos e surpreendê-lo com uma garota deslumbrante. Lembra-se do aviso do barman.

Ele se afasta de novo.

— Relaxe — diz ela, brincando. — Sei que sua namorada é ciumenta. Vi como ela fica observando seus passos.

— E você? Tem namorado?

— Tenho três — responde ela, séria, examinando as unhas. — De todo modo, você prefere mulheres “maduras”. Li isso em todas as suas entrevistas. Mulheres mais velhas e relógios. Chega a me dar sono...

Ela revira os olhos mais uma vez. Do terraço superior, um homem a chama pelo nome.

— Estou indo! — grita a menina de volta, e depois suspira. — Acabou a minha alegria. Preciso subir e me maquiar para a *Kapo Carper*. Adorei nossa conversa, Senhor Escritor. Espero vê-lo mais tarde.

Nicolas a segue com o olhar, admirando o balanço dos seus quadris.

— Mais uma fã? — pergunta Malvina com voz cansada, atrás dele.

Ele se vira, já preparado para a batalha habitual. Ela está tão pálida que ele não consegue conter uma exclamação de surpresa.

— Malve, você está bem?

— Não — geme ela. — Mais uma vez não estou bem.

Ele a acompanha devagar de volta para o quarto. Ela mal consegue se manter em pé. Nicolas a coloca na cama com cuidado, fecha as cortinas, serve um pouco de água mineral.

— Vou chamar um médico — diz ele, com firmeza. — Isto não pode continuar assim. Você não está bem desde que chegamos.

— Foi alguma coisa que comi — murmura ela. — Ou o calor.

Nicolas liga para a recepção. Garantem que um médico passará no final da tarde para ver Malvina.

— Agora descanse — diz ele, acariciando seus cabelos. Sente que a testa de Malvina está gelada. — Feche os olhos, respire fundo, o médico virá e lhe dará um remédio. Você vai ficar

boa.

— Fique comigo — pede ela. — Não me deixe. Por favor.

Ele se senta ao seu lado. Ela parece mais frágil do que nunca, um passarinho com asas delicadas.

— Diga que me ama. Diga que sou seu único amor.

— Você é a única — diz Nicolas, com voz suave. Não consegue usar a palavra “amor”. A única mulher que ele de fato amou foi Delphine.

— Diga que jamais me deixará.

Ele acaricia os seus cabelos e tenta tranquilizá-la.

— Estou aqui, Malve. Bem ao seu lado.

— Prometa que nunca me tratará como Justin.

— Isso jamais acontecerá, você sabe, Malve.

Justin era o ex-namorado de Malvina, um sujeito arrogante e pretensioso que citava Yeats e falava como Hugh Grant. Tinham ficado juntos por três anos. Ele a abandonou sem mais nem menos depois de descobrir que ela se tornara amiga de um colega dele. Nunca mais falou com ela e mandou por e-mail fotos em que aparecia queimando suas cartas ainda fechadas. Em seguida, encheu a própria página no Facebook com fotos dele com a nova namorada. Depois do rompimento, nunca se preocupou em saber como Malvina estava. Foi como se ela nunca tivesse existido. Quando Nicolas conheceu Malvina, nove meses depois, ela ainda não conseguira esquecer Justin.

— Aquela menina, o que ela queria?

Ele sabe que ela se refere a Savannah, mas mesmo assim pergunta:

— Qual menina?

— Aquela com quem você estava conversando quando acordei.

— Apenas uma garota que me cumprimentou.

— Uma dessas modelos...

— E daí?

— Diga que sou mais bonita do que ela. Diga.

Ele a beija no rosto.

— Você é a mais bonita. Agora descanse, por favor.

Malvina adormece em poucos minutos. Se ela não estivesse se sentindo mal ele poderia sair, nadar um pouco, melhorar seu bronzado. Ele adora aquela hora mágica em que a luminosidade assume um suave tom dourado e o calor diminui. Que azar ter de ficar trancado em um quarto com a namorada doente. E pensar que amanhã será o último dia. A respiração de Malvina está regular, mas ele sabe que é arriscado demais verificar o BlackBerry. Mais cedo, enquanto ela descansava ao lado da piscina, e antes de Savannah puxar conversa, ele tinha aproveitado o momento de tranquilidade para verificar seus e-mails e as redes sociais.

Não havia uma nova mensagem de Sabina, e ele não podia negar a sua decepção. A brincadeira tinha acabado? Ela teria cansado da troca de mensagens? A matéria de Taillefer deixara seus fãs furiosos. Que alívio havia sido descobrir tantas mensagens de apoio postadas em

seu mural. Ele as percorreu rapidamente, extasiado, com a sensação de que a dolorosa ferida tinha sumido como por milagre. No entanto, quando mais tarde viu uma foto sua tirada por Alex Brunel, a raiva e a exasperação voltaram. Lá estava ele durante a sessão de fotos, com os olhos fixos nas modelos e um sorriso voraz. Havia sido tirada de muito perto, ele reparou, o que significava que Alex Brunel o vigiava, o rondava, e essa ideia o aborrecia mais ainda. Seus fãs amaram a foto, que recebeu centenas de “curtidas”. Ele decidiu não fazer comentários. No Twitter havia também referências ao artigo de Taillefer, mas ele se limitou a passar rapidamente pelos posts, sem ler a fundo. Também não escreveu nada. Na verdade, ele não postava no Twitter desde a chegada ao Gallo Nero. Muitos seguidores estavam surpresos com isso.

Deu uma olhada nos e-mails dos fãs. Havia uma mensagem de uma tal “S. Kurz” com um arquivo anexo. Assunto: “MUITO MUITO PESSOAL.” Abriu. Era de Sabina. “Meu BlackBerry está *kaput*”, escreveu ela. “Como descobri o e-mail no seu site, estou mandando esta mensagem do meu computador. Você sabe que não consigo parar de lhe escrever, Nicolas. Preciso saber que lê as minhas mensagens e que elas o excitam. Só de pensar em você à espera das minhas palavras já fico louca de desejo. Hoje estou com um vestido abotoado na frente. Envio uma foto dele. É bonito, não acha? Pode ser aberto com muita facilidade. Por baixo, estou sem nada, como você verá na segunda foto. Agora me diga, Nicolas Kolt, o que fará comigo depois de abrir este vestido? Estou ansiosa para saber, em detalhes.”

Na primeira foto ela estava em pé na frente de um espelho grande, com um recatado vestido laranja, fechado do pescoço até os joelhos. Atrás dela, aparecia uma cama de casal com um lençol azul-claro e duas luminárias de cabeceira pretas. Não era possível ver seu rosto, apenas os cabelos louro-acinzentados até os ombros e o pescoço. Ele sentiu o coração disparar. Talvez fosse mais seguro ir para o banheiro masculino. Confirmou que Malvina continuava dormindo e saiu, com a respiração entrecortada e o BlackBerry na mão suada.

Não havia ninguém no banheiro. Ele clicou na segunda foto. O vestido estava inteiramente aberto e ela segurava com firmeza as duas partes, deixando à mostra o corpo nu. Dessa vez seu rosto estava visível. Ela tinha a mesma expressão que tanto o excitara no dia em que se conheceram. Um sorriso discreto. O olhar intenso. O queixo empinado. Os seios brancos projetados para ele, como se ansiassem pelo seu toque. As pernas se encontravam levemente separadas, e assim ele podia ver com nitidez suas coxas nuas, a barriga, o púbis. Ele respondeu do seu e-mail pessoal, não usou a conta reservada aos fãs, com dedos ágeis: “O que eu faria com você, linda Sabina? Eu me ajoelharia na sua frente e beijaria com lábios quentes e úmidos primeiro os seus tornozelos, depois as suas pernas, devagar, em seguida as suas coxas, até chegar dentro de você.” Foi interrompido por alguém que entrou no banheiro masculino. Seus dedos ficaram paralisados. Precisou esperar intermináveis minutos. A pessoa, por fim, saiu. Nicolas voltou ansiosamente ao e-mail. “Quando eu chegar lá com a minha língua, esperarei até você gozar. Estou desesperado por esse momento, Sabina, quase posso sentir você na minha boca. Estou escrevendo escondido no banheiro masculino do Gallo Nero, e fico maluco ao imaginar minha língua dentro de você.” Ela respondeu em segundos. “Mande uma foto sua no banheiro, me mostre que está excitado.” Desta vez, ele conseguiu fotografar sua ereção rígida sem

dificuldade. Enviou a foto e se masturbou rapidamente até gozar. Foi questão de segundos.

Antes de sair dali, com o coração ainda acelerado, leu o último e-mail: “*Danke*, que lindo, que apetitoso! Um dia quero encontrá-lo na vida real, Nicolas Kolt, e fazê-lo gozar com tanta intensidade que você jamais me esquecerá. Talvez em Paris, ou em Berlim, se você voltar à minha cidade. Amanhã enviarei outra foto.”

Quando se deita ao lado de Malvina, Nicolas fecha os olhos e pensa em um possível encontro com Sabina em Berlim. Imagina o quarto de hotel, a batida dela na porta. Pensa em seu cheiro e no toque de sua pele. Quase sem perceber, o cansaço o domina, com certeza devido às poucas horas de sono.

Um som estridente o desperta, e ele leva algum tempo para entender que alguém está tocando com insistência a campainha. Sua visão está embaçada, seus lábios, pálidos. Que horas são? Que lugar é este? Ele teve um sonho muito estranho. Seu pai e ele, parados na chuva, aos pés do túmulo de Victor Noir. A voz do pai ainda ressoa em seus ouvidos com incrível nitidez. O pai está exatamente como na última vez que o viu, durante o verão do seu desaparecimento, a mão pesando sobre o ombro do filho.

Nicolas se levanta com dificuldade para abrir a porta. Um homem está à sua frente, segurando uma maleta.

— Sim? — diz Nicolas, confuso.

— Dottore Scaretti — apresenta-se o homem.

— Ah, sim. Entre.

Em silêncio, o médico examina Malvina, verifica sua pressão, ausculta o coração, examina a garganta, os ouvidos, aperta sua barriga com dedos precisos e cuidadosos. Ele não fala inglês nem francês. Nicolas consegue explicar ao médico que Malvina não se sente bem desde que chegou e que vomitou diversas vezes. Intoxicação alimentar, talvez? Ou uma infecção intestinal? O médico não diz uma palavra. Quando acaba o exame, entra no banheiro para lavar as mãos. Volta, senta-se na beirada da cama e escreve alguma coisa em um papel. Entrega a conta para Nicolas. Depois vasculha sua maleta e pega uma caixa, que também lhe entrega. É um teste de gravidez. Nicolas observa a caixa, em seguida olha para o médico. Aponta para a caixa, depois para Malvina. O médico diz algumas frases em italiano, mas fala depressa demais. Nicolas pede que ele fale mais devagar. O médico repete “*incinta*” diversas vezes e faz um movimento arredondado com as mãos, à frente da barriga. Seu gesto é evidente.

O médico vai embora. Malvina se levanta e pega a caixa das mãos de Nicolas. Está muito quieta. Tranca-se no banheiro. Nicolas espera, a cabeça entre as mãos. Ele não quer pensar. Deixa a mente vazia. Seus olhos percorrem o quarto, as paredes cor de creme, a enorme cama desfeita, as frutas intocadas. Depois, por alguma razão, volta a pensar no sonho que teve, ele e o pai na chuva, diante do túmulo de Victor Noir.

Malvina sai do banheiro com um sorriso radiante. Na mão, um objeto plástico com o desenho de uma cruz azul.

— Ah, Nicolas! — exclama ela, quase sem fôlego. — Ah, meu amor. Vou ter um filho seu.

Parte 3

Domingo

17 de julho de 2011

Vanitas Vanitatum et Omnia Vanitas

Capítulo 17

Todo mundo sabia que Nicolas Kolt colecionava relógios antigos. Não era um hobby recente. Era o primeiro detalhe que ele reparava em qualquer pessoa, depois da cor e do formato dos olhos. No seu duplex da rue du Laos, mandara instalar um pequeno cofre atrás de um armário, onde guardava seus valiosos relógios. Havia um sobre o qual ele nunca falava. Um relógio que não era dele, um relógio que o assombrava e em que pensava quase todos os dias. O DOXA SUB com mostrador laranja do seu pai. O relógio do Capitão Cousteau. Robert Redford usou-o em *Três dias do condor*. O DOXA SUB era famoso por sua robustez. Seguia funcionando até nas águas mais profundas do oceano, em um nível que a pressão era altíssima. Théodore Duhamel nunca tirava o seu. Nem para dormir. Quando Nicolas era pequeno e se aninhava nos braços do pai, ouvia sempre duas coisas: a batida do coração dele e o tique-taque do seu relógio. Caso tivesse mesmo se afogado, teoria que parecia quase unânime, Théodore Duhamel provavelmente havia deslizado para o fundo do mar com aquele relógio no pulso. O tique-taque teria continuado mesmo depois de seu pai morrer com os pulmões cheios de água salgada? O relógio ainda estaria lá hoje, uma relíquia enferrujada, enfiado na areia ou encrustado em um recife, enquanto o corpo de seu pai teria se desintegrado, comido aos poucos por criaturas marinhas? Nicolas não partilhava esses pensamentos mórbidos com ninguém. Mas eles o perseguiram desde 7 de agosto de 1993. No primeiro ano do curso preparatório, quando leu *A tempestade*, de Shakespeare, os versos iniciais do Canto de Ariel foram dolorosamente evocativos.

A cinco braços teu pai jaz
Dos seus ossos foi feito o coral
No lugar dos olhos pérolas traz
Nada nele é mortal.

Durante uma das suas pesquisas sobre o relógio, ele deparou com um modelo idêntico. Aconteceu em 1999, antes do furacão Margaux. Estava exposto em uma loja na rue de Béarn que ele gostava de visitar, ainda que fosse apenas para olhar as vitrines. A semelhança com o relógio do pai era tão extraordinária que ele decidiu entrar e examiná-lo de perto. O relógio foi retirado da vitrine e colocado em uma bandeja forrada com feltro. Ele observou-o, atônito, por alguns minutos, antes de criar coragem para pegá-lo e colocá-lo no pulso. O mesmo mostrador laranja tão familiar, o mesmo tique-taque, o mesmo fecho. Devia comprá-lo? Custava caro, mas era possível que seus avós, sua mãe e suas tias contribuíssem. Se conseguisse passar na prova para

ingressar na universidade, no ano seguinte, algo que parecia provável, esse seria o presente ideal, que serviria também como presente pelo seu aniversário de dezoito anos. Nicolas considerou a ideia por alguns instantes. Talvez não se sentisse confortável tendo que encarar o mostrador laranja cada vez que olhasse para o pulso. Talvez o relógio o fizesse pensar ainda mais no pai. Tirou-o rapidamente e recolocou-o com cuidado na bandeja. Saiu da loja lutando contra o vazio opressor que o invadia sempre que pensava no pai e no seu desaparecimento.

Os anos de “espera” até Théodore Duhamel ser oficialmente declarado morto, de 1993 a 2003, quando Nicolas tinha entre onze e vinte e um anos, foram difíceis para o menino e, depois, o jovem que se tornou. Ele cresceu à sombra onipresente do pai que, no entanto, não estava mais lá. Quando encontrava os amigos da família, havia sempre uma pausa constrangedora e a exclamação inevitável: “Ah! Ele se parece cada vez mais com o pai...” Ele sabia que tinha herdado a altura, os braços longos, o formato do rosto, a boca, o nariz, mas não os olhos azuis. Seus olhos acinzentados vinham de Emma.

Sua mãe tinha guardado recortes de notícias do verão de 1993, quando o *Sud Ouest*, o jornal local, publicou alguns artigos sobre o desaparecimento de Théodore Duhamel. Ela os mantinha em uma caixa de papelão azul-marinho na sua escrivaninha, e Nicolas sabia exatamente onde a caixa ficava. Os recortes estavam amarelados e quase apagados, e ele quis saber por que ela decidira não jogá-los fora. Para quem guardava tudo aquilo?, perguntara para a mãe. “Um dia”, respondeu ela, “você terá vontade de saber mais sobre o seu pai. Isso pode acontecer quando você se tornar pai, ou até antes. Por isso guardei tudo. As cartas, as fotos, os objetos. Pode vê-los sempre que quiser.”

Nicolas, no entanto, nunca quis. Durante mais de dez anos, manteve-se longe da caixa como se o simples fato de olhar para ela pudesse fazê-lo sofrer e sentir de novo aquela dor incômoda, um grande vazio. Em setembro de 2001, quando Aurélie, sua namorada na época, fizera as primeiras perguntas e levantara dúvidas sobre a causa da morte de seu pai, ele havia se sentido tentado a vasculhar a caixa. Mas ainda não se considerava pronto.

Voltou a se sentir atraído pela caixa cinco anos depois, quando descobriu que o verdadeiro nome do pai era Fiodor Koltchine. Naquela época, ele não morava mais na rue Rollin, com a mãe, mas na rue Pernety, com Delphine, desde 2004. Emma e o filho tinham se sentido aliviados quando ele deixou o ninho familiar aos vinte e dois anos. Depois de embalar todos os seus pertences e ver a mãe acenar da porta da frente, sentiu uma mistura de euforia e nostalgia. Com a aprovação da mãe, ele conservara um molho de chaves do apartamento da rue Rollin, mas, sempre que voltava à casa da sua infância, tinha o cuidado de tocar a campainha. Sabia que a mãe levava a própria vida e não queria se deparar com uma situação que pudesse ser desagradável para alguém. Ela era discreta com relação aos homens com quem se relacionava. Às vezes mencionava um ou outro, mas ele quase nunca os via. Passado algum tempo, não tocou mais no assunto. Tempos depois, estava tão envolvido com seu sucesso vertiginoso que a vida amorosa da mãe deixou de interessá-lo.

Em outubro de 2006, na mesma semana chuvosa da conversa com a mãe sobre o verdadeiro nome de seu pai, ele voltou à rue Rollin no horário do almoço e tocou a campainha. Precisava

explorar o conteúdo da caixa azul-marinho. A mãe não estava. Sem dúvida tinha ido dar aula no Collège Sévingné. Ele entrou e deixou os sapatos perto da porta. A caixa estava na escrivaninha de Emma, no lugar de sempre. Levou-a para a cozinha, preparou um chá e sentou-se. Ainda tentava se recuperar do choque de ver o nome “Fiodor Koltchine” na certidão de nascimento e de tentar juntar as peças do quebra-cabeça da vida de seu pai. Não sabia ao certo por que fazia aquilo, qual o objetivo, mas estava seguro de que precisava examinar o que havia naquela caixa, pois não ficaria em paz antes de conseguir algumas respostas.

Mais cedo, tinha tomado café com Lara, na avenue du Maine, perto da loja onde ela trabalhava, e lhe mostrara a certidão de casamento. Atônita, ela o enchera de perguntas. Por que sua mãe escondera a verdade dele? Emma podia ter lhe contado tudo em 1993, quando o marido desapareceu. Nicolas respondeu que a mãe o achava jovem demais, aos onze anos, para saber de tudo. Por isso tinha esperado até ele descobrir por conta própria, que foi o que aconteceu. Seu pai nunca tinha desejado tocar no assunto com ela. Por que tanto segredo?, insistiu Lara. Quem tentava esconder o quê? De quem? “Existe aqui um elemento de vergonha, de culpa”, continuou a amiga, corada pela animação, enquanto a chuva tamborilava nas vidraças do café. “Esse é um típico segredo de família”, sussurrou ela, “que todos tentam reprimir durante anos, mas que acaba voltando como um bumerangue.” Nicolas tinha colocado a mão em seu braço. Do que ela estava falando? Lara não estaria imaginando coisas? Aquela era uma história banal de uma jovem que engravida e em seguida se casa com outro homem que dá seu nome à criança sem pai. Ela o olhou por cima de seu croissant. “Sem pai? Não existe criança sem pai, Nicolas. A não ser o filho da Virgem Maria, claro. Mas não estamos falando na Imaculada Conceição. Falamos de alguém que dormiu com sua avó quando ela estava com quinze anos, em Leningrado, na União Soviética, em 1960. Não era uma época fácil para os adolescentes. As jovens não podiam simplesmente ir ao bar da esquina para arranjar um namorado.”

Nicolas estava confuso. Jamais pensara nisso. Por conveniência, tinha se esquecido da Guerra Fria e do comunismo. Posteriormente, na rue Rollin, abriu a caixa azul-marinho cheio de apreensão. Não havia nada ali que sua mãe já não lhe tivesse contado, ele repetia para si mesmo. No entanto, logo percebeu que o que ele mais temia era a intensidade dos seus sentimentos. Tinha medo das emoções que o dominariam quando se aprofundasse no passado do pai. Por treze anos, aprendera a enterrar tudo que se referisse a ele, a se afastar, a tentar manter o vazio e a saudade a distância. Aprendera a viver sem a figura paterna. Agora, diante daquela caixa, compreendia a falta que Théodore Duhamel lhe fazia. Fiodor Koltchine. Sentira a sua falta durante a maior parte da vida. Seu pai, aquele belo estranho.

Sua mãe classificara todos os itens da caixa com etiquetas: “Artigos”, “Fotos”, “Documentos importantes”, “Cartas”, “Anotações”. Ele começou pelos recortes de jornal, os do *Sud Ouest*, já amarelados.

“O empresário parisiense Théodore Duhamel, de 33 anos, saiu de Port des Pêcheurs, em Biarritz, com destino a Guéthary, no seu catamarã, um Hobie Cat 16. Chegou a Guéthary por volta das dez horas do dia

7 de agosto e passou uma hora com amigos, o campeão australiano de surfe Murphy Nash e a esposa, que residem em Guéthary. Théodore Duhamel iniciou o caminho de volta para Biarritz, mas não chegou à sua casa. A esposa, Emma Duhamel, e o filho, Nicolas, de onze anos, esperam-no ansiosamente desde então. A polícia vasculhou a costa, de Anglet a Hendaye, sem sucesso.”

Não havia fotos naquela matéria, mas a seguinte era ilustrada com um retrato em preto e branco um pouco borrado do pai, tirado em Paris durante um jantar. Ele usava terno e gravata e tinha uma taça de champanhe na mão.

“Catamarã encontrado na praia de Hendaye. O Hobie Cat 16 pertencente ao empresário parisiense Théodore Duhamel (33 anos), desaparecido desde o dia 7 de agosto, foi encontrado ontem, parcialmente destruído, na praia de Hendaye. A embarcação foi identificada formalmente por sua esposa, Emma Duhamel (34 anos). A polícia declarou que nenhum corpo foi encontrado ainda. Théodore Duhamel, de acordo com outros proprietários de barcos, era um experiente marinheiro e surfista, muito acostumado às áreas perigosas da região. As condições do tempo eram boas e a corrente não era forte no dia 7 de agosto. O empresário parisiense e a família viajavam todos os verões para Biarritz e alugavam um apartamento com vista para a costa basca. Eram muito conhecidos pela população local, principalmente pela comunidade do surfe. De acordo com seus amigos surfistas, o casal Duhamel, pais de Nicolas, de onze anos, levava um casamento feliz. Sua esposa declarou que não havia razão para o marido tirar a própria vida.”

Nicolas leu o aviso fúnebre publicado no “Carnet du Jour” do *Figaro* de 7 de agosto de 2003.

“Dez anos atrás, em 7 de agosto de 1993, Théodore Duhamel desapareceu no mar, na costa de Guéthary. Seu nome será inscrito hoje no jazigo da família, na Divisão 92 do cemitério do Père-Lachaise.

Sr. e Sra. Lionel Duhamel, seus pais
Sra. Théodore Duhamel, sua esposa
Nicolas Duhamel, seu filho
Sra. Elvire Duhamel, sua irmã.”

Nicolas passou para as anotações e cartas. A visão da letra inclinada do pai foi como um tapa na cara. Ele não deparava com isso havia anos, e lá estava, como se seu pai tivesse escrito aquelas frases momentos antes com a Montblanc de tinta preta. Ficou maravilhado ao perceber a intimidade de um manuscrito, sua força pessoal, seu fascínio. Como era possível que a letra do pai continuasse ali, no papel à sua frente, mesmo depois de ele ter desaparecido sem deixar vestígios?

Descobriu listas quase incompreensíveis de nomes, lugares, datas. Parágrafos inteiros que tinham sido riscados e reescritos. Leu-os com atenção, na esperança de encontrar algum detalhe específico, alguma pista. Em vão. Sua mãe passara uma fita vermelha ao redor de uma dezena de cartas, nas quais ainda constavam seu nome de solteira e um endereço no sexto arrondissement.

Ele imaginou que fossem as primeiras cartas de amor do seu pai para ela. Não quis lê-las. Seria como levantar uma cortina para revelar a antiga intimidade dos dois. Na pilha seguinte havia contas, somas e faturas. Algumas envolviam valores astronômicos. Os documentos referentes a impostos também mostravam cifras que surpreenderam Nicolas. Ele não imaginava que seu pai tivesse ganhado tanto dinheiro. Outra descoberta foi que ele muitas vezes pagava o imposto de renda com atraso. Havia inúmeras cartas longuíssimas para o departamento fiscal, nas quais explicava, com muitos detalhes, as complicadas razões pelas quais não conseguira quitar as dívidas no prazo. As cartas eram escritas em estilo impecável, com gramática e ortografia perfeitas, embora esse não fosse o forte de seu pai. Nicolas deduziu que a mãe escrevia o que o marido ditava.

Passou para a pasta de fotos. A primeira que pegou era dos seus pais, tirada por um tal de Maxime Villanova, com o ano “1980” no verso. Era um retrato grande em preto e branco e papel brilhante dos dois em pé à frente de um fundo claro, sem dúvida tirada nos estúdios da *Paris Match*, onde seu pai trabalhava quando conheceu Emma. Nicolas nunca a vira. Emma e Théodore Duhamel, aos vinte anos, mais jovens do que ele agora, estavam lindos. Usavam calças pretas de couro, botas e camisas também pretas abertas até o umbigo. Tinham os mesmos cabelos longos rebeldes, e rostos pálidos perfeitos. Pareciam astros do rock, uma versão anos oitenta de Patti Smith e Robert Mapplethorpe.

A fotografia seguinte era de uma série que Nicolas vira muitas vezes. Mostrava seu pai e ele na frente do Jaguar. Uma das mãos do pai segurava um charuto e a outra abraçava seus pequenos ombros de menino. Em seguida, mais uma desconhecida. Nicolas devia estar com cinco ou seis anos. Era verão, eles tinham ido a um casamento em Arcangues e chegaram atrasados. Nicolas sorriu ao se lembrar de todos os rostos virados para eles quando entraram na igreja, seu pai com o peito estufado como um rei recém-coroadado, com um terno salmão e sem camisa por baixo. O peito nu e bronzeado tinha provocado os outros convidados, especialmente as mulheres. Nicolas usava uma roupa de marinheiro branca e azul. Emma não aparecia na foto. Talvez ela a tivesse tirado. Ele examinou outras, com o coração batendo forte. O desafortunado Hobie Cat diante do Hôtel du Palais, na Grande Plage, em Biarritz. Emma e a irmã Roxane em um baile à fantasia. Sua tia Elvire no dia do casamento com Pablo, em Sevilha. Nicolas ainda bebê em um carrinho no Jardin des Plantes.

Depois uma foto antiga em preto e branco de uma garota rechonchuda, de cabelos escuros, com uma criança pequena nos braços. Não tinha ideia de quem podia ser. Não se parecia com ninguém que ele conhecesse. Nicolas virou-a. Reconheceu a letra do avô. “Théodore. Paris, 1961.” A adolescente de rosto redondo era Zinaida Koltchine, e a criança, seu filho ilegítimo. Ela contemplava o bebê com evidente orgulho, mas também, pensou Nicolas, com uma expressão ao mesmo tempo de curiosidade e desconfiança. Era muito diferente da burguesa esguia e sofisticada que se tornaria. Como era possível ela ter se transformado tanto, perguntou-se Nicolas. A avó só podia ter chegado tão longe com uma tremenda força de vontade. Parecia que, ao deixar a União Soviética para sempre, em 1961, para tornar-se Nina Duhamel em Paris, ela também deixara para trás sua antiga vida. Nicolas colocou a foto na carteira.

Na pasta “Documentos importantes”, Nicolas deparou-se com uma cópia da certidão de nascimento de Zinaida. Leu que os pais dela, seus avós, chamavam-se Natacha Levkin (nascida em Petrogrado, em 1925) e Vladimir Koltchine (nascido em Petrogrado, em 1921). Quem seriam? Ainda estariam vivos? Eles sabiam quem era o pai do bebê? Como Zinaida tinha conhecido Lionel Duhamel, um rico homem de negócios, quinze anos mais velho do que ela? O que Lionel sabia sobre o passado da esposa adolescente?

Nicolas pegou a certidão de nascimento e colocou-a no bolso. Ainda na cozinha da mãe lembrou-se, pela primeira vez em treze anos, da conversa que escutara no apartamento dos avós, no boulevard Saint-Germain, logo depois do desaparecimento de seu pai. Do tom desolado de Lionel: “Sei que você detesta que eu fale em Leningrado.” Théodore Duhamel teria alguma vez interrogado a mãe? O que ela teria contado? Não havia respostas. Mas essas dúvidas se tornaram, ainda que não de propósito, o ponto de partida do romance que Nicolas escreveria. Elas foram a base sobre a qual ele construiu, pouco a pouco, e inconscientemente, a história de Margaux Dansor.

Enquanto recolocava a caixa na escrivaninha da mãe e calçava seus sapatos úmidos, Nicolas começou a se dar conta do que devia fazer para compreender quem era seu pai e de onde vinha Fiodor Koltchine.

Capítulo 18

Sem nenhum ruído, Nicolas sai do quarto ainda de madrugada, quando os primeiros raios dourados de sol começam a se infiltrar pelas cortinas. Ele não dormiu um minuto sequer. Seu corpo está dolorido, e a cabeça, a ponto de explodir. A gravidez de Malvina lhe causa o mesmo efeito de uma ressaca, mas esse não é o caso, embora tenha passado a maior parte da noite no bar. Estava assustado demais para se embriagar. Como se permitira entrar nessa roubada? Nicolas tinha vontade de dar com a cabeça na parede. Podia jurar que Malvina tomava pílula. Até a via tomar, à noite, antes de se deitar. Ele tinha perguntado sobre isso uma vez, no início do relacionamento, porque detestava usar preservativo, e ela respondera que sim, que tomava pílula. Nicolas nunca duvidara de sua palavra. Ela teria se esquecido de tomar? Teria feito de propósito, para engravidar? Seria uma armadilha? Ele recorda o brilho estranho nos olhos dela quando lhe contou, em êxtase e com o teste de gravidez na mão, que teria um filho dele. Um filho dele.

Nicolas desce para a praia. Não há ninguém por perto. É cedo demais. Também não há espreguiçadeiras nem guarda-sóis. Ele se senta na área de concreto, balança os pés na água e observa o mar. Ela não podia ter esse filho. Seria uma catástrofe para a vida dos dois. E para a vida da criança.

Com a cabeça entre as mãos, ele se lembra do que aconteceu na véspera. Após a saída do médico, Malvina tinha chorado de alegria e em seguida o abraçara com força. Ele estava atordoado demais para dizer qualquer coisa. Ela havia ligado para a mãe, e ele se aproximara da janela, tremendo. O telefonema não acabava nunca.

Ela falava baixo e ria, em êxtase. Nicolas continuava petrificado, horrorizado. Até que, por fim, ela desligou.

— Meu amor, meu querido — sussurrou ela, em tom de súplica. — Venha cá.

Ele a interrompeu, com voz firme:

— Malvina, precisamos conversar.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Não estrague este momento maravilhoso.

— Precisamos conversar agora — insistiu ele, trêmulo, ciente de que a raiva distorcia sua voz. — Este assunto não pode esperar.

Ela se levantou da cama e passou os braços ao redor de seu pescoço.

— Falaremos de manhã, combinado? Não precisamos conversar agora.

Ele suspirou, exasperado.

— Precisamos conversar agora, sim, Malvina. Este assunto não pode esperar. Não posso ficar plantado aqui e não falar sobre o que está acontecendo.

Tentou se livrar dos braços de Malvina. Ela se afastou e estreitou os olhos.

— Por que tanta raiva? É uma ótima notícia!

— Ótima notícia? — Ele quase gritou. — Você está louca?

— Esta criança é a melhor coisa que poderia acontecer a você, Nicolas Kolt.

Em seguida, ela foi para o banheiro. Ele ouviu a água correr.

— Malvina! — gritou, tentando abrir a porta, mas ela se trancara lá dentro.

Nicolas estava a ponto de explodir de raiva. Não conseguia ficar mais um minuto com ela naquele quarto. Pegou o BlackBerry, um pouco de dinheiro e, por alguma razão inexplicável, o relógio Hamilton Khaki. Saiu e bateu a porta com força. Estava tão exasperado que ignorou o cumprimento do casal gay e dos suíços a caminho do bar para os aperitivos. Nem mesmo os viu. A única coisa que via era que havia sido enganado. Seguiu para o terraço e parou perto da piscina. Por sorte, o local estava quase vazio. Sentou-se em uma cadeira e percebeu que suas pernas tremiam. O que era aquilo? Medo? Raiva? As duas coisas, talvez. Um garçom se aproximou para saber se ele queria beber alguma coisa, e ele apenas balançou a cabeça sem uma palavra. Havia uma única pessoa com quem ele queria falar naquele momento. Uma única pessoa que poderia compreendê-lo e ouvi-lo. Delphine. Procurou seu nome, pressionou a tecla de discagem rápida e esperou chamar. Imaginou-a baixando os olhos para o celular e vendo seu nome na tela. Ela não atendeu. Entrou a mensagem automática da caixa postal com a voz dela, cujo som ainda fazia seu coração acelerar. Ele não deixou recado.

Nicolas continuou onde estava, trêmulo de desespero. De repente, a tela se iluminou e apareceu o nome de Delphine, que retornava a ligação. Ele atrapalhou-se para atender.

— Desculpe, Nicolas. Meu telefone estava no fundo da bolsa, como sempre!

Ele ficou tão feliz ao ouvir a voz dela que quase não conseguiu falar.

— Delphine...

— Li o artigo de Taillefer hoje de manhã. Até me doeu!

— Pois é. Li partes, apenas. Não tudo.

— Fez bem. Foi melhor não ler tudo. Onde você está?

— Na Itália. E você?

— Na Normandia. Com um amigo. E o livro, está caminhando?

Ele fez uma pausa.

— Não.

Delphine esperou que ele falasse. Ela sabia como fazer isso. Que falta ele sentia do seu timing.

— Malvina está grávida.

Com cautela, ela perguntou:

— Gravidez planejada?

— Não! — gritou Nicolas. — Não, claro que não!

— O que você vai fazer?

— Não sei! — Ele quase chorou. — Ela está eufórica. Era o que ela queria. Fui enganado. Sou um idiota!

— Você precisa falar com ela.

— Não adianta! Ela acha que foi a melhor coisa que já lhe aconteceu! Está louca de felicidade!

Delphine manteve a calma.

— Você deve estar se sentindo péssimo, mas preciso fazer uma pergunta. Você não vai gostar, mas farei mesmo assim.

— Vá em frente — disse Nicolas.

— Tem certeza de que o filho é seu?

Ele ficou chocado.

— Bem, não há como saber, claro, mas acredito que sim. Ela é fiel, pelo menos imagino que seja.

— Seria bom considerar um teste de paternidade.

Nicolas deu uma risada sarcástica.

— Delphine, você não entende, eu não quero que ela tenha essa criança. Não vou esperar o bebê nascer para confirmar se é meu.

— Então você não quer mesmo saber dele.

— Não! — gritou de novo, furioso e fora de si. — Não quero essa criança. Não quero!

Nicolas percebeu que o grupo de pessoas atrás dele o observava. Afastou-se delas.

— Por quê? — perguntou ela, tranquila.

— Por quê? — repetiu, baixando o tom de voz.

Devia responder? Ela o acharia ainda mais patético? Claro que sim. Sua atitude era totalmente patética. Ela estava sozinha ou havia algum homem ao seu lado?, perguntou-se Nicolas. Alguém escutava o que falavam? Quando a conversa terminasse, o sujeito faria perguntas. Suspirando, ela responderia que era seu ex, o escritor. Na Normandia, ela dissera. Ele imaginou um daqueles hotéis antigos charmosos, em Trouville, ou em Cabourg, um quarto com varanda e vista para o mar de um tom azul-cinza. Naquela hora eles deviam estar se preparando para descer e tomar um drinque, Delphine com o vestido azul que ele adorava, aquele que combinava com seus cabelos castanho-avermelhados e sua pele branca...

Como ele não disse nada, Delphine prosseguiu, sempre afável.

— Você ama Malvina, Nicolas?

— Não — respondeu ele de imediato. — Não, não a amo.

Sua vontade era acrescentar: “É você que eu amo. Você. Você. Nunca deixei de amá-la, Delphine. Você. Não parei de pensar em você. A saudade que sinto quase me mata.” Ele não disse essas palavras, mas teve a estranha sensação de tê-las dito, e que, de algum modo, Delphine as ouvira enquanto elas flutuavam, mudas, porém onipresentes, no silêncio entre os dois.

— Então fale com ela. Diga que não há futuro para vocês dois e essa criança. Fale agora.

Enquanto observa o mar, Nicolas pensa nas palavras de Delphine. Falar com Malvina. Já era manhã de domingo, e eles partiriam naquele mesmo dia, no final da tarde. Um carro os levaria

do hotel para o aeroporto. Ele tinha o dia inteiro, seu último dia, para falar com ela. Depois da conversa com Delphine, na véspera, Nicolas andara pelo terraço, de um lado para outro, com os punhos cerrados. Não havia a menor possibilidade de ele voltar para o quarto. Nem de jantar com Malvina. Mas para onde iria? Estava aprisionado em uma luxuosa gaiola dourada com os hóspedes elegantes que agora começavam a chegar ao bar, em mais um desfile de joias e vestidos exclusivos. Não queria cumprimentar ninguém, por isso virou-se para o mar, para a liberdade. Não tinha interesse em saber se Dagmar Hunoldt estava ali, em algum lugar às suas costas. Naquela noite, ele não tinha o que dizer a ela. Estava sem paciência. O Dr. Gheza, em um impecável blazer branco, perguntou se estava tudo bem e se a *signorina* Voss tinha melhorado. Nicolas respondeu, sem sorrir, que sim, obrigado, ela havia melhorado. Dr. Gheza informou, com um sorriso parecido com o do gato da Alice, que aquela era a Noite do Samba, e que haveria a apresentação de uma banda brasileira contratada para tocar exclusivamente para convidados selecionados. Ele esperava que o *signor* Kolt e a *signorina* Voss comparecessem. Antes que o Dr. Gheza tivesse tempo de acrescentar algo, Nicolas pigarreou, murmurou um “com licença” e afastou-se do bar, para tristeza de Alessandra e sua mãe. Dirigiu-se à recepção, como se para justificar a sua saída. Em seguida, sentou-se, desanimado, em um dos sofás, pegou uma revista e folheou-a sem prestar atenção. O que faria naquela noite? A última pessoa com quem ele queria estar ou falar era Malvina. Como escapar dela por algumas horas? Estavam em uma ilha. Sentia-se prisioneiro. Não tinha vontade sequer de checar seu BlackBerry, que continuava esquecido no bolso. A jovem atrás do balcão da recepção sorriu para ele. O crachá exibia o nome “Serafina”. De repente, ele teve uma ideia. Levantou-se em um salto e perguntou a Serafina se era possível jantar em algum lugar fora do Gallo Nero. Sempre sorridente, ela respondeu que era possível, claro. Um barco poderia levá-lo aonde quisesse, ao longo da costa da ilha. Havia alguns restaurantes charmosos do outro lado, a não mais de trinta minutos dali. Ela devia providenciar uma reserva? Não, não, respondeu ele, satisfeito. Nada de reserva. Quando o condutor do barco estaria livre? Serafina disse que Davide estava à sua disposição na hora que ele desejasse. Nicolas ficou radiante. Onde encontraria Davide? No píer, respondeu a garota, e reparou que de fato o Sr. Kolt tinha um sorriso magnífico. Ele agradeceu e foi direto para o elevador ao estilo James Bond. A banda brasileira começava sua apresentação com “Mas que nada”. Quem se importava? Ele tinha conseguido escapar. Riu, satisfeito. No píer, um homem da sua idade, alto e de blazer preto, o aguardava.

— *Buona sera, signor Kolt* — disse ele, educadamente, curvando um pouco o corpo. — *Sono Davide.*

Nicolas retribuiu o sorriso, entusiasmado, e subiu no Riva preto com a alma muito mais leve. O barco afastou-se da costa com o motor roncando alto. Nicolas ficou de pé, ao lado de Davide, ombro a ombro. O vento ricocheteava em seus cabelos, e a água do mar respingava no seu rosto. Ele se virou para admirar o Gallo Nero e as luzes brilhantes do terraço, que pareciam saudá-los. Sentiu-se como um pássaro livre ao respirar o inebriante ar marítimo. Davide perguntou para onde devia seguir. Precisou gritar para ser ouvido, e Nicolas também gritou quando respondeu que não tinha ideia, que Davide podia escolher, por favor, um lugar simples

onde ele pudesse comer e beber algo.

— Um lugar sem complicações. Diferente daquele lá atrás.

Apontou para o Gallo Nero, agora ainda mais distante. Davide fez um sinal positivo com a cabeça, e Nicolas sentiu que havia camaradagem entre eles. Sentiu que, de algum modo, Davide compreendia que seu passageiro precisava escapar, mesmo que não imaginasse que ele fugia de uma namorada grávida e de uma overdose de luxo. Nicolas estava contente por não ter tido tempo de trocar de roupa para o jantar, por ainda estar com o calção de banho embaixo da bermuda, uma camiseta preta da Gap e tênis Converse. Podia ser confundido com qualquer outro sujeito de vinte e nove anos em uma noite de verão.

Davide seguia em frente, em alta velocidade, deixando o barco subir e descer ao sabor das ondas, às vezes aterrissando com solavancos enormes que os jogavam um contra o outro. Nicolas recuperava o equilíbrio e os dois trocavam um sorriso de cumplicidade tácita, infantil, que aquecia seu coração. Depois Davide deixou Nicolas assumir o timão, sentir as vibrações estimulantes do motor sob a palma das mãos. Ao redor deles, as sombras aumentavam, o sol deslizava para trás da colina, o azul do mar se tornava cada vez mais profundo, e as correntes de ar fresco aliviavam o calor. Davide reduziu a velocidade quando se aproximaram de uma cidadezinha cujas casas em tons desbotados de rosa e azul descreviam um amplo círculo. Nicolas avistou uma casa grande e exótica, com o reboco da fachada já um pouco gasto, um jardim muito florido e um caramanchão acima de mesas e cadeiras. Davide apontou para a casa.

— Villa Stella — disse. — É linda. O senhor vai gostar.

Em seguida, entregou-lhe um cartão com um número para o qual ele devia ligar quando quisesse voltar para o hotel. Nicolas agradeceu. Antes de atravessar os portões de ferro, mandou uma mensagem de texto para Malvina. “Precisamos mesmo conversar. Fui para outro lugar refletir sobre tudo isso. Volto mais tarde.” Em seguida, guardou o celular no bolso, com o cartão de Davide. Sentou-se embaixo do caramanchão, a uma mesa grande onde já havia outros clientes. Era um grupo alegre e barulhento que incluía crianças pequenas, mas aquilo não o incomodava. As famílias eram italianas. Não havia turistas. Uma adolescente que falava um pouco de francês e inglês sorriu timidamente para ele e lhe ofereceu uma taça de vinho branco. Ela explicou que trabalhavam com um menu fixo. Nhoque como primeiro prato, peixe como segundo. Não sabia o tipo de peixe, mas garantiu que era muito bom. Nicolas estava encantado. Recostou-se na cadeira, provou o vinho, seco e bem gelado, exatamente como ele gostava, e olhou ao redor. O perfume sedutor de uma enorme figueira chegava até ele. Através da folhagem exuberante, conseguia entrever uma lua prateada. Reparou que as famílias italianas riam e se divertiam. Reparou também que a garota servia os pratos com gestos atenciosos, embora desajeitados, o que a deixava ainda mais cativante. A refeição que lhe serviram em Villa Stella foi uma das melhores da sua vida. Comida simples, rústica, preparada com carinho por alguma “mamma” rechonchuda, com o avental desbotado amarrado ao redor dos largos quadris e os cabelos pretos pintados presos em um coque. O sabor trouxe à sua lembrança o verão que passara na Ligúria com François. Tudo lhe agradava: a superfície um pouco engordurada da mesa, as migalhas de pão deixadas pelo freguês anterior, o barulho ensurdecedor. Essa era a Itália

que ele preferia, a verdadeira Itália, que em nada lembrava o paraíso asséptico do Gallo Nero. Em nenhum momento ele se sentiu sozinho naquela mesa enquanto saboreava cada garfada com prazer e sensualidade. Não pensou em Malvina nem no bebê. Não pensou no artigo de Laurence Taillefér, na sua mãe com Ed, em Dagmar Hunoldt. Não pensou em Delphine nem em Alice Dor. Não pensou no romance inexistente sobre o qual mentia havia tanto tempo.

Colocou o Hamilton Khaki na mesa à sua frente e pensou no pai, Fiodor Koltchine, e em como teria feito o possível e o impossível para ter o pai naquela noite, naquela mesa da Villa Stella, ainda que fosse preciso invocar divindades, apelar para algum vodu ou arriscar algum tipo de pacto.

Capítulo 19

Enquanto passava os dias na frente do computador sem escrever, navegando o tempo todo, apático e com a mente confusa, Nicolas estava obcecado pelo processo de criação de outros autores, autores vivos, autores mortos, autores consagrados ou menos conhecidos, autores franceses, britânicos, indianos, espanhóis, italianos, canadenses, turcos, americanos, qualquer autor. Buscava na internet detalhes do que eles escreviam. Muitos, ao que parecia, se inspiravam em fatos, conversas, em outros livros. E uma vez que a ideia tomava forma, como eles passavam para a escrita de seus romances? Nicolas estava sedento de toda e qualquer informação. Quanto tempo eles levavam? Faziam anotações? Pesquisavam? Havia um esboço? Era detalhado? Ou eles simplesmente se sentavam e escreviam, como no caso dele com *O envelope*? Nicolas ficou sabendo, por exemplo, que Russell Banks não gostava de escrever ficção no computador, pois isso restringia seu fluxo de ideias. Escrevia os primeiros rascunhos à mão, seguindo um plano simples, apenas para não se perder. Nelson Novézan admitia que escrever era algo tão torturante que ele precisava recorrer ao álcool, às drogas e ao sexo para não desistir, além de se trancar em quartos de hotéis cinco estrelas. Margaret Atwood, que tuitava tanto quanto Nicolas, imprimia os capítulos e empilhava as folhas no chão, alterando a ordem deles sempre que precisava. Quando tinha uma ideia para um romance, ela a anotava no primeiro pedaço de papel que encontrasse, até em um guardanapo. Nicolas descobriu que Orhan Pamuk também escrevia à mão e seguia uma trama estruturada, da qual não se desviava por nada. Michael Ondaatje literalmente cortava e colava parágrafos inteiros em grossos cadernos. Kazuo Ishiguro fazia correções implacáveis, suprimindo trechos de cem páginas ou até mais. Jean d'Ormesson fazia o mesmo, e certa vez aproveitou apenas três páginas das trezentas que escrevera durante um verão. Katherine Pancol mantinha uma caneta pendurada no pescoço para anotar suas ideias, comia chocolate e bebericava chá enquanto trabalhava. William Faulkner tomava uísque. F. Scott Fitzgerald bebia demais. W.H. Auden usava Benzadrina. Charles Baudelaire tratava suas enxaquecas envolvendo a cabeça com panos embebidos em água sedativa. Émile Zola escrevia melhor em Médan, na sua casa de campo às margens do Sena. Daphne du Maurier encontrava inspiração em Menabilly, sua propriedade na Cornualha, e escrevia no quartinho do jardineiro, sob as árvores, para ficar longe dos filhos. Ernest Hemingway produzia quinhentas palavras por dia, todos os dias. Ian McEwan, mil palavras. Tom Wolfe, mil e oitocentas. Stephen King, duas mil. James Joyce precisava de um dia inteiro para escrever poucas frases. Georges Simenon produzia um romance a cada quatro meses e encontrava os nomes de seus heróis no catálogo de telefone. Vladimir Nabokov escrevia em fichas. Virginia Woolf, Victor Hugo e Philip Roth

escreviam em pé. Truman Capote, ao contrário, precisava se deitar, acompanhado de um café e um cigarro. Roald Dahl se enfiava em um saco de dormir antes de se sentar na sua cadeira. Salman Rushdie escrevia de manhã cedo, ainda de pijama, no seu escritório. Marcel Proust na cama, tarde da noite. Mark Twain também. Haruki Murakami começava a escrever às quatro horas da manhã. Amélie Nothomb também, e sempre com caneta esferográfica azul. Anthony Trollope era outro que escrevia de manhã cedo, das cinco e meia às oito e meia. Amos Oz fazia uma caminhada de quarenta e cinco minutos às seis horas da manhã, e em seguida começava a trabalhar. Joyce Carol Oates preferia escrever antes do café da manhã. Toni Morrison escrevia muito cedo por gostar de ver o sol nascer. John Steinbeck fumava um cachimbo. Guillaume Musso escutava jazz. Dorothy Parker datilografava com dois dedos. Serge Joncour usava protetor de ouvidos e levantava halteres. Simone de Beauvoir escrevia oito horas por dia, com uma pausa para o almoço. Paul Auster, seis horas. Emily Dickinson trabalhava em uma mesa minúscula. Joanne Harris, em um abrigo de pedra construído por seu marido. Marc Levy, em uma mesa feita de uma porta antiga apoiada em cavaletes. As irmãs Brontë, na sala de jantar. Nathalie Sarraute e Ismael Kadare, em cafés. P.D. James, na cozinha. Jane Austen, em um quarto com uma porta que rangia sempre que alguém entrava. Gustave Flaubert reescrevia seu texto muitas vezes. Gabriel García Márquez só conseguia escrever em ambientes familiares e nunca em hotéis ou em uma máquina de escrever emprestada. Annie Proulx começava suas histórias pelo fim. Delphine de Vigan tinha necessidade de um longo intervalo entre dois romances. Maupassant precisava de mulheres, Cocteau, de ópio. Nicolas interrompeu a pesquisa. Todas as informações coletadas acabaram deprimindo-o. Sua sensação de inadequação só aumentava.

Enquanto saboreava a refeição na Villa Stella, Nicolas tentou analisar as razões pelas quais não conseguia reunir forças para escrever. Seria apenas porque caíra na sedutora e inextricável armadilha da internet e das redes sociais? Os três anos ininterruptos de viagens para promover o livro não o haviam modificado? Talvez a fama na verdade o tivesse transformado na pessoa fútil e nada interessante que Roxane e François estavam agora convencidos de que ele era. Ou simplesmente não era um escritor, e sim apenas um produto, como o artigo de Taillefer mencionara com tanta crueldade? O limoncello deixava um sabor doce e cítrico em sua boca. Ele gostaria que esta noite estrelada embaixo da enorme figueira durasse para sempre. Uma das famílias italianas comemorava um aniversário, e ele prestou atenção em tudo, no bolo, nas velas, nos rostos reunidos ao redor do aniversariante, nas canções, na alegria, nos beijos, nos abraços, na abertura dos presentes. Podia descrever tudo com extrema facilidade, os avós, simpáticos e afáveis, o tumulto provocado pelas crianças, o pai de cabelos já grisalhos, a mãe cheia de orgulho, o garoto que completava quinze anos naquele dia e que, mesmo sem ser ainda um homem, já manifestava arrogância e estilo. Nicolas observou o pai se aproximar e afagar os cabelos do filho e de novo sentiu a dor da perda do próprio pai. Pensou em tudo que devia a Fiodor Koltchine. Se nunca tivesse visto o verdadeiro nome do pai na certidão de nascimento, jamais teria escrito *O envelope*. Refletiu algum tempo sobre isso. Se nunca tivesse escrito aquele livro, ele ainda viveria com Delphine e Gaia em cima do correio, na rue Pernety? Continuaría a

dar aulas particulares? Parecia impossível voltar àquela antiga vida, por mais encantadora que tivesse sido. O furacão Margaux o estragara. Agora estava acostumado ao luxo, aos voos de primeira classe, aos melhores hotéis. Não tinha ideia do estranho e inesperado caminho que estava por tomar quando o livro foi publicado, não sabia até que ponto um livro pode modificar uma vida.

De fato, sua indolência era surpreendente, pensou ele, pouco à vontade, enquanto observava a família italiana deixar o restaurante. Não era possível continuar assim. Ele precisava fazer um esforço, ter disciplina, deixar a preguiça de lado. Tudo estava ali, na ponta dos dedos. Se pelo menos tivesse energia para ir em frente! Poderia escrever sobre um luxuoso hotel à beira-mar e seus hóspedes elegantes, sobre uma editora famosa, sua chegada inesperada e o que aconteceria a seguir, sobre um autor em crise de inspiração, sobre sua ex e seus quadris sob o chuveiro, seu timing perfeito e o amor que ainda sentia por ela, sobre um cretino que caiu na armadilha da namorada grávida, sobre uma dona de casa sensual de Berlim, sobre a misteriosa vida amorosa de sua mãe. Poderia escrever sobre o que quisesse. Já fizera isso uma vez. Poderia fazer de novo, caso conseguisse se recompor. Em vez de apenas pensar, precisava erguer a cabeça e trabalhar. Fisicamente. Escrever o novo livro. O clarão azul de Rascar Capac estava à espreita, em algum lugar. Bastava encontrá-lo e começar a produzir.

Já era tarde quando Nicolas ligou para pedir a Davide que o levasse de volta ao Gallo Nero. Navegaram na escuridão, deslizando nas águas negras. Dessa vez Nicolas se sentou atrás e observou o céu sem nuvens e as estrelas. Quando chegaram, agradeceu a Davide com um tapinha nas costas. Ele não tinha gorjeta para lhe dar, pois deixara uma gratificação generosa para a garçonete corada, mas Davide pareceu não se importar. Disse que se Nicolas quisesse ir a algum lugar, bastava telefonar. Ele subiu para o terraço. A noite brasileira tinha acabado, mas o bar continuava cheio. Reparou em rostos que não tinha visto antes. Espanhóis sofisticados, uma mulher bonita na companhia de três homens. Seu marido, seu irmão e o pai, imaginou ele. Uma família francesa, a imagem da elegância e do refinamento. A mãe, baixa, ágil e bronzeada, de cabelos pretos mesclados com fios prateados; o pai, atraente apesar da calvície incipiente, vestia camisa rosa e calça bege; e dois filhos esguios de vinte e poucos anos. As bonitas irmãs sócias de Natalie Portman estavam de volta, cada uma de braço dado com um pretendente. A noite de sábado estava movimentada no Gallo Nero. Ou já era domingo? Nicolas conferiu o relógio. Sim, domingo. Ele não tinha a menor vontade de voltar para o quarto e enfrentar Malvina. Pediu água com gás para Giancarlo, que, por intuição, entendeu que seu humor estava péssimo naquela noite. As louras americanas estavam sentadas não muito longe, usando maquiagem pesada, os pescoços cobertos de joias, martinis nas mãos. Nicolas não conseguiu deixar de escutar a conversa delas. Suas vozes soavam tão alto que todos podiam ouvi-las, ainda que forçosamente. Elas estavam mesmo falando sobre um salão de beleza onde tinham mandado pintar os pelos pubianos? Ele queria ter certeza. Estavam. Quando viram que ele se virou, deram uma gargalhada e lhe mandaram beijos. Antes que percebesse o que estava acontecendo, Giancarlo lhe entregou um martíni.

— Da parte das senhoras americanas — murmurou Giancarlo. — Acho que elas gostam de

você.

Nicolas virou-se de novo e sorriu de longe. Em seguida, pegou o drinque e aproximou-se delas, que o acolheram calorosamente. Seus nomes eram Sherry e Mimi. Sherry era de Palm Springs, e Mimi, de Houston. Eram amigas, as duas viúvas. Pontuavam cada frase com uma risada e um movimento brusco da cabeça, como os cantores de hard rock. Confuso no início, Nicolas logo compreendeu que era assim que elas transmitiam as emoções, já que tinham o rosto esticado como o couro de um tambor e também as pálpebras arregaladas, como as de Alex DeLarge em *Laranja mecânica*. As duas eram tão expressivas quanto uma múmia.

— Claro que sabemos quem você é — disse Sherry, entusiasmada, revelando dentes brancos impecáveis —, e te adoramos, na verdade te amamos de paixão, mas não queremos incomodá-lo com isso...

— Você já tem muitos fãs por aqui — completou Mimi, agitando as mãos com unhas vermelhas —, todas essas pessoas que já leram seu livro...

— E as que viram o filme! — acrescentou Sherry.

— O filme não é meu — corrigiu Nicolas, como sempre fazia —, é de Toby Bramfield. É ele o diretor.

— Ah, meu Deus, você estava tão lindo no filme — disse Mimi, animadíssima, levando as mãos cheias de anéis ao peito inflado —, naquela cena em que Robin Wright vê pela primeira vez o verdadeiro nome do pai, e você está bem atrás dela, lembra?

Paciente, Nicolas confirma com a cabeça. Quantas vezes ele já ouviu comentários desse tipo? Impossível contar.

— Mimi, querida, dê uma trégua ao pobre menino, por favor — reclamou Sherry, cutucando o ombro da amiga. — Ele está aqui de férias, não esqueça. Para descansar!

— Descansar? — repetiu Nicolas, em tom irônico. — Bem que eu gostaria!

As duas balançaram a cabeça ao mesmo tempo para que ele compreendesse que estavam chateadas.

— Por quê? — perguntaram em coro, com voz lúgubre. — O que aconteceu?

— Esqueçam o que falei — disse ele, tomando um gole de martini. — Quero saber de vocês. Quando chegaram? Gostam daqui?

Foi como apertar um botão. Ele se recostou na cadeira e escutou. Elas adoravam o Gallo Nero, como seria possível não amar um lugar assim? Adoravam o spa, o bar, os quartos, a vista, a comida, o serviço, tudo! Enquanto elas falavam sem parar, Nicolas lembrou-se da sua primeira viagem aos Estados Unidos para promover o livro, em 2009, quando *O envelope* entrou na lista dos mais vendidos do *The New York Times*. Ele nunca tinha estado na América do Norte. A primeira parada foi em Nova York, depois ainda visitou Washington, Atlanta, Miami, Los Angeles e São Francisco. Alice Dor acompanhou-o durante as duas semanas da viagem. Ele tinha acabado de terminar com Delphine, ou melhor, ela acabara de abandoná-lo, e ele pegara o avião em estado de choque, com os olhos vermelhos. Tivera um caso em cada cidade, com muita discrição, claro, já que Alice estava sempre por perto e ele não queria que o considerasse um mulherengo desalmado. Alice, por ser amiga de Delphine, sabia da separação e que o

rompimento havia sido decisão dela. Norma, de Nova York, era o caso que trazia a Nicolas as melhores recordações. Eles se conheceram em uma festa oferecida por sua editora americana, Carla Marsh, no terraço a céu aberto do recém-inaugurado Standard Hotel, no Meatpacking District. Nicolas se encontrou pela primeira vez com sua tradutora, com a equipe responsável pela concepção da capa, além de toda a equipe de marketing. Norma era fotógrafa e cobria o evento para uma revista. Um ou dois anos mais velha do que ele, era uma morena esbelta e com ar decidido. Tinha fotografado Nicolas a noite inteira, até ele implorar por uma trégua. Passaram o restante da noite caminhando, circulando pelo Village, parando em bares para beber e ficando cada vez mais bêbados. Quando bem mais tarde um táxi finalmente deixou-os na casa dela, em Brooklyn Heights, ele estava cansado e bêbado demais para beijá-la ou até mesmo abraçá-la, embora morresse de vontade. Quando acordou, na manhã seguinte, deparou com a vista mais fantástica que jamais imaginara de Nova York. A família de Norma morava ali havia quarenta anos. Nenhum deles, porém — seus avós, pais, irmão e irmã —, esperava um dia testemunhar o que aconteceu em 11 de setembro de 2001.

“Foi como ser um espectador indefeso, sentado no melhor lugar para assistir ao mais terrível, fascinante e monstruoso espetáculo do mundo”, explicou Norma, enquanto Nicolas, esfregando os olhos e sem dizer uma palavra, observava a cidade que cintilava em todo o seu esplendor prateado. “No início, pensei que não conseguiria fotografar o que meus olhos viam. Foi horrível. Presenciamos tudo, desde o choque do primeiro avião, às oito e quarenta e seis, até o desabamento da segunda torre. Ficamos imóveis, atônitos, em seguida gritamos como loucos. Ainda sinto o cheiro do que o vento carregava na nossa direção, cinzas em brasa, fumaça, nuvens gigantescas de poeira. Estendi a mão e peguei a câmera. Bati muitas fotos. Era preciso. Chorei enquanto fotografava, mas era preciso. Estarrecida, minha mãe gritou comigo: ‘Como você pode fazer isso, Norma? As pessoas estão morrendo.’ Mas meu pai me apoiou e disse: ‘Deixe-a fotografar, é o que ela sabe fazer, é o que ela faz, ela tira fotos, deixe que continue.’”

Norma mostrou-lhe as fotos. Estavam em um álbum preto enorme. Eram bonitas e ao mesmo tempo horríveis. Olhá-las de novo a fez chorar baixinho. Nicolas segurou sua mão e acariciou-a. Em seguida, Norma disse, sorrindo em meio às lágrimas: “Você é um amor. Meu francesinho.” Deu-lhe um demorado beijo na boca. “Agora, por favor, faça o que veio fazer.” Os Estados Unidos o adoravam. O francesinho. O parisiense alto, sombrio, com um sotaque encantador. Todos o amavam, amavam seu livro, sua aparência, tudo. A passagem de Nicolas pelas seis cidades norte-americanas foi um sucesso estrondoso. Os leitores ficavam horas na fila para pegar um autógrafa, entregavam-lhe cartas, fotos, cartões, flores. No entanto, daquela primeira viagem triunfante à América, sua lembrança mais viva e agradável era de Norma, a fotógrafa de pernas compridas de Brooklyn Heights. Das suas lágrimas, da sua sensibilidade. Acima de tudo, porém, da visão conjunta da fantástica cidade e das costas sinuosas de Norma e dos seus quadris arredondados enquanto ele a possuía diante da grandiosa vista.

Mimi e Sherry eram incansáveis. Pediram mais martinis, nos quais ele não tocou, e conversaram quase a noite inteira. Ele as escutava, ou fingia escutar, mas sua mente vagueava até o quarto onde Malvina dormia. Malvina grávida. Uma terrível sensação de pânico o invadiu. O

bar aos poucos se esvaziou, as americanas finalmente foram embora, beijando-o carinhosamente e acariciando seu rosto, como se ele fosse neto delas. Ficaram apenas os espanhóis, fumando no escuro. A espanhola era muito bonita. Cabelos sedosos, rosto bronzeado com traços perfeitos, olhos vivos. Fascinado, Nicolas observou-a em meio à fumaça, sem ânimo para voltar ao quarto. Ela por fim saiu, acompanhada por seus três homens. Giancarlo fechou o bar e foi lhe desejar boa-noite.

Nicolas caminhou pelo terraço, sem saber o que fazer. Eram quase três horas. Todos no Gallo Nero dormiam. Não havia mais barcos no mar. Era tarde demais. Foi até a escada de pedra que levava à praia. Uma brisa fresca e perfumada agitou seus cabelos. A água parecia convidá-lo. Rapidamente, tirou os sapatos, a camiseta, a bermuda e, num impulso, o calção de banho. Afinal de contas, não havia ninguém por perto. Deixou as roupas amontoadas. A água tocando seu corpo nu estava deliciosa e acetinada. Quando foi a última vez que ele fez isso? Que mergulhou em plena madrugada, nu? Não conseguia lembrar. Talvez com Delphine. Nadou um pouco, saiu da água e secou-se com a camiseta. Seu corpo tremia. A sensação era ótima. Colocou o calção de banho e a bermuda. Quando suas mãos estavam completamente secas, pegou o BlackBerry. Uma mensagem de texto da mãe: “Olá! Ligue para mim. Um beijo.” Ele pensou nela e em Ed. Imaginou o barco, o mar, o porto, a aglomeração de gente, os drinques antes do jantar, sua mãe com os vestidos longos de linho que ela usava no verão. Perguntou a si mesmo que idade teria Ed. Por que isso o incomodava tanto, se ele mesmo preferia mulheres mais velhas? A sensação seria menos incômoda se a mãe namorasse um homem da mesma idade dela ou mais velho? Um e-mail de Alice Dor: “Nicolas, você não tem retornado minhas ligações. Por favor, diga se está tudo bem. Estou preocupada. A tal Taillefer é conhecida por escrever artigos daquele tipo. Você não deve de modo algum se preocupar com isso ou desanimar. Por favor, ligue para discutirmos o assunto. Está gostando do Gallo Nero? E o novo livro, como vai? Eu adoraria falar com você sobre ele. Tenho certeza de que já lhe dei tempo suficiente para engrenar e ir em frente. Retorne minha ligação, por favor. Um abraço, Alice.” Ele suspirou. Já esperava essa reação, mas isso não tornava a situação mais fácil. Nicolas sabia que não podia continuar adiando a conversa com sua editora. Era a primeira vez que ela mencionava o livro diretamente. Não podia haver mais atraso. Ele precisava admitir sua falha. Contar a verdade. Só de pensar, já tinha vontade de sumir. O que Alice Dor faria ao saber da sua mentira? Não queria decepcioná-la. Mas era o que estava fazendo, decepcionando-a, sem que ela soubesse. Deixando que pensasse que havia um livro. Aceitando que ela lhe pagasse aquela enorme quantia para nada. Pensou em responder logo o e-mail. Não, deixaria para amanhã. Tantas coisas para fazer amanhã. Enfrentar Malvina. Enfrentar Alice Dor. Maldito domingo, pensou, com uma careta na escuridão.

Um e-mail recente de Lara: “Ei, cara, tudo bem? Acabo de ver no Facebook que você está aproveitando a vida em algum esconderijo de luxo. Como vai o livro? Quando você volta? Estou presa em Paris e ficando maluca. Não se fala em outra coisa nesta porcaria de revista a não ser no que Dominique Strauss-Kahn fez com aquela camareira no hotel de Nova York. E daí, o que temos a ver com isso? Ligue para mim ou mande uma mensagem. Estou com saudade. L.”

Alertado pela referência ao Facebook, Nicolas foi direto para sua página. Ficou apavorado ao ver que duas novas fotos haviam sido postadas por Alex Brunel. Uma mostrava Davide e ele, a toda velocidade no barco a motor. Já tinha rendido centenas de “curtidas”. A outra, postada havia menos de uma hora, era dele no bar logo depois da saída de Mimi e Sherry, olhando com ar sonhador para a bela espanhola. Por que ainda não conseguira identificar Alex Brunel? Repassou mentalmente os acontecimentos da noite. Mas o bar estava cheio, ele não tinha reparado em ninguém e, afinal, por que repararia? Só tinha prestado atenção nas pessoas novas. Na família francesa. Nos espanhóis. Quem mais estivera lá? Difícil saber. Talvez o casal alemão. Talvez Alessandra e a mãe. Ele não conseguia lembrar. Havia novas reações no Twitter ao artigo de Taillefer, que Nicolas não teve coragem nem curiosidade de ler. Então uma luzinha vermelha piscou na tela, indicando que ele tinha um novo e-mail. Na sua conta pessoal. Era de Sabina. Antes de abri-lo, fez questão absoluta de confirmar que estava sozinho. Percorreu a área cimentada da praia com passo acelerado, usando o BlackBerry como lanterna para orientar o caminho. A escuridão era total. Não havia ninguém ali. Alex Brunel não estava espiando. Ele estava completamente só. Em segurança.

Nicolas sentou-se no lado oposto da área de concreto, perto do penhasco. Dali não podia ser visto, nem de cima. Sorriu na escuridão. O BlackBerry brilhava em sua mão, como uma estranha joia. Trêmulo, abriu o e-mail de Sabina. Era uma foto dela em uma ampla cama de casal. A mesma cama da fotografia anterior com o vestido laranja. Sabina estava nua, os cabelos despenteados, as costas arqueadas, de quatro. Ele não sabia quem tinha tirado a foto (Seu marido? Um amante?), se era antiga, se era recente, não importava, o efeito da foto foi instantâneo. Ele respondeu, suplicante: “Mais. Por favor. Agora.” Outro e-mail chegou voando. A mesma cama, a mesma colcha azul-celeste. Dessa vez, no entanto, Sabina estava de costas. Nada havia sido deixado para a imaginação. Ela estava inteira na sua frente, exposta e gloriosa, em toda a sua deliciosa sensualidade. Com as seguintes palavras: “Agora me diga, Nicolas Kolt, o que exatamente você faria comigo neste momento, se de fato estivesse aqui. E, por favor, nada de romantismo.” O que faria com ela? Quando começou a se tocar, com os olhos fixos na foto que iluminava a escuridão, ele sabia exatamente o que faria com ela. Com certeza a possuiria de modo selvagem. Seria simples assim. Nada de carícias ternas, nada de preliminares. Sem perder tempo tentando saber se ela estava no mesmo ritmo ou muito atrás. Sem a preocupação de estar indo depressa demais, de machucá-la, de não usar preservativo. Podia fazer exatamente o que queria no seu mundo de sonhos. O orgasmo foi tão rápido, tão intenso, que por pouco ele não deixou o celular cair. Ficou sem fôlego por alguns segundos. Precisou voltar para a água para se limpar. Depois respondeu ao e-mail, com a respiração ainda acelerada, descrevendo com frases curtas e violentas o que a foto havia lhe inspirado. Não suavizou nada. Escreveu o que lhe veio à cabeça. Não se preocupou com erros de digitação. Mesmo que as palavras fossem obscenas, não fugiria delas. Nada de romantismo, ela dissera. Ele não temia sua reação. Nunca na vida Nicolas Kolt tinha escrito algo tão pornográfico, tão sensual, para uma mulher. No final do e-mail, escreveu: “Você pode me ligar? Logo? Quero ouvir sua voz. Quero ouvir você gozar. Ligue para mim.” E acrescentou seu número.

Quando voltou para o quarto, muito tarde ou muito cedo, havia um bilhete para ele no travesseiro. Malvina dormia um sono profundo. Ele pegou o bilhete e foi ler no banheiro. “Estou tão feliz. Um filho nosso. Um filho nosso! Amo você. Malvie.”

Capítulo 20

— Olá, Hermes — ressoa uma voz grave inconfundível.

Surpreso, Nicolas ergue a cabeça. Dagmar Hunoldt, de maiô branco, óculos de natação e touca de borracha sorri para ele. Sua silhueta pálida e imponente se destaca em contraste com o céu azul.

— Que tal nadarmos um pouco? — sugere ela.

Sem esperar para saber se Nicolas aceita ou não, ela desce a escada e se joga na água. Afasta-se com vigorosas braçadas de costas. Nicolas tira o roupão e mergulha atrás dela. A praia ainda está deserta. Eles são os únicos no mar. A água está fresca, estimulante e mais agitada do que o habitual. Nicolas tem dificuldade para acompanhar Dagmar Hunoldt. Ela parece possuir uma força interior secreta que a impulsiona mais e mais. Ele reconhece que quase não dormiu, mas irrita-se por precisar nadar tão depressa para acompanhá-la. Afinal, a mulher tem mais de sessenta anos. Como consegue? Ela continua nadando na direção do grande recife, a pelo menos oitocentos metros de distância. Nicolas cerra os dentes e se esforça ainda mais para seguir em frente. Seria humilhante demais precisar dar meia-volta. Eles agora estão longe do Gallo Nero. Que absurdo, do que ele quer se orgulhar? Que ridículo! Tudo isso para acompanhar a grande, a incomparável, a excepcional Dagmar Hunoldt. Tudo isso para impressioná-la. Quanto tempo mais ele aguentará? E o pior é lembrar que cada braçada em um sentido corresponderá a outra no sentido inverso. Ele já começa a pensar na volta. Sente que está esgotado. Levanta os olhos e constata, com grande alívio, que o recife está logo à frente, cada vez mais próximo. Dagmar Hunoldt já se ergue para sair da água e começa a escalar as pedras com o desajeitado vigor de um urso-polar. Por fim, os dedos de Nicolas se agarram à superfície rugosa do rochedo, e ele quase explode de alegria.

— Suba, Hermes — grita ela, enquanto tira a touca e alisa com a mão os cabelos brancos.

Nicolas tenta controlar a respiração entrecortada e rasteja até o topo do rochedo, onde Dagmar está sentada. Ele se agacha ao lado dela, sem conseguir esconder o tremor dos lábios e das mãos.

— Gostou da aventura? — pergunta ela, depois de algum tempo.

— Gostei — responde Nicolas, ainda ofegante. — Mas você é uma nadadora e tanto! Não é fácil acompanhá-la.

Ela dá um sorriso lento, sensual.

— Nasci nadadora. Minha mãe sempre dizia que aprendi a nadar antes de andar ou falar.

Os dois olham para o Gallo Nero, às suas costas, uma pequena mancha cor de ocre sobre o

rochedo cinza. Nicolas se pergunta como conseguirá nadar de volta até lá. O melhor agora é aproveitar ao máximo a pausa que se concederam. E se ela decidir voltar logo? Ele precisa segurá-la ali, fazer perguntas, impedi-la de se levantar, cair na água e começar o caminho de volta.

— Onde aprendeu a nadar? — pergunta ele.

— No Norte. Onde nasci.

— A água não é muito fria?

— É. Mas a gente se acostuma. E você? Onde aprendeu?

Se Dagmar Hunoldt conhecesse alguma coisa sobre ele, saberia a resposta. Saberia, como o mundo inteiro, que Nicolas Kolt passou os verões da sua infância em Biarritz, que aprendeu a nadar em Port Vieux, com o pai. Saberia, como milhões de leitores, que seu pai se afogou no verão de 1993. Era óbvio que ela continuava o seu pequeno jogo. Fingia não conhecê-lo. Bem, ele podia entrar nesse jogo também. Podia fazer de conta que não tinha ideia de quem ela era. Por que não pensara nisso antes? Ele quase ri, satisfeito.

— Aprendi a nadar com meu pai — responde. — Aos seis ou sete anos. No sul da França.

— Você é francês? — pergunta ela, sem desgrudar os olhos do Gallo Nero.

— Sou.

Claro que ela sabia que ele era francês. Sabia também que em 2006 ele precisara provar que era francês porque seu pai tinha nascido na Rússia e sua mãe, na Bélgica. Foi assim que ele teve a ideia para o livro. Dagmar sabia disso. Como era esperta e dissimulada!

— Mora em Paris? — continua ela.

— Sim. E você?

Uma gaivota voa em círculos sobre suas cabeças, e os dois olham para cima quando a ave se aproxima e logo se afasta.

— Bem, um pouco em cada lugar — responde Dagmar, evasiva.

Ela se deita em uma parte plana do rochedo, fecha os olhos e aproveita o sol. Nicolas quer fazer o mesmo, mas não há outra superfície lisa. Ele então continua onde está, sentado ao lado dela. Observa seu corpo robusto. Mesmo de muito perto, nada é flácido em Dagmar Hunoldt. Com o protetor solar, sua pele fica reluzente, com um matiz leitoso e translúcido. Ele sente curiosidade de saber sobre sua vida amorosa. Neste momento ela está com um homem ou uma mulher? Quando transou pela última vez? Qual foi a última pessoa que deslizou entre essas coxas pesadas? Como ela era na cama? Qual a sua especialidade? Nicolas sente o estômago roncar e se lembra de que não tomou café da manhã. Seu pensamento se perde em Malvina, na cena desagradável que o aguarda. Como alguém diz a uma mulher que não a ama, que não quer o filho que ela carrega? Ele já consegue ver o rosto de Malvina se transformar de tanta angústia.

— É sua primeira vez no Gallo Nero? — pergunta Dagmar Hunoldt.

Ele está grato por tirar Malvina da cabeça pelo menos por um instante.

— Sim. E você?

— Vim há muito tempo, com um amigo. Não mudou nada. Continua perfeito, eterno. O lugar ideal para uma epicurista como eu.

— Imagino que o pobre Epicuro não teria gostado nem um pouco deste lugar.

Ela ergue o corpo e se vira para Nicolas, ao mesmo tempo em que desliza pelos ombros as alças do maiô. Ele observa a brancura de sua pele.

— É mesmo? Por quê? — pergunta ela.

— O Gallo Nero é luxuoso demais para Epicuro — explica Nicolas. — Ele gostava da frugalidade. Com certeza preferiria um copo de água fresca para saciar a sede a um fantástico Château d'Yquem.

— Está dizendo que nos desviamos do sentido original do epicurismo?

— Sem dúvida — responde Nicolas, passando os dedos pela superfície áspera do recife. — Hoje, o epicurista é um sujeito gordo com um charuto na mão, roncando em uma rede depois de uma lauta refeição com seis pratos regada a litros e litros de vinho.

Mais uma risada. Ela diz:

— Bem, mantenho o que disse. Sou uma autêntica epicurista quando venho aqui. No sentido nobre da palavra, não como o sujeito gordo na rede. Não me refiro às refeições, sempre excelentes, nem ao serviço, também de primeira categoria. O que quero dizer é que, quando estou aqui, me sinto longe da agitação do mundo exterior, longe da tragédia e do caos que se alastram em nossas cidades. Quando estou aqui, valorizo os raros momentos de uma preciosa serenidade.

Dagmar Hunoldt faz uma pausa e fixa os olhos azul-acinzentados nos dele. Nicolas retribui o olhar. Como dizer que é exatamente isso que ele sente? Poderia parecer bajulação, uma fraqueza sua. Na verdade, ele se reconhece nas palavras dela e morre de vontade de confessar isso. Talvez, no entanto, seja o que ela quer. Talvez seja o seu modo de seduzi-lo. De conquistá-lo. De fazê-lo trocar Alice Dor por ela. Como ter certeza? Não há como saber. Só lhe resta continuar sentado no rochedo e ouvi-la. Sua voz é suave, melodiosa. Ele poderia escutá-la durante horas.

— Quando nado aqui, quando estou na água, sinto uma comunhão com a natureza. Mesmo que nade depressa, no limite das minhas forças, me identifico com o mar. Adoro nadar, dou algumas braçadas todos os dias, onde quer que eu esteja, até em piscinas com cheiro de cloro e suor. Nadar aqui, para mim, é como voltar à infância. O prazer que sinto quando saio do mar, quando faço uma pausa para descansar, quando meus braços e minhas pernas gritam por misericórdia, é imenso. Eu me aqueço no sol, como agora, e não há nada mais primoroso. Se eu tivesse que descrever a sensação, Hermes, eu diria o seguinte: o prazer que sinto no Gallo Nero é o de aproveitar um verão dos sonhos, logo após uma deliciosa tarde de amor selvagem.

Dagmar fica de pé, e Nicolas sabe que ela está pronta para voltar. Ele toca de leve em sua mão.

— Não, espere — diz ele. Por um breve instante, ela permite que seus dedos rocem os dele. — Quero saber mais. Sobre você e Epicuro.

Apenas em parte é mentira. Embora esteja apreensivo com o longo trajeto de volta, ele quer que ela continue a falar. Quer que os momentos com ela no recife se prolonguem, ainda que por poucos minutos. Ele está sendo enfeitiçado por ela? Não é isso o que Dagmar Hunoldt faz com os escritores? Ela não age como os outros editores. Ela é única, é diferente de todos. Qual

foi a frase que ele leu em uma revista? “Absolutamente implacável, de uma inteligência fora do comum e de uma rara perversidade.”

Ele se levanta e fica ao lado dela. Sopra uma brisa fresca e salgada. Dagmar parece quase bonita sob a suave luz da manhã. Seu perfil bem-definido e suas feições talhadas têm uma pureza esplêndida. Estar perto de Dagmar Hunoldt é como ser sugado para a órbita de outro planeta. Uma atração assustadora e irresistível. Nicolas está tão perto dela que a pele branca do braço da mulher roça seu peito. Ele não sente o formigamento familiar da excitação sexual, mas algo diferente, uma estranha osmose, uma comunhão inesperada, que o desestabiliza.

— Esqueça o sujeito gordo na rede — sussurra Dagmar Hunoldt, e Nicolas se aproxima dela ainda mais para não perder nenhuma palavra. — O que ele sabe sobre Epicuro? Nada. Ele é como aqueles romanos ricos que vomitavam o que comiam para logo depois devorar mais alguma coisa. O que Epicuro apreciava, e você sabe disso, Hermes, não era o prazer de comer, mas a satisfatória sensação de ter comido apenas o suficiente.

Ela faz uma pausa. Em seguida recoloca a touca e os óculos de natação, e Nicolas a segue, em ritmo acelerado. Mas ela agora nada mais devagar, e Nicolas percebe, agradecido, que consegue acompanhá-la. Ele pergunta se ela pode emprestar-lhe os óculos. Ela concorda. Ele desliza para o mundo subaquático azul-turquesa e se encanta com um cardume de peixes redondos rajados de azul, com as rochas irregulares iluminadas pelo sol e cravejadas de ouriços-do-mar pretos. Quando chegam à praia, cadeiras e guarda-sóis já estão instalados. Um funcionário sorridente lhes oferece toalhas. Nicolas procura ao redor o roupão que deixou na área de concreto antes de cair na água. O funcionário corre para pegá-lo. O BlackBerry e a chave do quarto continuam no bolso, assim como o Moleskine e a Montblanc.

— Café da manhã, Hermes? — pergunta Dagmar Hunoldt.

Antes que ele tenha tempo de responder, ela pede ao garçom que os sirva ali mesmo, não na sala de café.

— Prefere café? Chá? — pergunta ela, animada.

Ele responde que prefere chá e pergunta a si mesmo se alguma vez ela permite que alguém tome uma decisão sobre o que quer que seja. Está acostumada a dar ordens, com certeza. A mesa é preparada em um piscar de olhos e eles se acomodam. Os suíços acenam quando descem para nadar. O casal gay os cumprimenta com grande entusiasmo. Mais um dia como os outros no Gallo Nero. O último dia dele. A única diferença é que está tomando café da manhã com Dagmar Hunoldt. Só os dois. Nicolas começa a ficar nervoso de novo. O que fazer se ela insistir em fingir que não sabe quem ele é? E se ele batesse na mesa com a mão espalmada, fazendo-a pular de susto, e gritasse: “Tudo bem, Dagmar, chega de Epicuro, Hermes e Mercúrio retrógrado. Você sabe muito bem quem eu sou. Chega de brincadeira.” Talvez ela goste de homens com esse tipo de conduta, com atitudes grosseiras, sem muita conversa, sem grandes delicadezas, até com um toque de vulgaridade viril. Talvez seja isto que ela espera dele: que prove que tem colhões, que não use meias palavras, que se mostre duro, firme, direto. Quando o café e o chá são trazidos, acompanhados de jornais — em francês, italiano, alemão e inglês —, Nicolas sente sua coragem murchar como um balão furado. Sua angústia chega ao máximo

quando percebe que um dos jornais franceses reproduz a desastrosa matéria de Taillefer. Seria terrível se ela a lesse na sua frente. A foto é grande e facilmente reconhecível. Ele estremece quando seus dedos hesitam sobre a pilha. Ela pega o *Times*. Ele suspira, aliviado.

Dagmar Hunoldt folheia o jornal sem grande interesse. Lê um longo artigo sobre o político francês e a camareira de hotel. Toma o café devagar e mordisca um croissant. De vez em quando, ergue os olhos para ele e sorri. Uma sósia perfeita de Glenn Close. Seus cabelos brancos brilham como prata sob o sol da manhã. Ela nem perguntou o nome dele. Também não disse o dela. Que ar de superioridade. Que arrogância. Ele ao mesmo tempo a admira e a reprova. Querer que ele se sinta um zé-ninguém! No entanto, ela sorri para esse zé-ninguém, dá a entender que são amigos, que gosta da sua companhia, de nadar com ele, de tomar café ao seu lado, e que isso é uma regalia. Nicolas se pergunta como ela consegue agir com tanta perícia, por um lado ignorando a identidade dele e, por outro, fazendo-o sentir-se especial, privilegiado. Ela teria lido o artigo de Taillefer? É provável que sim. Todo mundo na área editorial leu. Enquanto ela mexe seu café, ele tenta adivinhar qual é o comportamento dela com seus autores. Maternal? Autoritário? Paciente? Ela já dormiu com algum deles? Nicolas sabe que ficará calada durante toda a refeição. A cada cinco minutos, no entanto, ela olha para ele e sorri. Apesar de tudo, ele sente que os dois estão próximos, como na véspera, quando tomaram bellinis depois de nadar. Não há necessidade de palavras. De algum modo, bastava que estivessem juntos. Que partilhassem um momento indescritível. Dagmar Hunoldt fazia isso muito bem. Com uma habilidade fantástica.

A praia está cheia. O Sr. Wong e a Srta. Ming se curvam e sorriem. A espanhola aparece com um biquíni rosa brilhante. Seu corpo é atraente, delicado, com curvas suaves. Mimi e Sherry, maquiadas e perfumadas demais, jogam beijos com as mãos.

Nicolas sabe que é hora de subir para o quarto, ainda que a contragosto, para enfrentar Malvina.

— Preciso ir — murmura.

Dagmar Hunoldt ergue os olhos do jornal.

— Obrigada por dividir sua manhã comigo, Hermes.

Sua voz suave aquece o coração de Nicolas, embora ele esteja louco para dizer: “Meu nome é Nicolas Kolt, e você sabe.”

Ela pede papel e caneta. Ele fica intrigado e a observa rabiscar alguma coisa. Seu telefone? Seu e-mail? Ele sente de novo o estômago se revirar e estremece. Ah, então é isso que ela tem a lhe oferecer. Uma anotação em um pedaço de papel. Nada de boca. Só por escrito. Palavras escritas. Números escritos. Ele se agarra à borda da mesa para não perder o equilíbrio. Com certeza trata-se de uma surpresa. A mão que assinara tantos contratos. A mão que tinha mudado a imagem do mundo editorial. Dagmar Hunoldt está lhe fazendo uma oferta. Não do modo habitual, porque ela não é uma pessoa comum. E todas aquelas pessoas ao redor deles, que espalham protetor solar no corpo, mergulham a ponta dos dedos na água, ouvem música, leem um livro, estão longe de imaginar que uma famosa editora e o autor mais comentado do momento estão entrando em negociação durante o café da manhã, em roupões de banho,

depois de nadarem juntos, em um hotel de luxo na costa da Toscana.

Dagmar Hunoldt entrega o papel para Nicolas e dá um sorriso discreto. Ele entende que ela o quer longe dali. Nicolas murmura uma despedida e sai. Quando entra no elevador ao estilo James Bond, com o coração acelerado e os dedos trêmulos, olha para o papel.

Nenhum nome. Nenhum e-mail. Nenhum valor.

Apenas três frases:

“O perfume da grama recém-cortada após uma exaustiva hora roçando a relva.”

“Abrir as persianas para a manhã dourada depois de uma fantástica noite de sexo e sono.”

“À tempestade de um orgasmo, Epicuro preferia, de longe, a doce tranquilidade do depois.”

Em 2008, quando Nicolas conheceu Toby Bramfield, o diretor afro-americano que adaptou *O envelope* para o cinema, a identificação entre eles foi imediata. Toby tinha talvez oito anos a mais do que ele, era um sujeito alto, de feições angulosas, com tranças rastafári e um leve ar de Jimi Hendrix. Pretendia manter-se fiel ao livro, disse a Nicolas e Alice enquanto bebiam no hotel da rue des Beaux-Arts (onde Oscar Wilde morreu em 1900, fato que Nicolas considerava morbidamente fascinante). Já falara sobre o papel com a agente de Robin Wright e tinha muita esperança de receber uma resposta positiva. Era o tipo de papel que ela adoraria fazer, ele garantiu a Alice e Nicolas, e com certeza não o recusaria. Nicolas escutava, encantado. Em 2008, o livro apenas iniciara a divulgação mundial, e nem ele nem Alice tinham ideia de que alcançaria esse sucesso tão retumbante. Saber que um diretor adquirira os direitos tão pouco tempo depois do lançamento e que o romance seria transformado em filme tinha sido uma inesperada e maravilhosa surpresa. Toby Bramfield não era um cineasta famoso, mas Nicolas e Alice não se preocupavam com isso. Ele fizera alguns bons filmes com atores relativamente bem conhecidos, que tinham atraído atenção considerável. Todos adaptados de romances. Toby Bramfield também não tinha ideia de como o furacão Margaux transformaria a sua vida para sempre. Ele mesmo adaptou o roteiro, sempre preocupado em manter Nicolas envolvido no processo, e fazendo questão de que ele soubesse e aprovasse o que estava sendo feito. Nicolas se sentia grato por isso. Tinha ouvido falar de vários casos desastrosos em que o autor era excluído do processo de filmagem e não participava da nova aventura. Muitas vezes, o autor acabava detestando o filme. Toby Bramfield parecia gostar de ouvir a opinião de Nicolas, como se ela o estimulasse e lhe fornecesse energia.

Na primeira vez que examinou o roteiro, Nicolas estava desencorajado. Não percebeu que precisava lê-lo e ao mesmo tempo visualizar as cenas e a interpretação dos atores. Quando superou essa primeira sensação inquietante, entendeu o que Toby Bramfield estava fazendo, a sua maneira de transformar o livro em filme. O verdadeiro choque, no entanto, veio mais tarde, quando foi pela primeira vez para o set de filmagens em Paris, durante as cenas na rue Daguerre, rodadas em estúdio e também na própria rua. Sua recepção foi muito calorosa, todos tinham lido e adorado o romance. Ele se sentou atrás do diretor, espantado com a intrincada fiação elétrica, as instalações de luz, a complexidade da engenharia de som, a atenção aos mínimos detalhes de decoração, figurino e maquiagem, e também com o fato de cada pessoa no set ter um papel importante e específico para a realização do filme. Quando Nicolas viu Robin Wright surgir do camarim, com os cabelos tingidos de prata, exatamente como os de Margaux Dansor,

de calça jeans branca e camisa e tênis azuis, seu queixo caiu. Trazida à vida, ali estava a sua heroína, a sua Margaux, a professora de piano que adorava música disco. A emoção foi tanta que as palavras ficaram presas na garganta, e ele apenas conseguiu lhe dar um aperto de mão. Toby Bramfield deixou-o fazer uma participação na cena do Pôle de la Nationalité, também rodada em estúdio. Havia mais de cinquenta figurantes, uma mistura de pessoas parecidas com as que ele encontrara naquele dia de outubro de 2006, durante a longa espera. Ele foi colocado ao lado de Robin Wright enquanto ela, sentada, não tirava os olhos da certidão de nascimento do pai, hipnotizada por um nome que nunca vira, Lucca Zeccherio, e não Luc Zech. Ficara surpreso ao perceber como os atores conseguiam incorporar os sentimentos de outra pessoa, transformando-os em seus. Eram como esponjas, capazes de absorver emoções. Quando disse isso a Robin Wright, entre uma tomada e outra, ela riu: “Se nós, atores, somos esponjas, o que são vocês, escritores? Esponjas maiores ainda. Não esqueça que hoje estamos todos aqui graças a você, Nicolas Kolt. Ao que você escreveu.” Ele se sentiu lisonjeado com essas palavras. Ainda se sentia.

Nicolas assistiu ao filme pela primeira vez em 2010, logo antes do lançamento, em uma sala de projeção particular em Nova York. Alice estava com ele, e também sua editora nos Estados Unidos, Carla Marsh. Toby Bramfield devia juntar-se a eles no fim da sessão. Nos primeiros minutos, Nicolas não conseguiu reagir ao filme, como se uma porta tivesse se fechado com força na sua cara. Teria sido tolice confiar em Toby Bramfield? Logo, no entanto, o filme começou a mostrar sua magia, e Nicolas esqueceu-se do livro. Concentrou-se apenas na visão de Toby sobre *O envelope* e percebeu que era válida. Adorou a trilha sonora, composta por um jovem músico austríaco, que conseguira criar um tema que evocava com perfeição Margaux e suas contradições, com solos de piano que o deixavam com o coração apertado. Ele riu dos diálogos espirituosos com as filhas adolescentes de Margaux, Rose e Angèle, representadas por duas excelentes jovens atrizes. Agarrou-se aos braços da poltrona durante as violentas discussões entre Margaux e Sébastien, seu irmão mais novo. Comoveu-se com as atuações magníficas de Robin Wright e do jovem ator que fez o papel de seu marido, Arnaud. O que ele mais gostava de ver era Robin Wright dançar música disco, primeiro sozinha na cozinha, depois na cena da boate em Gênova, com Silvio, seu parceiro italiano. O filme parecia plausível, fluía bem, nada soava inventado ou falso. Nicolas quase chorou com os flashbacks do passado de Lucca Zeccherio, seu carisma, seu jeito extravagante, sua morte trágica, o corpo que nunca foi encontrado, carregado por uma avalanche nos Alpes suíços. Desde as cenas filmadas em Camogli até o fim, quando Margaux descobriu o segredo do pai e pensou em como suavizá-lo para que a própria vida não fosse destruída, Nicolas chorou baixinho, constrangido por estar sentado entre Carla e Alice, mas logo percebeu que elas também choravam, assoavam o nariz e secavam as lágrimas. Quando as luzes se acenderam, eles se abraçaram, calados e com os olhos vermelhos. Foi assim que Toby Bramfield encontrou-os quando entrou na sala. Ele tinha erguido as mãos ossudas para o teto e gritado: “Aleluia! Eles estão chorando! Estão chorando!” Mais tarde, depois do lançamento do filme, Nicolas viu uma entrevista de Toby Bramfield na televisão, em que ele dizia: “O livro e o filme têm o mesmo DNA. Gosto de pensar neles como irmãos.” Nicolas também gostava muito

dessa frase e começou a pensar no DNA do livro, em como construíra aquela paternidade. Pensou ainda em um episódio crucial que ele decidira omitir e do qual participara em outubro de 2006, logo após revirar a caixa azul-marinho guardada na escrivaninha da mãe. O episódio, que ocorrera no hospital geriátrico onde Lionel Duhamel estava internado, tinha sido um momento decisivo na sua vida, mas também na sua imaginação. Agora Nicolas via, com o distanciamento proporcionado pela passagem do tempo, que a cena fizera parte do processo criativo, que estivera na essência do romance, e ele sabia o quanto devia a essa cena, por mais difícil que tivesse sido passar por ela. O choque o forçara a criar um novo caminho obscuro no fundo de sua mente. Uma luz brilhava ao longo desse caminho, cujo destino ele ignorava, embora soubesse que precisava tomá-lo e escrever sobre ele, mas não sobre a luz que o revelara. Jamais falaria sobre essa cena com um jornalista, com outro escritor, nem mesmo com alguém próximo. Guardaria para si. Como um fotógrafo que enquadra uma imagem com o olhar e intui o que deve incluir e o que deve deixar de fora, ele sabia, como escritor, o que desejava mostrar no seu livro e o que devia ficar oculto para sempre.

Lionel Duhamel morreu em 2007, aos setenta e sete anos. Ele não testemunhou a triunfante metamorfose do seu neto Nicolas Duhamel em Nicolas Kolt. Havia sido hospitalizado em 2004, quando sua filha Elvire se convenceu de que ele não tinha condições de continuar no apartamento do boulevard Saint-Germain, onde vivia sozinho desde a morte da esposa, Nina, em 2000. Sua memória começou a falhar, ele esquecia o gás ligado, não conseguia lembrar o próprio nome nem encontrar o caminho de casa. Tornou-se agressivo com a família, com os vizinhos, com as jovens enfermeiras que se ocupavam dos seus cuidados diários. Os médicos diagnosticaram Alzheimer. Lionel não queria deixar o apartamento, mas não lhe deram escolha. O hospital ficava perto da rue de Vaugirard, não muito longe da rue Pernety. Nicolas passava muito tempo sem ver o avô. Cada visita era um martírio para ele. Em geral, Lionel estava medicado, sedado e tranquilo, e a visita transcorria sem problema. Mas o clima do hospital, o cheiro e a visão dos idosos senis ali confinados eram sempre muito penosos.

Naquela noite de outubro de 2006, que mudaria para sempre muitos aspectos de sua vida, Nicolas comprou um ramo de flores perto da estação de metrô da rue Raymond Losserand e caminhou até o hospital. Começava a escurecer, e o ar estava pesado, muito úmido. Era hora do rush, e os carros seguiam devagar pelas ruas, lançando gases tóxicos na atmosfera. O hospital tinha iluminação ofuscante e estava superaquecido. Nicolas tirou o casaco e entrou. O quarto de Lionel Duhamel ficava no último andar, que era mantido fechado e se destinava aos idosos com doença mental. A maioria dos pacientes usava uma pulseira magnética. Se algum deles ultrapassasse a porta de entrada, um alarme estridente soaria. Nicolas sempre entrava na enfermaria com os olhos baixos. Não conseguia se acostumar com o que via a cada visita. Fileiras de cadeiras de rodas, rostos murchos, enrugados, sorrisos tortos, cabeças cansadas, caídas. Alguns ficavam sentados, sonolentos, com baba escorrendo dos lábios ressecados e rachados. Alguns caminhavam, apoiados em bengalas ou andadores, trêmulos e com o olhar vazio. Outros arrastavam os pés, como zumbis, segurando um braço com a mão, um ombro mais alto do que o outro, um pé sempre para trás, dizendo bobagens, gemendo ou cantando. Ele às vezes ouvia

gritos e lamentações que vinham de algum quarto distante, e logo depois a voz suave e tranquilizadora de um médico ou uma enfermeira. Os pacientes mais assustadores eram os que tinham aparência normal e ficavam sentados diante de um jogo de xadrez ou de paciência, com bom aspecto, sem manchas nas roupas, sem tremer as mãos. Sem sinal de senilidade. A fala era tranquila, clara, como a de qualquer avô ou avó de bem com a vida e feliz por receber visita. Eles o olhavam com carinho, mas Nicolas aprendera a não encará-los, porque, se o fizesse, a loucura deles se projetaria em sua direção através de seus olhos cintilantes e o perseguiria como um rastro de fogo. Aprendera a manter distância. Durante uma de suas visitas, uma idosa de aparência respeitável o tinha agarrado com violência no meio das pernas, sem dizer uma palavra, mas abrindo um sorriso obsceno e mostrando-lhe a ponta da sua língua amarelada.

As enfermeiras cuidavam deles com uma paciência que Nicolas considerava heroica. Eram insultadas, ignoradas, ironizadas e agredidas durante o dia inteiro. Como conseguiam fazer um trabalho daqueles? Cuidar de idosos não era uma tarefa divertida, imaginava ele, e cuidar de idosos com doenças mentais devia ser muito pior. Quando Nicolas chegou, naquele início de noite, o jantar já tinha sido servido e as bandejas estavam sendo recolhidas. O ar estava abafado e fétido, uma mistura de comida de hospital ruim — repolho, provavelmente — e detergente com amônia. Não havia ar fresco para respirar, apenas o ranço de velhice e abandono, de peles ressecadas como pergaminhos, com tufo esparsos de cabelos brancos. As cadeiras de rodas tinham sido colocadas na frente de uma televisão com som estridente, embora metade dos pacientes já dormisse. Por que o jantar era servido tão cedo em hospitais? Isso não tornava a noite ainda mais longa, mais insuportável? Aquelas pessoas sabiam que só deixariam aquele lugar dentro de um caixão?

Usando um roupão, Lionel Duhamel estava em uma cadeira de rodas perto da cama, com os olhos fixos nos pés. Ele não se mexeu quando o neto entrou. Nicolas já o tinha visto nesse estado. Sentou-se na beirada da cama estreita e esperou que o avô percebesse sua presença. Lionel Duhamel nunca gostara de se misturar com os “velhos malucos”, como os chamava. Fazia as refeições no quarto e assistia à própria televisão. O quarto não era tão ruim, pensou Nicolas. Mas ainda assim parecia vazio, embora o avô já vivesse ali havia dois anos. Paredes verdes, um jogo de cartas, um pente e algumas revistas. E pensar que o avô vivera em um apartamento grande, repleto de livros, quadros, móveis trabalhados, um piano de cauda, tapetes antigos fantásticos. O que acontecera com todas aquelas coisas?, perguntou-se Nicolas no momento em que Lionel por fim ergueu seus olhos cinzentos para ele, piscando diversas vezes.

— Théodore — disse Lionel Duhamel. — Que bom vê-lo.

Nicolas estava acostumado a isso, também. A primeira vez, no entanto, tinha sido um choque.

— Olá — respondeu Nicolas, retribuindo o sorriso. — Trouxe flores para você.

Lionel Duhamel olhou para as flores com indiferença, como se não tivesse ideia do que se tratava. Nicolas desembulhou-as, jogou o papel na cesta de lixo e foi pegar um vaso alto de plástico que ele sabia que ficava no banheiro, pois essa não era a primeira vez que trazia flores. Elvire tinha sugerido desistir dos chocolates, já que o velho costumava devorá-los de uma só

vez, o que lhe causava diarreia no dia seguinte. Ele arrumou as flores no vaso e levou-as para o quarto, onde o avô continuava sentado, imóvel.

— Estão bonitas, não acha? — perguntou.

— Sim, estão — respondeu Lionel Duhamel. — Obrigado, Théodore. Você foi muito gentil. Como está a escola?

— Muito bem.

— Que bom saber. Sua mãe ficará contente. E a lição de geografia?

— Já sei de cor.

— Excelente. Bem, preciso me preparar. O barão vem jantar comigo.

— Que notícia boa — disse Nicolas.

Ele achava essas conversas surreais, por mais frequentes que fossem.

— Mas tenho tanto trabalho com essas visitas do barão. — Lionel Duhamel suspirou. — Preciso polir a prataria e tirar os copos de cristal do armário. E a toalha com o seu brasão. O barão quer salmão e caranguejo. Tanta coisa para fazer!

— É o que ele costuma pedir? — perguntou Nicolas.

— Não! Claro que não! Já lhe contei! Antes de o elevador enguiçar! Lembra?

— Sim, claro — respondeu Nicolas. — Desculpe, esqueci.

O avô estava agitado, e suas sobrancelhas desenhavam um V acima do nariz. Ele começou a se queixar e gemer com voz muito aguda, quase insuportável aos ouvidos do neto.

— Eles vieram outra vez hoje de manhã, Théodore. Ninguém viu, só eu. São todos muito burros aqui. Roubam coisas. Como se eu não percebesse. Eles não sabem nada. Palermas! Idiotas! Imbecis! Não sabem que os inimigos espalharam uma pasta venenosa nas esquadrias de todas as janelas, e quem tocar nela, morre. Lavei tudo para tentar tirar, e a enfermeira idiota ficou irritada. Vaca gorda, imbecil!

Nicolas pensou na certidão de nascimento em seu bolso. Olhou para o velho resmungão, observou sua careca lustrosa, seu rosto rosado e flácido. Durante vinte e quatro anos considerara esse homem seu avô. Seu sangue. Sua carne. “Vovô”, como o chamava. Fins de semana com vovô, teatro e Louvre com vovô, visita a Montmartre com vovô, e a Versalhes também. Aprendera tudo sobre o Rei Sol com vovô. Ele sabia tanta coisa. Conhecía todas as datas exatas, era capaz de dizer onde as batalhas importantes tinham sido travadas e quem havia vencido, e também se um rei era da dinastia Capet ou Bourbon. Mas acontece que vovô não era seu avô. Vovô não era seu sangue. Não era sua carne. Vovô criara um menino sem pai e dera-lhe seu nome, Duhamel. Vovô sabia tudo sobre Fiodor Koltchine. Era a única pessoa no mundo que poderia contar tudo sobre Fiodor Koltchine.

Nicolas não chegara despreparado. Ele tirou da carteira uma foto de Zinaida e Fiodor, datada de 1961, a que encontrara na caixa azul-marinho na escrivaninha da mãe, e entregou-a ao velho. Os médicos nunca falaram nada sobre não mencionar o passado. Nunca disseram para ele ou Elvire que talvez não fosse uma boa ideia. Nicolas não estava fazendo nada de errado. Apenas buscava uma resposta, esperava que em algum lugar, naquele cérebro velho, cansado e confuso, uma luz se acendesse, uma faísca surgisse.

Os minutos passavam, e o velho continuava mudo e com os olhos fixos na fotografia. Um grito abafado chegou do corredor, misturando-se às vozes metálicas da televisão. As rodas de borracha de uma cadeira passaram guinchando. Uma porta bateu.

Nicolas não sabia se devia falar. O velho parecia confuso. A foto tremeu nos seus dedos.

— Ela nunca quis que você soubesse — disse Lionel Duhamel, por fim, com muita clareza.
— Não queria que ninguém soubesse.

Sua voz parecia a de “antes”, uma voz normal. A voz do vovô, a voz dos velhos tempos. O gemido de instantes atrás não existia mais.

Nicolas fez um leve movimento com a cabeça. Mal ousava respirar. Tinha medo de estragar o momento. Por isso permaneceu em silêncio, mordendo os lábios. De novo a gritaria no fundo do corredor. Ele torcia para que isso não distraísse Lionel Duhamel.

Com a mesma voz calma e clara, o velho disse:

— A carta chegou naquele verão. No fim de julho. Você leu, não é verdade, Théodore?

— Carta de quem? — murmurou Nicolas.

— De Alexei — respondeu Lionel Duhamel, monocórdio. — A carta que Alexei mandou.

Uma longa pausa.

— Quem é Alexei? — perguntou Nicolas com delicadeza.

A foto escorregou para o chão, e o velho começou a chorar em silêncio, com a boca aberta. Lágrimas escorriam por seu rosto flácido. Ele começou, então, a gemer alto, com a cabeça entre as mãos, balançando o corpo para a frente e para trás. Nicolas correu para junto dele e segurou seu braço, na tentativa de acalmá-lo.

— Pare com isso! — gritou o velho, empurrando-o com violência. — Saia daqui! Vá embora!

As mãos nodosas agarraram Nicolas pelo pescoço, e ele se surpreendeu com a força e o vigor ainda contidos naqueles velhos ossos. Por um breve e horrível instante, imaginou que perderia a consciência. Sentiu a visão embaçada, a respiração entrecortada. Conseguiu, por fim, afastar-se e escapar das mãos que quase o estrangulavam. O peito de Lionel Duhamel chiava, ele parecia engasgado. Seus olhos estavam arregalados, injetados, cheios de ódio.

— Vovô, está tudo bem, acalme-se — sussurrou Nicolas, com medo de que, atraído pelo ruído, algum médico ou enfermeira aparecesse para repreendê-lo ou, pior, mandá-lo sair dali.

Ele localizou a fotografia embaixo da cadeira e, sem perder tempo, guardou-a na carteira. Depois correu para o banheiro, pegou alguns lenços de papel e secou o velho rosto rosado.

— Acalme-se, vovô, por favor. Está tudo bem, acredite em mim. Fique tranquilo.

Lionel Duhamel assoou o nariz, ainda tremendo, mas já sem lágrimas. Pediu um pouco de água. Nicolas encheu um copo de papel e observou o velho beber de um gole só.

— Está se sentindo bem agora, vovô? — perguntou, batendo de leve nos ombros curvados.

O rosto rosado e flácido pareceu inchar de raiva.

— Quem é você? Nunca o vi! — rugiu Lionel Duhamel, com os olhos ainda arregalados e vermelhos. — Saia já do meu quarto ou chamo a polícia. Fora daqui!

Nicolas saiu o mais rápido que pôde. Atravessou os longos corredores iluminados, passou

diante das cadeiras de rodas e da televisão, desceu três lances de escada e, por fim, saiu do hospital. Ofegante, suspirou aliviado e correu até a rue Pernety. Chegou quase sem conseguir respirar, tonto, ainda espantado com a violência da cena. Sua garganta doía, e ele sentia dificuldade para engolir. Delphine ainda não estava em casa, e Gaia passaria a noite com o pai. Revirou os bolsos à procura das chaves. Nada. No chaveiro, ele carregava sempre a chave da rue Pernety e também a da rue Rollin, além de uma chave reserva do carro de sua mãe, que ele pegava emprestado uma vez ou outra. Devia tê-las deixado cair no caminho para casa ou, pior, talvez as tivesse deixado no hospital, no quarto de Lionel Duhamel. Ligou para o hospital e tentou falar com a recepção do terceiro andar, mas a linha estava ocupada. Fez todo o trajeto de volta com passos apressados e xingando, mas não havia sinal das chaves na calçada. Quando chegou ao terceiro andar do hospital, uma enfermeira nada amável não permitiu a sua entrada, alegando que o horário de visitas tinha acabado. Ela agarrou-o pelo braço, mas ele a ignorou e forçou a passagem, aos gritos, dizendo que esquecera as chaves no quarto do avô e que, por favor, ela calasse a boca e o deixasse ir pegá-las. Ela então concordou.

Lionel Duhamel tinha sido colocado na cama e já dormia um sono profundo quando Nicolas esgueirou-se pela porta e entrou de mansinho no quarto. Acendeu a luminária da mesa de cabeceira, receoso de que a claridade pudesse despertá-lo (como conseguiria enfrentar aqueles olhos horríveis mais uma vez?), mas “vovô” não se mexeu e continuou a ressonar tranquilamente, como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse tentado estrangular o neto. Também não havia sinal das chaves ali. Nicolas vasculhou cada centímetro do quarto e do banheiro, mas tudo em vão. Olhou dentro do cesto de lixo. Tinha sido esvaziado. Ele visualizou o momento em que desfez o pacote das flores. Por algum motivo, as chaves estavam na sua mão, e ele devia tê-las jogado fora com o papel. Saiu do quarto e foi atrás da enfermeira agressiva. No início, ela demonstrou a mesma má vontade, mas logo percebeu que o neto do Sr. Duhamel era muito atraente, tinha um sorriso encantador, dentes perfeitos e olhos cativantes, de uma cor interessante, a de uma manhã enevoada. E ele era muito alto e moreno, tão diferente daqueles gnomos decrepitos dos quais ela cuidava o dia inteiro e, claro, ela podia mostrar-lhe o local no porão para onde o lixo era levado todas as noites, esperava que ele encontrasse suas chaves no meio de toda aquela confusão, e ela se chamava Colette...

Protegido por luvas, Nicolas revirou um latão horripilante, que tinha o tamanho de uma pessoa e estava cheio até a borda com o lixo produzido por um hospital geriátrico: panos manchados, fraldas usadas, babadores incrustados de comida, guardanapos sujos... Teve o cuidado de sempre manter a boca e o nariz fechados para não sentir aquele cheiro insuportável, e, controlando uma enorme vontade de vomitar, por um milagre encontrou as chaves, presas ao papel da embalagem das flores.

Ele agradeceu a Colette e voltou para casa devagar, atordoado, o cheiro da lixeira impregnado nas roupas e em seus cabelos. Delphine ainda não chegara, mas tinha mandado uma mensagem dizendo que estava a caminho. Tirou a roupa e permaneceu um tempo embaixo da ducha quente. Quando Delphine voltou, ele não falou sobre o seu dia nem sobre o que acontecera com Lionel Duhamel. Não conseguiu dormir aquela noite. Foi para a cozinha com a

foto em preto e branco de Zinaida e Fiodor e a certidão de nascimento do pai. Bebeu um pouco de água e sentou-se à mesa, onde ficou por um longo tempo. As palavras voltavam para assombrá-lo, como o exército silencioso dos morcegos de lorde McRashley.

“Ela nunca quis que você soubesse. Não queria que ninguém soubesse. A carta chegou naquele verão. No fim de julho. Você leu, não é verdade, Théodore? A carta que Alexei mandou.”

Capítulo 22

Nicolas sobe para o quarto com passos decididos. Ainda tem nas mãos o papel que Dagmar Hunoldt lhe entregou. O que significavam aquelas frases ridículas? Ele amassa o papel e o enfia no bolso. Como era possível ela não saber quem ele era? E por que havia sido tão amável? Por que se sentara ao seu lado, silenciosa e humilde? Ele não se conformava. Na próxima vez que a encontrasse, simplesmente a ignoraria. Faria de conta que ela não existia. Isso mesmo. Dagmar Hunoldt não existia. Ela precisaria implorar se quisesse que ele lhe dirigisse a palavra.

Quando entra no quarto, de cara fechada, Malvina está na cama com uma bandeja apoiada nos joelhos. Está bonita, embora sua beleza seja a última coisa que lhe interessa naquele momento. Ela sorri.

— Até que enfim!

Ele se senta em uma das poltronas brancas na frente da cama. Sua paciência está no limite, resultado das longas horas sem dormir e do comportamento incompreensível de Dagmar Hunoldt.

Ele será direto e rude. Parece que não há como ser diferente.

— Não quero esse bebê, Malvina.

Ela não esboça reação. Nicolas esperava vê-la desmoronar, arrasada. Mas seu rosto está impassível.

Ela toma um gole de chá. Depois responde, tranquila:

— Vamos nos casar e você será muito feliz, espere para ver. Tenho certeza.

Ele está atordoado demais para reagir. Quando consegue falar, as palavras soam como um rugido.

— Você está maluca, Malvina? Perdeu o juízo? Casar?

Ela sorri, serena.

— Sim, casar, Nicolas. Faremos esta criaturinha muito feliz. Construiremos um lar com muito amor para ele ou ela.

Ele agarra Malvina pelo braço. A bandeja escorrega dos joelhos dela e cai na cama. O chá mancha de marrom os lençóis brancos.

— Cuidado! — grita ela. — Olhe a confusão que você está criando.

Ele a arranca da cama. Ela está na sua frente, vestida com uma camiseta branca curta, e parece muito pequena em relação a ele. Frágil, um fiapo de gente. No entanto, não há medo no pequeno rosto que o encara.

— Confusão! — grita ele. — Vamos falar de confusão, sim, Malvina. Da sua confusão. Se

você não se incomodar.

— Do que está falando?

Ela está emburrada. Como uma menininha. Como Gaia.

— Do bebê! Como você arranjou essa porra de gravidez? É dessa confusão que estou falando. Da sua confusão.

Ela dá de ombros e desvia o olhar.

— Não sei o que aconteceu. Talvez eu tenha me esquecido da pílula.

— Entendo. Talvez você tenha se esquecido da pílula. Ótimo. Fantástico. Você se esquece da pílula, engravida e agora quer se casar. Certo?

— Sim! — confirma ela, batendo o pé. — O que há de errado nisso? Amo você. Nós nos amamos. Teremos um filho. Isso não é maravilhoso?

E então vêm as lágrimas, como Nicolas previa. Ele a deixa chorar, depois segura de novo seu cotovelo, mas dessa vez com delicadeza, e a conduz de volta para a cama. Precisa dizer a Malvina que não a ama. Que nunca a amou. Que ainda ama Delphine. Que a respeita, que viveram bons momentos juntos, que ela é uma pessoa ótima, emotiva, intensa, interessante, mas que não há possibilidade de ele se casar com ela e criar essa criança. Ela tem ideia do que está dizendo? Ela mesma ainda é uma criança. Como pode uma criança ter outra criança? Nicolas a imagina com um bebê na rue du Laos e fecha os olhos, horrorizado. Um bebê! Criar uma criança. A responsabilidade que isso envolve. Um filho transforma a vida para sempre. Ela devia saber disso. Ele devia dizer para ela. E ele, pai? Como pode ser pai? Nem sabe ao certo o que é ser pai. O próprio pai morreu há tanto tempo. Casamento! Como ela ousa pronunciar essa palavra? Parece uma menina que sonha com um príncipe encantado. Ele se lembra da conversa dela com a mãe, na véspera, por telefone. Parecia eufórica, como se a gravidez fosse a coisa mais maravilhosa que poderia lhe acontecer.

Malvina chora no seu ombro, e ele a abraça. As palavras ficam presas na garganta. Ele pensa na fragilidade dela, na sua solidão. Malvina mudou-se para Paris por ele. Desistiu da vida em Londres, dos estudos, dos amigos, por ele. Ela nunca teve amigos em Paris. Ficava em casa, à sua espera. Ele pensa em Justin, o ex dela, e em como o sujeito a destruiu, quebrou suas asas ao postar mensagens odiosas na página dela no Facebook, para que todos vissem, repetindo muitas e muitas vezes que ela não servia para nada, que era burra, patética, incapaz de fazê-lo feliz, que ele tinha apagado toda e qualquer lembrança do relacionamento deles, que ela não existia mais, que a melhor coisa que Malvina tinha a fazer era pular da janela ou enfiar a cabeça no forno e ligar o gás.

As palavras continuam gravadas dentro dele. Sente que está encurralado, como se uma porta de ferro tivesse se fechado bem na sua cara. Fecha os olhos com força, em desespero.

— Você está mesmo muito zangado? — pergunta Malvina, com voz macia.

— Isso tudo é um choque para mim — admite Nicolas, com a delicadeza que consegue.

— Eu sei. Dá para perceber.

Ela caminha até a janela. Naquele corpo, pensa ele, naquele corpo magro, há um conjunto de células que crescem e se multiplicam a cada segundo. Células dela, células dele, o bebê dos

dois.

Ele não consegue acreditar nisso. Nem aceitar.

— Posso dar um pouco mais de tempo para você, Nicolas — diz ela, olhando para o azul lá fora. — Para que se acostume com a ideia de ser pai. Não farei pressão. Você precisa terminar seu livro.

— Meu livro? — Ele ri, de forma maldosa. — Não há livro algum.

— Como não? — pergunta ela, inquieta, e vira-se para ele.

Ele repete, como um robô.

— Não. Há. Livro. Algum.

Silêncio.

— Não entendo. O que você tem escrito neste último ano?

— Nada. Tenho apenas fingido escrever. Tenho mentido para todos vocês.

Ela arregala os olhos, espantada.

— O que você fez então durante todo esse tempo?

— Nada! — grita ele a plenos pulmões. — Nada!

— Mas todo mundo pensa... — começa ela.

— Sim, todo mundo pensa! — repete Nicolas, agitando as mãos.

— Por quê? — pergunta Malvina.

Ele ri com desdém.

— Porque sim. Porque sim! — grita.

— O que vai fazer agora?

— Preciso contar para Alice.

A simples ideia de revelar tudo para Alice o deixa em pânico.

— Sinto muito — diz Malvina.

— Pelo bebê? — retruca ele, um pouco depressa demais.

Ela franze as sobrancelhas.

— Não! Pelo livro.

— Malvina, precisamos conversar mais. Falar sobre o que sinto. Você entende?

Ela confirma com a cabeça.

— Podemos ir aos poucos. Não precisamos nos casar logo. Podemos esperar até o bebê nascer. E quando ele estiver aqui, tomarei conta de tudo. Eu prometo. Sei que você amará esse filho. Eu já amo! Você pensou em algum nome? Estou tão ansiosa! Ah, Nicolas, meu querido. Sou a pessoa mais feliz do mundo. Por favor, não me olhe desse jeito.

Mais tarde, durante o almoço, Nicolas repara como Malvina está radiante. Ela não é mais a pessoa tristonha e mal-humorada que espionava cada passo seu, que controlava como ele olhava para outras mulheres. Mesmo quando Savannah passa usando um biquíni minúsculo e com o andar cadenciado, quando a espanhola tira a parte de cima e exhibe sedutores seios empinados, ou quando as irmãs sócias de Natalie Portman se exibem ao redor da piscina antes de decidirem entrar na água e executar um adorável balé aquático, ela continua impassível, olhando-o com idolatria, uma mão possessiva no seu braço. Malvina não consultou o iPhone nenhuma vez, um

milagre, pois em geral monitora todas as postagens sobre Nicolas nas redes sociais. Ela exibe a pose de uma rainha. Seu ar radiante diz para todos: “Sim, carrego um filho de Nicolas Kolt. Sim, fui a escolhida. Eu sou essa mulher. Sou a tal.” Ele sente vontade de se enfiar embaixo da mesa e chorar.

A estada na Toscana devia ter sido um período de descanso e inspiração. Na tarde anterior, depois do telefonema devastador de François, Nicolas começara a compreender que esse não era o caso. De algum modo percebe, com pavor, que o pior ainda não passou. Há mais coisa pela frente. O quê, ele ainda não sabe. Mas se mantém alerta. Firme dentro da sua armadura. É como se o cenário encantador, o sol, os hóspedes, os funcionários fizessem parte de uma peça teatral. Ele é um ator. Todos estão em um palco. Por trás do revestimento de luxo, esconde-se a tragédia. Só que, dessa vez, Nicolas se prepara. Ele está pronto.

— Posso me juntar a vocês, camarada?

Nelson Novézan, vestindo uma camiseta azul manchada e calça jeans suja, desliza para a cadeira vazia na mesa deles, pega um gressino da cesta de pães e sorri.

— O que foi aquele artigo da Taillefer? — diz ele, com a boca cheia. — Que filha da puta. Ela também odeia minha coragem.

— É mesmo? — pergunta Nicolas.

Por dentro, ele está aliviado que Novézan tenha se convidado para se sentar com eles. Sua presença, por mais desagradável que seja, cria uma inesperada e bem-vinda barreira entre Malvina e Nicolas. Novézan parece de bom humor. Seu rosto, em geral sóbrio, está radiante. Ele toca o braço de Nicolas com ar de cumplicidade.

— Ela escreveu um artigo ainda pior sobre mim no ano passado. Lembra? Disse que eu era um maldito misógino e racista que amava e respeitava apenas um ser vivo na face da terra: meu gato. Quando uma crítica de Taillefer destrói um autor, significa que ele teve sucesso. Bem-vindo ao clube, camarada.

Ele bate com a mão espalmada no ombro de Nicolas.

— Isso merece ser comemorado com um brinde. Ei, Salvatore, Giuseppe, ou qualquer que seja o seu nome, venha cá! Estou fazendo as malas e daqui a pouco vou embora. Depois do almoço. É uma tristeza deixar este lugar maravilhoso. E vocês, ficam até quando?

— Partimos esta noite — responde Nicolas.

Ele vê quando Novézan pega a garrafa de vinho da mão do garçom e serve uma taça generosa para cada um. Malvina coloca a mão sobre a sua.

— Que menina bem-comportada, não é mesmo? — murmura Novézan.

Malvina irradia orgulho. Coloca a mão aberta sobre a barriga como se para protegê-la e confirma com a cabeça. Por sorte, Novézan não repara em seu gesto.

— E o livro, camarada, está adiantado? — Ele não espera pela resposta de Nicolas, que suspira aliviado. — Estou feliz com o meu — continua. — Será grandioso. A previsão de lançamento é agosto do próximo ano. Espero que o seu não saia na mesma época, porque o meu ofuscará todos os outros.

Nicolas aproveita a pausa que Novézan faz enquanto toma sua taça de Chianti de um só gole.

— Reparou que Dagmar Hunoldt está aqui? — pergunta.

Novézan se engasga e cospe vinho na toalha da mesa. Olha ao redor.

— O quê? Aqui? Agora? No Gallo Nero?

— Não neste instante, mas, sim, ela está no Gallo Nero — explica Nicolas.

— Falou com ela?

— Tenho nadado uma hora com ela todas as manhãs.

— E...?

Nicolas dá de ombros.

— Ela lhe fez uma oferta, cara? Vamos, pode me contar.

Nicolas se sente tentado a repetir as três frases do papel, que ele sabe de cor. Mas Dagmar Hunoldt não o tinha reconhecido. Novézan choraria de rir se soubesse. Por isso, não responde.

— Dagmar — repete Novézan, parecendo sonhador. — Conheço um escritor que dormiu com ela. Uma bomba atômica, segundo ele. Nunca transo com mulheres da idade dela, mas fico tentado. Que interessante ela estar aqui. Pena que estou de partida. Fico imaginando se ela vai me procurar quando sair meu novo livro.

— É sobre o quê?

— Como se eu fosse lhe contar! — provoca Novézan, sacudindo o dedo com desprezo bem diante do nariz de Nicolas. — Você não me falaria sobre o seu, não é verdade?

— O meu? É sobre a vaidade dos escritores — responde Nicolas com sarcasmo.

Malvina olha para Nicolas, surpresa, e ele apenas dá de ombros, como se para dizer: “Droga, por que não?”

Novézan acende um cigarro e dá uma tragada. Então diz:

— Acha que os escritores são vaidosos?

— Alguns são.

— Bem — disse Novézan, enfiando o dedo no nariz —, por que não seriam? Os escritores detêm as chaves do universo, concorda comigo? Eles recriam o mundo. Por isso têm o direito de ser vaidosos. Um reino onde não há emoções, onde a verdade não existe, onde a história nada significa. A única verdade são as palavras na página e o modo que elas ganham vida. Por isso os escritores são vaidosos. Porque são os únicos que sabem como dar vida a essas palavras.

Novézan solta um enorme arrotto e quase chora de rir diante do olhar glacial de Malvina. Na mesa ao lado, Alessandra e a mãe não escondem sua desaprovação. Durante toda a refeição, Nicolas e Malvina aguentam o monólogo de Novézan. Seus problemas com a mãe, que detesta o que ele escreve e deixou isso muito claro em uma entrevista recente. Problemas com o filho adolescente, em reabilitação para dependência química. Problemas com a ex-esposa, que sempre pede mais dinheiro. Problemas com uma ex-namorada que tem postado detalhes íntimos do relacionamento deles em um blog vingativo em que seu nome não é citado, mas ele é facilmente reconhecível. Problemas com o seu senhorio, com o vizinho, o assistente, o assessor de imprensa, o dentista, até com a sua queda de cabelo. Seus problemas com o gato que começa a envelhecer. Novézan não menciona o escândalo sexual envolvendo o político francês e a camareira do hotel de Nova York, que é o assunto do momento. Não fala em outra coisa que

não diga respeito a ele mesmo. Está enclausurado no próprio universo. Nada mais parece interessá-lo. É com esse desdém, com esse egocentrismo que ele escreve livros de tanto impacto, pensa Nicolas. Seus romances se originavam do profundo desprezo que sente pelos outros, pelas mulheres, pela sociedade, pelos líderes políticos, pela intelectualidade? No final do almoço, quando chega a conta, Nicolas espera que Novézan faça menção de pegar a carteira, que sugira dividirem a despesa. Mas ele fica em silêncio e acende mais um cigarro. Nicolas lembra-se de ter ouvido um jornalista dizer que Novézan é sovina como poucos. Esse jornalista contou a Nicolas que Novézan, um dos mais famosos romancistas franceses, proprietário de um apartamento em Paris, de outro em Bruxelas, de uma casa em Dublin e de uma vila na Costa del Sol, nunca emprestou dinheiro, nunca pagou um drinque para alguém, nem uma refeição, jamais deu gorjeta a um taxista, um entregador, uma camareira, e sempre confere o troco.

Nicolas manda colocar as três refeições na conta do seu quarto. Novézan se levanta, estala um beijo babado no rosto de Nicolas e tenta fazer o mesmo com Malvina, mas ela se encolhe, e ele vai embora apenas com um aceno. Nicolas o observa desaparecer dentro do prédio com um misto de admiração e repugnância. Exatamente o que sente quando lê os livros de Novézan.

— Seu novo romance será mesmo sobre a vaidade dos escritores? — pergunta Malvina.

Nicolas sorri.

— Por que não? É um tema tentador.

— Nicolas — interrompe ela. — Seu BlackBerry.

Ele olha para o telefone em cima da mesa. O nome ALICE pisca na tela.

— Não vai atender? — sussurra Malvina.

Ele não havia conseguido contar a verdade para Malvina mais cedo. Precisava criar coragem agora e dizer para Alice o que prometera revelar. Era hora de parar de fazer rodeios. Ele repara que a família belga e também Alessandra e a mãe estão perto demais. E a conversa precisa ser reservada.

Nicolas se levanta, pega o celular e se afasta para que não o escutem. Respira fundo e atende.

— Alice?

Há um silêncio ameaçador, como o que precedeu sua conversa com François, e ele fica apreensivo.

— Alice, está me ouvindo?

Ele identifica um som estranho. Seria um soluço? O mesmo som de novo. Com certeza é um soluço. Alice Dor está chorando. Ele não consegue mais falar.

— Nicolas! Como é que você me faz uma coisa dessas? — Sua voz, em geral baixa e tranquila, não passa agora de um gemido rouco. — Confiei em você. Confiei em você desde o início. Acreditei que formávamos uma equipe, que trabalhávamos juntos, lado a lado. Eu me enganei. Acho que Delphine tinha razão, afinal.

— Alice, por favor... — diz ele, consternado. — Você se refere ao livro? Já comecei a escrever. Só não está tão adiantado quanto você talvez imagine, mas vai sair. Eu garanto. Acredite em mim. É óbvio que pode confiar em mim.

— Cale a boca! — grita ela. Ele nunca ouviu Alice Dor gritar. Fica atônito. — Pare com

isso, Nicolas! Tenha a decência de me dizer a verdade. Eu sempre soube que um dia você poderia me deixar. Mas nunca pensei que fosse desse modo.

Malvina se aproxima. Ela deve ter reparado na sua expressão. Agarra-se nele. Nicolas sente seu calor, seu amor. O que o conforta, de algum modo.

— Alice — repete ele.

— Não, espere eu acabar. — Sua voz está mais calma agora. Os soluços pararam. A dor, no entanto, continua lá, ele consegue ouvir. — Você sabe muito bem que nós, do mercado editorial, estamos passando por um período muito difícil. As pessoas leem menos, compram menos livros. Os editores enfrentam muitos problemas com a chegada dos e-books, com a morte lenta dos livros impressos. Os livreiros estão preocupados, muitas livrarias estão fechando. Os acordos de publicação representam hoje muito mais do que antes, neste mundo onde tudo muda, tanto para escritores quanto para editores e leitores. E mesmo sabendo como o mercado está frágil você escolhe este momento específico para me fazer uma coisa dessas. Sabe que minha editora é pequena, que você é meu principal autor. É graças ao seu nome que consigo publicar outros escritores. É graças a você que sobrevivemos. Você costumava dizer, com tanta delicadeza, com tanta elegância: “Alice Dor mudou minha vida.” E eu respondia, com sinceridade e convicção: “Nicolas Kolt mudou a minha.” Não me refiro a dinheiro, Nicolas. Não me refiro ao seu contrato generoso nem aos seus régios direitos autorais. Não, me refiro à confiança. Na verdade, até me pergunto se você ainda sabe o significado dessa palavra. A única coisa que quero é que me responda agora como pôde fazer isso comigo.

Nicolas está tão confuso que não consegue falar. Malvina faz um afago na sua mão. Ele ouve as batidas aceleradas do seu coração, as vozes que vêm do restaurante atrás deles, a respiração irregular de Alice Dor.

— Do que está falando? — balbucia ele, indefeso, ciente de que a pergunta a deixará ainda mais furiosa.

Ela volta a gritar, e ele percebe sua raiva, seu sofrimento.

— Está no Facebook! No Twitter!

Ele quase não consegue respirar.

— Alice, espere um segundo, por favor...

Com o dedo trêmulo, Nicolas silencia o BlackBerry.

— Malvina, me passe seu iPhone.

Malvina entrega o aparelho. Seu coração dispara. Na sua página no Facebook ele encontra duas fotos postadas por Alex Brunel quinze minutos antes. Fotos tiradas mais cedo, enquanto ele e Dagmar Hunoldt tomavam o café da manhã juntos. Estarrecido, Nicolas vê as fotos pelo olhar de Alice. Vê o mesmo que ela. Na primeira, Dagmar e ele, ombro a ombro, com roupões iguais, sentados na mesma mesa. Como velhos amigos. Como cúmplices. Como se tivessem compartilhado algo especial. Algumas braçadas no mar? Uma conversa? Mais? Muito mais. Na segunda foto, Nicolas está em pé, e a mão direita de Dagmar toca a dele. O exato momento em que ela lhe entregou o pedaço de papel. Ele tem os olhos fixos nela, que sorri.

— Alice, pelo amor de Deus, não é o que você está pensando. Posso...

Mas Alice Dor não está mais na linha. Ela desligou.

Ele tenta ligar para Alice. Cinco, dez, quinze vezes. Ela desligou o telefone. Ele deixa vários recados, manda três e-mails, seis mensagens de texto. Está descontrolado. Malvina o leva de volta para o quarto. Acaricia seus cabelos. Eles deixarão o hotel mais tarde, ela lembra, mas é preciso começar a fazer as malas logo. O motorista passará às seis horas da tarde para levá-los ao aeroporto. Isto é, dentro de duas horas. Que tal ele arrumar suas coisas e depois nadar um pouco, antes da partida? Não seria uma boa ideia dar algumas braçadas antes de ir? Ele faz um sinal positivo com a cabeça, mas está com o pensamento longe dali. Nada mais conta. A não ser Alice. Como explicar a ela? Algum dia acreditará nele?

Enquanto Malvina dobra suas roupas, Nicolas permanece imóvel no meio do quarto. Como reconquistar a confiança de Alice? Como ele pôde ser tão burro, tão vaidoso? Sim, era uma questão de vaidade. Pura vaidade. Ele se sentira lisonjeado, atraído, seduzido pela presença de Dagmar Hunoldt, furioso por ela fingir que não o reconhecia. A que ponto ele chegara. Como era possível não ter previsto que Alex Brunel (quem quer que Alex Brunel fosse) postaria outras fotos? Devia ter bloqueado aquela conta. Devia ter feito isso desde o início.

O telefone vibra no bolso, assustando-o. Talvez seja Alice retornando a ligação. Ela estará furiosa no início, mas ele conseguirá explicar tudo, e até carrega no bolso, como prova, o pedaço de papel com as três frases epicurianas malucas. Ela mudará de opinião. Ele a convencerá. Fará o que estiver ao seu alcance para que o perdoe.

O número é privado e não aparece na tela. Ele hesita. Talvez Alice não esteja em casa, talvez tenha ficado sem bateria e esteja ligando de outro telefone, de outro lugar. Só pode ser Alice. No entanto, não é de Alice a voz que ele ouve quando atende a chamada. É de um homem desconhecido.

— Nicolas Kolt? — A voz é seca, polida, com um leve sotaque alemão.

— Quem está falando? — pergunta ele, preocupado.

— Hans Kurz.

O nome lhe diz vagamente alguma coisa. O suficiente para deixá-lo inquieto.

Uma pausa.

— Sim? — continua Nicolas, com cautela. — O que quer?

— O que quero? — Uma risada mordaz soa no ouvido de Nicolas. — Preste atenção. Você foi muito burro, *Herr Kolt*, quando mandou e-mails para a minha esposa e deixou o seu número de telefone e também onde se encontrava. Assim, foi fácil achá-lo.

— Não sei do que está falando — rebate Nicolas com firmeza. — O senhor deve ter se enganado de número.

Seu tom não deve ter sido convincente, porque Malvina interrompe a arrumação das malas e se concentra na ligação. Hans Kurz prossegue, agora falando mais alto.

— Ah, entendo, você não está sozinho. Está com sua namorada, que não suspeita de nada, imagino. Coitada. Vi a página dela no Facebook. “Em um relacionamento sério com Nicolas Kolt.” Malvina Voss. Muito bonita. Muito jovem. Pobre Malvina. Ela adora você, não é mesmo? — Mais uma risada irônica. — Deve ser uma situação constrangedora, *Herr Kolt*. É

uma pena que o BlackBerry de Sabina esteja *kaput*. As mensagens são tão práticas, não acha? Ninguém consegue interceptá-las. Mas com e-mails a história é bem diferente, não é mesmo? É muito fácil ler os e-mails de outra pessoa. E fazê-los circular, também. E encaminhá-los. Mandá-los para pessoas que não suspeitam de nada. E o seu último era muito claro, não? Aquele que continha seu número de telefone. Aquele em que você descreve para a minha esposa exatamente como irá transar com ela. Nos mínimos detalhes. Ah, *Herr Kolt*, está tudo muito bem descrito! Que ereção você deve ter tido! Sem dúvida, escrever essas besteiras é muito mais excitante.

Malvina está agora bem ao seu lado. Talvez consiga ouvir o tom gutural de Hans Kurz.

— Quem é? — sussurra ela.

— Não consigo ouvir nada — grita Nicolas ao telefone, dando as costas para ela. — A ligação está ruim.

— Que desculpa ridícula. Deixe a minha esposa em paz, *Herr Kolt*, ou vou pessoalmente ao seu hotel de luxo, o Gallo Nero, para arrebentar a sua cara. Nem os fãs o reconhecerão.

Nicolas desliga o telefone. Suas mãos tremem, mas ele consegue, de algum modo, manter uma expressão normal.

— O que a pessoa queria? — pergunta Malvina, franzindo as sobrancelhas.

— Não tenho ideia — mente Nicolas. — Era um idiota qualquer. Número errado.

Ele vai até a sacada. Percebe que não consegue refletir direito. Sua mente parece funcionar em câmera lenta. Está entorpecido. Quanto tempo isso vai levar? Não muito mais, ele espera. Assim que acabar de arrumar as malas, ou até antes, Malvina deve conferir o seu iPhone. Não há nada a fazer além de esperar.

Ele se sente como uma daquelas pessoas que tentam desesperadamente proteger a própria casa quando um furacão se aproxima. Pregiar tábuas nas janelas, colocar sacos de areia diante das portas, estocar água, açúcar, macarrão, pilhas e lanternas. Ele espera. Lá embaixo, vê o ritmo preguiçoso do Gallo Nero, desconectado da realidade. Uma borboleta colorida voa de um lado para outro. O vaivém de carros continua. Um jardineiro cuida das plantas. Hóspedes circulam com raquetes de tênis. Outros se dirigem para o spa vestidos com roupões. Os suíços se preparam para sair do mar depois de nadarem um pouco, como fazem todas as tardes. As americanas tomam chá sob a sombra. De onde está, ele ouve um “Ah, meu Deus”. O agitado Damian corre para cá e para lá, seguido por sua mãe visivelmente exausta. O Dr. Gheza e um homem elegante conversam perto dos ciprestes. O casal gay joga badminton no gramado, vestido de branco, como em uma cena de *Desejo e poder*.

Cinco horas da tarde de um domingo ensolarado de julho. Uma daquelas primorosas tardes douradas. Uma bomba está prestes a explodir. Ele espera.

Como de costume, não ouve Malvina chegar à sacada, mas capta a raiva avassaladora que emana dela, e vira-se. Seu rosto está rígido e lívido, os olhos como duas bolas de gude azuis cintilantes. Em silêncio, ela lhe entrega o iPhone com um gesto mecânico, porém suave, que teria parecido perfeito em um videoclipe ou em um comercial, pensa ele, fora da realidade. Nicolas olha para o celular, mas não precisa ler tudo. Sabe que é uma cópia do seu e-mail

explícito para Sabina, encaminhado por Hans Kurz para a página de Malvina no Facebook. Quantos anos deve ter Hans Kurz?, pergunta-se. Cinquenta, talvez. Qual a sua aparência? Seria do tipo já quase careca, com uma pança de cerveja, ou um daqueles sujeitos bronzeados, elegantes, em boa forma, que controlam o peso e se exercitam?

— Não aconteceu nada — murmura ele, e devolve o aparelho para Malvina. Em seguida volta para o quarto.

Malvina o segue. Ela grita com a voz aguda:

— O quê? É só isso que você tem a me dizer? Não aconteceu nada?

Nicolas se sente desconectado da cena. É como se estivesse sentado no sofá, de braços cruzados, observando os dois. Está calmo, o rosto impassível, quase sereno. Ela parece uma mariposa histérica, voando ao redor de uma chama, ameaçando queimar as asas.

— Não aconteceu nada? — grita Malvina outra vez. — Você leu isso? Estava bêbado quando escreveu este e-mail? E a foto? Consegue explicar a foto?

— Qual foto?

Mais uma vez o iPhone é colocado diante de seu nariz com o mesmo gesto rápido, e ele se depara com a imagem de sua ereção fotografada no banheiro masculino do Gallo Nero. A imagem enviada para Sabina do seu e-mail pessoal.

— Escute, Malvina. — Ele suspira. — Sei que é desagradável, que é um choque para você, mas não aconteceu nada com essa mulher.

Ao pronunciar essas palavras, ele se lembra do presidente Clinton e do que mais ou menos entendera, na época, do caso Lewinsky. Ainda adolescente, ele tinha rido de tudo aquilo com François e Victor, animado com a história do charuto e da mancha no vestido, e agora se lembra do rosto vermelho de Clinton na TV ao afirmar categoricamente: “Não fiz sexo com essa mulher.” E o promotor público tinha pedido, então, em tom sarcástico: “Defina sexo, senhor presidente.” Sabina o fizera gozar cinco ou seis vezes, ainda que virtualmente. Mas aqueles orgasmos não eram virtuais. Eram por causa de Sabina, ainda que ela estivesse em outro país. Defina sexo, senhor presidente. Nicolas fecha os olhos. Ele devia ter pensado nas possíveis complicações quando mandou aquilo de sua conta pessoal. Jamais devia ter respondido ao primeiro e-mail.

De tanta raiva, Malvina quase cospe em Nicolas. Seu pequeno punho desfere golpes no braço dele.

— Você continua a repetir a mesma coisa. “Não aconteceu nada.” Como tem coragem de dizer isso?

— Mas é verdade — insiste ele. — Só a encontrei uma vez, em uma sessão de autógrafos em Berlim, em abril.

— Quem é ela?

— É de Berlim. Não sei mais nada.

— Que idade ela tem?

— Não sei.

Malvina ri com desdém.

— Ah, sim, claro, você não sabe. Uma coroa que gosta de garotões. O tipo que você considera irresistível. Uma daquelas donas de casa obcecadas por você. E foi ela quem o procurou, certo?

— Ela me deu o telefone — admite Nicolas. — Trocamos algumas mensagens e, bem, como você já sabe, chegamos a este ponto.

— A este ponto! — grita Malvina, brandindo o iPhone com o rosto transformado pela raiva. — A este ponto! Ela lê: “Vou te agarrar pelos quadris, Sabina, abrir seu traseiro gostoso e comer você até ouvir...”

— Mas nunca toquei nela! — exclama Nicolas, interrompendo-a. — Nunca a beijei. Nunca dormi com ela. Nunca mais a vi desde aquela vez. Não aconteceu nada!

— É a desculpa mais patética que já ouvi. Não aconteceu nada? Você manda para essa mulher um e-mail de duas páginas com a descrição de tudo que quer fazer com ela, as coisas mais pornográficas que já li na vida, coisas que você nunca fez comigo, sua própria namorada, e ainda tem coragem de me dizer que não aconteceu nada? E, enquanto isso, compra um Rolex para mim como presente de aniversário e age como se fosse um príncipe encantado. Pare com essa história de que não aconteceu nada. Suas palavras parecem as de Valmont no livro e no filme que você adora, que repete sem parar “Isto foge ao meu controle”. Não aconteceu nada... Cale a boca. Por sorte, o marido dela parece concordar comigo. Ele foi muito gentil ao me mandar isso, com aquela foto vulgar. É isto que você é, Nicolas. Nojento. Vulgar. Repugnante.

— Ah, Malvina, pare com isso. — Ele suspira. — Sei que não foi elegante de minha parte, mas não tive um caso com essa mulher. Não fui infiel.

Ao ouvir a palavra “caso”, ela salta como um gato selvagem com todas as unhas de fora.

— Claro que teve! Foi exatamente isso que aconteceu! Você teve um caso virtual. Teve um caso, sim. É a mesma coisa. Você me enganou, me traiu. Qual teria sido a sua reação se isso acontecesse comigo? Se lesse e-mails indecentes meus para algum cara?

Ele quase diz “Não acredito que eu me preocuparia muito, já que não amo você”, mas não tem coragem. Logo pensa em Delphine e no que sentiria se ela tivesse um caso on-line, um caso virtual, com algum homem. Esse pensamento lhe devolve um pouco de sensatez. Começa a se sentir culpado. Pobre Malvina. Deve ter sido um choque terrível ler aquele e-mail, ver aquela foto. Ela está, afinal de contas, profundamente apaixonada por ele.

— Desculpe, Malvina — diz ele, com voz branda. — Não queria magoar você. A verdade é que não me interessa por aquela mulher. Só me interessa por você. Lamento muito mesmo.

Ela está de costas para ele, que tenta colocar a mão no seu ombro frágil. Espera que ela se vire, que se desmanche em lágrimas, que soluçe em seu peito. Em seguida, eles se beijarão, é provável que façam amor, e ele estará perdoado. Malvina encolhe os ombros, rejeitando a mão dele, e recomeça a arrumar a bagagem sem dizer mais nada. Vai até o banheiro, pega suas coisas, guarda-as também e fecha a mala. Não olha para ele uma única vez.

Quando ela afinal se vira, seu olhar não demonstra ternura, não demonstra perdão. Seu rosto ainda é uma máscara de pedra. Há tanto ódio na sua expressão que Nicolas dá um passo atrás.

— É tarde demais para pedir desculpas — diz ela com frieza, enquanto desliza a mala na

direção da porta. Pega a bolsa, guarda o iPhone e coloca uma jaqueta por cima do vestido.

— Vou embora agora. Um carro vem me buscar mais cedo porque quero antecipar o voo para Paris.

— O quê? — pergunta ele, espantado. — Espere...

— Você ouviu o que eu disse — retruca ela, já com a mão na maçaneta da porta. — Vou embora agora. Mas não esqueça. Carrego um filho seu. Tenho direito a muitas coisas. Não me refiro a relógios Rolex. Eu me refiro à minha condição de mãe do seu filho. Direitos a longo prazo. As coisas vão acontecer do meu jeito. Teremos este bebê e nos casaremos. Você será meu marido. Serei a Sra. Nicolas Kolt. Quer você goste ou não.

Ela sai bruscamente do quarto e bate a porta com violência.

Capítulo 23

Nicolas continuava a ver os olhos vermelhos de Lionel Duhamel. Ainda sentia a pressão dos seus dedos ao redor do pescoço. Ele voltou à vida normal e não comentou com ninguém o incidente com o avô. Continuou a dar suas aulas particulares, fez compras para casa, buscou Gaia na escola às quatro e meia da tarde. Aproveitou que a menina brincava no seu quarto e Delphine ainda não tinha chegado para telefonar para a mãe e para a tia, Elvire, enquanto preparava o jantar. Fez as mesmas perguntas às duas. Elas sabiam quem era Alexei? Tinham alguma vez ouvido falar de uma carta que ele teria enviado para Nina? Emma ficou perplexa. Não conseguia entender aonde o filho queria chegar. Ela não tinha lembrança desse nome nem da tal carta. “Por quê?”, perguntou ela. Nicolas respondeu que era porque tinha se lembrado de uma conversa de muito tempo antes, nada importante. Com Elvire, foi mais direto. Explicou que o pai dela havia mencionado Alexei e a carta na noite anterior. Ela estava furiosa. Tinham ligado do hospital naquela manhã. Lionel não passava bem, havia dormido muito mal e se mostrava agressivo com os funcionários, a ponto de ter sido necessário aumentar a medicação. “Que diabo você acha que está fazendo?” Sua voz ressoou ao telefone, e ele visualizou suas bochechas rosadas e o maxilar proeminente tão parecido com o do pai. “Não, esse nome não me diz nada, a carta também não, mas quero deixar uma coisa bem clara, Nicolas, não volte lá sem me avisar, e, quando voltar, não aborde essas questões, porque é claro que isso o perturba. Não quero saber quem foi esse Alexei nem o que dizia a tal carta. Meu pai está velho, confuso, e merece terminar seus dias em paz. Você está entendendo?”

Por último, Nicolas ligou para Brisabois. Não foi muito fácil localizá-lo. Ele não o via desde a visita para pedir dinheiro, um ano após a morte do pai, em 1994. O telefone que constava no caderno de endereços de Théodore Duhamel não existia mais. Havia outros Brisabois na lista, mas não o que ele procurava. Por fim, encontrou uma Brisabois no Facebook, que vinha a ser filha de Albert. Nicolas não se recordava de que Brisabois tinha uma filha, mas por sorte ela lembrava que o pai trabalhara com uma pessoa chamada Théodore Duhamel, entre o final da década de 1980 e início da de 1990. Ela forneceu o número do pai.

Brisabois concordou em encontrá-lo em um café na Place des Ternes. Chovia muito, e a impressão de Nicolas era de que não tinha parado de chover desde que ele descobrira o verdadeiro nome do pai. A barba ruiva de Brisabois se tornara branca com o passar do tempo. Fora isso, ele continuava o mesmo sujeito jovial que Nicolas guardava na memória. Pediram chá e café, e Nicolas foi direto ao assunto. Mostrou para Brisabois a certidão de nascimento.

— Sabia que meu pai se chamava Fiodor Koltchine?

Brisabois confirmou com a cabeça.

— Vi esse nome em algum documento oficial, quando éramos jovens. Perguntei para ele o que era, mas Théodore não gostava de tocar nesse assunto. Eu sabia que ele tinha nascido em São Petersburgo. Ele se exibia por causa disso. Achava que isso o tornava exótico. Diferente de nós. Mas me conte mais.

— Meu pai veio ainda bebê para a França, com a mãe, em 1961. Foi adotado por Lionel Duhamel, que acabara de se casar com Zinaida Koltchine, minha avó. Ela estava com quinze anos. Lionel, trinta. Descobri tudo isso quando precisei renovar meu passaporte por causa das recentes leis governamentais francesas.

— E por isso agora quer saber mais sobre o seu pai. Estou certo?

— Sim. Minha pergunta pode parecer estranha, mas o que meu pai fazia? Isto é, no que ele trabalhava?

Brisabois acariciou a barba. Depois sorriu.

— Eu sabia que um dia você me faria essa pergunta.

Nicolas apontou para a certidão de nascimento.

— Não sei nada sobre a origem dele, nem sobre as circunstâncias de sua morte. Não se trata de uma curiosidade doentia, Albert. Trata-se de mim, seu filho, seu único filho, que busca compreender quem ele era. E vocês eram amigos muito próximos, não é verdade?

— Sim, éramos. Desde os tempos de escola. Lycée Montaigne. Théodore não era bom aluno. Largou os estudos aos dezessete anos. Achei engraçado ele se casar com uma aluna brilhante que depois se tornou professora.

— Então me conte sobre o trabalho dele.

Brisabois olhou para a Place des Ternes, onde carros se enfileiravam, engarrafados por conta da chuva. Pessoas passavam apressadas, protegidas por um mar de guarda-chuvas cintilantes. Ao longe, o Arco do Triunfo, imponente, envolto pela névoa.

— Digamos que seu pai tinha um dom. O dom de aproximar pessoas.

— Um investidor-anjo?

— Não, era algo mais clandestino.

Nicolas encarou Brisabois. Os minutos avançavam.

— Você se refere a drogas? Ou segredos de Estado?

— A drogas, não.

Uma pausa.

— Meu pai era um espião?

— Não gosto dessa palavra — respondeu Brisabois, tamborilando na mesa. — Théodore também não gostava.

— Um agente secreto?

Brisabois riu.

— Que bobagem, Nicolas. Tenho cara de agente secreto?

— Não vai me dizer, então?

Brisabois limitou-se a sorrir.

Nicolas sentiu que o mistério sobre seu pai tornava-se ainda mais denso. Brisaboís não revelaria nada. Discretamente, Nicolas olhou ao redor. Ninguém parecia observá-los. Brisaboís estaria com medo? Parecia tão natural, tão tranquilo. Um homem de meia-idade, barrigudo. Poderia passar por um professor ou um historiador. Ninguém repararia nele.

Nicolas inclinou-se à frente. Sua voz era apenas um murmúrio.

— Albert, acredita que meu pai corria algum tipo de perigo quando morreu? Imagina que alguém...

Começou a gaguejar, sem ousar exprimir seus pensamentos.

— Se acredito que ele foi morto, é isso que quer saber? — perguntou Brisaboís prontamente.
— Não, não acredito. Mas seu pai sempre correu riscos, ainda que tivesse pais, uma família, um filho pequeno, uma esposa. Não conseguia se conter. Ele era assim.

— Meu pai alguma vez mencionou o nome Alexei para você?

Brisaboís franziu a testa.

— Não me recordo de ele ter mencionado esse nome.

— Lembra-se então de ele ter falado sobre uma carta da Rússia?

Outra pausa.

— Uma carta?

— Sim, uma carta.

Brisaboís brincou com a xícara de café. Seus dedos eram curtos e quadrados. Havia manchas no seu casaco. Ele cheirava mal. Seus óculos estavam tortos, apoiados no nariz. Os cabelos crespos eram compridos demais e caíam sobre o colarinho. Onde Brisaboís morava? Nicolas imaginou um apartamento escuro, térreo, dando para um pátio sem sol. Ele teria fotos de Théodore Duhamel em casa? Alguma vez sentira inveja do carisma do amigo? Devia ter sido difícil para Brisaboís descer a rua ao lado de Théodore Duhamel, com tantos olhos grudados no amigo, não nele. Emma costumava brincar com Brisaboís, antigamente, quando Théodore Duhamel ainda estava entre eles. Ela perguntava ao marido, em tom de provocação, se havia uma “Madame Brisaboís”. O pobre Albert parecia às vezes tão solitário, dizia ela, e abandonado, como um cão esperando o dono voltar para casa, com o olhar ansioso na direção da porta e as orelhas erguidas ao menor ruído de passos na escada.

— Uma carta... Isso é interessante...

— Você se lembra de alguma coisa? — perguntou Nicolas, impaciente.

Brisaboís balançou a cabeça devagar. Tirou os óculos, limpou as lentes com a barra da camisa. Em seguida recolocou-os.

— Aquele último verão, 1993... — Brisaboís hesitou.

— Sim. O que tem aquele verão?

— Quando falei pela última vez com seu pai por telefone, quando ouvi sua voz pela última vez, ele mencionou uma carta.

Nicolas olhou para os dedos grossos que seguravam a xícara. Depois para o rosto de Brisaboís.

— Consegue se lembrar do que meu pai disse exatamente?

Brisabois respirou fundo.

— Nicolas, isso foi há muitos anos.

— Há treze anos. Pelo menos tente, por favor.

Brisabois pediu mais um café. Esperou que o garçom o trouxesse. Nicolas precisou esperar também, as pernas balançando com impaciência embaixo da mesa.

Por fim, Brisabois falou, em voz baixa:

— Aí vai o que consigo lembrar. Théodore tinha acabado de chegar em Biarritz. Deve ter sido no início de agosto. Logo antes... Ele me ligou para discutir um assunto profissional. Sua voz estava um pouco estranha ao telefone. Inquieta. Esquisita. Perguntei o motivo. Ele disse apenas o seguinte: “Li uma carta. Uma maldita carta.” E foi só isso. Não me disse mais nada. Perguntei se era algo relacionado aos nossos negócios. Ele respondeu que não, não, nada ligado ao trabalho. Apenas isso. Seu pai tinha alguns casos amorosos. Você deve saber, imagino. Pensei que fosse alguma mulher, alguma amante apaixonada que tivesse escrito uma carta para ele. Sempre havia mulheres apaixonadas querendo conquistá-lo. Não dei importância ao fato. Nunca mais pensei na carta.

— Alguém chamado Alexei escreveu a tal carta. Em julho. Da Rússia. Acredito que tenha sido enviada para minha avó Nina, mãe do meu pai.

— Como sabe de tudo isso?

— Meu avô, Lionel Duhamel, está um pouco desatinado e deu com a língua nos dentes.

— O que você acredita que a carta dizia, Nicolas?

— Não tenho ideia. Nem ao menos sei quem é Alexei. Mas vou descobrir. Ou pelo menos tentar.

Os olhos de Brisabois brilharam.

— Neste momento, olhando para você, vejo Théodore na minha frente. Você se parece muito com ele. Quando entrou no café, tive um choque. Era como se Théo viesse na minha direção. Você é mais moreno, e seus olhos não são azuis, mas... Quando você era criança, havia uma pequena semelhança, mas agora... Nossa! É ao mesmo tempo angustiante e maravilhoso olhar para você.

— Sente falta dele, Albert?

— Muito mais do que você pode imaginar. Sinto falta da sua audácia, da sua coragem. Seu pai era como o herói de um romance. Não é fácil encontrar gente assim na vida. Ainda ouço a voz dele e sonho com Théo de vez em quando.

— Acredita que ele possa estar vivo, em algum lugar?

— Quando não se encontra o corpo de alguém, é possível imaginar qualquer coisa. Théodore ansiava por um recomeço. Ele encenou a própria morte? Está levando outra vida, no lado de lá do planeta? Tem uma nova família, uma nova vida, novos filhos, um novo nome?

— Foi um acidente? — continuou Nicolas. — Ele estava infeliz? Queria acabar com tudo? Parecia transtornado por causa daquela carta? A carta que Alexei mandou.

Eles se entreolharam em silêncio.

— O pior na história do seu pai é a incerteza. — Brisabois suspirou. — É ficar

completamente no escuro.

Nicolas pensou nos anos tristes do passado. Crescera à sombra de um pai desaparecido sem deixar vestígio. Sentiu voltar a antiga dor, familiar.

— Ficar completamente no escuro — repetiu. — A história da minha vida.

— Ainda sente muita falta dele, não é?

Nicolas lembrou-se daquelas tardes quando, ainda menino, chegava da escola com a infundada esperança de que seu pai tivesse voltado durante a sua ausência.

— Sinto falta dele todos os dias desde 7 de agosto de 1993. — Nicolas estava com os olhos marejados. Ele não se importava que Brisaboís visse as suas lágrimas. Não havia motivo para vergonha. — Sinto mais falta ainda desde que soube o seu verdadeiro nome.

Brisaboís bateu de leve no seu ombro para confortá-lo. Depois esfregou as mãos.

— Então, Nicolas, por onde pretende começar? Qual o primeiro item da sua lista? Como posso ajudá-lo?

Nicolas sorriu pela primeira vez.

— Pretendo começar por São Petersburgo.

Depois de obter o visto, reservar as passagens de avião e a hospedagem, o que levou no total algumas semanas, ele recebeu um e-mail de Brisaboís. No dia da chegada em São Petersburgo ele devia pegar o ônibus número 13 do aeroporto até a estação de metrô Moskovskaia. De lá, a linha 2 o levaria diretamente para a estação Nevski Prospect. Lisaveta Andréiéвна Sapounova estaria à sua espera às quatro horas da tarde e o acompanharia até o hotel.

“No início, você nem vai reparar em Lisa”, escreveu Brisaboís.

No início. Nicolas perguntou-se o que ele queria dizer com aquilo. Lisaveta era uma “velha amiga”, segundo Brisaboís, uma mulher que ele conheceu na década de 1980, quando São Petersburgo ainda se chamava Leningrado. Era tradutora, explicou, e também tinha ascendência francesa. Conhecia a cidade como a palma da mão e era fluente em francês. Tinha, no entanto, uma personalidade complexa, não era uma pessoa fácil, sociável. “Eu a chamo de minha princesa russa”, acrescentou. “Ah, não houve nada entre nós... Somos apenas amigos... Ai de mim...” A última frase tinha feito Nicolas sorrir.

— São Petersburgo? — perguntara sua mãe, surpresa, quando ele comunicou a viagem. — Com Delphine?

— Não — respondera Nicolas. — Vou sozinho. Por poucos dias.

Quando ele avisou a namorada, ela não fez perguntas. Já tinha percebido que alguma coisa o preocupava e tomava grande parte do seu tempo. Ele andava silencioso, pensativo. Uma manhã, ela o encontrou sentado à mesa da cozinha com a velha caneta Montblanc do pai na mão.

— O que está escrevendo? — perguntou Delphine.

— Nada importante. Anotações, apenas.

Delphine tinha visto a certidão de nascimento, ele mostrara para ela logo depois de recebê-la.

— Veja, o nome do meu pai era Fiodor Koltchine.

— Como você se sente com relação a tudo isso? — indagou ela, carinhosamente, depois de ele visitar a mãe naquele dia chuvoso.

— Não sei. Estranho, eu acho. Tentando entender. Tentando entender quem ele de fato era.

— Eu faria a mesma coisa — disse ela em tom tranquilizador, beijando-o na testa.

Delphine emprestou-lhe um pouco de dinheiro para a passagem de avião. Ele tinha evitado pedir para a mãe. Escolheu o hotel mais barato possível, um albergue para jovens no centro da cidade. Ele embarcou no início de novembro de 2006, aproveitando a folga do feriado de Finados. Faltaria apenas uma ou duas aulas.

Sentiu-se muito estranho e perdido ao aterrissar em um país onde não conseguia sequer entender as placas. Não tinha pensado nisso no momento em que decidiu viajar. Quando pegou uma interminável escada rolante para descer às profundezas da estação de metrô de Moskovskaia, rezou para que estivesse no trem certo, rumo à estação certa. Sentia-se grato por Brisaboís ter sugerido que uma amiga o ajudasse, pois não saberia como começar, nem por onde. Esperava que Lisaveta Sapounova fosse útil. Ele não tinha mais ninguém a quem recorrer.

Novembro não era o mês ideal para visitar São Petersburgo, ele descobrira na internet. Era no verão que multidões de turistas chegavam para as famosas noites brancas, quando a escuridão durava apenas duas horas. Em novembro, ele devia esperar chuva e frio. Bem, pensou, Paris não tinha estado muito diferente nas últimas semanas.

Uma chuva fina saudou-o na saída da estação. Em pé na calçada da Nevski Prospekt, com o colarinho erguido, olhou ao redor à procura de Lisaveta Sapounova. Ele supunha que Brisaboís o tivesse descrito para a amiga. Alto, jovem, moreno, aparência de francês. Todos falavam russo à sua volta, uma língua gutural da qual ele não entendia nenhuma palavra, mas que o fascinava. Afinal, metade do seu sangue era russo. Surpreendeu-se ao reconhecer os olhos azuis oblíquos, o nariz arrebitado e a boca larga do pai em todos que passavam. Aquele era, de algum modo, o seu país, embora não soubesse nada sobre a Rússia, a não ser o que aprendera nas aulas de história. Aprendera o suficiente para saber que a São Petersburgo que ele via agora, com uma multidão animada que ia e vinha, com suas sacolas de compras, celulares colados ao ouvido e roupas de grife, estava muito longe da Leningrado de 1960, o ano em que seu pai nasceu, filho de uma adolescente de quinze anos, em plena Guerra Fria. Pensou na poetisa Anna Akhmátova que, ao voltar a Leningrado em 1944, escreveu: “Um fantasma terrível que fingia ser a minha cidade.” Durante os seus anos como aluno do khâgne, Nicolas tinha devorado autores como Blok, Biéli, Gógol, Brodsky, todos ligados a São Petersburgo, ainda sem saber que ele mesmo estava intimamente conectado à cidade por causa do pai.

— Nikolai Duhamel? — perguntou uma voz feminina.

Ela pronunciou seu nome com a entonação russa, que o encantou.

Nicolas deparou-se com uma mulher franzina, usando uma echarpe. Quarenta e cinco anos, talvez um pouco menos. Ela estendeu-lhe uma mão fria. Seu rosto era severo.

— Sou Lisaveta Andréiéвна Sapounova.

Ela ergueu o queixo, como se tivesse orgulho do nome, ou de si mesma. Ele reparou em duas pintas no seu rosto, uma perto do olho esquerdo, a outra no canto da boca. A princesa russa de Brisaboís.

Nicolas a seguiu de cabeça baixa. Sob uma chuva agora torrencial, caminharam pela avenida

ampla e bem-iluminada. Atravessaram algumas ruas e por fim pararam diante de um prédio antigo, na esquina de outra avenida larga e barulhenta. Entraram no saguão para se proteger.

— É um Albergue da Juventude — confirmou ela. — Espero que ache confortável.

Ele assentiu. A mulher o intimidava, mas sua aparência não era desagradável. Ela lhe entregou uma folha de papel dobrada.

— Meu endereço. Desenhei um pequeno mapa. Não é longe daqui. Conseguirá chegar sem dificuldade. Depois de amanhã tenho tempo para acompanhá-lo. Mostrar um pouco da cidade. Os museus, as igrejas, os canais.

Ele encarou o papel. Letra elegante, feminina. Um desenho caprichado das ruas que deveria pegar para chegar à casa dela.

— Brisabois lhe explicou alguma coisa? — perguntou Nicolas.

Ela demonstrou surpresa.

— Explicou? Ele só me pediu para acompanhá-lo a um ou outro lugar.

Nicolas pigarreou.

— Não estou aqui para fazer turismo. De todo modo, agradeço a sua gentileza.

Ela franziu a testa.

— Bem, qual o objetivo da sua visita, então?

Ele sorriu.

— Vim visitar fantasmas.

Nicolas sabia que ela não tinha entendido, por isso apressou-se em acrescentar:

— Quero descobrir mais coisas sobre meu pai e a família dele. Ele nasceu aqui. Morreu quando eu ainda era criança.

Um grupo de jovens encharcados e alegres entrou de repente no saguão e esbarrou nos dois, que foram obrigados a recuar para deixá-los passar.

Lisaveta Sapounova tirou a echarpe. Tinha cabelos escuros brilhantes. Olhos negros como carvão. Pele branca acetinada.

— Descobrir o quê? — perguntou ela.

— Quem foi meu pai. De onde ele veio.

Ela o fitou em silêncio por alguns segundos, depois sorriu pela primeira vez. Isso a fez parecer mais jovem.

— *Da*. Vou ajudá-lo. Apareça daqui a dois dias para o café da manhã.

— *Horosho* — respondeu ele. Era uma das poucas palavras russas que conhecia.

Ela sorriu de novo, repetiu a palavra com a entonação correta e então completou:

— Ótimo. Prefere café ou chá?

— Chá, obrigado.

— Nove horas. Depois de amanhã. *Do svidania*. Até lá.

Lisaveta saiu apressada. Nicolas subiu para o quarto andar. O lugar estava limpo, arrumado. Dois simpáticos suecos dividiam o quarto com ele. Era também a primeira noite deles na cidade. Chamavam-se Anders e Erik. “Que tal sairmos para beber, comer alguma coisa?”, sugeriram. Tinham conhecido mais cedo algumas jovens locais que falaram de um bar não longe dali, onde

tocava uma banda, por que não ia com eles? Nicolas não queria ficar sozinho, por isso seguiu os suecos por mais uma rua larga, ainda embaixo de chuva forte. O café, no subsolo, estava lotado. As jovens locais eram comunicativas e divertidas. Falavam um bom inglês e pediram pickles, caldo de carne, blinis, vodca. Uma delas, Svetlana, logo ficou bêbada e exagerou nos carinhos. Nicolas teve dificuldade para impedi-la de se sentar no seu colo. A toda hora ela insistia. Mesmo depois de algumas vodcas, ele não se sentiu atraído por ela. Na verdade, aconteceu o contrário. Quando uma banda barulhenta começou a tocar e o pequeno bar ficou ainda mais cheio e enfumaçado, Nicolas livrou-se delas. Sentia muita falta de Delphine e queria que ela estivesse ali para partilhar aquelas experiências com ele. Cansado, decidiu ir embora.

No caminho de volta, acabou se perdendo. Em alguns lugares, as ruas molhadas tinham um cheiro repugnante, como se a água fizesse o esgoto refluir. Uma grande igreja dourada brilhou na escuridão, uma bonita estrutura neoclássica, e ele admirou-a por um momento antes de seguir adiante com passos rápidos. Depois de vagar sem rumo por mais algumas ruas, chegou a um canal, de onde avistou cúpulas espetaculares, no formato de cebolas, que o fizeram esquecer a chuva. Uma alma caridosa apiedou-se dele e indicou o caminho de volta para o albergue. Quando Anders e Erik chegaram, para lá de bêbados, ele já dormia. Quase não conseguiam se manter em pé e riam sem motivo. Nicolas não se incomodou. Acendeu a luz e observou-os circular atabalhoadamente pelo quarto. Riu com eles. Incomodados pela algazarra, os ocupantes do quarto ao lado bateram na porta. Já era tarde. Por fim, os suecos adormeceram. Um deles roncava. Nicolas sentiu que não voltaria a dormir. Mas não por causa dos roncos. Pela primeira vez na vida, estava na cidade onde seu pai havia nascido quarenta e seis anos antes. Essa ideia bastava para mantê-lo acordado por muitas horas.

De manhã cedo, Nicolas usou o banheiro compartilhado enquanto os outros ainda dormiam. Planejava passar o dia visitando as casas de seus escritores russos favoritos, aqueles que tinham nascido ou morrido na cidade de seu pai. A chuva havia parado durante a noite. A luz da manhã parecia perolada, o ar estava seco e frio. A casa de Pushkin ficava junto ao canal Moika. Foi fácil encontrá-la. Ele precisou se curvar para passar pela porta baixa de madeira. Uma senhora de cabelos grisalhos e expressão severa gritou alguma coisa para ele em russo. Diante de sua perplexidade, ela indicou com gestos que ele devia calçar chinelos protetores de plástico por cima dos sapatos. Nicolas percorreu na ponta dos pés as silenciosas salas de paredes azuis e parou por um momento no escritório do poeta, tomado por livros. Observou sua bengala, seu cachimbo, sua poltrona predileta. Alexander Pushkin morreu naquele local em 29 de janeiro de 1837, aos trinta e sete anos, mortalmente ferido após um duelo com um francês que cortejava sua bela esposa. Nicolas encontrou o mesmo ambiente reverencial e silencioso no apartamento de Fiódor Dostoiévski, em Kuznechny Pereulok. Como Pushkin, Dostoiévski também morreu no seu escritório, de hemorragia pulmonar, em 9 de fevereiro de 1881. Outra *babushka* com ar sinistro fez sinal para que Nicolas se afastasse da escrivaninha do grande escritor, iluminada por velas, quando ele se aproximou demais para admirar a superfície. Foi ali que Dostoiévski escreveu *Os irmãos Karamázov*, preparou a famosa elegia fúnebre em homenagem a Pushkin, trabalhou na última parte do seu *Diário de um escritor*, publicado postumamente.

O lugar de nascimento de Vladimir Nabokov, em Ulitsa Bolshaya Morskaya, não lembrava mais o que devia ter sido quando o escritor nasceu, em 1899. Agora ali ficava a redação de um jornal diário. No térreo, no entanto, Nicolas ficou feliz ao descobrir, enquanto circulava pelas várias salas de teto alto, a famosa coleção de borboletas capturadas pelo próprio Nabokov, fichas de identificação com a letra do escritor, seu *pince-nez*, seus jogos de tabuleiro, fotos dele quando criança e uma máquina de escrever antiga. Um jovem com ar melancólico conduziu-o a um cubículo, onde assistiu a um vídeo de 1963 em preto e branco e de péssima qualidade. A televisão devia ser uma relíquia da Perestroika, mas, apesar disso, Nicolas ouviu a voz de Nabokov falando inglês com sotaque russo, viu seu rosto redondo e os penetrantes olhos escuros.

Foi o apartamento comunitário de Anna Akhmátova, perto do canal Fontanka, onde ela viveu por trinta anos, a moradia que mais emocionou Nicolas, de um modo que ele quase não conseguia explicar nem descrever. A cozinha humilde, com uma pia em mau estado, carregava os vestígios de tempos difíceis, privações e sofrimento. Foi daquele refúgio tranquilo que Akhmátova assistiu, apreensiva, à sua cidade enfrentar revolução, guerra civil, terror político, guerra mundial. Ele demorou-se no quarto dela para admirar a cama baixa, a escrivaninha alta de madeira. Quando deixou o local, já estava escuro. Um grande gato alaranjado miou à sua passagem.

Na manhã seguinte, depois de uma noite mais tranquila, ele deixou o hotel cedo outra vez, com o endereço de Lisaveta Sapounova no bolso. Seguindo as indicações, saiu do prédio, dobrou à esquerda e de novo à esquerda na segunda rua. Chegou a um canal largo, que já vira no dia anterior, perto da casa de Akhmátova. “Fontanka”, escrevera Lisaveta Sapounova com uma caprichada caligrafia. Parou para observar por um instante a água azul-acinzentada, na qual se refletiam as fachadas de cores suaves dos imponentes prédios enfileirados adiante. Nicolas compreendia agora que, no coração daquela cidade construída sobre um pântano por um czar que odiava Moscou, haveria sempre algo que o deixaria maravilhado. Seu pai, no entanto, mal conhecera sua cidade natal. Que idade ele tinha quando foi embora? Seis meses? Um ano? Théodore Duhamel não guardou nenhuma lembrança. Nunca voltou. Nina, a mãe dele, também não.

Lisaveta Sapounova morava em um edifício castigado pelo tempo, mas que conseguia manter um ar imponente. A fachada semidestruída era decorada com colunas em estilo grego e altas janelas retas. Nicolas subiu uma ampla escada antiga, que parecia prestes a ruir, com pichações na pintura descascada das paredes. Porta número três, escrevera a mulher. Ele bateu. Nada. Reparou em uma pequena campainha e tocou. Em algum lugar no interior da velha moradia ecoou um som distante. Em seguida, o ruído de passos. A fechadura chiou e a porta se abriu com um rangido. Lisaveta Sapounova conduziu-o até uma sala imensa, com o teto mais alto que ele já vira. A vista do canal Fontanka era fantástica. Nicolas foi direto para uma das janelas semicirculares e não conteve um gritinho de entusiasmo. Ela observou-o, balançou a cabeça e sorriu. Ele por fim desviou os olhos do canal e virou-se para ela. Seu vestido era marrom-escuro, ao estilo da década de 1940. Os cabelos estavam presos na altura da nuca. Ele reparou

em sua cintura fina. Ela mantinha o corpo ereto e as mãos apoiadas em uma cadeira, diante de uma mesa redonda onde havia um samovar reluzente e um jogo de chá em porcelana.

As paredes eram tomadas por livros. Russos, franceses, alemães e ingleses. Em um canto havia uma cama de dossel antiga, com cortinas desbotadas em tons de dourado e azul. Em uma escrivaninha comprida instalada diante das janelas estavam distribuídos um computador, cadernos, canetas e folhas de papel, alguns ícones religiosos e a miniatura de uma pirâmide em malaquita. Um sofá velho de veludo vermelho e alguns pufes marroquinos estavam dispostos de frente para uma enorme lareira de pedra, que havia sido reaproveitada para construir uma pequena cozinha moderna.

— Aqui antigamente era um salão de baile — explicou Lisaveta Sapounova. — Por isso é tão grande. Anos atrás, tudo foi dividido e partilhado. O período soviético deixou cicatrizes. — Ela apontou para as longas marcas visíveis nas paredes e no teto. — Veja, lá construíram outro andar para abrigar ainda mais gente. Felizmente foi demolido na década de 1990. Tenho apenas um cômodo. Um cômodo grande.

Ele perguntou a si mesmo se ela morava sozinha. Não havia sinal de marido, nem de filhos. Atrás de um biombo, imaginou que devia haver um banheiro.

— Por favor, me chame de Lisa. Conte alguma coisa sobre você — pediu ela, assim que se sentaram. Ele observou-a enquanto usava o samovar. Suas mãos eram delicadas. Ela não usava aliança. — Você é estudante?

Ele falou das aulas particulares. Depois foi direto ao que lhe interessava e contou como descobrira o verdadeiro nome do seu pai. Explicou que a família jamais tocara no assunto. Mostrou-lhe as certidões de nascimento do pai e de Nina. Ela examinou-as e disse:

— Sua avó nasceu em uma antiga clínica perto do jardim de Tauride, que é hoje uma universidade.

— E o meu pai?

— Não em hospital. Na rua Pisareva. Posso levá-lo até lá. Não é muito longe. Podemos ir a pé.

Ela ofereceu-lhe torradas, manteiga e geleia.

— O que mais posso fazer para ajudá-lo?

— Não sei. Estou perdido — admitiu Nicolas, envergonhado. — Não sei por onde começar.

— Bem — começou ela —, podemos ir ao cartório de registro civil do distrito de Admiralteysky, que é a região onde sua família morava, e tentar localizar seus bisavós.

— Muito obrigado. É muito gentil de sua parte.

— Em russo dizemos *spassiba*, Nikolai. — De novo ela pronunciou o seu nome à maneira russa e presenteou-o com um dos seus raros sorrisos. — E seu pai, Fiodor em russo, Théodore em francês. Você sabia que os nomes eram os mesmos?

— Não — respondeu ele.

— Seu pai ou sua avó falava em russo de vez em quando?

— Não, nunca.

Acabaram de tomar o café da manhã em silêncio.

— Nossa cidade tem uma história de dor e glória, e até hoje carregamos esse estigma — disse Lisaveta Sapounova mais tarde, enquanto seguia com ele por ruas largas e de tráfego intenso. Às vezes, ela parava para mostrar um monumento, uma estátua, uma ponte, uma igreja.

No cartório, Nicolas esperou em um saguão de aspecto lúgubre, onde ainda parecia pulsar o legado de um regime tirânico e o selo opressivo da burocracia. Os funcionários não exibiam sorrisos. Lisaveta Sapounova explicou que aquele era o modo russo de ser. O semblante fechado servia como uma espécie de proteção. O que não significava que fossem todos hostis.

Pouco depois, ela apareceu com um papel na mão.

— Veja, Nikolai — disse, com ar triunfante. — Não foi tão difícil.

Ele baixou os olhos para o papel. Não conseguiu decifrar uma única palavra.

— Ah! — exclamou ela, e sentou-se ao seu lado. — Desculpe. Você não lê russo. Eu traduzo. Vejamos. Aqui consta o ano da morte dos seus bisavós, Natacha Ivanovna Levkina, 1982, e Vladimir Nicolaevitch Koltchine, 1979. E os nomes dos filhos.

— Minha avó, Nina.

— Sim, Zinaida, e a outra criança.

— Outra? — perguntou Nicolas, surpreso.

Olhou de novo para o papel.

— *Da*, veja. Este nome aqui é o da sua avó, Zinaida Vladimirovna, nascida em 1945, logo depois do cerco, como muitos bebês na época. Consta também o nome de outra criança, um irmão, nascido antes dela. Consegue ver?

A sala sombria estava em profundo silêncio. Nicolas ouviu passos no fundo do corredor e algumas vozes. Em seguida, o silêncio retornou.

— Qual é o nome dele? — perguntou Nicolas, com cautela, embora já soubesse.

— Alexei Vladimirovitch. Nascido em 1940.

Mais tarde, enquanto seguia Lisa Sapounova até onde seu pai nascera, na rua Pisareva, muito próxima, Nicolas ficou em silêncio. Ela parecia entender que ele não queria falar. Ele manteve a cabeça baixa, os olhos fixos na calçada. Só os ergueu uma vez, para admirar as espirais e cúpulas barrocas douradas da catedral de São Nicolau. Ele não queria dar voz às perguntas que se sucediam em sua cabeça. Alexei continuava vivo? As certidões de seus bisavós não mencionavam a morte dele. Mas também não mencionava a morte da filha deles, em 2000. Nicolas devia tentar encontrar Alexei? Valia a pena tanto trabalho?

— É aqui — disse Lisa Sapounova, um pouco hesitante.

O prédio alto cor de ocre diante do qual pararam era velho, e a fachada, um emaranhado de rachaduras e remendos irregulares. Tinha uma enorme porta em arco, cinco andares, todos divididos em apartamentos. A região, chamada Kolumna, passara por melhorias e continuava mudando, explicou Lisa Sapounova. Ficou abandonada durante muitos anos, e algumas ruas nas redondezas continuavam insalubres. O aspecto ainda era ruim. Nicolas observou as muitas janelas e viu vasos de plantas, cortinas de cores variadas e persianas. Atrás de uma dessas janelas, seu pai tinha vindo ao mundo. Sob aquele vão arqueado da porta, Zinaida partira para sempre, com Fiodor nos braços. Ele perguntou a Lisa Sapounova se ela havia reparado na idade de sua

avó quando Fiodor Koltchine, seu filho, nasceu. A mulher respondeu que sim, ela havia reparado. Quinze anos. Era provável que a avó tivesse escondido a gravidez até o fim e que o bebê tivesse nascido ali, na casa da família. Sem dúvida havia sido uma situação delicada tanto para os pais de Nina quanto para ela. Era difícil imaginar as condições de vida das pessoas quarenta e cinco anos atrás, continuou ela. Tantas coisas haviam mudado, algumas drasticamente. Até ela, nascida e criada na cidade, e que tinha testemunhado a dissolução da União Soviética em 1991, achava difícil descrever o alcance da transformação. Nicolas perguntou se ela fazia ideia de como a avó tinha conhecido Lionel Duhamel, o jovem homem de negócios que, um ano depois, na França, adotaria seu filho e se casaria com ela. Não, ela não fazia ideia, e seria difícil descobrir. Com um pouco de imaginação, porém, era possível pensar em algumas possibilidades. Se a sua avó fosse bonita, as coisas deviam ter sido muito mais fáceis. Jovens bonitas chamavam a atenção, mesmo durante a Guerra Fria. Nicolas alguma vez pensara no fator amor?, perguntou ela, sem sorrir. O fator amor simplificava as coisas, não? Talvez Lionel Duhamel estivesse na cidade para participar de alguma conferência em uma das universidades, e Zinaida tivesse acompanhado uma amiga mais velha. Seria o suficiente. Amor era tudo de que Lionel Duhamel precisava para tirar Nina e o bebê da União Soviética. Lionel Duhamel era um homem bem de vida, tinha dinheiro?, quis saber Lisa. Sim, tinha, confirmou Nicolas. Nesse caso, então ali estava a resposta. Com amor e a quantia exata de rublos colocados nas mãos certas, não havia necessidade de procurar mais longe, concluiu ela. Nicolas olhou para Lisa Sapounova, para sua figura esguia com uma capa de chuva escura. Talvez ela tivesse razão, mas para ele havia outro elemento, havia algo mais. O que sua avó quis foi escapar daquele país, mudar de nome, nunca mais voltar, apagar tudo que pudesse haver de russo nela. Por quê?

Durante boa parte da noite, enquanto Erik, Anders, ou o holandês que se juntara a eles roncava, Nicolas, deitado, pensou em Alexei. Seria esse o Alexei que escreveu aquela carta em 1993? Por que Nina nunca mencionou sua família de São Petersburgo, seus pais, seu irmão? Por que os tinha riscado de sua vida?

No dia seguinte, Lisa Sapounova procurou Nicolas no albergue para informá-lo de que tinha conseguido descobrir onde seus avós estavam enterrados, graças a um amigo que trabalhava no setor que cuidava dos arquivos de todos os cemitérios de São Petersburgo. O cemitério de Volkovo ficava no sul da cidade. A linha 5 do metrô levou-os diretamente até lá. Ivan Turgenev também estava enterrado lá, Lisa contou a Nicolas no caminho, assim como a mãe de Lenin. Quando chegaram, ele se surpreendeu. Nunca vira um cemitério com tantas árvores. Embora fosse novembro e a maioria delas já tivesse perdido as folhas, Nicolas conseguia imaginar a quantidade de verde durante a primavera e o verão. O local estava deserto e silencioso. Em cima das sepulturas havia cruzeiras russas, e muitas tinham fotografias esmaltadas dos falecidos. As lápides mais antigas já estavam tortas, cobertas de musgo e com as inscrições quase ilegíveis. Os caminhos entre as sepulturas eram longos e úmidos, quase sempre com muita lama. Os pequenos pés de Lisa Sapounova, dentro de elegantes botas de salto alto, evitavam habilmente as poças. O ar cheirava a terra molhada. Vladimir e Natacha. Nicolas não sabia nada sobre eles. Que sensação estranha estar ali para visitar aquele túmulo. O bisneto que eles não chegaram a

conhecer. Lisa Sapounova levou algum tempo para descobrir a localização exata. Precisou consultar o mapa várias vezes. De repente, ela parou. Inclinou o corpo, apoiou-se na grade que cercava uma sepultura e disse em voz baixa:

— É esta. Eles estão aqui. Koltchine.

Uma cruz russa, feita de pedra. Um túmulo de mármore preto.

— Ah, espere! — exclamou Lisa Sapounova. — Veja...

Nicolas chegou mais perto. Não conseguia ler os nomes, mas viu as fotografias esmaltadas. Uma imagem em preto e branco de um casal na faixa dos cinquenta anos, o homem com rosto estreito e sorriso bondoso, a mulher com rosto redondo e uma echarpe.

Havia outra foto, essa de um homem mais jovem e com o rosto tão espantosamente parecido com o de seu pai que ele mal conteve um grito.

— Quem... quem é? — gaguejou Nicolas, agarrado à grade.

— O casal são seus bisavós — explicou Lisa Sapounova. — O outro é Alexei, filho deles. Tio do seu pai. Ele se parece muito com você, Nikolai. É impressionante.

Atordoados, Nicolas leu as datas. Наташа 1925-1982. Владимир 1921-1979. Алексей 1940-1993.

Ele virou-se para ela e finalmente disse:

— Tem mais uma coisa que preciso saber. O dia exato da morte de Alexei Koltchine em 1993.

A resposta só veio mais tarde, quando voltaram ao cartório de registro civil em que haviam estado na véspera.

Lisa Sapounova traduziu o documento para ele.

“Alexei Vladimirovitch Koltchine nunca se casou. Não teve filhos. Morreu em São Petersburgo em 15 de julho de 1993.”

Capítulo 24

Nicolas fica sentado no quarto por algum tempo depois da partida de Malvina. Por fim se levanta e balança o corpo, como um animal sonolento saindo de uma longa hibernação. Uma energia renovada o atravessa. Ele telefona para a recepção e é atendido por uma mulher que se apresenta como Carla. Sim, ele sabe que a Srta. Voss pegou um carro mais cedo e pediu que antecipassem o seu voo, *grazie*. Ele pergunta a Carla se é possível prolongar a sua permanência por mais uma noite e transferir seu voo para a tarde seguinte. Ela diz que dará uma resposta em poucos minutos. Enquanto espera, Nicolas manda um e-mail para Alice Dor. Escreve que não há motivo para ela se preocupar. Pede que, por favor, acredite nele. Diz que lamenta o mal-entendido e que não fez acordo algum com Dagmar Hunoldt. Não fez mesmo. Quando Alice quis assinar logo o contrato para o novo livro, ela deu a impressão de ter tanta pressa que ele não ousou confessar que ainda nem começara a escrevê-lo. A culpa é toda dele. Sente-se péssimo por isso. Devolverá o adiantamento que recebeu. Explicará tudo amanhã, quando voltar. Eles precisam conversar. Quando poderá vê-la?

Ligam da recepção. Ele vê algum problema em trocar de quarto? Há muitos hóspedes chegando aquela noite para a festa organizada pelo Dr. Gheza em comemoração ao casamento de grandes amigos. Nicolas será muito bem-vindo a partir das sete horas da noite no terraço. O novo quarto será menor, mas com a mesma vista para o mar, pode ser? Nicolas responde que pode ser, sim, não há problema, alguém pode pegar sua mala? Carla propõe que uma das camareiras se encarregue de arrumá-la, e que depois alguém a levará para o novo quarto, no andar de cima. Ele pode ir para lá quando quiser. Com relação ao carro e ao voo do dia seguinte, foi tudo providenciado, e Carla apenas aguarda a confirmação. Logo antes de ela desligar, Nicolas acrescenta:

— Sabe me dizer se a Sra. Dagmar Hunoldt continua no hotel? Ela estará na festa desta noite?

Carla pede que ele repita o nome.

— Sinto muito, verifiquei nossos registros, *signor* Kolt, mas não consta hóspede algum com esse nome.

Ele fica atônito. Dagmar Hunoldt está registrada com o sobrenome de um dos seus maridos? Ele tenta descrevê-la para Carla. Uma senhora de sessenta, sessenta e poucos anos. Cabelos brancos, presos na nuca, com um chapéu Panamá, uma versão mais robusta da atriz Glenn Close.

— Não — diz Carla —, essa descrição não me diz nada. Verificarei com meu colega

Lodovico, não desligue... Um momento... Lodovico pergunta se não seria talvez a *signora* Jordaens. Ela esteve aqui com o marido, mas foi embora esta tarde.

Nicolas pede que Carla solete o nome, agradece e desliga. Pega o BlackBerry, procura Jordaens no Google. Aparecem fotos de pessoas que nada têm a ver com Dagmar Hunoldt. Ele não sabe o que pensar. Era ela? Ou uma mulher parecida? Estava hospedada no hotel? Ou apenas vinha bem cedo, nadava um pouco, tomava o café da manhã e depois voltava para um iate ancorado perto dali? Sua sensação é de ter sido enganado. Estaria fazendo papel de bobo diante de uma pessoa completamente desconhecida?

A palavra MÃE pisca na tela.

— Olá! — diz ele, sua voz em um misto de alegria e alívio.

Emma ri.

— Pela sua voz, parece que sentiu a minha falta!

— Claro que senti! Você não imagina o quanto.

Ele se pergunta se a mãe ainda estaria no barco, em Saint-Tropez, com o namorado.

— Ed está bem? — pergunta, cauteloso.

— Está ótimo. Imagino que você esteja curioso para saber mais sobre ele, agora que já se falaram.

— Muito curioso. E feliz por você.

— Está se divertindo na Itália, Nicolas? Tem trabalhado no novo livro?

Ele percorre com os olhos aquele belo quarto e repara que Malvina deixou o Rolex no meio da cama. Um relógio vistoso e inútil, como um brinquedo descartado. Nicolas o enfia na mala com uma pontada de raiva.

— Não — murmura. — Nem um pouco. Está tudo péssimo por aqui.

— O que houve de errado?

Sua mãe está preocupada.

Alguém bate à porta. Ele pede que a mãe não desligue. É uma das camareiras, que chega para arrumar a sua mala. Nicolas se sente constrangido ao ver a mulher manusear suas coisas com ele ainda no quarto. Propõe ajudá-la, assim acabarão mais depressa. Enquanto ela dobra as roupas, ele se encarrega dos itens de toalete.

Quando vai para o banheiro, retoma a conversa com a mãe.

— Desculpe. Estou no meio da arrumação da mala.

— Qual é o problema, Nicolas?

— Malvina está grávida. Não foi nada planejado. Não por mim, pelo menos. E ela quer ter o bebê.

— Isso não me surpreende.

A voz de sua mãe é fria.

— O que quer dizer com isso?

— Nunca gostei dela. Nunca confiei nela. Desde a primeira vez que a vi.

Ele suspira.

— Por que não me disse?

— O que eu poderia dizer? Ela era jovem, bonita, você insistia que era uma pessoa meiga e gentil, embora eu não visse nada disso. Nunca acreditei nessa gentileza. Acho que você estava solitário e se deixou fugar por ela, mas nunca esqueceu Delphine. Foi o que aconteceu. É assim que as coisas são.

— É — admite ele com pesar —, e agora estou num beco sem saída. Ela foi embora há pouco, e prefiro não comentar agora o motivo, e já parecia outra pessoa. Foi terrível. Outra mulher. Quer indenização. Diz que vamos nos casar. Casar!

Essas últimas palavras ressoam no banheiro cor de salmão.

A voz de sua mãe é firme, direta, professoral. Ele muitas vezes achou graça nesse tom, mas hoje lhe faz bem ouvi-lo, sua voz o tranquiliza.

— Nicolas, ninguém vai forçá-lo a fazer o que não quer. Nada, ninguém. Você pode contratar um advogado para cuidar disso. Você não queria essa criança. Não foi uma escolha sua. Não está apaixonado por essa mulher. Lembre-se disso.

— Mamãe, há um bebê a caminho!

— Pode ser. Mas você precisa manter a calma, não pode entrar em pânico. Foi uma armadilha dela.

— Quando você engravidou, pensou que fosse uma armadilha do papai? — pergunta ele.

— Não! Claro que não. Nós queríamos você. Mais do que tudo na vida. Ficamos muito orgulhosos quando soubemos da gravidez.

— Mas vocês dois eram muito jovens.

— Tínhamos idade suficiente para saber que queríamos nos tornar pais. Você veio ao mundo por uma decisão nossa. Não é o seu caso hoje. Ela está fazendo desse bebê um refém. Você vai precisar brigar.

Ele pensa no que o espera. Os advogados. A batalha interminável, a papelada. As cartas registradas com aviso de recebimento. Os mediadores. E a criança. A criança sem rosto. Nicolas sabe que não fugirá da responsabilidade. Reconhecerá legalmente o filho se o teste de DNA provar que de fato ele é o pai. É com Malvina que ele terá um vínculo pelo resto da vida, embora saiba que não ficará com ela. Ele se recusará a casar. Entretanto, ela continuará ligada a ele para sempre, pois será a mãe do seu filho. Uma ideia cruel passa por sua cabeça, e ele não a afasta. E se ela abortasse? Essas coisas acontecem, muitas mulheres perdem seus bebês no início da gravidez. Era errado ele desejar, com todas as forças, que ela tivesse um aborto espontâneo?

— Estou com saudades, mãe.

— Eu também, Nicolas.

— Precisamos recuperar muito tempo perdido, não é?

— Sim, precisamos.

Ele se despede da mãe e volta para o quarto. A mala está pronta, e um funcionário chega para levá-la. Ele retribui a camareira com uma gorjeta e segue o funcionário até o novo quarto. Não é tão grande quanto o outro, mas tem o mesmo conforto. A vista do mar talvez seja ainda mais deslumbrante. Ele também dá uma gorjeta para o carregador e fecha a porta. Uma estranha e solitária paz o invade. Deita-se na cama, confere os e-mails (nenhuma resposta de Alice Dor,

por enquanto) e entra nas redes sociais. Dá uma olhada rápida em tudo, mas nada chama sua atenção. Deixa o BlackBerry de lado. Talvez fosse melhor descer para a festa dos amigos recém-casados do Dr. Gheza, mas ele prefere ficar na cama, com as mãos cruzadas na nuca. Pensa em Malvina já dentro do avião, a caminho de Paris. Na sua determinação. Na segurança que ela agora demonstra. No Rolex abandonado em cima da cama. Pensa em Delphine e pergunta a si mesmo se algum dia terá coragem para confessar que ainda a ama. Ela riria dele? Ou lhe daria uma nova chance? Pensa em Dagmar Hunoldt. Era mesmo ela? Jamais saberia, a não ser que a encontrasse um dia. Mercúrio retrógrado... Epicuro... E ele, obcecado por cada palavra que ouvia. Que idiota! Pensa em Roxane, em François, e na agressividade de suas palavras. Em Savannah, cujos lábios sensuais ele quase beijara. Em Cassia Carper, nas suas pernas, nos seus sapatos e na língua que ela enfiara em sua boca. Em Sabina, no seu marido e nos e-mails. Nas fotos. Ele não sabe a razão, mas sorri. Pensa em Laurence Taillefer, nos artigos que ela escreve, e seu sorriso desaparece. Pensa em Nelson Novézan. No seu olhar malicioso. Nos dedos manchados de nicotina. No seu ego.

Em Alice Dor. Nas suas lágrimas. Na sua voz ao telefone. Em voltar a merecer sua confiança. Em reconquistar sua estima. Em escrever, finalmente. Nicolas relembra aquele momento inesquecível quatro anos antes, em que ela, no seu escritório, perguntou: “Já pensou em publicar este livro usando outro nome? Ou prefere continuar Nicolas Duhamel?” Ele respondera de imediato: “Não. Quero publicá-lo como Nicolas Kolt.” Ela estendera a mão para cumprimentá-lo e completara, com um sorriso: “Ótimo. Espero publicar muitos outros livros de Nicolas Kolt.”

Ele sente um calafrio, um leve estremecimento. Uma energia emocionante, inebriante. E ele vê. Um clarão azul se movimenta diante dos seus olhos.

Capítulo 25

Nicolas retornou de São Petersburgo em novembro de 2006, com um forte resfriado, e, no dia seguinte, enviou um e-mail para Lisaveta Sapounova.

Cara Lisa,

Obrigado por sua preciosa ajuda. Tenho uma última pergunta a fazer. Você é a única pessoa que pode me ajudar. Sem dúvida parecerá estranha, mas vou fazê-la mesmo assim.

Quero descobrir como Alexei Koltchine morreu. Ele tinha apenas cinquenta e três anos, e preciso saber o que aconteceu. É importante para mim. Acha que consegue esclarecer isso? Desculpe o trabalho.

Penso com frequência em você e no seu quarto com vista para as águas azuis do Fontanka.

Talvez um dia eu volte a São Petersburgo. Eu gostaria. Muito.

Obrigado mais uma vez.

Nicolas Duhamel

Lisaveta Sapounova demorou alguns dias para responder, mas, quando o fez, Nicolas imprimiu o e-mail para lê-lo no papel muitas e muitas vezes.

Prezado Nikolai,

Foi um prazer receber notícias suas. E é um prazer ajudá-lo. No momento estou em casa, neste dia frio e úmido, bebendo chá e traduzindo. O Fontanka continua azul e lindo, e já temos um pouco de neve.

Encontrei sem muita demora a informação que você pediu. Tenho uma amiga que trabalha em um jornal e tem acesso a esse tipo de dado, o que não acontece comigo.

Preciso, porém, alertá-lo, Nikolai, que o que você lerá não é uma informação agradável. Sinto-me na obrigação de lhe dizer isso. Você ainda é muito jovem. Agora que o conheço um pouco, sei que é uma pessoa sensível. Tomei a liberdade de traduzir uma pequena matéria publicada em um jornal local em julho de 1993, que envio em anexo. Espero que esta leitura não o angustie demais.

Meus pensamentos e minhas orações estão com você.

LS

“Ontem de manhã cedo foi encontrado o corpo de um homem boiando no canal Griboedov, perto da catedral de Kazan. O afogado é Alexei Vladimirovitch Koltchine, de 53 anos, escrivão, solteiro, sem filhos, residente nos arredores da praça Sennaya. Foi descrito pelos vizinhos como um homem educado, tímido, de poucos amigos, que levava uma vida tranquila. Não tinha problemas no escritório, onde trabalhava havia quinze anos. Exames periciais revelaram a presença de grande quantidade de álcool em sua corrente sanguínea. O corpo não apresentava ferimentos nem sinais de agressão. Havia uma carta no bolso

de Alexei Vladimirovitch Koltchine, mas a água diluiu a tinta e tornou o texto ilegível. A polícia prossegue com as investigações, mas no momento é impossível determinar se Alexei Vladimirovitch Koltchine tropeçou e caiu no canal ou se decidiu tirar a própria vida. O corpo será enterrado no jazigo de seus pais, em Volkovo.”

Capítulo 26

Alexei. Zinaida. Fiodor.

Seu sangue russo.

O que acontecera atrás daqueles muros, naquele prédio antigo da rua Pisareva onde seu pai nasceu?

O irmão. A irmã. A diferença de cinco anos entre eles. O apartamento pequeno, apertado.

Teria sido um ato de violência, um crime? Causado por um amor secreto, maldito, impossível? O que Natacha e Vladimir de fato sabiam?

Quando Alexei escreveu para a irmã, em julho de 1993, trinta anos mais tarde, foi para pedir o seu perdão? Ou para dizer que não conseguia viver sem Zinaida? Que daria um fim em tudo aquilo?

A carta guardava todo o mistério. Nicolas podia vê-la diante dos olhos, o envelope de papel liso branco, sujo pela longa viagem de São Petersburgo até Paris. A letra desenhada com capricho. Madame Lionel Duhamel. Boulevard Saint-Germain. Ou a carta tinha sido enviada para a casa nos arredores de Nice? Nicolas imaginou a bandeja com o café da manhã, torradas, café, a jarra de leite, geleia, mel, os jornais do dia. Ela deve ter reparado no selo russo assim que a carta chegou. Deve ter sentido o coração bater mais forte ao confirmar que era do irmão.

Como o envelope tinha chegado às mãos de Théodore? Quem lhe mostrara aquela carta? Alexei teria escrito para Théodore também?

De repente, o romance ficou claro na frente de Nicolas, como uma pista que se ilumina à noite para a aterrissagem de um avião. Nicolas só precisava seguir o caminho luminoso esboçado na sua cabeça. O livro tomava forma em torno do enigma de um pai. Misterioso do início ao fim. O nascimento do pai. A morte do pai. Ninguém teria o que dizer. Ninguém sabia. As pessoas que de fato sabiam não estavam mais vivas para contar a verdade, para revelar o mistério.

Nicolas nunca quis aparecer no seu livro. A decisão estava clara desde o início. Ele precisava se afastar da própria história para desenvolver outra narrativa. No entanto, o que ele inventou tinha raízes profundas dentro dele. Raízes que cresciam com suas emoções. Com sua confusão. Suas perguntas. Suas investigações. Sua busca.

Nicolas não tinha todas as respostas. Tinha apenas possibilidades. Alternativas. Explorá-las como fez no romance tanto o resguardava quanto lhe oferecia uma forma de proteção, um modo de lidar com o que poderia ser a verdade. Qualquer que ela fosse.

No seu livro, Margaux descobria a carta escondida sob uma tábua solta do assoalho, na antiga casa dos Zeccherio, perto da pequena *piazza*. Uma carta que se mantivera ali durante anos,

esperando para ser lida. A carta de um irmão para uma irmã. Uma carta de despedida. Uma carta que dizia o impensável. Margaux precisou se sentar. Seus joelhos falsearam. Ela apertou o papel junto ao peito e chorou. De algum modo, seu pai tinha lido aquela carta, a que ela segurava com mãos trêmulas, e o pai sabia o mesmo que ela agora, que ele nascera do amor impossível entre um irmão e uma irmã. A avalanche não havia sido um acidente. Seu pai tinha tirado a própria vida.

“Como ousa sugerir uma coisa tão terrível?”, gritara Elvire Duhamel, dois anos mais tarde, quando leu *O envelope*, publicado em 2008. “Ficou maluco, Nicolas? Você não tem prova, nenhuma prova! A única coisa que posso dizer é que, graças a Deus, você assina esse livro como Nicolas Kolt, não Nicolas Duhamel. E graças a Deus meu pobre pai morreu no ano passado e não chegou a ler esse lixo.”

Mas Emma, sua mãe, ficara tão comovida com a leitura que nem tinha conseguido falar, limitando-se a segurar as mãos do filho e apertá-las. Posteriormente, escreveu um bilhete, que ele guardou.

Nico,

Entendo o que você tentou fazer. Vejo como, ao seu modo, você preencheu as lacunas. Ninguém tem as respostas, mas você abriu portas com muita coragem, enfrentou a verdade. Fez o que nenhum de nós teria ousado fazer. Estou orgulhosa do que você escreveu.

Parabéns, Nicolas Kolt. Meu filho.

Lisaveta Sapounova mandou um cartão verde-claro escrito à mão, que ele também guardou, como uma relíquia.

Dorogaya Nikolai,

Li *O envelope* com prazer.

Você ficará feliz ao saber que a tradução russa do seu romance, que comprei na livraria Dom Knigui, em Nevsky Prospekt, é fluente e quase tão boa quanto a minha poderia ter sido.

Fiquei comovida com a descrição de Margaux Dansor e sua família secreta. Você escreveu um livro forte que, tenho certeza, fará muito sucesso.

Espero que um dia escreva um romance sobre a sua estreita ligação com a Rússia e com São Petersburgo. Porque, afinal, metade do seu sangue é russo. Se algum dia decidir escrever sobre a sua origem russa, de uma forma ou de outra tenha certeza de que será um grande prazer ser de novo sua guia.

E quem sabe dessa vez terei a honra de traduzir o seu livro?

Cordiais saudações do Fontanka,

LS

Capítulo 27

Às oito da noite, Nicolas veste uma calça jeans e uma camisa branca e desce para o terraço. Uma verdadeira multidão se aglomera ao redor do bufê. Ele tem a impressão de que os hóspedes estão ainda mais elegantes do que o habitual. Alguns homens usam smoking, e ele repara em vários vestidos de festa extravagantes. O Dr. Gheza recebe-o calorosamente e oferece champanhe.

— Estamos muito felizes que tenha conseguido ficar mais uma noite conosco — diz o diretor do hotel. — Deixe-me apresentá-lo ao feliz casal.

Os recém-casados, de trinta anos, ou quase, chamam-se Cordelia e Giorgio. Estão sempre grudados, parecem unidos dos quadris aos ombros, como irmãos siameses. Cordelia usa um vestido marfim de cetim e seus cabelos louros estão entrelaçados com pérolas; Giorgio usa um terno branco de corte impecável. Nenhum dos dois o reconhece. “Nunca consigo achar o equilíbrio”, pensa ele, desesperado, quando Cordelia lança um olhar desdenhoso para sua calça jeans. Ou as pessoas se desdobram em gentilezas quando percebem que ele é Nicolas Kolt e se mostram constrangedoramente servis, ou não têm ideia de quem ele é e Nicolas se sente desprezado.

Um cantor com cabelos prateados, olhos faiscantes e pele cor de chocolate está atrás do piano de cauda. Sua voz profunda e cálida lembra a de Sinatra. Canta “La Vie en Rose” com tanto fervor quanto se fosse ele próprio o autor da canção. Garçons trazem um fantástico bolo de casamento cor-de-rosa. Os convidados aplaudem e dão vivas. O casal se beija. Mais aplausos e vivas. Nicolas pega outra taça de champanhe. Enquanto bebe, vê a noite cair mais uma vez no Gallo Nero, e de repente percebe que alguém olha na sua direção. Ele se vira e dá de cara com Alessandra, sua fã, fotografando-o com o celular. Ela fica com o rosto vermelho quando percebe que foi pega em flagrante.

De repente, tudo se encaixa. Alessandra... Alex...

— Você é Alex Brunel.

Não é uma pergunta. É uma constatação.

Tremendo, ela confirma com a cabeça.

— Retire imediatamente essas fotos do meu mural — ordena ele, indignado. — Caso contrário, aguarde o contato do meu advogado. Fui claro?

— Mas todo mundo posta fotos no seu mural! — defende-se ela. — Por que só as minhas são um problema?

Nicolas deixa explodir a enorme raiva que sente. A indiscrição cometida por Alessandra não é a única razão da sua ira, mas o sentimento assume uma proporção ainda maior depois dos

infelizes acontecimentos dos últimos dias.

— Estou aqui de férias, é algo particular — grita, sem se importar com os hóspedes, que, surpresos, olham na sua direção. — Eu não queria que soubessem onde estou, nem com quem, e agora, graças a você e às suas fotos, todos sabem.

Ela se intimida. Ele despreza seus braços flácidos, o perfume de flores, a sombra azul nas suas pálpebras.

— É claro — continua ele, enfurecido —, você não sabe os danos que essas fotos podem causar. Nem se interessa em saber, não é? O que pretendia fazer esta noite? Postar mais fotos? Bem, agora peguei você, não é mesmo?

Nicolas pega seu BlackBerry, quase o encosta no rosto de Alessandra e tira uma foto com flash nada lisonjeira, em que ela parece ter só narinas trêmulas, queixo duplo e uma pele grossa reluzente. No mesmo instante ele posta a foto no mural do seu Facebook, para que seus duzentos e cinquenta mil “amigos” vejam. Ele escreve, com maldoso prazer: “Uma prova do seu próprio veneno. Alessandra, também conhecida como Alex Brunel.”

Ela vira as costas e foge. Nicolas ignora os olhares dos hóspedes, termina a terceira taça de champanhe e se encaminha para o bar. As pessoas ali presentes naquela noite parecem tão ricas quanto maçantes. Ele ouve suas conversas melosas. Ah, querida, que beleza. Sim, Anastasia e Gaspard acabam de se mudar, o triplex foi reformado por Fabien e ficou uma coisa de outro mundo. Você já viu Paolo neste verão? Está com um iate novo. Tenho pena da pobre mulher daquele homem repugnante, depois do que ele fez com aquela camareira. Ficamos aqui até amanhã, depois voamos para Roma, mas Lorenzo prefere o próprio avião, você sabe como ele é. Wanda está tão magra que eu me pergunto quem é seu novo médico. Hélène está se separando de Rodophe, mas o castelo fica com ela.

Ele gostaria que Cassia Carper estivesse ali com Savannah e as outras modelos. Gostaria até que Novézan continuasse por perto. E Chris, o ator louro. Ele não vê as americanas, talvez não tenham classe suficiente para serem convidadas para a festa. Também não vê nem o casal suíço nem o casal gay. Já foram embora? Voltaram para suas vidas fúteis?

— Boa noite, *signor* Kolt. — Giancarlo, o barman, sorri para ele. — A *signorina* Voss não veio?

— Ela está em Paris, ou a caminho.

— Está aproveitando a noite?

Nicolas dá um sorriso amarelo.

— Não exatamente. Aqueles recém-casados parecem ter saído de uma cena de *Gossip Girl*.

— Ela pertence à família mais rica da Itália — explica Giancarlo, em tom mais baixo. — E ele faz parte da aristocracia. Casaram-se ontem, em Roma, a notícia saiu em todos os jornais.

— Emocionante — ironiza Nicolas. — Até acho que mereço mais um pouco de champanhe.

A herdeira e o príncipe estão dançando de rosto colado enquanto o cantor de cabelos prateados ataca “La Mer”, de Charles Trenet, sob o olhar embevecido de pais, avós, tias, amigos do peito. Poucas vezes Nicolas viu tamanha concentração de joias, cirurgias plásticas e relógios

de luxo.

Enquanto bebe seu champanhe, e já um pouco tonto, percebe que o cartão de Davide está no seu bolso. Talvez deva ligar para ele, pedir que o busque com a Riva e o leve de volta para a Villa Stella para mais uma refeição deliciosa.

— É estranho — diz Giancarlo, com os olhos voltados para o mar.

Nicolas acompanha seu olhar. Na água cada vez mais escura, repara em um dos gigantescos cruzeiros.

— O que é estranho?

— O *Sagamor*. Está se aproximando demais. Veja.

Nicolas repara que o navio está bem mais perto do que na noite de sexta-feira. É possível distinguir as enormes letras negras que compõem seu nome. Um ruído abafado chega da enorme embarcação, uma mistura de música e de centenas de vozes.

— É para fazer o *inchino*? — pergunta Nicolas.

Giancarlo confirma com a cabeça.

— Sim. Mas não tocou a buzina. E jamais chega tão perto da costa.

Nicolas dá de ombros.

— Uma nova distração a bordo, talvez?

— Talvez.

O imenso navio não parece se mover. Está parado junto ao recife onde Dagmar Hunoldt e ele nadaram naquela manhã. Iluminado por uma infinidade de luzes, pousado na água como um prédio gigantesco.

— Mas o que ele está fazendo? — Giancarlo parece espantado. — Vejo este navio duas vezes por semana, durante a temporada inteira, e nunca o vi chegar tão perto e parar desse jeito.

Os garçons estão servindo canapés de camarão aos convidados. O cantor está na metade de “Ti amo”. Algumas pessoas dançam devagar. Cornelia e Giorgio trocam beijos ardentes. Um homem de meia-idade e aspecto severo para na frente de Nicolas. Está de smoking.

— Você é o escritor, certo? — pergunta sem rodeios, enquanto acende um charuto. Sua voz é agressiva e desagradável.

A fumaça flutua ao redor de Nicolas, que, como em um reflexo pavloviano, lembra-se do pai.

— Sim, sou eu — responde.

O homem dá uma baforada.

— Minha esposa adora você — diz, com voz monocórdia.

Ele se afasta sem acrescentar mais nada.

Nicolas senta-se no bar com o copo na mão. E pensar que ele é Nicolas Kolt e não tem ninguém com quem passar a noite! Por pouco não ri alto. Ah, essas mulheres, seu pai teria suspirado, revirando os olhos e fazendo uma expressão triste. Com o cotovelo apoiado no bar, Nicolas olha ao redor e registra cada detalhe da festa enquanto a lua sobe e a noite cai. O murmúrio de vozes, a variedade de vestidos deslumbrantes, de joias, a música, as velas, a fumaça de charuto, a sensualidade da noite de verão.

Uma jovem da sua idade, de longos cabelos castanhos, aproxima-se, hesitante.

— Você é... aquele escritor? — gagueja.

Parece bêbada, ou drogada, ou as duas coisas. Está com um vestido bege de seda, meio transparente e curto demais, revelando joelhos anoréxicos. Um diamante do tamanho de uma uva reluz no seu dedo.

A taça balança em sua mão quando ela a entrega para Giancarlo.

— Pode encher — ordena ela. — Vodca. Ou qualquer coisa — Ela ri. — Está sozinho? — pergunta a Nicolas, fixando nele seus olhos artificiais cor de violeta.

Não é bonita, tem o nariz grande demais, a boca um pouco torta, mas mesmo assim é atraente.

— Na verdade, estou — admite ele.

Ela chega ainda mais perto.

— É verdade? Está sem namorada? Um bonitão como você?

Ele dá um sorriso amargo.

— Já houve uma namorada. — Ele quase acrescenta “e agora há um bebê”, mas se contém.

— Também estou sozinha. Quase morro de tédio.

Ela ri de novo.

— Você é amiga de Cornelia? — pergunta Nicolas.

— Cordelia — corrige ela, e tenta se sentar em um banco alto do bar, mas não consegue. Ele a ajuda. — Sim. Sou a irmã mais velha dela. A solteirona.

— Qual é o seu nome?

— Liliana. Mas me chame apenas de Lily. Por que está aqui?

— O Dr. Gheza me convidou.

— Velho gordo esnobe. Não suporto ele.

— Ele não está muito longe de nós, Lily.

— E daí? Qual é o problema? — Ela pisca várias vezes e umedece os lábios. — Vai me colocar no seu próximo livro?

— Eu deveria?

— Estou falando sério! Por favor, faça isso. Eu pago.

— Antes me diga por que devo fazer isso.

— Por quê? Porque sou a irmã mais velha, a patética, aquela para quem ninguém olha desde que Cordelia nasceu. Sou a viciada em drogas, a bêbada. A que chupa os amigos do pai dentro de suas Maseratis e Ferraris. Sou muito boa em boquete, pode acreditar.

— Não duvido — diz ele, em tom de brincadeira.

Giancarlo e ele se entreolham.

— Quer um? — pergunta ela, com voz arrastada.

— Agradeço, Lily, mas não, agora não. Continue dizendo por que devo incluí-la no livro.

Ela revira sua bolsa, pega um maço de cigarros e acende um. Oferece o maço a Nicolas.

— Você não fuma também — deduz ela.

— Não. Mas bebo. Muito. Vamos, vá em frente.

— Você deve me incluir no livro porque estou desesperada. Moro sozinha, em um apartamento maravilhoso em Roma, na Piazza Navona. Tenho tanto dinheiro que nem sei o que fazer com isso. Há anos não consigo um namorado de verdade, mas devo ter dormido com mais de cem homens desde os quatorze anos. Tenho um diploma de advogada que não interessa a ninguém. Sou muito mais inteligente do que minha irmã, mas infelizmente não tenho a beleza dela, por isso ninguém repara em mim. Personagens desesperados são sempre mais interessantes, não acha? Você sabe disso, é escritor. Veja Anna Karenina. Ou Madame Bovary. Bem, eu não chegaria ao ponto de me matar. Tenho medo de causar confusão. Esta noite, por exemplo, como estou desesperada, poderia fazer alguma coisa absurda e ridícula só para estragar a festa da minha irmã. Se prestar atenção, perceberá como meus pais olham para mim. Veja, aquele homem magro de óculos e smoking, e aquela mulher de verde, com a cara fechada e coberta de diamantes. Meus pais. Olhe para eles. Estão preocupados que algo não dê certo esta noite no seu mundo perfeito. E mais à frente, veja, os pais do meu novo cunhado. Como se fossem a família real, meu caro. Aquela dama elegante, de azul, com uma tiara ridícula, e o sujeito gordo de bigode branco. Todas essas pessoas aqui hoje são a nata da sociedade de Roma, banqueiros, dondocas, herdeiros, políticos, donos do mundo que se deslocam em jatos particulares e têm seus lençóis bordados com monograma trocados todos os dias.

— O que faria para estragar a festa, Lily?

— Já estou bêbada agora, mas tenho algumas ideias. Poderia tirar a roupa e pular pelada na piscina. Botar fogo no vestido de alta-costura de uma das convidadas. Destruir o bufê. Ou ligar do meu celular para a recepção do Gallo Nero e dizer que uma bomba vai ser detonada.

O barulho forte de uma explosão os assusta. Vem do mar, do ainda imóvel *Sagamor*. Fogos de artifício que disparam e sobem ao céu, como flores brancas de caule comprido.

— Parece que as pessoas a bordo sabem que os famosos recém-casados estão aqui esta noite — comenta Giancarlo, em tom seco. — Faz mais de uma hora que o navio está no mesmo lugar. Talvez os passageiros tenham esperança de participar da festa.

Os convidados aplaudem e de novo dão vivas. Mais fogos de artifício barulhentos cintilam no céu negro.

Uma voz feminina entusiasmada exclama: “Que ideia fantástica! Como são gentis!”

Nicolas percebe que o Dr. Gheza tem os olhos fixos no mar e uma expressão perplexa. Na penumbra, dois barcos menores navegam em alta velocidade na direção do *Sagamor*. O Dr. Gheza caminha até o bar com passos rápidos e pede o celular a Giancarlo. Ele fala um italiano atropelado, que Nicolas não consegue entender. Sua mão corta o ar para cima e para baixo. Seus lábios estão contraídos. Ele logo desliga e sai apressado. Lily traduz.

— O velho esnobe quer saber o que esses idiotas a bordo pensam que estão fazendo, como é que sabem da festa de casamento, ninguém do *Sagamor* tem permissão para desembarcar no Gallo Nero esta noite. “Diga agora mesmo aos seus homens que impeçam os barcos de se aproximarem.” Foi isso que ele falou.

Está tocando música disco. O cantor de cabelos prateados foi embora. Os recém-casados dançam com os passos suaves e seguros de quem está habituado a frequentar boates. “Dancing

Queen”, do Abba. Outros casais vão para a pista e rodopiam, se exibem, riem.

— Detesto quando meus pais dançam — queixa-se Lily. — É quase tão terrível quanto imaginá-los transando, o que com certeza não acontece há um século.

— Acho que preciso mesmo colocá-la no meu livro — diz Nicolas, com um sorriso. — Você é muito engraçada.

— Eu sabia que conseguiria corrompê-lo — responde ela, e também sorri. — Você acha que os escritores são vampiros? Quer dizer, vocês nos usam? Usam as pessoas com as quais cruzam no dia a dia? É de nós que sugam a inspiração, é isso?

— Sim, é isso — confirma ele, irritado. — De certo modo. Mas não é tão simples.

— Eu adoraria ser uma escritora famosa. Escreveria romances escandalosos sobre meus ex-namorados e seria excomungada pelo papa. Teria fãs apaixonados disputando espaço na Piazza Navona só para me ver de longe fumando um baseado no terraço. Meus pais nunca mais fariam comigo. Seria divino. Está trabalhando em um novo livro? Ou detesta essa pergunta?

— Detesto a pergunta. — Ele ri. — Mas vou responder. Eu devia estar trabalhando em um novo livro.

— E não está?

— Minha editora imaginava que eu estivesse terminando quando não tinha sequer começado. Agora, por causa de algumas fotos idiotas no Facebook, ela acha que o vendi para outra pessoa. Está furiosa e magoada.

— O que vai fazer, então?

— Escreverei o livro. E mandarei para ela quando estiver pronto.

— Do que trata esse novo livro? Ou não quer dizer?

Nicolas sorri.

— Você verá.

Eles olham para o *Sagamor* imóvel.

— Aquela coisa monstruosa parece um estacionamento flutuante — diz Lily com voz arrastada. — Não me deixa aproveitar a vista. Quem pagaria para uma temporada em um barco tão feio?

— Os cruzeiros são muito populares entre as pessoas mais velhas — explica Giancarlo. — Entre os idosos.

— Eu preferiria morrer — retruca Lily.

— Minha irmã foi a um — continua Giancarlo. — Os navios são luxuosos, *signorina*. O *Sagamor*, por exemplo, tem quatro piscinas, um teatro, um conjunto de salas de cinema, um spa, seis restaurantes, uma dúzia de bares, uma boate. Minha irmã adorou.

— Deve ser um pesadelo! — murmura Lily. — Se me enfiarem em um negócio desses, me enforco na mesma hora.

Nicolas e Giancarlo não conseguem conter o riso.

— Até que enfim! Vejam! — exclama Lily. — Ele começa a se mexer. Deve estar indo embora.

De repente o ângulo do navio iluminado mudou, como se tomasse outra direção.

— Eu me pergunto por que demoraram tanto — diz Giancarlo. — Problema mecânico?

Na festa de casamento todos dançam “YMCA”, do Village People. A música está ainda mais alta. Os rostos exibem sorrisos de alegria. O Dr. Gheza e a mãe de Lily se deliciam com uma espécie de “minueto disco”.

— *Ciao, Sagamor* — cantarola Lily, no ritmo da música. — *Ciao, Sagamor!*

— Não, não, ele não está se afastando — diz Giancarlo, franzindo a testa. Ele estreita os olhos para enxergar melhor. — É... *Oh, Dio. Oh, Dio!*

— O que foi? — pergunta Lily, impaciente. — O que houve?

Giancarlo larga o limão que segura nas mãos e corre para a parte do terraço que fica mais próxima do mar, deixando a festa para trás. Ele é seguido por Lily, equilibrando-se em seus saltos altos, e por Nicolas.

De onde estão agora, conseguem ver o *Sagamor* com mais clareza. O navio não fez o retorno. Está adernando perigosamente para a direita, na direção do recife. Fachos de luzes laranja revelam a movimentação de minúsculas silhuetas em pânico em todos os conveses. Diversos barcos ao redor balançam ao sabor das ondas, ridiculamente pequenos em comparação à enorme estrutura do navio inclinado.

— *Madonna Santa!* — exclama Giancarlo, incrédulo.

— *Macchè cazzo!* — grita Lily, agarrando-se ao braço de Nicolas.

A música disco está ensurdecadora, e mesmo assim os três conseguem ouvir os alarmes e as sirenes que soam no navio e ecoam na noite escura.

— Como foi que isso aconteceu? — pergunta Nicolas, hipnotizado pela visão do imenso navio tombado para um lado, um Humpty Dumpty gigantesco e monstruoso.

— Ele se aproximou demais — explica Giancarlo. — O casco está avariado. A água não é profunda o suficiente para uma embarcação desse porte.

— E os fogos de artifício? — pergunta Lily. — Seriam para Cordelia e Giorgio?

— Não sei se alguém a bordo sabe da festa, *signorina*. O Dr. Gheza pediu que fosse mantida em segredo.

— Acredita, então, que fossem foguetes de alerta?

— Sim — concorda Giancarlo. — Apenas não entendemos que tinha havido um acidente. Demoramos muito a reagir. Estávamos ocupados com a festa.

— Quantas pessoas você acha que estão a bordo? — indaga Nicolas.

— Cerca de quatro mil, imagino — responde Giancarlo.

— Por que não retiram os passageiros? O que estão esperando?

Um grupo de homens aparece no terraço inferior, logo abaixo do deles. Estão armados e vestem uniforme azul e vermelho.

— Ah! A polícia! — grita Lily, batendo palmas de satisfação. — *Mamma mia!* Até que enfim parece que as minhas preces foram ouvidas. Isso destruirá a festa de Cordie.

Donna Summer e “Love To Love You Baby” ressoam em todo o Gallo Nero. Cordelia e Giorgio, sem se perturbar com a presença dos pais, aproveitam para mostrar aos convidados o quanto sua vida sexual é ousada e simulam com perfeição uma cópula, incentivados por aplausos, assobios e vivas.

Com a satisfação de um voyeur, Nicolas observa a polícia irromper no salão de dança e mandar a música parar. Donna Summer entoia um lamento final. Os dançarinos, ofegantes, ficam imóveis de repente. O rosto do Dr. Gheza está de novo sombrio como uma nuvem carregada. Nicolas não precisa que Lily o traduza.

— O que esses *carabinieri* pensam que estão fazendo? — grita o Dr. Gheza, juntando as pontas dos dedos da mão no mais italiano dos gestos. — Isto é uma comemoração particular, uma festa de casamento, com convidados muito importantes, como ousam invadi-la desse jeito?

Sem uma palavra, os policiais apontam para o navio que afunda ao longe, visível do outro lado do terraço. Os convidados se precipitam para onde Nicolas, Giancarlo e Lily estão. Dezenas de celulares são erguidos e fotos tiradas. Todos querem registrar o naufrágio do *Sagamor*.

O Dr. Gheza é um homem de preto, que Nicolas se lembra de ter visto no primeiro dia no Gallo Nero, parecem discutir com a polícia. O Dr. Gheza repete não, não, não, sem parar, e sacode a cabeça com insistência. Nicolas pergunta a Lily o motivo da briga.

— A polícia quer abrir o hotel para os passageiros que estão sendo resgatados, e Gheza se recusa, diz que é um exagero, o navio está a apenas quinhentos metros da costa, as pessoas podem nadar, a noite está quente, o mar não está frio.

— Que babaca!

— Eu não falei? — diz ela, satisfeita.

O *Sagamor* está completamente inclinado na direção deles, com o lado estibordo quase coberto pela água. Conseguem ver o interior da sua única chaminé. As sirenes pararam de tocar, e só restou um silêncio lúgubre. Quantas pessoas ainda estão a bordo?, pergunta-se Nicolas. Elas foram resgatadas pelo lado voltado para o porto? Para onde estão sendo levadas?

A discussão continua.

— Será que a polícia tem ideia da importância dos convidados presentes no Gallo Nero esta noite? — insiste Gheza, batendo o pé.

Lily traduz para Nicolas, sussurrando no seu ouvido a reclamação do exaltado diretor:

— “Podem, por gentileza, levar em consideração o prestígio do hotel, seu luxo? Basta a polícia olhar ao redor para ver a família mais rica do país, um autor de renome mundial, um ator

muito conhecido, um político famoso, empresários respeitados. O Gallo Nero é o santuário dos ricos e famosos, é preciso protegê-los, este paraíso não pode de modo algum ser aberto para estranhos e, acima de tudo, os canteiros e gramados ficarão destruídos se helicópteros pousarem ali. Eles perderam a cabeça ou o quê? O *Sagamor* não afundaria, estava apoiado em um recife, os passageiros estavam perto da costa e podiam ser resgatados por barcos e levados para outro lugar, fim da história.”

Os garçons continuam a oferecer champanhe aos convidados que conversam e apontam para o navio com sussurros de espanto e risos animados. Cordelia e o marido tiram uma foto com o *Sagamor* ao fundo.

— Mamãe está preocupada que suas joias sejam roubadas se o hotel for aberto para os sobreviventes, e papai está convencido de que os *paparazzi* se infiltrarão na festa — explica Lily. — Ah, e agora a polícia está dizendo que já ouviu o suficiente, que o Gallo Nero será aberto para os sobreviventes do *Sagamor*. Olhe para os meus pais! Olhe para Cordelia! — Ela está exultante.

É como observar atores em um palco. Uma peça que um Oscar Wilde moderno poderia ter escrito. O Dr. Gheza preocupado com que os helicópteros arruinem seus canteiros, a mãe da noiva temerosa por seus diamantes, enquanto lá fora pessoas talvez estejam se afogando, talvez estejam mortas. Nicolas poderia se sentar e ficar apenas observando. Poderia optar pela passividade segura. Registrar tudo naquela parte secreta da mente e usar, mais tarde, no livro. Aliás, ele sabe que vai usar. Mas não optando pela passividade. Não se limitando a observar.

Ele tira o cartão de Davide do bolso e liga para ele, que atende no primeiro toque.

— Oi, Davide! Você se lembra de mim? Nicolas Kolt? Você me levou para o Villa Stella ontem à noite.

Claro que Davide se lembra. O que ele pode fazer pelo *signor* Kolt? Encontrá-lo no pór agora? Certo!

— Aonde vai? — pergunta Lily quando Nicolas vira-se para sair.

— Lá fora.

Ela sorri com desprezo.

— Ah, entendo. Brincar de super-herói?

Ele olha para ela com pena.

— Por que não vem comigo?

— Eu? — pergunta ela.

— Sim, você, a solteirona desesperada, bêbada.

— Não estou com os sapatos apropriados — murmura ela, desviando o olhar.

— Até outra hora, Lily.

Ele dispara pela escada de pedra. Davide está ao lado do barco, à sua espera. Um grupo de pessoas reuniu-se para contemplar a agonia do *Sagamor*. Ele reconhece o casal suíço.

— Pode me levar até o navio, Davide?

— O Dr. Gheza não quer — balbucia Davide. — Disse para ficarmos aqui e impedir que algum barco se aproxime.

— Não dou bola para o Dr. Gheza. Neste momento ele está ocupado discutindo com a polícia. Ele vai ter que abrir o hotel para os sobreviventes, não há escolha. Precisamos ir até lá e ver se é possível ajudar de algum modo.

— Podemos ir também? — pergunta o casal suíço em uníssono.

São bons nadadores, pensa Nicolas.

— Claro que sim! — responde.

O grito penetrante de uma mulher os surpreende.

— Esperem! Esperem por mim!

É Lily, descalça, agitando os braços enquanto corre para o píer.

Davide a ajuda a embarcar.

— Há anos não acontece uma coisa tão animada na minha vida! — exclama Lily, eufórica.

— E estou quase sóbria!

Quando se aproximam do navio gigantesco, um odor acre invade suas narinas, transportado pela brisa de verão. Um cheiro forte de borracha queimada e vazamento de combustível. O Riva contorna o *Sagamor* e vai para bombordo. Uma cena apocalíptica os aguarda. Lily chora. Até o casal suíço se comove. Davide é forçado a desligar o motor quando as pessoas, tomadas pelo pânico, se debatendo na água e gritando em desespero, se aproximam demais. Pequenos barcos abarrotados de passageiros balançam descontroladamente ao sabor das ondas junto ao enorme casco branco, onde há uma grande fenda, como uma ferida aberta, da qual, no entanto, não escorre sangue. Barcos da polícia focam seus potentes holofotes no navio tombado, e Nicolas percebe que os botes salva-vidas já não podem ser lançados ao mar porque o *Sagamor* está inclinado demais. Eles permanecem pendurados, tortos e inúteis. Nos conveses superiores, iluminados pelos holofotes, mais passageiros gesticulam e gritam. O imenso navio range e guincha, como uma criatura agonizante, prestes a dar o último suspiro.

Os suíços ficam em pé na embarcação. A mulher tira os escarpins e alisa o longo vestido preto. O homem se livra do blazer do smoking e dos sapatos. Com a mesma harmonia que Nicolas admirava todas as manhãs, eles mergulham de cabeça na água escura repleta de destroços. Afastam-se com braçadas vigorosas e resgatam uma idosa, carregando-a com a cabeça aninhada em segurança entre seus braços. Nicolas e Davide a puxam para dentro do barco, frágil como um pássaro molhado. Sacudida pelos soluços, a senhora chora, em silêncio, agarrada a eles. Ela por fim consegue dizer, em francês, que se perdeu do marido. Onde ele está? Os dois pularam, ele havia dito que a seguiria de perto, mas ela não consegue vê-lo. Por favor, ajudem a encontrá-lo. Nicolas pergunta o que aconteceu. Lily pega o blazer do suíço e cobre os ombros da senhora.

— Estávamos no meio de um jantar de gala, ouvimos um estrondo, bem no interior do navio, pratos e copos caíram da mesa, ninguém disse o que aconteceu, não tínhamos ideia do que fazer. Durante uma hora ficamos lá, no salão de jantar, e depois nos mandaram voltar para as cabines e esperar. O navio inclinava mais e mais, e depois adernou de vez, caindo de lado, e meu marido disse para eu pegar logo o colete salva-vidas, precisávamos saltar, não estávamos longe da costa, ele conseguia ver luzes. No meio do pânico, pulamos. Encontrem ele, por favor!

Encontrem meu marido!

Lily tenta confortá-la enquanto o casal suíço volta para a água.

À frente, Nicolas repara em uma escada de corda que balança do convés inferior do *Sagamor*. Um homem vestindo uma túnica preta comprida tenta com dificuldade subir nela. Outro homem o observa de um barco pequeno, firmando a escada com as mãos.

Nicolas tira os sapatos.

— O que pretende fazer? — pergunta Lily, ansiosa.

— Subir também.

— Você está louco?

Sem escutá-la, ele pula na água. Não é fácil nadar de roupa. O mar está coberto de óleo, sujo, salpicado de lixo flutuante. Ele nada devagar até o outro barco. Em tom ríspido, o homem a bordo pergunta em italiano o que ele quer. Nicolas aponta para a escada de corda. Bem no alto, o homem de túnica preta está quase no convés. O outro balança a cabeça e ri.

— *Pazzo!* O navio vai adernar ainda mais e afundar! O homem lá em cima, na escada, é um padre. Ele está fazendo seu trabalho, salvando almas. Você devia salvar a sua!

Antes que Nicolas tenha tempo de responder, uma voz feminina atrás dele começa a proferir palavras em italiano. O homem dá de ombros, suspira e, com expressão conformada, estende a mão para ajudar Nicolas a subir a bordo.

Já no barco, Nicolas se vira e vê Lily na água.

— Merda! — exclama ela. — Esqueci que estava de lentes. Acabo de perder no mar.

— Não consegue enxergar sem elas? — pergunta Nicolas.

— Claro que consigo! Elas só servem para deixar meus olhos iguais aos de Elisabeth Taylor, cor de violeta, sabe? — Ela volta a atenção para o homem no barco. — Ei, *stronzo!*

O homem dá de ombros outra vez, puxa-a para dentro do barco, depois segura a escada de corda.

— Não sei por que estou fazendo isto — murmura Lily, agarrando-se nela. Baixa os olhos para a seda encharcada e destruída do seu vestido. — Era um Prada, sabe.

A subida é penosa. “Melhor não olhar para trás”, pensa Nicolas enquanto segura cada degrau com as mãos molhadas. Acima dele, vê os pés ossudos de Lily, seus quadris magros. “Por que ela veio?”, pergunta-se. Redenção? Culpa? E ele? Por pouco não ri. Sim, que diabo ele está fazendo? Não há tempo para pensar. É preciso avançar. Ir em frente. Uma mão após a outra. Devagar. Em segurança.

Quando alcançam o convés, um silêncio inquietante os acolhe. De tempos em tempos, um grito abafado distante chega até eles. O cheiro de borracha queimada está ainda mais forte. Há também outro, que Nicolas não consegue definir. Cheiro de medo, de angústia, de morte.

O *Sagamor*, ao tombar de lado, assume uma topografia modificada, perturbadora. As paredes se transformam em chão. Os corredores são agora vãos verticais. Todas as superfícies estão traiçoeiramente escorregadias, cobertas por uma camada espessa e brilhante de água e óleo. Pedacos de vidro quebrado lembram estalactites de gelo. Eles veem grupos de velhos apoiados em grades no cavernoso átrio laranja e violeta, agora na horizontal. Alguns estão sendo ajudados

pelo padre que acaba de chegar. Outros septuagenários trêmulos e de cabelos grisalhos avançam devagar rumo a um convés mais alto.

— Por que não há ninguém aqui para ajudar? — pergunta Nicolas.

— Imagino que as pessoas mais jovens e mais fortes tenham saído primeiro — responde Lily.
— Deixaram os velhos para trás.

Pouco a pouco e com cuidado eles avançam pelo longo corredor, com os pés descalços, desviando de cacos de vidro e das grandes poças de combustível derramado. Chegam a um restaurante, agora uma imensa piscina. Centenas de mesas, cadeiras douradas e guardanapos brancos flutuam no meio de lagostas, asas de galinha, salmão defumado, folhas de alface e pãezinhos.

As luzes ofuscantes começam a enfraquecer e piscar com um zumbido.

— Tem alguém aí? — grita Nicolas.

— Você se lembra de Jack e Rose? Rose se salvou. Jack não.

— Shiu, ouviu isso?

— O quê?

Um fraco gemido.

— Tem alguém por aqui.

Eles prestam atenção. Ouvem de novo o gemido, agora mais nítido. Uma última piscadela da luz, mais um zumbido, e a escuridão os envolve. O sistema elétrico geral apagou. A única e fraca claridade vem dos quadrados verdes luminosos acima das portas e das saídas de emergência. Eles levam dez minutos para encontrar passageiros encurralados em um longo corredor que se tornou um estreito poço vertical. As pessoas estão com água até a cintura, que continua a subir devagar, com borbulhos ameaçadores. Nicolas observa os rostos aterrorizados e sinistramente iluminados pela sinalização verde. Nenhum deles é jovem. Quantos são? Três, talvez quatro. Falam inglês muito mal.

Nicolas volta depressa para o restaurante e pesca toalhas da água. Torce-as como pode, amarra freneticamente umas nas outras, formando longas tiras. Em seguida, Lily e ele descem com a corda improvisada. Ofegantes, quase sem fôlego, com as palmas das mãos esfoladas e ensanguentadas pelo atrito com o tecido molhado, lutando desesperadamente para equilibrar-se nas superfícies escorregadias, batendo e machucando cotovelos e joelhos, eles conseguem por fim resgatar três pessoas encharcadas e debilitadas, uma após a outra. Duas mulheres e um homem. Todos entre setenta e oitenta anos.

Ao redor, o *Sagamor*, condenado, estremece e geme em meio a estalos ensurdecedores.

— Precisamos sair daqui. Precisamos deixar o navio agora.

— Espere — ordena Nicolas. — Ainda há alguém lá embaixo.

No fundo do poço, há um rosto voltado para eles. Nicolas manda de novo as toalhas para baixo. A pessoa não faz o menor esforço para segurá-las.

— Por favor — grita ele. — Por favor, deixe-me ajudá-lo. Agarre estas toalhas para que eu possa puxá-lo.

Nenhuma resposta.

— Eu levo estes aqui comigo — diz Lily. — Venham!

— Eles sabem quem é? É algum amigo deles? — pergunta Nicolas.

Balançam a cabeça. Não têm ideia. Não sabem quem é. Lily, protetora, afasta-se com eles.

— Você vem?

— Quero salvar a outra pessoa! — grita ele.

Nicolas está sozinho. Deita-se de barriga para baixo, as toalhas torcidas em suas mãos ensanguentadas. Ele ouve o constante gotejar da água, mais alto a cada minuto. Se descer, não conseguirá fazer o caminho de volta.

— Consegue me ouvir? — pergunta Nicolas. Sua voz clara ressoa no corredor.

O rosto está de novo virado para cima e, na luz esverdeada, ele vê que se trata de uma mulher. Uma mulher de cabelos brancos. Seus olhos são grandes e meigos. Ele percebe o brilho dos brincos e de um colar. Ela está com água até os ombros, e seu rosto parece flutuar na direção dele, carregado pela água escura.

— Por favor, me deixe ajudá-la. Segure as toalhas com as mãos para que eu a puxe. Assim conseguirei levá-la para cima e tirá-la do navio.

Ainda nenhuma resposta. Apenas o velho rosto bondoso e cansado voltado para cima. Ele sente um terror estranho invadi-lo. E se não conseguir salvá-la? Se ela não permitir que ele a ajude? Ele respira fundo. Precisa se acalmar. Precisa refletir.

— A senhora deve estar muito cansada, mas depois de tirá-la daí eu a carregarei, não vai ter que caminhar.

Ele conseguirá descer pela escada de corda com ela nos ombros? É melhor se preocupar com esses detalhes mais tarde. O importante agora é tirá-la do poço.

— A senhora fala inglês ou francês?

Ela balança a cabeça.

— Qual é o seu nome?

Silêncio. Ela não vai responder. O navio geme e estala. De muito longe, Nicolas ouve um grito. Alguém chora. Ele sente o medo dominá-lo de novo. É preciso sair do barco. Mas não pode deixar a senhora para trás. Não pode ir embora e abandoná-la naquele poço escuro.

Ele cutuca o próprio peito com o indicador.

— Nicolas — diz. — Eu, Nicolas.

Aponta para ela.

— E a senhora?

— Natacha.

O sotaque é inconfundível. Seu coração dispara.

— É russa?

— *Da* — confirma ela.

— *Puzhalsta!* — grita ele. — Por favor! Natacha, me deixe tirá-la daí. Por favor!

Ele se arrepende amargamente de não ter aprendido a língua da sua avó, a língua que seu pai nunca conheceu. Como ele gostaria de falar russo agora, de convencer Natacha, de ganhar sua confiança. Nicolas sabe que se conseguisse dizer poucas frases em russo ela o escutaria, permitiria

que a salvasse.

Natacha. O nome da sua bisavó. Em sua mente, ele vê a fotografia no túmulo em Volkovo, a echarpe ao redor do pescoço, o sorriso afável.

Nicolas quer dizer seu nome o mais próximo possível da pronúncia russa, como se Natacha estivesse escrito no alfabeto cirílico, *Наташа*, como se o sangue russo que corria nas suas veias pudesse, de algum modo, por um milagre, chegar até aquela mulher e fazê-la raciocinar.

— Natacha — grita ele, com voz firme. — Natacha!

Ela balança a cabeça.

— *Niet*, Nikolai.

Ela pronuncia o seu nome à maneira russa, com o mesmo encanto de Lisaveta Sapounova. A água escura chegou ao seu queixo. Ela não tem medo. Sorri para ele com bravura. Ele não suporta mais olhar para ela. Sabe que se lembrará pelo resto da vida daquele rosto, daquele sorriso.

Nicolas se levanta, grita por ajuda com toda a força dos seus pulmões, tropeçando e cambaleando no convés escorregadio. Se encontrar alguém, juntos poderão içar Natacha e ela será salva. Mas não há ninguém à vista. Ele grita outra vez. Já está ficando rouco, a garganta dói. O único ruído que ouve é o da água no seu inexorável avanço. Lembra-se do BlackBerry no bolso, talvez pudesse telefonar e pedir ajuda. O aparelho, no entanto, não sobreviveu ao mergulho. Com um gesto de fúria, o arremessa para longe.

Do lado de fora, no convés, a lua, indiferente ao caos, ilumina a cena do desastre com uma luz prateada. Nicolas vê a que ponto o navio adernou, agora inteiramente tombado sobre o lado estibordo. Helicópteros circulam no céu e direcionam feixes de luz para o *Sagamor*. Ele sente que ainda resta alguma esperança, que se conseguir chamar a atenção dos pilotos, mostrar-lhes onde está Natacha, talvez ela possa ser resgatada. Ele permanece a bordo, equilibrando-se precariamente na grade e gesticulando para os helicópteros. Lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto a imensa carcaça continua a tremer e estalar sob seus pés. Nicolas ouve os gritos dos passageiros bem abaixo, na água, mas na sua mente só há Natacha, o que pode fazer para salvá-la, como garantir que ela fique em segurança. Quanto tempo permanece ali, à espera, ele não sabe. Quando os homens com roupas de mergulho finalmente chegam ao navio, ele os conduz ao restaurante, agora tomado pela água, e compreende, com horror, que o poço está inacessível, e que não resta nenhuma esperança.

Capítulo 29

Ao amanhecer, os primeiros raios rosados do sol revelam um espetáculo sobrenatural, tão surpreendente, tão chocante, tão hipnotizante, que Nicolas não consegue desviar o olhar.

Uma gigantesca massa branca, caída no recife, a metade para fora da água, um monstro encalhado com o ventre vulnerável e ferido à mostra.

SAGAMOR. As enormes letras pretas. SAGA, história. AMOR, como em italiano. MOR, como a sonoridade de morte, em francês, *mort*. Uma saga de amor e morte. As palavras também o fascinam.

Nicolas está na área de cimento, na beira da praia. O rosto está ferido, os braços e as pernas doem, ele tem um corte no queixo. A camisa branca está rasgada, a calça jeans aos farrapos, e há sangue nos pés e nas mãos.

Ao seu redor, uma equipe médica se movimenta, oferecendo bebidas quentes aos sobreviventes. Quantos? Centenas e centenas. Eles vagueiam pelo Gallo Nero, enrolados em cobertores, sentam-se no terraço, no restaurante, no gramado, parecem esgotados. Seus olhos, como os de Nicolas, voltam-se a todo instante para o navio naufragado.

Helicópteros vão e vêm. No píer, barcos chegam e partem roncando os motores. O local está repleto de gente. Há policiais em todos os cantos. Nicolas reconhece hóspedes do hotel. Alguns correm para tentar prestar socorro, outros já estão de partida e reclamam do tráfego pesado que bloqueia o acesso às estradas principais. Outros ainda, em roupões de banho, observam a cena de suas janelas, imperturbáveis. Um número ainda maior fotografa com os celulares. Os garçons tentam fazer seu serviço e atendem os hóspedes, mas também oferecem ajuda. O Dr. Gheza não parece estar presente. Moradores dos vilarejos vizinhos se aproximam para trazer comida, bebida, roupas. A imprensa chegou, numerosas caminhonetes com antenas via satélite já surgem aqui e ali, repórteres se movimentam com câmeras na mão.

— Você não é Nicolas Kolt? — pergunta uma mulher agitada, com um crachá de jornalista pendurado no pescoço e um microfone apontado para ele.

— Quem? — pergunta Nicolas.

— O escritor.

Ele balança a cabeça.

— Não.

Ela se afasta, decepcionada.

Desculpe, ele quase disse, Nicolas Kolt está aqui, sim, mas não tem vontade de falar. O que ele poderia dizer, de todo modo? Que há um antes e um depois? Que uma página pode ser

virada da noite para o dia? Que Nicolas Kolt nunca se sentiu tão afastado, tão alheio, tão distante de si mesmo? Que sua antiga vida tem uma estranha semelhança com o terrível naufrágio do *Sagamor*?

— Você está bem? — pergunta um dos médicos.

O homem parece cansado. Deve ter trabalhado a noite inteira.

— Sim. Obrigado.

— Esse corte no seu queixo. Deixe-me ver.

— Não é nada.

O médico o ignora e, com um algodão, passa um líquido no seu queixo. O produto arde.

— Você foi um dos últimos a deixar o navio, não foi? — pergunta o médico.

Nicolas assente.

— Não agiu como o comandante. Ele foi o primeiro a sair, pelo que me disseram. — A voz do médico é seca. — Ele será a vergonha do nosso país durante anos. Vinte pessoas morreram esta noite, e pelo menos cinquenta passageiros continuam desaparecidos. Ele queria se exhibir na frente do Gallo Nero, aproximar o navio o máximo possível da costa.

Aparece outro repórter agitado, empunhando uma câmera.

— Nicolas Kolt! Você estava a bordo? Pode nos contar o que aconteceu?

Ele deve contar que subiu no navio encalhado e tentou desesperadamente salvar uma idosa, sem sucesso? Que o rosto dessa senhora o perseguirá até o último dia da sua vida?

— Não, não sou Nicolas Kolt. — Com um aceno, livra-se do homem.

— É verdade, você se parece com aquele escritor — observa o médico. — Minha esposa e minhas filhas adoraram o livro. Gostaram muito do filme também.

Nicolas não responde. O corte no queixo o incomoda.

No alto, no terraço, ele vê um grupo de jornalistas ocupados com uma entrevista, munidos de holofotes e uma câmera. Reconhece Lily, ainda com o vestido de seda amarrotado. Ela fala em um microfone e imita com as mãos a subida em uma escada. Encantados, os repórteres ouvem o que ela diz.

Nicolas imagina as manchetes. “A HEROÍNA DO DESASTRE DO SAGAMOR: corajosa herdeira salva a vida de três pessoas na noite da festa de casamento de sua irmã.”

Ele se vira mais uma vez para o *Sagamor*. É impossível não olhar para o navio. Mergulhadores podem ser vistos circulando em barcos a motor, dando início à terrível tarefa da retirada dos corpos. De todos os bens aprisionados dentro do enorme navio. Ele faz uma lista mental. Malas, roupas, dinheiro, computadores, câmeras, livros, cartas, joias, lembranças, tudo que será perdido para sempre. A enorme quantidade de comida que apodrecerá embaixo da água, os milhares de litros de combustível, de óleo, a poluição que vagarosamente vai invadir o fundo do oceano.

— Tem certeza de que está bem? — pergunta o médico de novo, olhando-o com atenção. — Talvez eu deva examiná-lo melhor.

Nicolas é levado para uma tenda vizinha e colocado em uma maca. Verificam sua pressão, iluminam o interior de sua garganta, de seus ouvidos. Mãos experientes apalpam sua barriga, seu peito. Os ferimentos dos pés e das mãos são enfaixados.

Ele quase se sente bem de estar ali, a não ser pela tristeza que dilacera seu coração. Pela abertura da tenda, ainda vê o naufrágio em todo o seu horror. Talvez de algum modo ainda haja passageiros vivos lá dentro, em algum lugar, presos em bolsas de ar, como sobreviventes milagrosamente retirados de escombros dias após um terremoto. Nicolas pensa nos que estão à espera, nos que ainda não tiveram notícias dos parentes, nos que ainda nem têm conhecimento do que aconteceu, não viram as imagens inacreditáveis na televisão, nos que ainda não sabem que a morte logo baterá à sua porta, na forma de um telefonema.

Exausto, Nicolas acaba adormecendo. Quando abre os olhos, o sol está alto no céu. Já passa do meio-dia. Do lado de fora da tenda, a atividade continua a mesma. Os passageiros resgatados são acomodados onde há lugar disponível. Alguns comem sanduíches. Outros choram, ou dormem, encolhidos sob os guarda-sóis.

Com os pés enfaixados, Nicolas caminha com cuidado até o seu quarto. Tudo está na mais perfeita ordem. Suas roupas foram tiradas da mala e guardadas. Os produtos de higiene estão organizados no banheiro. O relógio Hamilton Khaki permanece na mesa de cabeceira. Há rosas brancas e uma cesta com uvas frescas perto do sofá. É como se nada tivesse acontecido. Mas, quando ele olha pela janela, vê o contorno assustador do navio. Muitas pessoas continuam a tirar fotos. Policiais as dispersam com rigor. Ele observa. O telefone toca. A recepção. Há mensagens. Várias pessoas tentaram contatá-lo. Emma Duhamel. Malvina Voss. Alice Dor. Ele deve retornar as ligações. Todas estão ansiosas, porque ele não atende o celular, e elas viram na televisão as imagens impressionantes.

Em vez de telefonar, ele pega o Moleskine e a caneta Montblanc do pai. A primeira e única palavra que escreve é “Natacha”.

Nicolas volta para o terraço com o bloco de anotação no bolso. Descobre que não consegue se afastar do *Sagamor*. Está assustadoramente atraído pelo navio. É uma imagem que fere seus olhos, mas ainda assim não consegue se desviar dela.

Um toque no seu ombro. É Lily, de calça jeans e camiseta. Seu rosto, sem nenhuma maquiagem, é surpreendentemente bonito.

— Ah, aqui está você! O super-herói! — Ela o abraça, pressionando o corpo ossudo no dele. — Estava tão preocupada! Pensei que tivesse ficado preso no navio! Conseguiu salvar aquela última pessoa?

— Não — responde ele, com a voz embargada.

Lily leva a mão à boca.

— Por que não?

Ele sente um aperto no peito.

— Ela não quis sair.

A insuportável visão de Natacha à espera da morte na água que subia cada vez mais o faz tremer da cabeça aos pés.

— Merda! Isso é muito triste — murmura Lily. Ela o abraça de novo. — Eu devia ter ficado com você. Juntos, poderíamos tê-la tirado de lá.

Ele consegue dizer:

— Ela era russa. Chamava-se Natacha. Simplesmente não quis ser salva.

— Mas por quê?

— Não sei.

— Você está chorando — murmura Lily. — Está tudo bem?

A tristeza brota de um lugar fechado e esquecido, vem de uma emoção da qual ele tentou de todos os modos se proteger. Por cima da cabeça de Lily, Nicolas olha para o navio naufragado. Natacha. Наташа. Seu rosto abatido voltado para o dele sob a luz esverdeada, sua beleza digna, a coragem de seu último sorriso. Qual era a história de Natacha? Seria a sua primeira vez na Itália? Viajava com quem? Com certeza não estava sozinha no cruzeiro. Por que a tinham deixado para trás? Ela havia permitido que a água a envolvesse e tragasse porque estava cansada demais para se movimentar? Ou era outra coisa? Uma razão mais profunda, mais terrível? Uma explicação secreta que não lhe dava vontade de continuar a viver? Teria tido alguma conclusão que a entorpecera, forçando-a a permanecer onde estava, encurralada, enquanto a morte aos poucos abraçava o seu corpo envelhecido? A derradeira decisão de Natacha desencadeou perguntas no seu íntimo, as mesmas perguntas que durante muito tempo ele evitara encarar, e que Margaux Dansor enfrentara por ele, por meio de seu destino, não do dele.

— Você pretende escrever sobre tudo isso, não é? — murmura Lily.

— Sim — responde ele. — Pretendo.

— E vai começar com o quê?

Ele envolve o corpo de Lily. Seu abraço é reconfortante, afetuoso.

— Antes de começar, a primeira coisa que preciso fazer é ligar para Alice e dizer que o livro está a caminho. Dizer que não troquei de editora, que continuo sendo autor dela, e que Dagmar Hunoldt só falou besteira sobre astrologia e Epicuro.

— Dagmar? Está se referindo à verdadeira Dagmar Hunoldt? — pergunta Lily, surpresa.

— Nem tenho certeza se era ela. Não importa.

Lily dá um passo atrás e ergue os olhos. Mais uma vez ele fica impressionado com sua beleza natural, com a simplicidade das linhas do seu rosto.

— Você mudou, super-herói.

— Você também. Aquela garota quase bêbada que conheci no bar está a quilômetros de distância.

Ela o abraça de novo.

— E a sua ex-namorada? Aquela de quem você evitava falar? Ainda está no páreo?

— Não — responde Nicolas sem hesitar, enquanto observa pequenos barcos ao redor do navio naufragado e mergulhadores gritando uns com os outros em italiano. — Ela ainda não sabe, mas logo saberá.

Nicolas não menciona o bebê que está por vir. Sabe que já tomou uma decisão. Não haverá casamento. Não haverá futuro com Malvina, ainda que um bebê esteja a caminho. Essa convicção interior lhe traz uma força inesperada. Ele não fala em Delphine, embora também saiba que quer conversar com ela assim que voltar a Paris e que fará o possível para vê-la.

— Vai me incluir no seu livro? — pergunta Lily. — Você prometeu!

— Como eu poderia não incluir você?

— A história vai se passar no Gallo Nero? Qual será o título? Todos nós estaremos presentes? Pretende começar ou terminar com o naufrágio?

— Ainda não posso adiantar nada. Nem comecei a escrever.

— Mas é claro que já sabe! Por favor, conte como será o início!

Nicolas sorri diante do seu entusiasmo. Ela parece uma criança, cheia de ansiedade. Ele já sabe que sua jornada rumo a esse livro não será tão simples quanto ela pensa. Ao contrário, será muito difícil, dolorosa e sombria.

Nicolas está ciente de que precisará se aventurar novamente naquele poço escuro de sofrimento, na dor secreta de Natacha e no próprio fracasso em salvá-la. Precisarão abrir a porta para o tormento silencioso que ele já enfrentou com a morte de Alexei, com a morte de seu pai, com a inexorabilidade assustadora dos seus túmulos encharcados, com as muitas perguntas não respondidas. São Petersburgo o espera. Ele voltará à família Koltchine. Voltará à rua Pisareva, ao Fontanka, a Volkovo, na companhia de Lisaveta Sapounova.

Agora, no entanto, a história de Natacha veio acrescentar outros fios na tapeçaria pessoal de Nicolas, enriquecê-la com outras cores, outras texturas. Agora ele vê com clareza o seu próximo livro, do mesmo modo como viu o caminho iluminado para *O envelope*. A história está esboçada à sua frente, como a longa e instável escada de corda rumo ao convés superior do *Sagamor*, como o pedido de socorro através da explosão branca dos fogos no céu escuro. Para escrever a outra história, Nicolas sabe que deverá mergulhar a caneta Montblanc do pai em tinta russa.

Agradecimentos

Em ordem alfabética dos sobrenomes:

Elisabeth Barillé, minha “irmã russa”, por ter sido meus olhos em São Petersburgo antes da minha chegada.

Elena Boudnikova, pela ajuda.

“Momo” Cohen-Solal, pelos detalhes sobre charutos.

Abha Dawesar, por seu feedback.

Julia Delbourg, pelas informações sobre o curso khâgne.

Dagmar Hunold, pelo gentil empréstimo do seu nome (sem o “t”).

Ksenia, minha professora de russo, pela paciência.

Laure du Pavillon e Catherine Rousseau-Rambaud, minhas fiéis primeiras leitoras.

Por último, mas não menos importante:

Minha família russa, Natalya, Anka, Volodia e seus filhos, pela acolhida e por nos ajudarem na busca de Tatoulya e Natacha em São Petersburgo.

A maravilhosa equipe da EHO (Éditions Héloïse d’Ormesson).

E acima de tudo muito obrigada a:

Meus filhos, Louis e Charlotte, pelo apoio inquestionável.

Meu marido, Nicolas, que me deu a chave de Manderley.

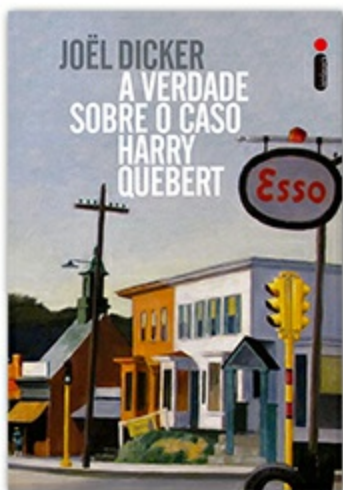
Sobre a autora



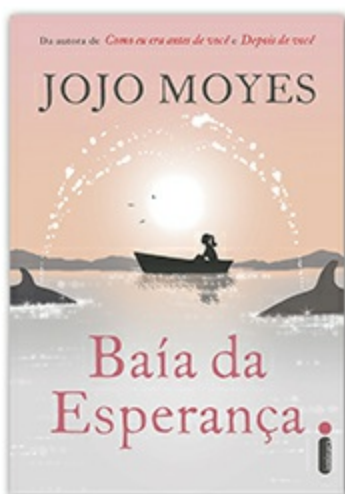
© Arnaud Février

TATIANA DE ROSNAY é autora de mais de dez livros publicados em cerca de quarenta países, dentre os quais *A chave de Sarah*, best-seller com mais de meio milhão de livros vendidos em todo o mundo e adaptado para o cinema por Gilles Paquet-Brenner. Em 2015 foi nomeada para o Prêmio Goncourt por sua biografia da escritora Daphne du Maurier, *Manderley For Ever*, e venceu o Prix de la Biographie d'Hossegor. Formada em Estudos Literários pela University of East Anglia, na Inglaterra, Tatiana também atuou como jornalista em veículos com a *Vanity Fair* e a *Elle* francesas. Ela mora em Paris com o marido e os dois filhos.

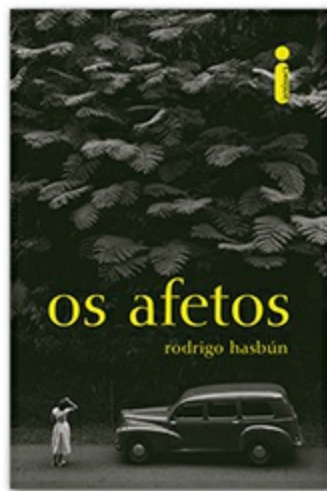
Leia também



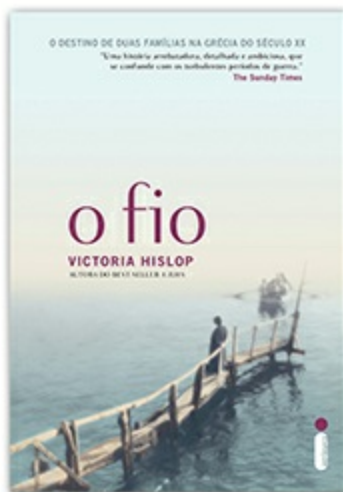
A verdade sobre o caso Harry Quebert
Joël Dicker



Baía da Esperança
Jojo Moyes



Os afetos
Rodrigo Hasbún



O fio
Victoria Hislop